

Thayse Fagundes

**ENSEADA DE CABEÇUDAS:
A FORMAÇÃO SÓCIO-ESPACIAL DO BALNEÁRIO.**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade.

Orientador: Prof. Dr. Gilberto Sarkis Yunes

Florianópolis
2014

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Fagundes, Thayse
ENSEADA DE CABEÇUDAS: : A FORMAÇÃO SÓCIO-ESPACIAL DO
BALNEÁRIO. / Thayse Fagundes ; orientador, Gilberto Sarkis
Yunes - Florianópolis, SC, 2014.
350 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em
Arquitetura e Urbanismo.

Inclui referências

1. Arquitetura e Urbanismo. 2. Santa Catarina, Brasil.
3. Balneário. 4. Formação sócio-espacial. 5. Balneário
Cabeçudas. I. Yunes, Gilberto Sarkis. II. Universidade
Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em
Arquitetura e Urbanismo. III. Título.

Thayse Fagundes

**ENSEADA DE CABEÇUDAS: A FORMAÇÃO SÓCIO-
ESPACIAL DO BALNEÁRIO.**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestre”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade.

Local, 31 de março de 2014.

Prof. Dr. Sergio Torres Moraes,
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Gilberto Sarkis Yunes,
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Dr.^a Soraya Nór,
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Luiz Eduardo Fontoura Teixeira,
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. César Floriano dos Santos,
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a PhD Maria Stella Martins Bresciani,
Universidade Estadual de Campinas

Este trabalho é dedicado a Deus, meu amigo fiel e pai bondoso; aos meus pais, Rosilene e Max, pelo incentivo e amor em todos os momentos; aos meus avós pelo carinho imenso; e ao meu namorado, Glauco, que acompanhou de perto a elaboração deste trabalho, por sua paciência e apoio.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Programa de Pós Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade pela oportunidade de desenvolver o mestrado e dissertação neste programa, e a Adriana C. Vieira, secretária do PGAU por sua imensa dedicação e cordialidade com que atende a todos os mestrandos e professores. Aos professores que tive a oportunidade de conhecer durante estes dois anos, principalmente aqueles que caminharam mais próximos a mim em relação às instruções com o tema da dissertação desenvolvida. Estes professores fazem parte da Banca examinadora deste trabalho e são: César Floriano, Soraya Nór e Luiz Eduardo Teixeira. Agradeço a presença da professora Maria Stella Martins Bresciani pela gentileza de aceitar meu convite para esta banca mesmo diante de tantas atividades em São Paulo. Sem dúvida agradecimento especial ao meu orientador Gilberto Sarkis Yunes que durante este período me desafiou para que crescesse intelectualmente. Não poderia deixar de citar ainda os professores Almir Reis e Karine Daufenbach. Grata sou também a CAPES pelo auxílio financeiro que possibilitou que eu me dedicasse exclusivamente ao mestrado.

Agradeço aos funcionários da Fundação Genésio Miranda Lins que me auxiliaram dando acesso aos documentos necessários para a pesquisa realizada. Terno agradecimento a todos os entrevistados que me abriram a porta de suas casas e me permitiram conhecer a “Cabeçadas” de suas infâncias e juventudes.

RESUMO

Esta dissertação analisa a formação sócio-espaical do Balneário de Cabeçudas, processo ocorrido entre a primeira década e fins do século XX. Considera que o espaço é transformado socialmente segundo influencias econômicas, políticas e ideológicas. Desta forma, apresenta as condições histórico-sociais que possibilitaram a formação e o uso dos balneários marítimos em Santa Catarina reconhecendo os industriais alemães como os principais agentes promotores do lazer de veraneio e consequente ocupação das praias deste estado. Em Cabeçudas, especificamente, mostra-se como estes grupos de alemães vindos principalmente de Brusque e Blumenau possibilitaram a formação deste balneário e posteriormente como outros grupos ao longo do tempo, ocuparam e definiram espacialmente o balneário atual.

Constata-se que o período analisado permite a identificação de distintas etapas de urbanização: primeiramente quando Cabeçudas era reconhecida apenas como uma enseada segura para ancoragem de navios; no início do século vinte com a possibilidade da construção de um porto naquele local e início do veraneio; na década de 1920 quando o governo municipal começa a investir na formação de um balneário; nos anos 30, quando aquele local já havia ganhado fama pelo estado, com o investimento do governo estadual em seu saneamento para pôr fim à malária; no início da década de 1940 na ocasião em que o prefeito de Itajaí, Francisco de Almeida, realizou seu projeto de embelezamento para aquela praia; e na segunda metade do século XX quando ocorre a consagração e expansão do balneário.

Para tanto foram utilizados como fonte de pesquisa livros, jornais, mapas, fotografias e projetos arquitetônicos coletados em Bibliotecas e Centro de Documentação, entrevistas com moradores de Cabeçudas, e certidões de compra e venda de terrenos daquela localidade.

É possível reconhecer atualmente em Cabeçudas sinais visíveis desses tempos passados de formação. As duas primeiras sequencias de quadras paralelas à praia fazem parte de um planejamento do governo municipal, durante a primeira metade do século XX, enquanto as sucessivas expansões ocorreram por iniciativa privada de agentes imobiliários na segunda metade do século. Verifica-se a presença de exemplares arquitetônicos de todas as décadas desde 1920, inclusive com obras de renomados arquitetos, que marcam a identidade deste local e registram as etapas de sua formação.

Palavras-chave: 1. Santa Catarina, Brasil, 2 . Balneário, 3. Formação sócio-espacial, 4. Balneário Cabeçadas.

ABSTRACT

This dissertation examines the socio-spatial formation of the seaside resort of Cabeçudas, which occurred from the first decade until late twentieth century. It considers that the space is transformed socially according to economic, political and ideological influences. Thus, it presents the historical and social conditions that allowed the formation and use of seaside resorts in Santa Catarina recognising German industrialists as the main promoters of leisure homes and consequent occupation of the beaches of this state. In Cabeçudas specifically, it is shown how these German groups coming mainly from Blumenau and Brusque enabled the formation of this bathhouse and later how other groups over time occupied and spatially defined the current resort.

It appears that the analysed period allows the identification of distinct stages of urbanisation: first, when Cabeçudas was recognised only as a safe harbour for anchoring ships; then in the early twentieth century with the possibility of a port being built in that location and early summer; in the 1920s when the city government starts investing in forming a bathing place; in the '30s, when that place had already won fame by the state, with the state government's investment in its sanitation to end malaria; early in the 1940 when the mayor of Itajai, Francisco de Almeida, held his beautification project for that beach, and in the second half of the twentieth century when the consecration of the resort expansion occurs.

Therefore, as a source for research, books, newspapers, maps, photographs and architectural projects collected from Libraries and Documentation Centre, together with interviews with residents of Cabeçudas and certificates of purchase and sale of lands from that region were used.

It is now possible to recognise in Cabeçudas visible signs of these past times of formation. The first two sequences of blocks parallel to the beach are part of a municipal government's plan, during the first half of the twentieth century, while the successive expansions occurred at private real estate agents in the second half of the century. There is the presence of architectural examples from all decades since 1920, including works by renowned architects, marking the identity of this place and recording the stages of its formation .

Keywords : 1 . Santa Catarina , Brazil , 2 . Seaside Resorts, 3 . Socio-spatial formation , 4 . Seaside resort of Cabeçudas.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Praia de Cabeçudas.....	28
Figura 2- Inserção da Praia de Cabeçudas na cidade de Itajaí.....	29
Figura 3- Praia de Cabeçudas próxima à Balneário Camboriú.	30
Figura 4 - Bairro de Cabeçudas.....	31
Figura 5 – Área de Cabeçudas que foi estudada.....	31
Figura 6 – Bico do Papagaio	32
Figura 7 – Localidades de veraneio no Brasil Meridional, 1963.....	66
Figura 8 – Itapema, década de 1960 e década de 2010.	67
Figura 9 – Balneário Camboriú, 1958.....	68
Figura 10 – Praia das Saudades - Coqueiros, 1951.	71
Figura 11 – Morro do Farol, Ponta Cabeçuda, 1945.	78
Figura 12 – Um porto em Cabeçudas, s/data.....	82
Figura 13 – Cabana de pescador ao sul da praia, década de 1930.....	84
Figura 14 – Área de concentração dos pescadores. Vértice da enseada.....	85
Figura 15 – Morro desmatado para o cultivo de roça.....	86
Figura 16 - Área de concentração dos pescadores.....	87
Figura 17 – Estrada de acesso ao farol de Cabeçudas.....	88
Figura 18 – Excursão de Professores do Grupo Escolar Floriano Peixoto a Cabeçudas. Estrada de acesso ao farol, 1953.	89
Figura 19 – Visita ao farol de Cabeçudas, possivelmente década de 1960.....	89
Figura 20 - Pescadores e família Herbst, década de 1920.....	90
Figura 21 – Cartão Postal do Hotel Cabeçudas, 1945.	91
Figura 22 – Vista aérea Praia de Cabeçudas, Praia da Atalaia e foz do Rio Itajaí.....	94
Figura 23 – Estrada que liga Itajaí a Cabeçudas.....	95
Figura 24 – Primeira residência da família Herbst em Cabeçudas, 1912.	99
Figura 25– Terras de Paul Herbst.....	100
Figura 26 – Terras vizinhas de Paul Herbst (Norte/Sul).	101
Figura 27 – Hotel Herbst, 1921.	102
Figura 28 – Crianças em frente ao Hotel Herbst, 1922.	102
Figura 29 – Marca de constante passagem em frente ao Hotel Herbst, 1923.....	
Figura 30 – Projeto arquitetônico de um anexo para o Hotel Herbst, 1928.....	103
Figura 31 – Anexo do Hotel Herbst projetado em 1928.....	104
Figura 32 – Divisão das antigas terras de Paul Herbst na década de 1960.....	106

Figura 33 – Cartão Postal da Praia de Cabeçudas, 1917.....	109
Figura 34 – Cartão Postal da Praia de Cabeçudas, início da década de 1930.	113
Figura 35 – Cartão Postal da Praia de Cabeçudas, início da década de 1940.	114
Figura 36 – Cartão Postal Hotel Cabeçudas, década de 1930.....	115
Figura 37 – Restaurante Mira-Mar, 1926.....	117
Figura 38 - Estrada Circular, atual Rua Tereza Francisca Pereira, aberta em Cabeçudas, 1928.	118
Figura 39 – Ruas em Cabeçudas abertas até final da década de 1920.	119
Figura 40 – Cabeçudas, possivelmente 1926.	120
Figura 41 – Cabeçudas, possivelmente 1928.	120
Figura 42 – Amendoeiras plantadas e instalação dos postes de energia elétrica, final da década de 1920.....	122
Figura 43 – Terreno onde estava localizado o Hotel Cabeçudas.	125
Figura 44 – Hotel Cabeçudas antes das primeiras reformas, acréscimo e anexos.	126
Figura 45 – Banquete oferecido no Hotel Cabeçudas ao Capitão Walfrido Quintanilha dos Santos, 1949.	129
Figura 46 – Marcos Konder no Hotel Cabeçudas.	129
Figura 47 – Hotel Cabeçudas.	130
Figura 48 – Hotel Cabeçudas.	131
Figura 49 – Terraço do Hotel Cabeçudas, 1950.....	132
Figura 50 – Hotel Cabeçudas, década de 1960.	132
Figura 51 – Edifício Olimpos, no lugar onde anteriormente estava o Hotel Cabeçudas, 2013.	133
Figura 52 – Gráfico com a proporção do tamanho dos lotes vendidos em Cabeçudas entre 1922 e 1927.....	135
Figura 53 – Gráfico com o local de residência dos que compraram terrenos em Cabeçudas entre 1922 e 1927.....	136
Figura 54 – Gráfico com o local de residência dos que venderam terrenos em Cabeçudas entre 1922 e 1927.....	136
Figura 55 – Bangalôs das famílias Bauer e Malburg, possivelmente 1926.	139
Figura 56 – Localização de parte do terreno da família Bauer.	140
Figura 57 – Parte da família Bauer na varanda do seu bangalô em Cabeçudas, década de 1920.	141
Figura 58 – Bangalô da família Bauer em Cabeçudas, década de 1920.	141
Figura 59 – Localização do terreno da família Malburg.	142
Figura 60 – Bangalô da família Malburg, 1940.	143

Figura 61 – Varanda do bangalô da família.	144
Figura 62 – Casa Ritter, 1923.....	144
Figura 63 – Localização de um dos terrenos de Carlos Ritter.....	145
Figura 64 – Cartão Postal casa Ritter.	146
Figura 65 – Casa de Augusto Bauer em Cabeçudas.....	147
Figura 66 – Localização de um dos terrenos de Augusto Bauer.	148
Figura 67 – Antiga casa de Augusto Bauer, 2013.....	149
Figura 68 – Localização de um dos terrenos de Olympio Miranda Júnior.....	150
Figura 69 – Casa de Olympio Miranda Júnior, década de 1930.....	151
Figura 70 – Casa de Olympio Miranda Júnior, 1940.	152
Figura 71 – Antiga casa de Olympio Miranda Júnior, 2011.	152
Figura 72 – Banhistas em Cabeçudas, possivelmente década de 1920.	155
Figura 73 – Banhistas em Cabeçudas, possivelmente década de 1920.	156
Figura 74 – Banhistas em Cabeçudas, 1930.....	157
Figura 75 – Canais abertos em 1938 pelo Serviço da Malária para escoamento das águas estagnadas em Cabeçudas.	159
Figura 76 – Ribeirão antes de ser canalizado, década de 1930.	160
Figura 77 – Pesca no Ribeirão antes de ser canalizado, anterior a 1930.	160
Figura 78 – Ribeirão após ser canalizado.....	161
Figura 79 – Ribeirão canalizado, 2013.....	162
Figura 80 – Capela Santa Terezinha em Cabeçudas.	163
Figura 81 – Localização da Capela Santa Terezinha.....	164
Figura 82 – Casa Bueckmann.....	165
Figura 83 – Casa Bueckmann, 1930.....	166
Figura 84 – Localização do terreno de Walter Gustav Bueckmann. ...	167
Figura 85 – Casa Bueckmann rodeada de eucaliptos, possivelmente década de 1960.....	168
Figura 86 – Casa Bueckmann, 2011.....	168
Figura 87 – Localização do terreno de Juvêncio Tavares D’Amaral. .	169
Figura 88 – Casa de Juvêncio Tavares D’Amaral.	170
Figura 89 – Localização da Escola Municipal de Cabeçudas.	171
Figura 90 – Projeto de uma escola para Cabeçudas, 1940.	172
Figura 91 – Escola Municipal de Cabeçudas, 2011.	172
Figura 92 – Passeio cimentado, obra de embelezamento de Cabeçudas, 1952.....	173
Figura 93 – Mapa de Cabeçudas produzido em 1946.	175
Figura 94 – Rua Floriano Peixoto, possivelmente 1940.....	176

Figura 95 – Construções da década de 1940, em Cabeçudas, que permanecem até a atualidade.	178
Figura 96 – Fachada da casa de Luiz Haur desenhada no projeto arquitetônico, 1942.	179
Figura 97 – Antiga casa de Luiz Haur, 2011.	179
Figura 98 – Casa de Rodolfo Renaux Bauer.	180
Figura 99 – Projeto arquitetônico da casa de Rodolfo Renaux Bauer, 1942.	181
Figura 100 – Antiga residência de Rodolfo Renaux Bauer. Atual residência de Gunter Deeke, 2013.	182
Figura 101 – Projeto arquitetônico da casa de Max Schelling, 1945. .	183
Figura 102 – Antiga casa de Max Schelling, 2011.	183
Figura 103 – Antiga casa de Max Schelling, 2013.	184
Figura 104 – Projeto arquitetônico da casa de Heinz Schrader, 1948.	185
Figura 105 – Antiga casa de Heinz Schrader, 2011.	186
Figura 106 – Localização da antiga rua Blumenau.	187
Figura 107 – Fachada da casa de Osvaldo Otte, desenhada no projeto arquitetônico, 1949.	188
Figura 108 – Antiga casa de Osvaldo Otte, 2011.	188
Figura 109 – Fachada da casa de Willy Siebert, desenhada no projeto arquitetônico, 1949.	189
Figura 110 – Antiga casa de Willy Siebert, 2011.	190
Figura 111 – Projeto arquitetônico da casa de Benjamin Lobo de Farias, 1947.	191
Figura 112 – Projeto arquitetônico da casa de Benjamin Lobo de Farias, 1954.	191
Figura 113 – Antiga casa de Benjamin Lobo de Farias, 2011.	192
Figura 114 – Projeto de casa para Nestor Schiefler, 1940.	193
Figura 115 – Projeto de casa para Eugênio Schowffert, 1941.	193
Figura 116 – Projeto de casa para José Menescal do Monte, 1940.	194
Figura 117 – Projeto de prédio para João Fernandes Vieira, 1940.	195
Figura 118 – Projeto de casa para José Gallotti, 1940.	195
Figura 119 – Projeto de acréscimo no Hotel Cabeçudas, 1941.	196
Figura 120 – Projeto de anexo para o Hotel Cabeçudas, 1946.	197
Figura 121 – Projeto de casa para Sady Magalhães, 1946.	198
Figura 122 – Projeto de um edifício de casa e comércio para Elói Cordeiro, 1947.	199
Figura 123 – Projeto de um segundo prédio para Elói Cordeiro, 1949.	199
Figura 124 – Hotel Cordeiro com seus dois prédios, 1953.	200

Figura 125 – Segundo prédio do Hotel Cordeiro com acréscimo, década de 1950.....	201
Figura 126 – Projeto de uma casa para Augusto Reichow, 1948.	202
Figura 127 – Francisco Canziani, 1962.....	203
Figura 128 – Félix Malburg, 1922.....	205
Figura 129 – Félix Malburg, 1964.....	205
Figura 130 – Benjamin Lobo de Farias, década de 1970.	206
Figura 131 – Oswaldo Leal, festa em Osório (RS), possivelmente início da década de 1940.	208
Figura 132 – Banhistas em frente ao Posto da Malária.	209
Figura 133 – Posto da Malária ao lado do Hotel Cabeçudas.....	209
Figura 134 – Oswaldo Leal comandando expedição para retirada de bromélias da mata.....	211
Figura 135 – Antiga casa de Oswaldo Leal em Cabeçudas, 2013.....	212
Figura 136 – Varanda da antiga casa de Oswaldo Leal em Cabeçudas, 2013.....	212
Figura 137 – Banho de Fantasia, possivelmente década de 1960.	217
Figura 138 – Banho de Fantasia, década de 1950.	217
Figura 139 – Possivelmente Banho de Fantasia, 1980.	218
Figura 140 – Ruas Paul Herbst e Cônsul Carlos Renaux abertas, mas sem nome no mapa de 1946.	220
Figura 141 – Posição atual das ruas Cônsul Carlos Renaux e Paul Herbst, 2011.	221
Figura 142 – Localização do Jardim Marcos Gustavo Heusi.....	221
Figura 143 – Jardim Marcos Gustavo Heusi anunciado no jornal, 1955.	222
Figura 144 – Inauguração do Jardim Marcos Gustavo Heusi, 1953. ..	222
Figura 145 – Projeto do Jardim Marcos Gustavo Heusi, 1952.....	223
Figura 146 – Construções da década de 1950, em Cabeçudas, que permanecem até a atualidade.....	225
Figura 147 – Fachada de casa de veraneio de propriedade de Fábrica de Cadarços e Bordados “Haco” S/A desenhada em projeto arquitetônico, 1950.....	227
Figura 148 – Restaurante Chez Raymond, 2011.	227
Figura 149 – Projeta de casa para Oscar Rubens Kruger, 1950.	228
Figura 150 – Antiga casa de Oscar Rubens Kruger, 2011.....	228
Figura 151 - Antiga casa de Jaci Heineberg, 2011.....	229
Figura 152 – Fachadas da residência de Jaci Heineberg desenhadas no projeto arquitetônico, 1950.	230
Figura 153 – Fachadas da residência de Hercílio Deeke desenhadas no projeto arquitetônico, 1951.	231

Figura 154 – Antiga casa de Hercílio Deeke, 2011.....	231
Figura 155 – Fachada da residência de Fred Stirgelir desenhada no projeto arquitetônico, 1951.	232
Figura 156 – Antiga casa de Fred Stirgelir, 2011.	232
Figura 157 – Fachada da residência José Zwoelfer desenhada no projeto arquitetônico, 1952.	233
Figura 158 – Antiga casa de José Zwoelfer, 2011.	234
Figura 159 – Planta de situação da casa de José Zwoelfer, 1952.....	234
Figura 160 – Fachada da residência Kurt Putziger desenhada no projeto arquitetônico, 1952.	235
Figura 161 – Planta de situação da casa de Kurt Putziger, 1952.....	236
Figura 162 – Antiga casa de Kurt Putziger, 2011.	237
Figura 163 – Fachada da residência Leopoldo Weise desenhada no projeto arquitetônico, 1952.	238
Figura 164 – Antiga casa de Leopoldo Weise, 2011.....	238
Figura 165 – Fachada da residência Victor Kummurou desenhada no projeto arquitetônico, 1952.	239
Figura 166 – Antiga casa de Victor Kummurou, 2011.	239
Figura 167 – Fachada para a praia da residência de Osmar de Souza Nunes desenhada no projeto arquitetônico, 1953.....	240
Figura 168 – Fachada para o mar da residência de Osmar de Souza Nunes desenhada no projeto arquitetônico, 1953.....	240
Figura 169 – Fachada para a rua da residência de Osmar de Souza Nunes desenhada no projeto arquitetônico, 1953.....	241
Figura 170 – Antiga casa de Osmar de Souza Nunes, 2013.	242
Figura 171 – Fachadas de Wilhelm Biedermann desenhadas no projeto arquitetônico, 1953.	242
Figura 172 – Antiga casa de Wilhelm Biedermann, frente para a Rua Benjamin Constant, 2011.....	243
Figura 173 – Antiga casa de Wilhelm Biedermann, frente para a Rua Cônsul Carlos Renaux, 2011.....	243
Figura 174 – Projeto da fachada da casa de Augusto Voigt para a Rua Quintino Bocaiúva, 1954.	244
Figura 175 – Projeto da fachada da casa de Augusto Voigt para a Rua Quintino Bocaiúva, 1954.	245
Figura 176 – Antiga casa de Augusto Voigt, 2011.	245
Figura 177 – Projeto de casa para João Walther Heil, 1954.	246
Figura 178 – Antiga residência de João Walther Heil, 2011.	246
Figura 179 – Projeto de casa para Artur Schloesser, 1956.....	247
Figura 180 – Antiga casa de Artur Schloesser, 2011.	247
Figura 181 – Projeto de casa para Waldemar Schloesser, 1956.....	248

Figura 182 – Antiga casa de Waldemar Schloesser, 2011.	248
Figura 183 – Projeto da fachada da casa de Bruno Buhr, Horst Kegel e Esther Gross, Quintino Bocaiúva 1957.	249
Figura 184 – Antiga casa de Bruno Buhr, Horst Kegel e Esther Gross, 2011.	249
Figura 185 – Projeto da fachada da casa de Benjamin Margarida, 1958.	250
Figura 186 – Projeto da fachada lateral da casa de Benjamin Margarida, 1958.	251
Figura 187 – Antiga casa de Benjamin Margarida, 2011.	251
Figura 188 – Projeto da fachada lateral da casa de Nestor, 1958.	252
Figura 189 – Projeto da fachada da casa de Nestor, 1958.	253
Figura 190 – Antiga casa de Nestor, 2011.	253
Figura 191 – Planta de situação da residência de Luiz Souto, 1958.	254
Figura 192 – Antiga casa de Luiz Souto, 2011.	254
Figura 193 – Projeto da fachada para a Rua Juvêncio Tavares do Amaral da casa de Walter Karsten, 1958.	255
Figura 194 – Projeto da fachada para a Rua Floriano Peixoto da casa de Walter Karsten, 1958.	255
Figura 195 – Antiga casa de Walter Karsten, 2011.	256
Figura 196 – Projeto de Hans Broos para a casa de Augusto Reichow em Cabeçudas, 1958.	256
Figura 197 – Projeto de Jaime Wassermann e Félix Malburg para a casa de Augusto Reichow, 1959.	257
Figura 198 – Antiga casa de Augusto Reichow, 2011.	257
Figura 199 – Carteira profissional de Licenciado de Simão Gramlich, 1933.	259
Figura 200 – Projeto para a casa de Margot Metzeger em Cabeçudas realizado por de Simão Gramlich, 1953.	260
Figura 201 - Egon Alberto Stein, 2012.	261
Figura 202 – Planta de instalação do edifício no terreno, 1955.	263
Figura 203 – Ficha de identificação do projeto contida em cada uma das pranchas, 1955.	264
Figura 204 – desenho do Cabeçudas Palace Hotel apresentado no jornal, 1956.	265
Figura 205 – Desenho do Cabeçudas Palace Hotel no projeto de Jaime Wassermann, 1955.	265
Figura 206 – Detalhe da cobertura da entrada principal no projeto do Cabeçudas Palace Hotel, 1955.	266
Figura 207 – Fachada principal do Cabeçudas Palace Hotel apresentada no projeto arquitetônico, 1955.	266

Figura 208 – Fachada do Condomínio Residencial do Cabeçudas Palace Hotel apresentada no projeto arquitetônico, 1955.....	267
Figura 209 – Planta baixa do primeiro andar do Cabeçudas Palace Hotel coma entrada principal apresentada no projeto arquitetônico, 1955... ..	267
Figura 210 – Localização do Cabeçudas Iate Clube.	269
Figura 211 – Desenho da fachada lateral do Cabeçudas Iate Clube projetada por Humberto Faria de Almeida, 1957.....	270
Figura 212 – Cabeçudas Iate Clube, possivelmente entre as décadas de 1950 e 1960.....	270
Figura 213 – Rua José Menescal do Monte conforme a lei de 1994... ..	272
Figura 214 – Rua José Menescal do Monte conforme a lei de 2005... ..	273
Figura 215 – Projeto arquitetônico para construção de um posto de salvamento em Cabeçudas, 1967.	274
Figura 216 – Ficha de identificação do Projeto arquitetônico para construção de um posto de salvamento em Cabeçudas, 1967.....	275
Figura 217 – Planta de situação contida no projeto arquitetônico para construção de um posto de salvamento em Cabeçudas, 1967.....	275
Figura 218 – Lígia Leal saltando das pedras em Cabeçudas, possivelmente década de 1960.....	278
Figura 219 – Construções da década de 1960, em Cabeçudas, que permanecem até a atualidade.	279
Figura 220 – Fachada da residência de José Pedro de Souza, desenhada no projeto arquitetônico, 1960.	280
Figura 221 – Antiga residência de José Pedro de Souza, 2011.....	280
Figura 222 – Fachada da residência de João de Borba, desenhada no projeto arquitetônico, 1961.	281
Figura 223 – Antiga residência de João de Borba, 2011.....	282
Figura 224 – Projeto arquitetônico para a casa de Ingo Renaux realizado por Artur Lício Pontual, 1961.	282
Figura 225 – Planta de situação contida no projeto arquitetônico para a casa de Ingo Renaux realizado por Artur Lício Pontual, 1961.	283
Figura 226 – Fachada oeste desenhada no projeto arquitetônico para a casa de Ingo Renaux realizado por Artur Lício Pontual, 1961.	284
Figura 227 – Casa de Ingo Renaux.	284
Figura 228 – Fachada leste da casa de Ingo Renaux.....	285
Figura 229 – Fachadas norte e oeste da casa de Ingo Renaux.	285
Figura 230 – Sala com vista para o mar, casa de Ingo Renaux.....	286
Figura 231 – Casa de Ingo Renaux, vista interna.....	286
Figura 232 – Desenho da fachada principal da casa de Francisco Lins contida no projeto arquitetônico, 1962.....	287
Figura 233 – Antiga casa de Francisco Lins, 2011.	287

Figura 234 – Desenho da fachada principal da casa de Eduardo Santos Lins contida no projeto arquitetônico, 1963.....	288
Figura 235 – Antiga casa de Eduardo Santos Lins, 2011.....	288
Figura 236 – Desenho da fachada principal da casa de César Ramos contida no projeto arquitetônico, 1963.....	289
Figura 237 – Antiga casa de César Ramos, 2011.....	289
Figura 238 – Desenho da fachada principal da casa de Tania Mara Teixeira contida no projeto arquitetônico, 1963.....	290
Figura 239 – Antiga casa de Tania Mara Teixeira, 2011.....	290
Figura 240 – Desenho da fachada principal do edifício Irimar contida no projeto arquitetônico, 1965.....	291
Figura 241 – Edifício Irimar, 2011.....	292
Figura 242 – Desenho da fachada principal da casa de Luiz Fernando Flores contida no projeto arquitetônico, 1966.....	292
Figura 243 – Antiga casa de Luiz Fernando Flores, 2011.....	293
Figura 244 – Hotel Marambaia Cabeçudas.....	295
Figura 245 – Hotel Balneário Cabeçudas.....	296
Figura 246 – Roberto Félix Veronese.....	297
Figura 247 - Hotel Marambaia em Balneário Camboriú.....	298
Figura 248 - Fachada do edifício Normandie, 2012.....	299
Figura 249 - Construção do Laguna Tourist Hotel entre 1960 e 1970.....	300
Figura 250 – Localização dos loteamentos em Cabeçudas.....	302
Figura 251 – Indicação das ruas abertas para o loteamento Vila Santa Ana, Cabeçudas.....	303
Figura 252 – Indicação das quadras que fazem parte do loteamento Vila Santa Ana, Cabeçudas.....	304
Figura 253 – Projeto para o loteamento de propriedade de João Werner Sobrinho e Paulo Batschauer, 1970.....	305
Figura 254 – Indicação das quadras que fazem parte do loteamento João Werner Sobrinho, Cabeçudas.....	305
Figura 255 – Ruas do loteamento João Werner Sobrinho.....	306
Figura 256 – Possível localização do loteamento Ewaldo Willerding.....	307
Figura 257 – Possível localização do loteamento Vila Mar.....	308

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	27
1.1 OBEJTIVOS	37
1.1.1 Objetivo Geral	37
1.1.2 Objetivos Específicos	37
2. A FORMAÇÃO SOCIAL DO ESPAÇO	39
2.1 A FORMAÇÃO DO ESPAÇO	39
2.2 INSTÂNCIA ECONÔMICA	42
2.3 INSTÂNCIA POLÍTICA	44
2.4 INSTÂNCIA IDEOLÓGICA	48
3. OS BALNEÁRIOS MARÍTIMOS	55
3.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O MAR AO LONGO DO TEMPO	55
3.2 O TURISMO PARA O HOMEM MODERNO	59
3.3 PRAIAS CATARINENSES	64
4. A FORMAÇÃO SÓCIO-ESPACIAL DO BALNEÁRIO DE CABEÇUDAS	77
4.1 A ENSEADA DE CABEÇUDAS	77
4.1.1 O nome	77
4.1.2 A enseada	79
4.1.3 O porto e Cabeçudas, um porto em Cabeçudas	80
4.2 O SURGIMENTO DO VERANEIO EM CABEÇUDAS	83
4.2.1 Os pescadores	83
4.2.2 Estrada de acesso	93
4.2.3 Hotel Herbst	97
4.2.4 Os veranistas	106
4.2.5 A propaganda do balneário	107
4.3 A ESTRUTURAÇÃO DE UM BALNEÁRIO	116

4.3.1 Obras de Infraestrutura	116
4.3.2 Hotel Cabeçadas	123
4.3.3 Proprietários de terrenos em Cabeçadas.....	133
4.3.4 As casas de veraneio	137
4.3.5 Regras de pudor	152
4.4 O SANEAMENTO DA PRAIA	157
4.4.1 Obras de saneamento para o fim da malária	157
4.4.2 Novos proprietários e arquiteturas no balneário	162
4.5 O EMBELEZAMENTO.....	170
4.5.1 O Plano de Embelezamento de Francisco de Almeida ..	170
4.5.2 Proprietários e Arquiteturas de Cabeçadas na década de 1940	177
4.5.3 Construtores, projetistas e desenhistas que atuaram em Cabeçadas na década de 1940.....	202
4.5.4 Oswaldo Leal e o Serviço da Malária em Cabeçadas	207
4.5.6 A Segunda Guerra Mundial.....	212
4.6 CONSAGRAÇÃO E EXPANSÃO DO BALNEÁRIO	215
4.6.1 O entusiasmo dos anos 50 em Cabeçadas	216
4.6.2 Obras públicas nos anos 50	219
4.6.3 Arquiteturas na década de 1950	223
4.6.4 Novos projetistas e construtores em Cabeçadas	257
4.6.5 Cabeçadas Palace Hotel	262
4.6.6 Cabeçadas Iate Clube	268
4.6.7 O desinteresse governamental pelo balneário na década de 1960	271
4.6.8 Arquiteturas na década de 1960	278
4.6.9 Hotel Balneário Cabeçadas.....	293
4.6.10 Outros projetos arquitetônicos da década de 1960	300
4.6.11 Os loteamentos	301
CONSIDERAÇÕES FINAIS	311

REFERÊNCIAS	315
JORNAIS	328
ENTREVISTAS	335
CENTROS DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO CONSULTADOS	336
APÊNDICE A – Tabela de projetos arquitetônicos aprovados pela prefeitura para Cabeçudas da década de 1920 até a década de 1970...	337

INTRODUÇÃO

Atualmente é comum nos verões a prática do banho de mar para lazer. Aliás, o estado de Santa Catarina é um dos que recebe grande parte dos turistas de veraneio do sul do Brasil e de algumas partes do Uruguai e Argentina, devido à beleza de sua costa litorânea, qualidade e infraestrutura disposta para este fim.

A partir de minha formação em História comecei a refletir, por indicação de um professor, em como há pouco mais de 100 anos o banho de mar que era uma prática mal vista, inclusive proibida por lei em alguns lugares, passou a ser indispensável nos verões, gerando uma grande transformação espacial com a ocupação das praias. Conversando com o mesmo professor que havia me feito refletir sobre esta condição, surgiu a indicação de Cabeçudas, uma das praias da cidade de Itajaí (SC), ser um dos primeiros balneários do estado. Sendo eu moradora daquela cidade logo me incumbi de analisar como se deu a formação daquele balneário em que uma mudança social, de aceitação do banho de mar como lazer, transformou tão radicalmente o espaço.

Assim, a Pós Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade foi fundamental neste estudo, pois se apenas me baseasse em minha formação na área de História não poderia refletir de forma aprofundada sobre o espaço. Meu interesse não era realizar uma narrativa histórica, mas analisar como aquele espaço e as relações sociais que se davam nele se transformaram a ponto de hoje soar estranho o fato de que há poucos mais de 100 anos não haver a prática do veraneio em Santa Catarina e se ter uma casa à beira-mar não era boa coisa.

A praia era o local de trabalho dos pescadores e de lançamento de dejetos pútridos da cidade. A aceitação do banho de mar aconteceu inicialmente com as recomendações médicas para tratamentos terapêuticos. A partir de então se gerou uma aceitação do banho de mar que passou a ser um lazer e despontou como escolha para se aproveitar as férias de verão ou finais de semana. Na Europa tais transformações ocorreram no século XVIII, nos grandes centros urbanos litorâneos do Brasil no século XIX, e em Santa Catarina, nos finais do século XIX e principalmente no início do século XX.

Esta grande transformação cultural de aceitação do banho de mar como lazer fez com que se passasse a considerar a praia como um local desejável e símbolo de status social. Assim, era importante dotá-la de infraestrutura para bem receber os turistas de veraneio que por sua vez

trariam lucro às cidades. No estado de Santa Catarina foram poucos os balneários bem equipados na primeira metade do século XX para desenvolver o lazer à beira-mar, um dos primeiros a ser estruturado foi o balneário de Cabeçudas.

Assim, o estudo da formação sócio-espacial do Balneário de Cabeçudas é relevante porque este como sendo um dos primeiros balneários do estado contém em si indicações para a análise de todos os demais balneários catarinenses. Sua história de ocupação está registrada espacialmente em seu traçado, na disposição e tipologia de suas arquiteturas, no tamanho dos lotes, nas obras públicas, entre outros.

Como este estudo conta com um objeto existente, o balneário de Cabeçudas, é preciso primeiramente observá-lo pelo que ele é na atualidade para que somente após esta etapa se parta para um “desfolhamento” de suas camadas e uma regressão temporal para compreensão de sua história de formação. Cabe, portanto, nesta introdução, apresentá-lo.

A cidade de Itajaí possui seis praias sendo que a mais urbanizada, com melhor infraestrutura turística é a praia de Cabeçudas. Sua beleza natural atrai muitos visitantes, é cercada de Mata Atlântica preservada, há costões onde se costuma pescar e, especialmente para os banhistas mais ousados, há um trapiche natural, formado de pedras (figura 1). No calçadão à beira-mar pode-se caminhar ou simplesmente apreciar a paisagem.

Figura 1- Praia de Cabeçudas.



Fonte:

<http://www.litoraldesantacatarina.com/foto/itajai/praia-de-cabecudas/1799/>. Acesso em 23/05/13

Cabeçudas fica a aproximadamente 5 Km do Centro de Itajaí (figura 2), 8 Km da rodoviária desta cidade, 15 Km do aeroporto de Navegantes, menos de 10 Km da cidade de Balneário Camboriú (figura 3), e mais ou menos à 100 Km da capital, Florianópolis. Sua extensão de uma ponta a outra de faixa de areia é de 700 metros, em média.

Figura 2- Inserção da Praia de Cabeçudas na cidade de Itajaí.



Fonte: Intervenção da autora sobre imagem do Google Maps (2013).

Figura 3- Praia de Cabeçudas próxima à Balneário Camboriú.

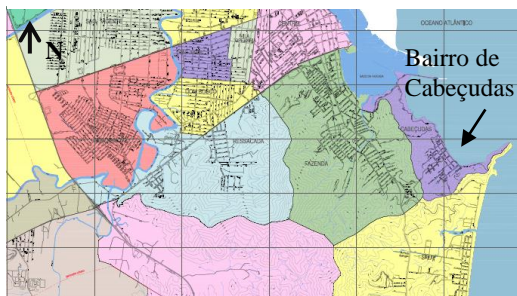


Fonte:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2104285062658&set=br.AbrtlFMKyOAcq2P0pFgpbuPMghTkYoqF7UhwUJOI2I6OVKgyAaUkHg9i9AJLvs9jq0qn0oEwrKm1RSTKQAC9qQsadig1ecCJb6n19GuuDmjXvJzML6J5LjWp6vzQO0ghzUx85K4kdhDJO2cxaAl4f2rfd&type=1&theater>. Acesso em: 23/05/13. Nota: Intervenção da autora sobre a imagem.

Cabeçudas não é apenas o nome de uma praia, é também o nome do bairro (figura 4) onde está esta praia, porém, para a pesquisa que se pretende realizar apenas a extensão urbana que pertence a este balneário será considerada (figuras 4 e 5). A caminho desta praia está um dos principais pontos turísticos de Itajaí, o Bico do Papagaio (figura 6).

Figura 4 - Bairro de Cabeçadas



Fonte: <http://novo.itajai.sc.gov.br/l/mapa>. Acesso em 14/05/13. Nota: Imagem parcial do mapa urbano de Itajaí. Intervenção da autora.

Figura 5 – Área de Cabeçadas que foi estudada



Fonte:
<http://novo.itajai.sc.gov.br/l/mapa>.
Acesso em 14/05/13. Nota: Imagem
parcial do mapa urbano de Itajaí.
Intervenção da autora.

Figura 6 – Bico do Papagaio



Fonte:

<http://www.praiasdesantacatarina.net/itajai/praiadojeremias/>. Acesso em 03/02/14.

Infelizmente não se tem um estudo sobre a população moradora de Cabeçudas e a quantidade de turistas que a visitam no período de temporada. O que se pode afirmar ao leitor, portanto, são informações obtidas através da observação daquele local. As três primeiras quadras do balneário paralelas à praia são divididas em lotes maiores que os lotes da parte posterior. As residências implantadas nestes lotes das primeiras quadras são também mais suntuosas que as demais, encontrando-se entre elas exemplares de arquiteturas desde a década de 1920. Nas quadras posteriores, após a Rua Cônsul Carlos Renaux, os lotes são menores e as residências mais simples. À beira-mar são poucos os edifícios em altura, limitando-se a não mais que cinco exemplares. Porém, atualmente tem se expandido tais construções, principalmente, nas quadras após a Rua Cônsul Carlos Renaux.

Na Rua Samuel Heusi Júnior, um pouco deslocada do centro do balneário, estão exemplares arquitetônicos pertencentes à algumas famílias dos grandes industriais e comerciantes de Santa Catarina com obras de arquitetura moderna da década de 1950 e 1960, entre estas estão a antiga casa de Osmar de Souza Nunes, a de Carlos Renaux e Ingo Renaux.

Durante o inverno o balneário é pouco ocupado. Não há muitos estabelecimentos comerciais na região. Conta-se com apenas um mercado, poucos restaurantes e o Hotel Marambaia Cabeçudas. Há apenas uma linha de ônibus que atende Cabeçudas e ela parte do centro da cidade. Esta linha durante a semana entra em funcionamento entre as

06h45min até as 7h05min, passando pelo balneário com intervalos de uma hora ou mais.

Acreditava-se que por esta praia ser o local de lazer não apenas dos moradores de Cabeçudas, mas de todos os bairros de Itajaí, que aos finais de semana o atendimento desta linha de ônibus fosse ampliada, mas foi constatado que isto não acontece, pois aos domingos e feriados, o funcionamento desta se inicia as 08h05min e termina as 19h05min com intervalos de uma média de duas horas. Ainda assim, muitos banhistas que não possuem veículo próprio vêm a Cabeçudas de bicicleta ou saltam de ônibus nas proximidades do terminal de transporte coletivo e caminham até a praia, são cerca de 4 km.

Talvez pela falta de um transporte público que atenda com eficiência os moradores e visitantes de Cabeçudas nos verões torna-se muito difícil de trafegar para aquela praia com congestionamentos que não são vistos em nenhuma outra época do ano. Atualmente está passando por uma revitalização com a reconstrução do passeio à beira-mar. Além disso, o prefeito afirmou que há um projeto em andamento para a criação de uma ciclovía na Rua Francisco Canziani, que dá acesso àquela praia.

Apesar das informações atuais sobre Cabeçudas serem poucas, as informações sobre seu passado surpreenderam por serem abundantes. Refletindo sobre a formação de Cabeçudas, porém com o foco no turismo de veraneio, há um livro de Angelo Ricardo Christoffoli, professor da área de Turismo e Hotelaria na Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), intitulado “Uma história de lazer nas praias: Cabeçudas – SC, 1910-1930”, lançado em 2003. Seu trabalho se baseia no início do turismo em Cabeçudas principalmente com a instalação de dois hotéis, o Herbst em 1911-1912, e o Hotel Cabeçudas, em 1928. Além do trabalho de Christoffoli, quando eu já estava quase no fim da construção desta dissertação encontrei uma monografia produzida em 1999, também na UNIVALI, com o título “Cabeçudas: sua representação no ideário de uma elite em formação/ Itajaí (1900-1930)”, de Sandra Mara Silva de Souza, mas as análises ali contidas já haviam sido contempladas no decorrer do trabalho que realizei.

Pode-se perceber que estes dois trabalhos citados refletem sobre Cabeçudas apenas até a década de 1930 e focam nas representações sociais e usos do balneário. Nesta dissertação houve uma maior abrangência dos anos estudados e das relações temáticas: além de trazer uma análise do início do banho de mar para lazer, do turismo e da representação social dos grupos envolvidos com a “nova” prática do banho de mar para lazer, focou-se em como essas transformações no

campo ideológico, político e econômico transformaram o espaço da praia em balneário afamado. Este estudo não se limitou ao campo social, mas partiu para uma análise do espaço a partir das mudanças sociais. Além disso, o recorte temporal também foi ampliado, de quando Cabeçudas era conhecida apenas como enseada até meados da década de 1980 com a instalação de diversos loteamentos no limite do morro que cerca aquela localidade.

Para a construção deste estudo foram utilizados principalmente jornais que circulavam por Itajaí entre as décadas de 1899 até 1970. Com eles podiam-se acompanhar as obras empregadas em Cabeçudas, o crescimento da fama deste balneário, as famílias que o faziam receber o título de balneário aristocrático, e as mudanças de pensamento acerca de se estar à beira-mar. Outra fonte que foi analisada em sequência de décadas, neste caso de 1920 até 1970 foram os projetos arquitetônicos aprovados pela prefeitura para aquela localidade. A partir de um estudo sobre estes projetos foi possível compreender o processo de ocupação daquele balneário, a relação das arquiteturas empregadas com o desejo de determinado grupo em cada época, incluindo nesta etapa a importância dada à contratação de projetistas (arquitetos ou engenheiros) de boa fama.

Foram largamente utilizadas também fotografias como fonte documental que contaram a história de ocupação de Cabeçudas. Estas imagens datam da década de 1910 até a atualidade e foram conseguidas em variados locais, sendo a maioria delas do Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí (assim como os jornais e projetos arquitetônicos), e as demais de acervo dos entrevistados e outros.

Com grande frequência também se encontra neste trabalho crônicas de memórias que se remetem a Cabeçudas, as principais delas são: as crônicas do jornalista Juventino Linhares, reunidas em um livro, mas que foram inicialmente publicadas no jornal “O popular”, de Itajaí, no ano de 1958; o texto de Gustavo Konder (filho de Marcos Konder, que foi prefeito de Itajaí de 1915 até 1930), “Balneário de Cabeçudas”, publicado no periódico Blumenau em Cadernos no ano de 1971; o trabalho de João Pery Brandão, “Itajaí que eu vi”, de 1982, datilografado de posse do Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Ao todo 17 pessoas participaram das entrevistas que realizei focando os mais variados temas relacionados à Cabeçudas. Foram entrevistados: o casal Maria Helena e Félix, sendo ela filha do hoteleiro José Zwoelfer, já falecido, proprietário do hotel Cabeçudas inaugurado em 1928 e seu esposo filho de Abdón Fóes, que foi prefeito de Itajaí e

diretor do Jornal do Povo, atualmente residem em Cabeçudas; o casal Maurício e Silvia, sendo ela neta de Olímpio Miranda Júnior, um dos primeiros veranistas de Cabeçudas e também o que teve uma das primeiras casas de alvenaria em tijolos naquela praia, atualmente a casa pertence à sua neta Silvia e lá residem; o casal João e Maria, trabalharam muitos anos naquele balneário, ela como doméstica e ele como motorista do senhor Genésio Miranda Lins, diretor do Banco Inco, moram em Cabeçudas; o senhor Heinz, neto do hoteleiro Paul Herbst que faleceu em 1934, o qual foi proprietário do primeiro hotel de Cabeçudas, Heinz mora em Cabeçudas; o arquiteto Homero, bisneto de um dos maiores proprietários de terras em Cabeçudas até a década de 1920, Ulisses Machado Dutra, sendo que Homero possui diversos projetos arquitetônicos de sua autoria que foram construídos naquele balneário a partir da década de 1970; dona Júlia, uma das moradoras mais antigas de Cabeçudas; chegou a frequentar a primeira escola daquela localidade que funcionou até meados de 1939, reside em Cabeçudas; sr. Laércio, que apesar de não morar em Cabeçudas, na década de 1940 foi diretor do Centro Cultural de Itajaí, frequentando por diversas vezes aquele balneário em banquetes e festas; Liana, que reside em um dos loteamentos do balneário criado na década de 1970, ela cresceu em Cabeçudas onde permanece com sua família; Lígia, filha de Oswaldo Leal, o leal da malária, que erradicou a malária em Cabeçudas, assim como o pai Lígia trabalhou em programas de combate à malária, atualmente ela reside em Florianópolis; Zenita, tia de Liana, durante a infância veraneou em Cabeçudas onde posteriormente residiu, atualmente mora em Florianópolis; Marlene, neta do técnico da fábrica de tecidos Renaux, Walter Gustav Bueckmann, o antigo proprietário de um dos maiores chalés em Cabeçudas na década de 1930, o chalé foi substituído por uma edificação de arquitetura moderna onde Marlene reside atualmente; Emil, arquiteto, reside em Porto Alegre, realizou diversos trabalhos e foi amigo de Roberto Félix Veronese, arquiteto responsável pelo projeto do Hotel Balneário Cabeçudas (Marambaia Cabeçudas) inaugurado em 1962; José Antônio, sobrinho do arquiteto Veronese; e Osmar Guilherme, neto de Osmar de Souza Nunes, um dos responsáveis pela fundação do Hotel Marambaia Cabeçudas, atualmente Guilherme é o proprietário do hotel.

Outras fontes ainda foram utilizadas como mapas, cartas, livros históricos e até obras de literatura. Estes materiais foram encontrados em diversos arquivos públicos, como o de Itajaí e do estado de Santa Catarina (Florianópolis), e bibliotecas, como a biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), onde se encontrou uma

obra rara de Marcos Konder, de 1926, na qual ele esclarece o motivo do nome “Cabeçudas” para aquela enseada. Estas fontes que foram citadas são apenas parte das que foram utilizadas para a pesquisa especificamente sobre Cabeçudas, mas muitas outras foram consultadas, pois há ainda as reflexões criadas sobre o referencial teórico, o histórico das relações do homem com o mar e com o turismo de veraneio, e uma análise dos balneários catarinenses surgidas na primeira metade do século XX.

Assim, como forma de organizar todas essas informações obtidas para compreender a formação sócio-espacial do Balneário de Cabeçudas este trabalho foi dividido em três etapas. Na primeira etapa intitulada “A formação social do espaço” se fez uma análise de como se dá a formação do espaço, para isto foram apresentados posicionamentos de autores de diversas áreas como sociologia, geografia, história, e arquitetura e urbanismo. A ideia central desta discussão é que o espaço é socialmente formado. Esta produção espacial pode ser avaliada em seu processo social a partir de três instâncias: econômica, política e ideológica. Na segunda etapa, “Os balneários marítimos”, foram apresentados: um histórico da relação do homem com o mar, o significado social do turismo de veraneio e uma análise da formação dos balneários em Santa Catarina, principalmente dos que correspondem à primeira metade do século XX. Na terceira e última etapa foi apresentada a formação sócio-espacial do Balneário de Cabeçudas, desde o período em que este era considerado uma enseada para os navios aportarem seguramente até sua consagração como balneário de veraneio na segunda metade do século XX. Nesta etapa a divisão dos subcapítulos foi realizada cronologicamente de acordo com as principais obras públicas empregadas naquele balneário e todas as demais condições que se remetem ao período daquela obra.

Assim, em “A enseada de Cabeçudas” estão referências sobre Cabeçudas que se remetem ao século XIX, em “O surgimento do veraneio em Cabeçudas” foi realizada uma análise sobre a década de 1910, período em que foi aberta a estrada de acesso que liga Itajaí aquele balneário, em “A estruturação de um balneário” remete-se principalmente a um conjunto de obras empreendidas pelo prefeito Marcos Konder na década de 1920 como a abertura de mais uma estrada de entrada em Cabeçudas, que ligava Cabeçudas a estrada do Morro Cortado (estrada para Florianópolis), instalação de energia elétrica, alargamento da rua beira-mar, abertura de um caminho paralelo à via beira-mar e plantação das amendoeiras na orla. Em “O saneamento da praia” trata-se das obras empregadas pelo governo estadual no final da

década de 1930 para combate à malária naquele balneário. No item “O embelezamento” foram contempladas as obras da década de 1940, principalmente as que foram realizadas segundo o Plano de Embelezamento para Cabeçudas do prefeito Francisco de Almeida. Por fim, em “Consagração e expansão do balneário” não se tratou de obras específicas que promovessem Cabeçudas, pois este não foi o período das grandes obras, mas o qual o balneário foi consagrado através dos encontros políticos que ali ocorriam e arquiteturas empregadas, e de expansão com a abertura de diversos loteamentos particulares que vai da década de 1950 até meados de 1980. Desta forma-se é possível se chegar até a ocupação atual do balneário.

1.1 OBEJTIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Analisar a formação sócio-espacial do balneário de Cabeçudas (Itajaí/SC) do início do século XX até meados dos anos 60, considerando ampliação até a década de 1980.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Investigar as condições histórico-sociais que possibilitaram a formação e uso dos balneários marítimos em Santa Catarina.
- Mostrar como os diferentes grupos sociais ao longo do tempo ocuparam e definiram espacialmente o atual balneário de Cabeçudas.
- Destacar as obras de infraestrutura e arquiteturas que demonstram e documentam o processo de formação e transformação do balneário em seu contexto urbano.

2. A FORMAÇÃO SOCIAL DO ESPAÇO

Para a compreensão da formação sócio-espacial do balneário de Cabeçudas foi necessário um estudo teórico sobre o espaço como um produto social. Para isso foram utilizados principalmente autores que analisam o espaço a partir da estrutura social dividida em instâncias (econômica, política e ideológica) que agem sobre esta produção criando uma fragmentação do tema de estudo. Essa necessidade de fragmentação do todo é uma característica da historiografia da arquitetura e das artes.

Ao contrário da historiografia geral que se debruça sobre um evento que deixou de existir no tempo e para isso precisa de fontes para a sua reconstrução mental, a historiografia da arquitetura trata de um tema que existe no presente por si (WAISMAN, 2013), e desta forma não precisa ser reconstruído, mas mentalmente desconstruído, revisto, desfolhado, para que se possa investigá-lo desde sua produção. Assim serão discutidas neste capítulo as bases conceituais relacionadas à formação do espaço urbano, as instâncias que agem para sua modificação e os agentes envolvidos nessa atividade. Espera-se construir com esta discussão um alicerce para compreender a formação sócio-espacial do Balneário de Cabeçudas.

2.1 A FORMAÇÃO DO ESPAÇO

A cidade reflete características da sociedade, pois foi por ela construída. A projeção da sociedade, como disse o sociólogo Manuel Castells (1983), sobre o espaço, não se dá como um desenho em folha branca. O espaço é socialmente construído e está em constante transformação. Conforme observou a geógrafa Ana Fani Alessandri Carlos (1994, p.33) o espaço geográfico não é humano por abrigar o homem, mas por ser por produto, condição e meio da atividade humana.

Segundo Castells a estrutura do espaço urbano é ordenada por processos sociais, “Não há uma teoria do espaço que não seja parte integrante de uma teoria social geral (...)” (CASTELLS, 1983, p.182). O espaço, isoladamente, não fala por si. Milton Santos disse que:

O espaço não pode ser estudado como se os objetos materiais que formam a paisagem trouxessem neles mesmos sua própria explicação. Isso seria adotar uma metodologia puramente

formal, espacista, ignorando os processos que ocasionam as formas. (1997, p.40)

Deve-se compreender o espaço, e suas formas, a partir da estrutura social, afinal, o espaço é produto humano de seu desejo de suprir suas necessidades para sua própria existência.

A compreensão da formação do espaço urbano se dá, portanto, a partir de uma análise da estrutura social, dos modos de produção, ao longo do tempo. É uma análise social que depende da história. Segundo Castells (1983) estes modos de produção não se referem a uma atividade produtiva, mas à combinação de instâncias da estrutura social. Estas instâncias são basicamente três: Econômica, Política e Ideológica. Para Castells “Analisar o espaço enquanto expressão da estrutura social resulta, conseqüentemente, em estudar sua modelagem pelos elementos do sistema econômico, do sistema político e do sistema ideológico, bem como pelas combinações e práticas sociais que decorrem dele” (1983, p.193).

Sonia Barrios (1986) assim como Castells (1983) acredita que não é possível uma teoria do espaço que não seja parte integrante de uma teoria social geral. Ela também trata das instâncias empregadas por Castells, porém com nomenclaturas diferentes e se baseia em diversos autores como o antropólogo francês Maurice Godelier, os economistas Oscar Lange e Paul Singer, os filósofos sociólogos Eliseo Verón e Henri Lefebvre, o historiador Lewis Mumford, o próprio Castells, entre outros, para analisar a multiplicidade do caráter destas práticas econômicas, políticas e ideológicas.

Sobre esta divisão para estudo do espaço Milton Santos (2012) diz que ele deve ser considerado em sua totalidade, mas para uma análise metodológica de sua formação e transformação é necessário fragmentá-lo, mas ao fim da análise é primordial reconstituí-lo em sua totalidade. São elementos do espaço para Santos (2012): os homens, na medida em que fornecem trabalho, ou como no caso de desempregados e aposentados, que criam uma demanda de trabalho; as firmas, com a produção de bens, serviços e ideias; as instituições produzindo normas, ordens e legitimações; o meio-ecológico que deve ser entendido não como a natureza intocada, mas como meio modificado, uma base fixa do trabalho humano; e as infraestruturas que são a materialização do trabalho humano como casas, plantações e caminhos. Esses elementos são intercambiáveis e redutíveis uns aos outros. Através da análise da interação entre eles se recupera a totalidade social. Essas interações entre os elementos do espaço apresentam resultados diferentes mediante

cada período histórico. Além disso, esses elementos são os mesmos em todos os lugares, mas a forma como se manifestam é sempre diferente. Sobre a dimensão temporal agindo sobre o espaço Santos (2012) diz:

O comportamento do novo sistema está condicionado pelo anterior. Alguns elementos cedem lugar, completa ou parcialmente, a outros da mesma classe, porém mais modernos; outros elementos resistem à modernização; em muitos casos elementos sem sucessor e elementos completamente novos podem se estabelecer. O espaço, considerado como um mosaico de elementos de diferentes eras, sintetiza, de um lado, a evolução da sociedade e explica, de outro lado, situações que se apresentam na totalidade. (SANTOS, 2012, p.36)

Uma análise metodológica do espaço que compreenda suas transformações pode ser realizada de diversas maneiras, umas delas é tomando como parâmetro as estruturas da sociedade: política, econômica e ideológica, como se viu em Castells e Barrios. Há ainda uma série de categorias que Santos (2012) utilizou, sendo uma delas: uma análise de estrutura, processo, função e forma do espaço, no qual as formas surgem dotadas de um contorno e finalidades-funções. A forma é mais visível, entretanto não pode ser analisada separadamente, afinal ela foi formada para uma função e faz parte de uma estrutura que a definirá.

Quanto ao processo, se a análise que se empreende é relativa a um tempo, um momento, ele se torna desnecessário, sendo que forma, função e estrutura são suficientes, entretanto se a análise se dá ao longo do tempo, sua utilização se torna imprescindível. A dimensão temporal deve ser levada em consideração na análise do espaço, pois não é possível criar uma categoria de análise suficientemente relevante sem que estes quatro itens sejam avaliados. Além disso, nenhum deles pode ser tomado individualmente, para a compreensão de um aspecto é necessário a compreensão do todo. Na fala de Santos, “(...) forma, função, processo e estrutura devem ser estudados concomitantemente e vistos na maneira como interagem para criar e moldar o espaço através do tempo” (2012, p.71).

Até aqui se discutiu como se dá a formação social do espaço e a necessidade da fragmentação de sua análise para compreendê-la. Existem diferentes métodos referentes à divisão mais ideal e um deles considera a análise da formação do espaço fragmentada em instâncias,

sendo elas: econômica, política e deológica. Na continuação deste capítulo estão algumas considerações sobre cada um destas instâncias.

2.2 INSTÂNCIA ECONÔMICA

A Instância econômica move-se através da relação trabalhador e meio de produção que resulta na transformação da natureza para produzir bens necessários para a existência social. Ao sociólogo Manuel Castells (1942) é reconhecido o mérito de ter desenvolvido a sociologia urbana marxista, assim, em toda a reflexão que se faz sobre seus conceitos acerca do espaço é importante lembrar que eles estão baseados em uma teoria marxista. Inclusive a percepção que Castells tem da manifestação espacial da instância econômica é uma leitura que se baseia na teoria de Karl Marx. Assim, na interpretação que Castells realiza sobre as teorias marxistas, espacialmente pode-se perceber esta instância através: da Produção (expressão espacial dos meios de produção), com atividades produtoras de bens, serviços e informações como indústrias e escritórios, por exemplo; do Consumo, que são atividades que se referem à apropriação social, coletiva ou até mesmo individual do produto, como as residências; da Troca, que é uma especialização da relação entre Produção e Consumo, gerando espacialmente, por exemplo, o comércio e a circulação; e por fim, da Gestão, que é a regulação entre os três itens anteriores através dos planos urbanísticos, gestão municipal, e outros documentos reguladores.

A análise das práticas econômicas por Sonia Barrios (1986) leva em consideração que em todas as atividades sociais o aspecto econômico está inserido. Além da produção de bens materiais as transformações do espaço incluem “a adequação do meio ambiente circundante às necessidades individuais, familiares, comunitárias e das formações sociais em seu conjunto” (BARRIOS, 1986, p.4). As formas espaciais sofrem assim alterações em diversas escalas, como objetos de consumo, fatos arquitetônicos e organização territorial (BARRIOS, 1986, p.4).

Na sociedade de classes o espaço modificado só se compreende ao analisar o interesse das classes dominantes (grupos sociais que dirigem a produção). O objetivo máximo do sistema capitalista é a acumulação de capital. O estabelecimento de um sistema produtivo, desenvolvimento tecnológico, e adaptações ambientais são realizados com o intuito de obter acúmulo de capital garantindo assim, uma posição de dominação ao grupo responsável por tais empreendimentos.

Esta organização social, que implica no desenvolvimento do sistema capitalista, é materialmente reproduzida no espaço. Segundo Santos, o espaço “é manipulado para aprofundar as diferenças de classes” (1997, p.21).

Quando o geógrafo Roberto Lobato Correa trata da formação do espaço através de seus agentes modeladores, na obra de sua autoria “O espaço urbano” (1989), pode-se perceber que leva em consideração a instância econômica e política como base, pois os agentes citados se referem a grupos sociais e seu poder de investimento sobre o espaço. Assim, apesar de sua análise não ser dividida em instâncias, mas em agentes modeladores do espaço, seu argumento será entendido como um ponto da Instâncias Econômica e Política.

Os agentes sociais modeladores do espaço para Corrêa são: os proprietários dos meios de produção, grandes consumidores de espaço, precisam de terrenos grandes e baratos que atendam suas necessidades locacionais. Os proprietários fundiários, cujo interesse é que a terra tenha um uso que seja o mais remunerador possível. Realizam empreendimentos com fim comercial ou residencial de status. Os proprietários fundiários que podem se tornar promotores imobiliários, possuindo terras bem localizadas, favorecidas por “amenidades físicas” como proximidade com o mar ou bela paisagem, eles pressionam o Estado para que invista em melhoramentos da infraestrutura do lugar, loteiam seus terrenos e conseguem vendê-los com um alto lucro (CORRÊA, 1989, p. 18). Como no caso dos proprietários fundiários do balneário de Cabeçadas no início do século XX que pressionaram o governo municipal para obter melhoramentos e posteriormente com a valorização dos terrenos os venderam em pequenos lotes.

Assim, os promotores imobiliários procuram promover áreas de status. Buscam aumentar o preço do imóvel observando previamente sua localização, tamanho e qualidade. Visam áreas valorizadas por amenidades naturais ou sociais, com alto preço da terra, status do bairro, acessibilidade dos meios de transporte, e pouca oferta de terrenos.

O Estado é outro agente, possui características de todos os demais agentes dependendo do enfoque que se dá para sua ação. E, por fim, grupos sociais excluídos, por não terem acesso a habitação, acabam por tornarem-se agentes modeladores do espaço urbano devido a produção de favelas. Estes agentes atuam conjuntamente.

Corrêa (1989) demonstra a atuação destes agentes com o exemplo real da formação do bairro de Copacabana, na cidade do Rio de Janeiro. Inicialmente Copacabana era uma planície arenosa de difícil acesso. Não teve passado agrícola e era escassamente povoada por pescadores.

Em 1870 houve uma tentativa de valorização fundiária por parte de um grande proprietário, fez-se o loteamento da área e criou-se uma linha de bonde que ligava aquela praia ao centro da cidade.

Em 1892 uma empresa de bondes fez outras melhorias. Foi com a empresa criada em 1891, “Empresa de Construções Cívicas”, que foram realizadas melhorias significativa para a valorização fundiária e imobiliária. Os acionistas desta empresa eram proprietários de terras em Copacabana, bancos, empresas, políticos, “tratava-se, portanto de uma aliança entre proprietários fundiários, promotores imobiliários, bancos e empresas industriais e comerciais. O Estado fazia-se presente pelos interesses comuns no poder” (CORRÊA, 1989, p. 33).

O Estado fez rapidamente as instalações de equipamentos de consumo, e para atrair ainda mais os investidores, deu liberdade de construção, não havia exigências para a produção de imóveis, somente depois realizou melhoramentos urbanos. E o resultado que se teve foi um bairro altamente elitizado até os dias atuais.

No caso dos balneários em Santa Catarina e especialmente o balneário de Cabeçadas, os agentes que se destacam em sua atuação são os proprietários fundiários transformados em promotores imobiliários e o Estado, como no caso de Copacabana apresentado acima. Entretanto, em Copacabana os melhoramentos são solicitados por uma empresa de construção civil, enquanto em Cabeçadas os melhoramentos na infraestrutura urbana são cobrados da prefeitura pelos proprietários fundiários. Percebe-se uma atuação constante do governo municipal e estadual na formação deste balneário itajaiense, delimitando através de leis e fiscalizações sua infraestrutura e uso.

2.3 INSTÂNCIA POLÍTICA

Quanto ao sistema político-institucional descrito por Castells (1983) não se trata exclusivamente do Estado, mas de processos sociais que partem do aparelho político jurídico e estruturam o espaço. Este sistema age, portanto, através de uma relação de dominação-regulação e integração-repressão. Sua expressão espacial se dá através da divisão do espaço e da organização econômica do espaço através da dominação regulação, que muitas vezes apresenta-se como o processo de Gestão visto anteriormente na interpretação de Castells sobre Marx. A relação que se dá de dominação neste sistema se refere ao comando da classe dominante sobre a classe dominada. No sistema político-institucional os interesses da classe dominante se sobressaem e ainda que suas ações beneficiem de alguma forma a classe dominada em prejuízo imediato

seu, é porque os resultados em longo prazo a beneficiarão. A classe dominante detém a Gestão do espaço.

Assim, os processos de dominação-regulação, expressão das classes no poder, organizam o espaço, por um lado determinando as normas de funcionamento do conjunto da divisão, e conservando a possibilidade de iniciativas centrais que transformam diretamente o espaço das coletividades locais (dominação); por outro lado, intervindo para ajustar a relação social com o espaço, onde os interesses contraditórios no seio do bloco no poder e/ou das defasagens estruturais produzidas correm o risco de fazer explodir ou de agravar uma crise (...) (CASTELLS, 1983, p.296).

Para Barrios (1986) as práticas políticas têm como objetivo final a conquista ou detenção do poder. O aspecto político está presente em todas as práticas sociais em que se observa o “jogo” de relações de poder. O estado apresenta-se nesta situação com a tarefa de manter a ordem estabelecida, beneficiando a classe dominante, ainda que precise ceder algumas vezes para as demais classes. Influenciam também nestas relações de poder grupos e organizações através do apoio ou oposição aos posicionamentos do Estado. Existem dois princípios básicos para a viabilidade das ações políticas: a legitimidade da autoridade e a legitimidade do domínio, sendo que a primeira se refere ao reconhecimento, por parte dos indivíduos de um determinado grupo, da autoridade de uma pessoa ou instituição sobre certa situação. Já o segundo trata-se da resignação diante da autoridade exercida, afirmada juridicamente, acerca de determinada situação (BARRIOS, 1986). Enfim, podem-se resumir destes dois princípios que tratam do poder reconhecido por um grupo, mas resignados às leis.

Tratando ainda dos aspectos políticos na formação do espaço é necessário ressaltar a importância do papel assumido pelo Estado como apoiador do sistema econômico vigente e dos empreendimentos urbanos que realiza para benefício das classes dominantes. A construção de redes rodoviárias e dotação de equipamentos urbanos são exemplos destes empreendimentos. Este apoio está associado ao poder de influência exercido pelos proprietários fundiários sobre o Estado, como já descrito na Instância Econômica, com os agentes modeladores do espaço de Roberto Lobato Correa. O historiador Sérgio Luiz Ferreira explica esta

situação relacionada à formação dos balneários em Florianópolis da seguinte forma:

Segundo Jürgen Habermas, o “Estado de Direito burguês” pretende, à base da esfera pública em funcionamento, que o poder público se organize de tal maneira a garantir a sua “subordinação às exigências de uma esfera privada que se pretende neutralizada quanto ao poder e emancipada quanto à dominação”. Exige-se que o poder público dê condições para que o burguês possa usufruir de sua esfera privada. Esta organização do poder público implica assumir atividades que antes eram deixadas à iniciativa privada ou que antes nem era cogitadas como necessárias. Limpeza de praias, por exemplo, era coisa supérflua antes da utilização da orla marítima para fins de recreio. (FERREIRA, 1998, p.53)

Conforme observam os técnicos do Departamento de Indicadores sociais do IBGE, David Michael Vetter e Rosa Maria Ramalho Massena (1982, p.28), as áreas residenciais onde estão instaladas as classes dominantes tendem a receber maior atenção quanto à infraestrutura urbana. Isso se deve ao poder político (de influência) exercido por este grupo sobre o Estado. Os benefícios do Estado sobre um espaço acabam geralmente por reforçar a dominação dessas elites. Quando as melhorias são empregadas em determinada localidade urbana, os preços no mercado de solo urbano sofrem um acréscimo o que acarreta o aumento dos impostos prediais. Algumas famílias abandonam este espaço pela impossibilidade de arcar com os novos custos do imposto (no caso de ser proprietário), ou no aluguel, que tem seu preço ajustado (no caso de ser locatário). Surge então, a segregação residencial por grupos de rendimento. E como os benefícios do Estado tendem a alcançar a classe dominante, seus bairros ficam cada vez mais “seletos” a cada investimento realizado.

Talvez este seja o caso da “expulsão” dos pescadores de suas praias. Na maioria dos balneários catarinenses antes da prática do banho de mar para lazer e do veraneio havia nas praias colônias de pescadores, algumas com grandes grupos e outras com apenas algumas poucas famílias, como no caso de Cabeçudas.

Conforme se explicou, os melhoramentos realizados na estrutura urbana acarretam no aumento de alguns impostos. Quando Cabeçudas

começou a receber melhorias em sua infraestrutura deixou de ser área rural para se tornar área urbana, o que resultou em um aumento do imposto cobrado, além disso, logo veio a instalação da energia elétrica que gerou a taxa de iluminação pública. Para estas cobranças era necessário que os terrenos estivessem devidamente cadastrados, da mesma forma que as edificações, esta burocracia trazia consigo novos custos.

Imagina-se que famílias de pescadores que sobreviviam alimentando-se do que plantavam em pequenas roças e da pesca artesanal, vendendo ou trocando o pouco que lhes sobrava para adquirirem os bens necessários que não produziam, não teriam condições de arcar com todos estes novos custos para permanecer nos balneários. É possível que a maioria destas famílias tenha, com o passar do tempo, trocado de profissão e abandonado os balneários. Ferreira fez uma análise desta transformação nas praias de Florianópolis:

A especulação imobiliária tirou o sossego, a morada, o lugar de recreio e de trabalho do pescador. Tirou-o da pesca e da roça e colocou-o como vigilante e chacareiro do “pessoal da cidade”. As suas embarcações deixaram de pescar para levar turistas a passeio, passando, na maioria das vezes, de proprietários a zeladores das embarcações. O ilhéu do interior deixou de ser tão dependente da “bondade” do tempo e do mar para ser dependente da cidade e de seu habitante, deixou de plantar cebola verde para ir compra-la no Mercado Público. (FERREIRA, 1998, p.112)

Entretanto, não se pode criar um discurso maniqueísta em que os pescadores são vítimas da especulação imobiliária, que por sua vez é a vilã da história. Certamente eles foram prejudicados no sentido da inviabilização da continuidade da pesca artesanal, mas pode-se perceber com uma afirmação de Corbin (1989) que os pescadores foram seduzidos pela cultura do homem moderno e passaram a desejar fazer parte dela, assim como os banhistas:

O espetáculo dos ricos instalados no hotel de banhos, cujos gestos, mímicas e até trejeitos eles gostavam de contemplar, suscita novos desejos entre os pequenos pescadores e novas “vontades” entre suas mulheres. Inclusive, algumas crianças

desse povo ameaçado nascem já com um aspecto de banhistas. (CORBIN, 1989, p.234)

Nesta análise da presença dos pescadores nas praias onde se originaram balneários é interessante notar que as instâncias econômica, política e cultural-ideológica se cruzam a todo o momento e muitas vezes se torna impossível compreender uma sem que a outra seja discutida na sequência.

2.4 INSTÂNCIA IDEOLÓGICA

O sistema ideológico refere-se a uma rede signos em que os significantes são as formas espaciais e os significados os conteúdos ideológicos. Na fala de Castells sobre este sistema: “O espaço está carregado de sentido. Suas formas e seu traçado se remetem entre si e se articulam numa estrutura simbólica, cuja eficácia sobre as práticas sociais revela-se em toda análise concreta” (1983, p.304).

As práticas cultural-ideológicas, segundo Barrios (1986), são essenciais para o homem porque respondem suas questões sobre si mesmo, o tempo, o espaço e a sociedade. Surgem assim, valores e modelos de identidade de um grupo. Pode-se escolher manter e perpetuar esses valores ou reelaborá-los. Esses conhecimentos são difundidos por formas e meios de comunicação simbólicos. A localização de um grupo com identidade própria leva a denominação de “núcleo cultural” que pode ser definido como composto por uma área delimitada em que uma cultura se desenvolve a partir da interação de diversos campos culturais (ciência, religião, arte...). O discurso acerca das práticas cultural-ideológicas sob um enfoque materialista deixa clara a crença na preexistência do legado cultural ideológico para a possibilidade de modificação do espaço. Assim, as relações sociais e as técnicas produtivas passam a ser analisadas como matéria-prima na formação de espaços (BARRIOS, 1986).

Todos os conteúdos culturais são difundidos por um processo de comunicação social, o qual compreende a emissão, recepção e transmissão de mensagens. Destes três é a transmissão que utiliza suportes materiais para o cumprimento de suas funções. Existem três veículos transmissores de mensagens que Barrios (1986) conclui de sua leitura em Verón: a) textos que tratam da linguagem de seu produto, como os contidos em alguns livros, panfletos, músicas, artes, e espaço arquitetônicos; b) processos que se pode observar nas ações sociais, como hábitos, profissões, rituais e interação familiar, etc.; c) e a

organização do espaço social, com os fatos arquitetônicos como objetos de consumo e suas diferentes disposições e configurações.

Sobre este poder de comunicação que há na arquitetura Deyan Sudjic (2007, p.10) diz: “la arquitectura es una herramienta práctica y un lenguaje expresivo, capaz de transmitir mensajes muy concreto” Esta mensagem pode sugerir tanto uma dominação sobre o indivíduo como um convite ao seu uso. Os exemplos trazidos por Sudjic em “La arquitectura del poder: cómo los ricos y poderosos dan forma a nuestro mundo” estão relacionados em sua maioria com a arquitetura institucional, como a que fora produzida por Albert Speer a mando de Hitler. A obra de Speer deveria ser tão imponente a ponto de mostrar as demais nações o poder alemão. Se a arquitetura tem tamanho poder de comunicar sentidos o que diz a arquitetura no balneário de Cabeçadas? Possivelmente estas arquiteturas procuram comunicar o status e poder de seus proprietários já que aquele balneário foi um ponto de encontro importantíssimo para as relações sociais da elite catarinense em determinado período. A arquitetura que trouxesse um discurso que destoasse daquele trazido pela elite ocupante do balneário seria motivo de repúdio. No princípio da formação de Cabeçadas como balneário os banhistas compravam ou alugavam as casas dos pescadores.

A família Herbst, por exemplo, proprietária do primeiro hotel naquela praia assim o fez e com o passar dos anos foi melhorando as condições de seu estabelecimento. Porém, a medida que Cabeçadas passou a fazer parte de um discurso de higiene e civilidade para o homem moderno e foi ocupado por veranistas da elite industrial, comercial e política de Santa Catarina, por mais que a presença dos pescadores desse forma a um quadro pitoresco daquela praia, seus ranchos foram consideradas como um símbolo de atraso e traíam a mensagem que as elites pretendiam passar sobre aquele espaço e sobre si:

Dizíamos, contudo, que Cabeçadas esta diferente da praia de outros tempos. Dos tempos do Romão, mas também dos em que a pesca era o seu principal meio de existência e os banhos não eram mais do que pretextos para as cervejadas que não deviam ser tomadas no coração da cidade... É verdade. O balneário itajainense trocou o seu vestido de chita e sua blusa de cambraia pelos figurinos de Copacabana. Cabeçadas esta vestida de novo. Jogou fora os seus galpões e as suas

casinhas de madeira, para erguer vivendas magnificas. (SOUZA, 1940)

O fim dos galpões e das casas em madeira, e a construção de “magnificas vivendas” são parte de um discurso que pretende chegar à outra parte do artigo “tornou-se a nossa praia filha diletta dos nossos burgueses” (SOUZA, 1940). Desta forma a arquitetura do balneário de Cabeçudas deveria expressar um caráter burguês. Este plano de aburguesamento já havia começado na década de 1910 quando em seus cartões postais de Cabeçudas o fotógrafo Immanuel Currelin preferia as fotos posadas de homens de terno na praia do que mostrar as condições reais do balneário. Apenas a partir dos anos de 1930 seus postais mostraram a estrutura urbana de Cabeçudas, mas naquele período já se havia realizado os melhoramentos urbanos e as elites catarinenses haviam ocupado o balneário com arquiteturas consideradas modernas. Em nenhum dos postais de Currelin, seja nas décadas de 1910 ou a partir de 1930, são mostrados os galpões dos pescadores. Na década de 20 via-se a região onde estavam os pescadores, chamada de portinho, ao fim da praia, onde hoje está o Cabeçudas Iate Clube, como um lugar feio contrastando com a beleza da natureza:

(...) ao fim da praia, a fieira dos casebres miseráveis cobertos de sapé, em cujas paredes barreadas, entrelaçadas de ripas, descansam caniços e tarrafas abertas em leque secam ao sol, contratas rudemente com uma maravilha da natureza. (LIBERATO, 1923, p.3)

Uma situação semelhante a esta acontece na década de 1960, não com os pescadores, mas com algumas residências populares que haviam sido construídas na estrada que dá acesso a Cabeçudas. Reclamou-se no jornal sobre tais construções alegando-se que estas não colaboravam esteticamente com o turismo naquela praia, que não harmonizavam “com aquele panorama cinematográfico” (UMA SUGESTÃO, 1969, p.1) afirmando que a remoção daquelas casas favoreceria a “turisticidade daquele lindo recanto” (UMA SUGESTÃO, 1969, p.1). Algumas outras discussões são realizadas referentes à instalação de outras arquiteturas naquela praia e o foco geralmente está na representação que estas teriam sobre a imagem do balneário e raramente em apelo às condições adequadas de moradia.

Quando uma forma espacial é associada a um estrato social, ela passa a desempenhar um papel simbólico de classe. Isso o que acontece

no balneário de Cabeçudas, que em determinado período representou a classe dominante, principalmente de grandes empresários do ramo industrial e políticos. Joana Carolina Schossler em sua dissertação sobre a vilegiatura marítima no Rio Grande do Sul se remete a este poder simbólico do espaço nos balneários lembrando que as concentrações de diferentes grupos sociais em determinados balneários marcavam tal espaço surgindo inclusive uma conotação social para cada praia:

Assim como a vilegiatura marítima se firmou no imaginário burguês, ela também foi almejada por outros grupos sociais, que a adaptam à sua cultura e aos seus recursos. Deste modo, as praias logo se tornam espaços de distinção social, havendo, inclusive, elitização de alguns balneários marítimos, e a estigmatização de outros devido a origem social de seus veranistas. (SCHOSSLER, 2010, p.17)

Quando surgem novos conceitos e valores em uma cultura ocorre uma reformulação do uso do espaço que será alterado em seu desenho. Como o espaço tem papel simbólico, quando surge uma nova estrutura social, sua forma é alterada para que possa atender às novas necessidades que se apresentam. Permanecem vestígios das antigas formas do espaço quando ele sofre essa alteração. As edificações são vestígios e carregam em si marcas da história, “con el tiempo, la arquitectura adquiere la pátina y la ressonância de los acontecimientos que tuvieron lugar en su interior, y también de la gente que la ocupó” (SUDJIC, 2007, p.198).

Sobre esta marca de comunicação que há na arquitetura é possível trazer uma parte da análise que Milton Santos (2012) realizou para compreensão do espaço. Em sua fragmentação metodológica de forma, função, estrutura e processo é conveniente tratar neste momento mais atentiosamente ao fragmento “forma”. Sobre ela Santos (2012) disse que esta só se torna relevante pelo valor social que lhe é atribuído, ela é construída para uma determinada função, respondendo a certa necessidade social, e se insere em uma estrutura social do período que com ela se relaciona. Mas com o passar do tempo ocorrem muitas mudanças na sociedade, surgem novas necessidades e assim também novas formas, isso não quer dizer que as antigas formas sejam totalmente destruídas para dar lugar às novas, algumas são adaptadas recebendo uma nova função, fazendo do espaço um mosaico. É neste sentido que o autor declara: “(...) o espaço é a acumulação desigual de

tempos” (SANTOS, 1997, p.6) e ainda “(...) o momento passado está morto como ‘tempo’, não porém como ‘espaço’” (SANTOS, 1997, p. 10). Assim, para entender determinada forma é preciso analisar o passado e compreender qual sua função e qual seu valor dentro da estrutura social na qual foi constituída.

Leonardo Benevolo também explica esta relação entre forma e função com a seguinte comparação: “(...) o esqueleto do dinossauro é uma parte física do dinossauro inteiro, ao passo que o cenário urbano é uma aparelhagem do corpo social, ligada por relações funcionais menos diretas e mais complicadas” (1991, p.17). A arquitetura responde a uma necessidade, apresenta uma funcionalidade, entretanto, como disse Benevolo, “relações funcionais menos diretas e mais complicadas”, essa arquitetura pode adquirir diferentes funções e sentidos ao longo do tempo. A “vértebra do dinossauro” só corresponde ao ser dinossauro, e à função específica do corpo deste ser, enquanto a arquitetura pode imbuir-se de outros sentidos de vida.

A arquitetura, por ser uma atividade humana responde às suas necessidades culturais. Quando ela é produzida pode representar uma continuidade ou uma maior ou menor transformação dessas necessidades. No caso de Cabeçudas, as obras urbanísticas e arquitetônicas do período de sua formação como balneário são de grande importância “transformativa”, pois este balneário foi um dos primeiros criados em Santa Catarina, inaugurando um novo uso da praia neste estado. O acompanhamento da introdução de outras obras arquitetônicas e urbanísticas neste balneário permite uma análise das mudanças culturais e até mesmo na estrutura social ocorridas, como por exemplo, uma popularização do veraneio com o fenômeno do turismo de massas resultando na procura e oferta de lotes de menor área e custo, surgindo assim grandes loteamentos em Cabeçudas nas décadas de 1960 e 1970.

Segundo Waisman (2013) o significado da arquitetura não pode ser avaliado em si mesmo, cada tipologia recebe uma diferente conotação em grupos culturais diferentes, assim os bangalôs nas praias de Santa Catarina, por exemplo, podem ter um significado distinto dos bangalôs de outra região. É preciso compreender o que esta tipologia representou para determinado grupo social que a produziu, apreciou e conservou ao longo do tempo.

Seguindo esta análise do significado das arquiteturas Waisman (2013) diz que quando determinada tipologia vinda de um meio mais desenvolvido é instalada em um meio menos desenvolvido ela responde a uma dupla função: “a de fornecer uma leitura da cidade como ‘cidade

moderna' e da sociedade como 'sociedade desenvolvida'; e a de promover uma leitura do espaço habitável que leve o habitante em direção a um uso próprio de um meio original e compatível com essa imagem", ou seja, cria-se um discurso de modernidade e desenvolvimento do espaço, da sociedade e de si.

Nos próximos capítulos serão realizadas diversas análises acerca da formação dos balneários e especialmente o de Cabeçudas partindo das instâncias aqui exploradas. Desta forma na continuidade deste trabalho não há uma divisão categórica de cada fenômeno ocorrido nos balneários dentro destas instâncias, elas na verdade se misturam dentro do texto construído para que se entenda a totalidade dos acontecimentos que influem na formação dos balneários.

3. OS BALNEÁRIOS MARÍTIMOS

3.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O MAR AO LONGO DO TEMPO

O encanto de apreciar uma paisagem beira-mar, de divagar nos pensamentos apreciando a costa marinha, nem sempre existiu. Somente em meados de 1750 que se despertou o desejo a esta contemplação (CORBIN, 1989). Anteriormente o mar era mistério e terror. Muito da visão que se tinha acerca do mar era influenciada por descrições bíblicas. Em Gênesis o mar é o grande abismo onde flutuava o espírito de Deus, neste livro se encontra também a descrição do dilúvio que causa à terra um caos temporário. Outras passagens relatam naufrágios causados por violentas tempestades. Em Apocalipse afirma-se que o fim do mundo se dará com fogo e não pelas águas, mas também relata que um dos sinais do retorno de Cristo relaciona-se ao furor do mar e seus animais.

Esta visão aterradora do mar é enfatizada pelas provas de sua irregularidade: o fundo do mar possui um aspecto caótico com cavidades disformes, as ilhas não têm regra de disposição e ainda há a linha da costa, representação de uma ruína, irregular e sem ordenação (CORBIN, 1989). Todas estas são justificativas utilizadas para comprovar o caos marinho. Tal pensamento é visto em diversas literaturas dos séculos XVI e XVII ressaltando a figura do “mar demoníaco” com monstros prontos para devorar os marinheiros. A poesia francesa dos últimos anos do século XVI consagrou o estereótipo do “mar amargo”, do oceano caótico (CORBIN, 1989).

Pode-se encontrar em alguns sermões de religiosos católicos dos séculos acima comentados uma dualidade acerca da visão que se tinha do Mar Mediterrâneo descrito como angélico e diabólico. Mesmo que naquele mar as tempestades levassem diversas embarcações ao naufrágio, foi ali que se tornaram possíveis as viagens missionárias de Paulo e assim a disseminação do Cristianismo.

Do limite entre terra e mar que se pode refletir sobre estes restos do dilúvio, e o caos trágico imposto ao abismo das águas marinhas. É a beira-mar que se vê os sinais da cólera divina, o que não acontece no cais do porto, cenário de nostalgia ou júbilo pelo retorno dos viajantes (CORBIN, 1989).

Os poetas franceses do Renascimento ignoravam a calma do mar, o destaque sobre este tema se dava ao tratar dos seres mitológicos que lá viviam. Mas no período reinante da mitologia grega, a cultura grega

antiga dava destaque ao litoral, sendo o mar o delimitador da porção de terra. É a costa que atrai, sendo em visão otimista ou não. O litoral antigo povoado por seres mitológicos também era onde o mar abandonava seus excrementos: “(...) é ao longo da praia que se purga e expele seus monstros” (CORBIN, 1989, p.25). Dizia-se que o mar rejeita a secreção e a impureza, faz um movimento expulsivo e purgativo deixando no litoral os restos em putrefação. Na Alta Idade Média o preconceito com o litoral permaneceu e foi reforçado pelos diversos flagelos, vindos do mar, que assolavam a Europa: invasões, doenças e saqueadores.

Até 1770 pesa sobre o imaginário acerca do mar os relatos da Bíblia e da literatura antiga ainda que a produção de diários de bordo e livros de viagem marítima já estivessem integrados à cultura (CORBIN, 1989). Esses relatos em grande parte reforçavam a visão negativa do mar considerando inclusive o barco como um lugar maléfico, degradante para o homem que é exposto a putrefação, miasmas, infecções e epidemias. O escorbuto reinava entre as enfermidades a bordo.

A medicina neo-hipocrática dos séculos XVII e XVIII acreditava no mau cheiro das costas marinhas causado pela putrefação de excrementos lançados à praia, como responsável da praia malsã ao mesmo tempo em que se vê o início da defesa da salubridade com espaços abertos e ventilados (CORBIN, 1989).

Um princípio de mudança acerca da visão que se tinha sobre o mar começa a operar entre 1660 e 1675. Neste período a Inglaterra fez significativos avanços em relação a oceanografia e também ocorreu “a retirada de Satã da história mental do Ocidente” (CORBIN, 1989, p.28). Além disso, um grupo de poetas barrocos exaltou algumas maravilhas marinhas transformando assim o sistema de apreciação.

No século XVII poetas franceses (qualificados como barrocos) declaravam em suas obras um sentimento de contentamento ao estar à beira-mar. O espelhamento da luz solar e a agitação das águas supriam o desejo de movimento de surpresa. Ainda que o mar passe a ser apreciado, naquele século, na literatura, em poucos fragmentos pode se encontrar descrições que remetam a este sentimento (CORBIN, 1989).

Entre 1690 e 1730 surgiu a teologia natural, na França e a físico – teologia, na Inglaterra, responsáveis também por um princípio de admiração ao mar, considerando-o não como figura de terror, mas revelando sua obediência para com o Criador que o limitou com encostas e não permitiu que ultrapassasse as areias da praia (CORBIN, 1989). Até mesmo a composição da água marítima reflete tamanho

cuidado de seu Criador. O sal e o betume permitem que a praia seja salubre, desde que haja ali uma “ação equilibrada dos ventos”. Desta forma não se discute mais acerca dos monstros marinhos, mas de seres criados por Deus no 5º dia de formação da Terra (CORBIN, 1989).

Quando se fala em pintura marinha de meados dos séculos XVII e XVIII é imprescindível lembrar os holandeses. Devido à forma como os holandeses aproveitaram sua posição geográfica eles ficaram conhecidos como homens que domaram o mar. Seus projetos mercantis os impulsionaram ao comércio marítimo. Alguns pintores acompanhavam as viagens nas quais realizavam seus trabalhos. Enalteciam o perigo do mar e das batalhas navais. Outras vezes eram os pescadores que estavam retratados nas pinturas (CORBIN, 1989).

Quanto ao litoral mais ao sul da Europa interessa notar que neste mesmo período acima citado ocorre outro tipo de admiração ao mar. Viajantes estimulados pelo desejo de percorrer e apreciar paisagens descritas em obras da antiguidade acabavam por chegar à costa da Campânia. Entretanto, o olhar destes viajantes para a paisagem estava limitado à descrição das obras, não se deleitava a paisagem por sentimentos nostálgicos como mais tarde ocorrerá com os românticos, apenas se imaginava como era determinada paisagem que sofreu diversas alterações ao longo do tempo e fora descrita há muitas centenas de anos de outra forma (CORBIN, 1989).

O olhar sobre a praia no final do século XVII e metade do século XVIII mistura tradição judaico-cristã, filosofia helenística e literatura latina. Contudo, globalmente ainda se tem temor do mar e repugnância da praia. Não se tem ainda a ousadia de encarar as ondas com o próprio corpo ou o desejo de experimentar a textura da areia. Segundo Corbin “a impressão cinestésica esta ausente do campo das práticas e dos discursos” (1989, p.65), naquele período.

Em meados de 1750 surgiram nas praias os curistas, membros das classes dominantes que buscavam cura para a melancolia que lhes abatia. Tal melancolia era causada pela ansiedade que se propagava naquelas classes. Procuravam cura no mar, pois o discurso médico vigente defendia as virtudes da água fria do mar, o contato com as ondas e a vilegiatura costeira. Estas atividades defendidas por médicos e higienistas logo lhes fugiram do controle. Mais de 100 anos depois da utilização da praia pelos curistas na Europa, chegou à Cabeçudas tal prática. Em 1912 se instalou na praia de Cabeçudas o Hotel Herbst, o primeiro daquela localidade oferecendo hospedagem. Um cartão postal deste hotel enviado no ano de sua instalação constava com a palavra alemã “Erholungsheim”, ao lado da palavra Cabeçudas

(CHRISTOFFOLI, 2003, p.110). Esta expressão alemã significa local para repouso e descanso, o que leva a se acreditar que em meados da década de 1910 era comum ver Cabeçudas como um ambiente saudável.

Alguns anos depois, após 1925, quando a senhora Elizabeth Malburg adquiriu terras em Cabeçudas e construiu sua residência de veraneio sabe-se que para tratar as varizes os familiares lhe traziam água do mar e a despejavam em sua banheira para ela se banhar (CHRISTOFFOLI, 2003, p.104). Outra forma de tratamento também era simplesmente passar alguns dias na praia para respirar seu ar. A senhora Zenita contou (ZENITA, 2013) que quando era criança, ela e suas quatro irmãs foram acometidas de coqueluche e para um tratamento eficiente o pai as levou para Cabeçudas para que respirassem o ar da praia.

A beira-mar na Europa, por volta de 1750, não era apenas um refúgio terapêutico, mas o local onde se concentravam os enigmas do mundo cuja observação científica, pelo viajante, deveria ser notada em todas as suas especificidades. O desejo da beira-mar culmina em práticas que “respondem a múltiplos objetivos, misturando o gozo estético, o prazer da observação científica e a satisfação que advém do engajamento do corpo” (CORBIN, 1989, p.109).

A partir destes pensamentos passou-se inclusive à discussão acerca do dilúvio descrito na Bíblia. Muitos questionamentos foram levantados pelos cientistas como, por exemplo, a abrangência deste dilúvio e sua veracidade. Outros temas são tratados, da diminuição do nível do mar percebida à origem da vida. Todas estas pesquisas serviram para que o mar fosse mais cuidadosamente estudado e sobre ele se formassem novas especulações e novos olhares. Diante de tantas discussões ligando o mar à origem da humanidade acentuou-se a ideia da praia como ambiente terapêutico para reflexão de questionamentos íntimos de cada indivíduo acerca de sua natureza (CORBIN, 1989).

A partir desta ânsia por respostas científicas e reflexivas a viagem pitoresca apresentou-se como uma busca incessante da novidade. Novas paisagens para admirar, explorar, novas aventuras e sensações. Rompeu-se o sistema clássico de apreciação da paisagem. Entretanto em pouco tempo o sentido pitoresco de passeio às praias é traído. O que deveria ser uma viagem de exploração e apreciação profunda da paisagem acabou tornando-se comum a ponto de se criar um guia para tais visitas. Os ambientes que davam a sensação de inexplorados, inviolados, quando o viajante fazia suas descobertas, receberam bancos, belvederes, placas de orientação, além da ritualização da caminhada ao farol (CORBIN, 1989).

Assim, como também é traído o ideal romântico que após criar um novo conceito para a visitação das praias tem seu discurso utilizado pelos guias turísticos para atrair cada vez mais turistas. Para o romântico na praia deve-se observar a natureza, principalmente o mar, para uma reflexão acerca de si, o que fica um tanto comprometido diante da tagarelice dos grupos de visitantes. Toda análise romântica diante da vilegiatura marinha se constrói pelo signo da nostalgia (CORBIN, 1989).

Primeiramente as estações balneárias se lançaram com a presença da aristocracia apenas. Lá chegavam a passar toda uma temporada de verão aproveitando ao máximo não somente os banhos de mar como também em cavalgadas, visitas, bailes entre outros. Algum tempo depois os balneários passaram a ser ocupados por grandes burgueses em busca de um afastamento do serviço para descanso, especialmente uma fuga do ar poluído das cidades industriais. Alguns passavam apenas os finais de semana na praia, pois durante a semana retornam ao trabalho. Em Cabeçudas houve uma ocupação pela burguesia do Vale do Itajaí, principalmente com os industriais e comerciantes de origem alemã. Ocupavam a praia apenas no verão e principalmente nos finais de semana ficando esta, durante o inverno, ocupada apenas por um pequeno grupo de pescadores.

Neste subcapítulo procurou-se construir uma breve genealogia do banho de mar na Europa até a gênese do balneário marítimo de veraneio como se tem na atualidade, com alguns comentários acerca do balneário de Cabeçudas.

3.2 O TURISMO PARA O HOMEM MODERNO

O sociólogo John Urry afirmou que ser turista é uma característica do homem moderno, e que esta prática lhe confere status: “a viagem é a marca do status” (URRY, 1996, p.20). Além disso, considera-se o turismo, atualmente, como necessário à saúde, “‘Preciso tirar umas férias’: eis a mais segura reflexão de um discurso moderno, baseado na ideia segundo a qual a saúde física e mental será recuperada se simplesmente pudermos viajar de vez em quando” (URRY, 1996, p.20). Inicialmente o turismo era desfrutado apenas pelas classes altas, porém, a partir da segunda metade do século XIX, na Europa, houve sua popularização com a possibilidade das viagens de trem que barateavam as viagens.

Em Itajaí a estação férrea foi inaugurada apenas na década de 1950, então não influenciou na formação do balneário de Cabeçudas.

Entretanto as linhas de ônibus criadas do centro de Itajaí para a aquela praia foram essenciais para esta democratização de acesso, sendo a primeira delas iniciada em 1934. Outra forma de transporte coletivo era o “banheiro”, uma lotação que trazia banhistas para a praia e os esperava até fim da tarde para retornar ao centro (HEINZ, 2013). Os melhoramentos realizados nas estradas de acesso para Cabeçadas também foram importantes, no caminho principal inicialmente havia uma trilha, depois se abriu uma estrada pequena e sinuosa, e posteriormente algumas obras de reparo nesta estrada a tornaram mais segura. Assim, os melhoramentos realizados relacionados aos meios de transporte, tanto com o beneficiamento das estradas quanto com as linhas de ônibus permitiram uma democratização do acesso a Cabeçadas.

A facilitação do acesso aos balneários marítimos possibilitou uma democratização deste turismo símbolo de status social, porém, o crescente uso dos balneários por diversas classes sociais criou uma hierarquia de lugares. Aqueles que passaram a receber uma grande quantidade de turistas que não das classes altas começaram a ser vistos como “corporificações do turismo de massa”, sendo desprezados e ridicularizados.

À medida que a viagem se democratizava, da mesma forma amplas distinções de gosto passaram a ser estabelecidas entre diferentes lugares: para onde se viajava tornou-se algo de considerável significado social. O olhar do turista passou a ter uma importância diferente em determinados lugares, em detrimento de outros. Desenvolveu-se uma “hierarquia” do balneário e certos lugares passaram a ser vistos como corporificações do turismo de massa, a serem desprezados e ridicularizados. Grandes diferenças de “tom social” se estabeleceram em lugares que, de resto, eram semelhantes. Alguns desses lugares – os balneários da classe trabalhadora – desenvolveram-se rapidamente como símbolos do “turismo de massa”, lugares de inferioridade que representavam tudo aquilo que os grupos sociais dominantes consideravam de mau gosto, comum e vulgar. (URRY, 1996, p.34)

Esta discriminação de lugares aconteceu com Cabeçudas, a partir do momento em que as classes trabalhadoras tiveram largo acesso ao balneário este passou a ser vulgarizado. Não para os que residem, até a atualidade morar em Cabeçudas é um signo de riqueza, ainda que tenha muitas residências populares. Porém, é interessante que grande parte dos moradores de Cabeçudas não frequentam esta praia, mas sim a Praia Brava, que fica próximo dali, mas privilegia o transporte particular já que é distanciada dos bairros populares e com poucas linhas de ônibus, tendo assim, no discurso dos frequentadores um “público mais seletivo”.

No balneário de Blackpool, na Inglaterra, pedia-se o aumento das passagens de trem para que fosse dificultado o acesso a praia e assim manter seu status. Blackpool sofreu uma divisão compulsória dos terrenos que foram ocupados por pequenas pensões. Todos queriam aproveitar ao máximo seu terreno, assim não havia espaço para o crescimento do balneário. Em Cabeçudas o que se nota é também um crescente parcelamento dos terrenos, principalmente após a década de 1940.

Além, da democratização de acesso a alguns balneários ter sido resultado de um melhoramento do transporte outro fator foi decisivo para este avanço: o aumento do bem estar econômico. Na Europa com as melhores condições econômicas da população industrial foi possível que o operário acumulasse algum dinheiro no período de trabalho para gastar nas férias, já que não havia ainda as férias remuneradas. A situação melhorou com o desenvolvimento das leis trabalhistas. Os próprios industriais acharam interessante que os seus funcionários desfrutassem das férias com um lazer saudável, isso lhes parecia uma forma de civilizar o trabalhador e diminuía as faltas no serviço ao longo do ano. Sabe-se que o fundador da fábrica de tecidos Renaux, da cidade de Brusque, o Cônsul Carlos Renaux, tinha o desejo de criar uma vila de descanso para seus funcionários em Cabeçudas para que pudessem desfrutar de suas férias à beira-mar (HEINZ, 2013). Mas por algum motivo desconhecido isso não aconteceu.

O aumento do tempo livre dos trabalhadores europeus devido à crescente industrialização dos países que proporcionava maior produtividade com menos funcionários e menos horas de serviço, além do acúmulo de capital pelas elites possibilitou a ampliação do lazer. O tempo livre poderia resultar no florescimento ou degradação da personalidade humana, sendo a degradação tempo “perdido” com o ócio ou com os vícios e o florescimento quanto ao desenvolvimento do lazer, o contato com a natureza e o desenvolvimento de esportes deixando assim os corpos e mentes saudáveis.

Segundo Joffre Dumazedier, a paulatina diminuição da jornada de trabalho e, por conseguinte, o aumento do tempo livre, ocorridos em diversos países industrializados desde o século passado desencadeou, no início deste, uma “inquietação” e ao mesmo tempo uma “esperança” entre os reformadores sociais, pautados pela questão: “o tempo liberado será utilizado para o florescimento ou para a degradação da personalidade”. (FERREIRA, 1998, p. 10)

No Brasil esses avanços quanto ao tempo livre demoraram a chegar, somente em 1925 surge o Decreto Federal nº 4982, que exige férias aos trabalhadores, ainda que de apenas 15 dias por ano, sendo que a jornada de trabalho deveria ser de 12 horas. O tempo livre como se pode perceber era escasso. Apenas quando Getúlio Vargas assumiu a presidência surgiu o Ministério do Trabalho, abrindo maior discussão para os direitos dos trabalhadores (FERREIRA, 1998, p. 11). Ainda que tais benefícios só tenham sido oferecidos à população a partir das décadas de vinte e trinta, o lazer já era encarado pelas elites do estado como primordial para afirmar-se nos ideais de civilidade do início do século XX.

O período da gênese do banho de mar em Santa Catarina como lazer se passa num contexto em que a discussão a ser feita em todos os ambientes é o de progresso, higiene e civilidade, ideias vindas da Europa, sobretudo da França, que já no século XIX havia promovido suas transformações urbanísticas necessárias para atender os movimentos de higienização que vigoravam na época (SILVA, 2004). Sobre tais ideais nos acrescenta Ferreira:

A elite já ansiava pela civilização antes da República, mas com ela esse desejo tornou-se mais forte. Civilização que se construiu adotando novas práticas sociais que passaram a ser símbolo de ser ‘chique’. Entre essas práticas acrescentamos o banho de mar, que juntamente com os clubes de regatas e outras atividades e cultura do corpo, tornam-se símbolo do homem civilizado da primeira metade do século XX. (FERREIRA, 1998, p. 45)

Pode-se perceber com o texto de Ferreira que era importante ao homem civilizado ter plena saúde, pois havia uma cultura do corpo e criava-se para tanto atividades que viessem desenvolver essa cultura. As ideias de civilidade, higiene e progresso são difundidas no Brasil através de revistas de fácil acesso principalmente no Rio de Janeiro.

Nas páginas de nossas revistas mundanas, eram assim comuns conselhos de toda espécie, desde a advertência de que a “higiene moderna” recomenda subir quatrocentos ou mais degraus de escada por dia (Eu Sei Tudo), até ao incitamento da dança e banhos de mar (A Cigarra), sem nos esquecermos de alguns curiosos inventos adequados à higienização dos corpos como um pequeno instrumento destinado a promover nada mais do que o “beijo Antiseptico” (Eu Sei Tudo). (SILVA, 2004, p. 152)

No mesmo período, em Florianópolis, várias notas de jornal saíam exaltando a qualidade das águas marinhas da Ilha, a beleza natural, o lazer junto à natureza, tais textos tem um claro objetivo “promover a ‘chegada da civilidade’ na cidade” (FERREIRA, 1998, p. 15). A civilidade, porém, não poderia estar atrelada aos dejetos lançados na praia, por isso já havia regras prevendo horários para despejo desses dejetos que com o tempo foram proibidos. Cabeçudas, por estar afastada do centro de Itajaí e dos grandes agrupamentos, possivelmente não sofria com uma quantidade significativa de lançamento de dejetos, mas por outro lado enfrentava as ressacas que traziam todo tipo de lixo para a sua faixa de areia deixando por vezes a praia intransitável. Até hoje o lixo lançado nos rios e no mar é um grande problema para Cabeçudas. Nos períodos de enchente com as cheias do Rio Itajaí-Açú e ressacas chegam naquela praia todo tipo de material descartado, desde móveis até remédios.

Além de todo este lixo descartado indevidamente há outro problema enfrentado por grande parte das praias catarinenses, o lançamento de esgotos não tratados no mar. Desde o início da prática do banho de mar para lazer em Santa Catarina na primeira metade do século XX se vem transformando os balneários para criar condições de bem receber os veranistas, porém passados quase cem anos o lançamento no mar de esgotos não tratados ainda não foi resolvido. Por diversos anos a praia de Cabeçudas apresentou nos verões a placa de

“Impróprio para banho” e ainda assim havia banhistas que arriscavam sua saúde para divertir-se com o banho de mar.

Impróprio ou não para banho de mar, possuir uma casa à beira-mar para veraneio foi desde o início do século XX e continua sendo símbolo de status. Além das adequações urbanas necessárias para uso deste espaço, foram necessárias regras de conduta social que indicassem como o indivíduo deveria se comportar ao estar na praia.

3.3 PRAIAS CATARINENSES

Não é possível analisar como se deu o início do banho de mar em Santa Catarina verificando apenas em uma praia o princípio deste hábito, além disso, para confirmar que Cabeçudas foi o primeiro balneário do estado a receber uma infraestrutura urbana adequada para o veraneio é preciso estabelecer relações com outros balneários que se formaram no mesmo período.

Assim, partindo de duas notas de jornais, uma de 1921 (MIRA, 1921, p.2) outra de 1923 (MIRA, 1923, p.1), escritas por Crispim Mira, jornalistas do estado, que tratam dos balneários em Santa Catarina, se construiu um pequeno histórico do início do veraneio nestas localidades relacionando-as com este movimento em todo o litoral catarinense.

As praias citadas por Crispim Mira focam principalmente o litoral norte de Santa Catarina, de São Francisco do Sul até Florianópolis. Sobre algumas delas não foi possível encontrar material que relatasse sobre o início do veraneio, sendo este um tema indicado para pesquisas futuras, pois somente com uma análise da formação de todos os balneários do estado se poderá tecer considerações mais aprofundadas para analisar a gênese do lazer de veraneio em Santa Catarina.

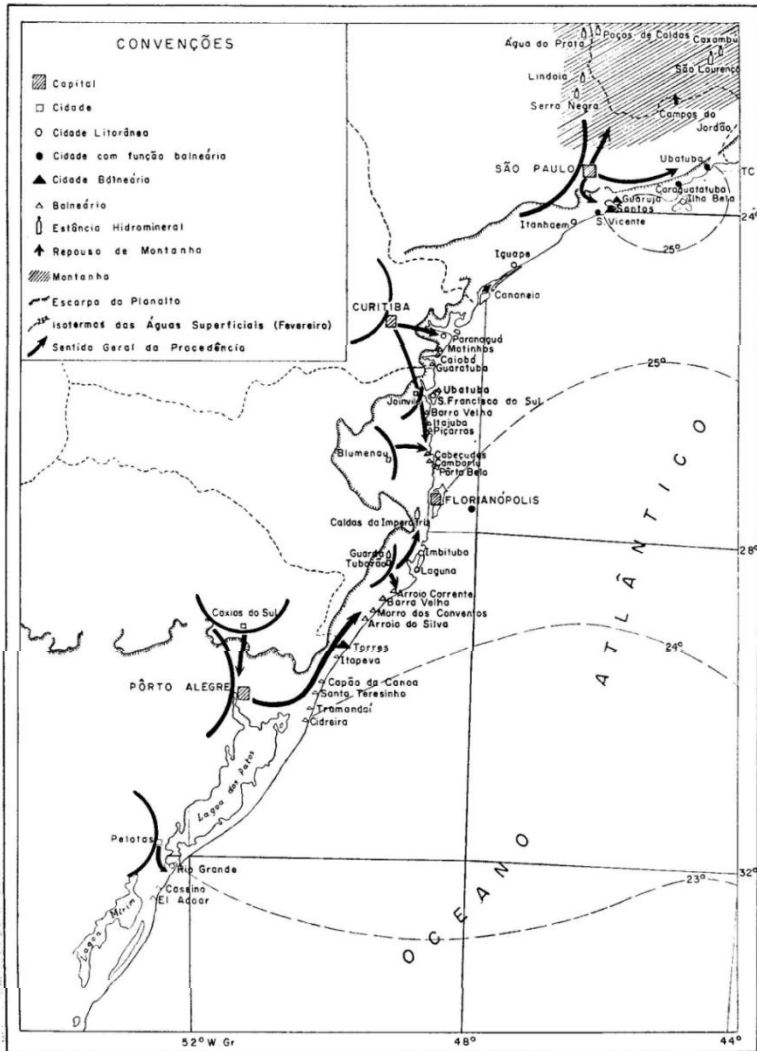
O jornalista Crispim Mira citou as seguintes praias: Praia de Armação (tanto a do município de Penha quanto a de Florianópolis); Ubatuba, em São Francisco do Sul; Ingleses e Canasvieiras, em Florianópolis; Itapema; e Barra Velha. Além dessas, Mira também mencionou a praia de Mar Grosso em Laguna, a única citada do litoral sul. A partir das informações dadas pelo jornalista a pesquisa se expandiu e foram consultados diversos outros autores como Gustavo Konder com suas crônicas publicadas no Blumenau em Cadernos; Sérgio Luís Ferreira com sua obra “O banho de mar na ilha de Santa Catarina”; Ângelo Ricardo Christoffoli com sua monografia “A presença de alemães na origem dos destinos da Praia de Camboriú”; entre outros; para que se pudesse compreender a especificidade de cada balneário.

Sobre a praia de Ubatuba em São Francisco do Sul sabe-se apenas que esta era frequentada por veranistas de Joinville, do Paraná e de sua própria cidade. Um mapa do IBGE do ano de 1963 (figura 7) indica as cidades que possuem balneários em Santa Catarina e a procedência de seus turistas. Nele pode-se notar um fluxo de curitibanos para o litoral norte, da região de Ubatuba até Itajaí, cidade que recebe também grande fluxo de blumenauenses conforme apresentado no mapa.

Quanto a Itapema, na década de 1920, era ocupada excepcionalmente por alguns veranistas. O industrial Edgar von Buettner, de Brusque, que já veraneava na década de 1920 em Cabeçudas adquiriu naqueles anos terras em Itapema de 14 moradores, com o total de 55.530m² entre a orla e a estrada geral que ligava Camboriú à Tijucas (PEREIRA, 2003, p.117).

Em 1936, com o falecimento de sua esposa suas filhas herdaram da mãe 661.181m² de terras em naquela localidade (PEREIRA, 2003, p.117). Buettner era um grande proprietário de terras em Itapema e também em Cabeçudas. Possivelmente, seus planos tenham sido como de um promotor imobiliário que lucraria com o desenvolvimento do lazer à beira-mar. Infelizmente não se tem mais informações sobre o desenvolvimento de Itapema como balneário; no mapa do IBGE de 1963, ela sequer é citada, conforme evidencia a figura 7. Sabe-se que na década de 1980, com o término da construção da BR 101, tornou-se destaque entre os balneários no estado (figura 8) e que entre aquele ano e o ano de 2000 foi o município que teve maior crescimento demográfico em toda Santa Catarina (PEREIRA, 2003, p.120).

Figura 7 – Localidades de veraneio no Brasil Meridional, 1963.



Fonte: CATALDO in PEREIRA, 2003, p.119.

Figura 8 – Itapema, década de 1960 e década de 2010.



Fonte: Foto/montagem enviada por Fabiano Roberto Baron. Disponível em:
<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=634387866573695&set=a.534595869886229.127032.528286190517197&type=1&theater>. Acesso em: 19/07/2013

Nas duas crônicas de Crispim Mira sobre as praias de veraneio em Santa Catarina, não se encontrou em nenhuma delas qualquer menção à Camboriú, comprovando o isolamento em que esta praia estava em relação ao lazer de veraneio. Foi no ano de 1925 que iniciou a afluência de veranistas para a praia de Camboriú, sendo que os primeiros grupos a se ocuparem deste lazer naquela localidade eram alemães de Blumenau.

O surgimento deste balneário (figura 9) é explicado por Christoffoli (1997) como uma busca por um novo espaço social à beira mar, que não fosse Cabeçudas, que naquele período já tinha um grupo social frequentador consolidado. Na fala de Christoffoli:

Camboriú já nasce para atender uma demanda: daqueles que não conseguiam se estabelecer em Cabeçudas, e que buscavam construir um novo espaço social, tanto é que apenas dois anos após a construção da primeira residência de veraneio na praia, surge um hotel para atender as exigências mais simples do turismo. (CHRISTOFFOLI, 1997, p.54)

Figura 9 – Balneário Camboriú, 1958.



Fonte: <http://giseleschramm.com.br/?p=2225> Acesso em:

Assim, na década de 1920 surgiram as casas de veraneio e alguns estabelecimentos para atender aos turistas, porém não havia um planejamento de infraestrutura urbana para bem recebê-los. Uma estrada de acesso foi reclamada para ligar aquela praia à estrada geral da vila de Camboriú em 1934 (CHRISTOFFOLI, 1997, p.49), e apenas em 1950 receberam a instalação de energia elétrica (CHRISTOFFOLI, 1997, p.51). A Avenida Atlântica, à beira mar, que hoje dá fama à cidade de Balneário Camboriú (o balneário se emancipou de Camboriú em 1964) foi aberta apenas em 1959 (CHRISTOFFOLI, 1997, p.51).

Pode-se perceber com esta breve construção histórica que Balneário Camboriú se consolidou como um balneário estruturado para recebimento dos turistas apenas em meados da década de 50, sendo que nas décadas anteriores ensaiava passos de um espaço de lazer e lutava por sua permanência como tal.

A praia de Armação, no município de Penha, assim como Cabeçudas, foi uma das primeiras que se tem conhecimento a aceitar o banho de mar e veraneio como lazer em Santa Catarina. Sua utilização

para este fim se deu no início do século XX, contando com propaganda de disponibilidade de alojamento e alimentação para veraneio já em 1905 (RENAUX, 1995, p.189). Gustavo Konder apresentou esta praia como a única aproveitável, entre 1905 e 1912, para lazer, afirmando serem Cabeçudas, Itapema e Camboriú ainda inexploradas (KONDER, 1970, p.152).

Encontra-se em nota de jornal de 1905 o primeiro registro de uma família em banhos de mar em Cabeçudas (NOTÍCIAS, 1905, p.2), assim não se pode afirmar que esta era inexplorada. Porém, por já dispor de algum serviço para o fim do veraneio naquele mesmo ano a Praia de Armação parece ter sido mesmo explorada para fim de lazer antes de Cabeçudas.

Konder (1970) disse em uma crônica no periódico Blumenau em Cadernos que as primeiras famílias a veranearem em Armação foram os Régis, sua família por parte materna; os Konder, da parte de seu pai; e os Muller (de Lauro e Eugenio Muller), que passavam poucas semanas ali, pois residiam em sua maioria no Rio de Janeiro. O avô materno de Gustavo Konder possuía uma casa na Armação em estilo aporuguesado segundo ele. Ficaram gravadas em sua memória as ossadas de baleias deixadas nas areias após a desistência das empresas estrangeiras em continuar a pesca da baleia, a quantidade delas havia diminuído muito e não compensava continuar com esta atividade. A praia de Armação era o local onde havia uma das maiores armações baleeiras do sul do Brasil tendo sido assim divulgada e conhecida naquele período por grande parte do litoral catarinense, foi inclusive alvo de elogios de Visconde de Taunay que a visitou no final do século XIX e registrou seu encantamento em um livro. Partindo de Itajaí para chegar à praia de Armação, Gustavo e a família de sua mãe (Régis), percorriam um longo caminho demorando cinco horas para chegar à casa de praia do avô. O trajeto era o seguinte:

Atravessar o rio Itajaí por meio de uma grande balsa existente ao lado da antiga alfândega, a fim de aportar no bairro de Navegantes. Ali descia se para o sul até o pontal da barra – hoje denominada praia de Itajaí. Dava-se meia volta e rumava-se pela longa e silenciosa praia do Gravatá que terminava numa enorme pedreira. Ali existia uma picada, terra a dentro e por onde galgávamos alguns montes cobertos de floresta rasteira e raquítica. Ao atingir o último monte, justamente o

mais alto, avistávamos maravilhados a tão ansiada praia da Armação. (KONDER, 1970, p.152)

Não se sabe ao certo o desenvolvimento que a praia de Armação teve como balneário a partir da década de 1920 com o advento de outros balneários. Mas tem-se ao certo que foi uma das primeiras ocupadas em Santa Catarina para banho de mar e que esta prática foi iniciada por famílias alemãs. Porém, seu crescimento e transformações urbanas não foram ainda analisados o que gera uma carência de dados para poder realizar um estudo que a insira numa discussão mais ampla de representação social do lazer de veraneio.

Os primeiros registros de banho de mar em Florianópolis datam da passagem do século XIX para o século XX. Sabe-se que em 1899 Virgílio Várzea recebeu uma carta em que o remetente parecia incomodado com o fato de na Praia de Fora algumas casas serem voltadas com os fundos para o mar contrastando com as novas construções modernas que se voltavam para a contemplação marítima (FERREIRA, 1998, p. 50). Esta carta mostra que já havia assim, em uma das praias de Florianópolis uma aceitação da contemplação do mar e o reconhecimento deste espaço como ambiente do homem moderno. Várzea exaltava a Praia de Fora como a primeira estação balnear da capital, com o mesmo discurso de apoio ao novo hábito moderno da beira-mar:

A Praia de fora, segundo Varzea, era o “Botafogo catarinense”, o primeiro “bairro de linha”, o bairro “chic”, o bairro aristocrático. E isso se dá pelo “luxo, estética e arte de suas construções, pelos seus habitantes e por sua paisagem natural”.

“Distingui-se tanto a Praia de Fora dos demais pontos da cidade, que até a vida catarinense dir-se-ia ter aí outro aspecto, outras tintas, outras modalidades, revelando-se o bairro, na capital provinciana, como um todo à parte, mais culto, mais artístico, mais civilizado.” (FERREIRA, 1998, p.51)

Ocuparam para veraneio a Praia de Fora alguns industriais de Florianópolis de famílias portuguesas (como os Vilela, Vinhas e Fialho) e alemãs (como Hoepcke, Hackradt e Schutel) (FERREIRA, 1998, p.52). Além desta praia, a continuação de sua extensão conhecida como Pedra Grande também se desenvolveu como balneário no início do

século XX. Em 1909 anunciou-se em nota de jornal o Pavilhão Ano Novo naquela praia oferecendo serviço de pernoite, alimentação e um botequim (FERREIRA, 1998, p.54). Esta região se desenvolveu pela facilidade de acesso, na Pedra Grande ficava o ponto final da linha de bonde.

Porém, eram apenas estas duas praias citadas anteriormente que desfrutavam do privilégio da facilidade de acesso, quase toda a ilha apresentava atraso neste aspecto. Em 1918 sonhava-se em melhorar as vias de comunicação com o interior da ilha com uma linha de bonde elétrico no qual se pudesse ir à Canasvieiras e Ingleses (FERREIRA, 1998, p.60). Porém, em 1930, quando foi terminada a construção do Hotel Balneário de Canasvieiras ainda não havia energia elétrica naquela região (FERREIRA, 1998, p.80).

Com a implantação da Ponte Hercílio Luz, em 1926, ligando a ilha ao continente houve o desenvolvimento de Coqueiros (figura 10) e Ponta do Leal como balneários (FERREIRA, 1998, p.70). Na década de 1940 estas duas áreas deixaram de ser de São José e passaram a pertencer à Florianópolis, e desde aqueles anos até meados de 1960 foram os balneários preferidos da elite da capital (FERREIRA, 1998, p.86).

Figura 10 – Praia das Saudades - Coqueiros, 1951.



Fonte:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=534595873219562&set=a.534595869886229.127032.528286190517197&type=1&theater>. Acesso em: 17/01/2014

Ferreira (1998) encontrou um fator que possivelmente colaborou para o isolamento de Florianópolis da rota de veraneio nos anos anteriores a 1970. Para ele a capital catarinense, devido as vias de

comunicação, estava distante dos centros de grande concentração demográfica do sul do Brasil (Curitiba e Porto Alegre) e do próprio estado de Santa Catarina, sendo que tal orientação se dá para as praias do litoral norte como Piçarras, Camboriú, Barra Velha e Ubatuba (FERREIRA, 1998, p.111). Essa situação só é modificada na década de 1970 quando há um investimento para o turismo em Florianópolis e com a instalação da sede da Eletrosul e Universidade Federal de Santa Catarina nesta cidade que trazem consigo um contingente de famílias de classe média vindas de outros estados para aqui residir (FERREIRA, 1998, p.111).

Em todos os históricos construídos acima se pode perceber uma predominância dos grupos de industriais alemães fazendo uso das praias do litoral norte de Santa Catarina para o lazer de veraneio e, além disso, aproveitando-se desta nova prática no estado para adquirir terras nestas praias que posteriormente com a popularização do veraneio poderiam ser comercializadas em bom preço. Sobre esta ocupação de industriais nos balneários, ao tratar da formação sócio-espacial do litoral de Santa Catarina, a professora Raquel Pereira afirmou: “(...) foram justamente os representantes da burguesia industrial das áreas de imigração os primeiros a possuir casas de veraneio em balneários próximos” (PEREIRA, 2003, p.116). Ao analisarmos a formação de Itapema, Cabeçudas, Armação, Balneário Camboriú e até mesmo parcialmente (devido a marcada presença de portugueses) as praias de Florianópolis como estações balneárias é possível destacar certa predominância alemã. Ubatuba, apesar de não se ter muitas informações, possivelmente também compartilhe deste grupo, pois recebia veranista de Joinville, cidade de colonização germânica.

O professor Sílvio Marcus de Souza Correa, do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina, realizou uma pesquisa sobre a germanidade nas praias do Rio Grande Sul, e apresentou alguns resultados obtidos com a publicação do artigo: “Germanidade e banhos medicinais nos primórdios dos balneários do Rio Grande do Sul” (2010). Correa (2010) atestou que os alemães foram pioneiros na prática do banho de mar no Rio Grande Sul, e acrescentou que o banho de mar era comum a este grupo quando ainda estavam na Europa. Os banhos de mar eram uma prática importante para a manutenção da saúde assim faziam uso dos mares do Norte e do Báltico por suas águas geladas serem mais indicadas à este tratamento. Quando imigraram para o Brasil, os alemães, já faziam uso do banho de mar para tratamento médico e os grupos mais tardios estavam habituados ao lazer de veraneio. Desenvolveram, então, no Brasil, a prática do banho de mar

para tratamento médico e lazer. A análise de Correa (2010) sobre as condições que possibilitaram que os alemães desenvolvessem a prática do banho de mar no Rio Grande do Sul é interessante por se aproximar das condições dispostas em Santa Catarina:

Considerando o número expressivo de membros da comunidade alemã no Rio Grande do Sul desde o último quartel do século XIX, sobretudo os comerciantes e industriais da capital e de cidades como São Leopoldo e Santa Cruz do Sul, pode-se inferir que os imigrantes alemães foram os pioneiros, embora não exclusivamente, da vilegiatura marítima no Rio Grande do Sul. Esse pioneirismo, porém, não deve ser compreendido só por fatores internos, tanto econômicos quanto culturais, da comunidade alemã do Rio Grande do Sul. Como apontou o médico Robert Avé-Lallemant (1980, p.415) em meados do século XIX, os imigrantes alemães encontraram no sul do Brasil uma legislação liberal, favorável à iniciativa privada, que raramente se poderia usufruir em qualquer parte da Alemanha. Além disso, constatou o viajante que os imigrantes alemães, diferentemente dos ingleses e franceses, não eram chauvinistas, e isso facilitava seus negócios no Rio Grande do Sul. (CORREA, 2010, p.181)

O Litoral norte catarinense também apresentou um número expressivo de membros da comunidade alemã, principalmente em Joinville, Blumenau, Brusque e também Itajaí que por se localizar na foz do Rio Itajaí Açu atraiu muitos comerciantes e industriais para esta cidade com interesse de importar as novidades da Europa e exporta sua produção. Não houve no estado, até a Segunda Guerra Mundial, algum impedimento para que os alemães desenvolvessem seus negócios, pelo contrário, ocupavam posição de prestígio à medida que se sobressaíam economicamente. No vale do Itajaí eles foram os fundantes da indústria têxtil que trouxe benefícios para o estado, até hoje Brusque é considerada um grande polo têxtil do Brasil. O que se quer dizer é que não foi apenas a condição cultural que possibilitou o desenvolvimento da prática do banho de mar para lazer no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, mas um conjunto de condições que incluem também a economia e a política.

Mesmo com a aceitação do banho de mar para lazer no início do século XX foi apenas na década de 1930 que esta prática foi realmente assimilada pela sociedade e estes foram os anos que surgiram várias reclamações acerca da negligência do poder público em dotar as praias com comodidades necessárias para a construção de balneários modernos com condições de atrair turistas para veraneio.

Assim, após analisar o histórico de formação de alguns balneários de Santa Catarina, pode-se afirmar que as exigências realizadas de dotar os balneários de infraestrutura para recebimento de veranistas já haviam sido atendidas ou já estavam em processo de realização em Cabeçudas como se verá no próximo capítulo. O jornalista Crispim Mira, que costumava escrever sobre os balneários de Santa Catarina na década de 1920 registrou no jornal *O Commercio* uma comparação entre alguns balneários do estado e quanto a Cabeçudas é destacado que este é balneário mais “humano” e “civilizado” (MIRA, 1921, p.2). Nas palavras do jornalista: “Dentre as demais praias catarinenses é essa, nos seus dois palmos de graça, a mais humana e civilizada” (MIRA, 1921, p.2). Crispim Mira dizia que o abandono em meio à natureza, como no caso das praias sem infraestrutura urbana adequada para uma estação balneária, sufocava e afligia, mas exaltava o fato de Cabeçudas estar no meio termo, possuindo uma natureza prodigiosa, mas também à 10 minutos de todos os benefícios do centro urbano.

Não só lhe dá prestígio a praia branca e amiga, donde a vista joga-se infinitamente para o norte depois de esparecer-se, a um lado na crista do morro côncavo do Pharol e a outro na ponta montanhosa do Itapocoroy, senão também e sobretudo a circunstancia de estar a dez minutos desses hediondos aparelhos da civilização que se chamam correio e o telegrapho, o medico e a pharmacia, o homem da venda e o cinema. (MIRA, 1923, p.1)

Ferreira (1998) ao estudar as praias de Florianópolis reconheceu o pioneirismo de Cabeçudas, que pode não ter sido o primeiro a receber banhistas, mas certamente era o mais “civilizado”, dotado de melhor infraestrutura para recebimento de turistas, de todo o estado.

Cabeçudas, ao que tudo indica, foi, de fato, a primeira praia ocupada sistematicamente para fins de veraneio. Enquanto todo o litoral catarinense

encontrava-se praticamente despovoado, a praia itajaiense já apresentava, em 1930, progressos inerentes a uma estação balnear (...).

Enquanto na capital do Estado os habitantes frequentavam apenas as praias do perímetro urbano, em Itajaí a elite já contava com “confortos para o homem civilizado” na “elegante” praia de Cabeçudas, que já apresentava confortáveis hotéis. Podemos perceber que a elite itajaiense aderiu mais cedo à moda do veraneio do que a de outras cidades catarinenses. A imprensa usava exemplos para reivindicar a “civilização”, que era oferecer conforto na praia ao homem civilizado. (FERREIRA, 1998, p.99)

Sobre este pioneirismo de estação balnear é interessante que Gustavo Konder quando escreveu sobre a Praia de Armação (KONDER, 1970, p.152) deixou claro que esta foi a primeira da região do litoral norte a receber veranistas, pois era a única aproveitável, mas em sua crônica sobre Cabeçudas reconhece esta praia como balneário pioneiro: “Como encerramento de crônica, devo esclarecer que o balneário de Cabeçudas foi o pioneiro de todos os balneários existentes no nosso pujante estado de Santa Catarina” (KONDER, 1971, p.109). Não há dúvida, portanto, em relação ao pioneirismo de Cabeçudas como balneário de veraneio em Santa Catarina.

Com as informações obtidas procurou-se compreender quais foram os primeiros balneários de veraneio catarinense, quais os grupos que frequentavam e estimulavam este lazer e como se deu o investimento do governo para viabilizar este turismo.

4. A FORMAÇÃO SÓCIO-ESPACIAL DO BALNEÁRIO DE CABEÇUDAS

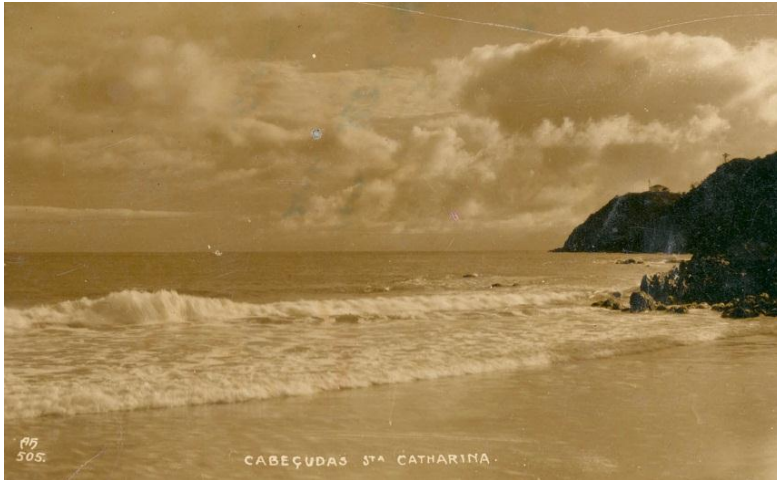
4.1 A ENSEADA DE CABEÇUDAS

4.1.1 O nome

Desde antes da fundação do Município de Itajaí em 1860, a Enseada de Cabeçudas já era conhecida dos navegadores que desejavam entrar no rio Itajaí ou aportar na cidade. Era comum que em dias com o mar bravio e cheias as embarcações ancorassem em Cabeçudas, ou Sacco da Dyonisia, como também foi denominada tal região de paragem (JORNAL O DIA, 1911). Sobre este segundo nome não se sabe o motivo de seu emprego, mas acerca de “Cabeçudas” pode-se supor que se remeta ao morro onde está o antigo farol construído em 1902. Marcos Konder em monografia de título “O município de Itajahy”, apresentada em 1927 disse que a denominação Cabeçudas se deu “por causa do cabeço do morro, onde se erige um pharol (...)” (KONDER, 1927, p.6) ilustrado a seguir na figura 11.

Na publicação de 1816, “Memória política sobre a capitania de Santa Catharina” escrita por Paulo Joze Miguel de Brito, há menção a esta ponta cabeçuda: “O porto de Tajahi he pequeno e pouco frequentado por não haver ali povoação, mas he seguro e abrigado, e pode vir a ser de transcendente utilidade como ao diante direi: a sua entrada he entre o pontal do norte e a ponta cabeçuda do lado do sul, com 6 a 7 braças de fundo (...)” (BRITO, 1816, p.35). O jornal “O Conservador”, de 24 de maio de 1899, também utilizou “Cabeçuda”, com a palavra no singular.

Figura 11 – Morro do Farol, Ponta Cabeçuda, 1945.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí - (P045.10.547). Fotógrafo: Armin Henkel. Álbum da L.P.L.N. (Liga Pró Língua Nacional) Vicente Licenio Cardoso.

Assim, se poderia afirmar que inicialmente o nome daquela localidade foi associado à ponta de um morro especificamente. Contudo, em 1862 uma nota de jornal (*O MERCANTIL*, 1862) chamou a enseada de Cabeçudas, no plural, como atualmente. Um mapa das colônias alemãs em Santa Catarina do ano de 1867 identificou a enseada com uma ancora, portanto local de paragem, e com o nome “Cabeçudos” (KREPLIN, 1867). Se for levada em consideração esta suposição de referência ao morro do farol, a versão utilizada até hoje possivelmente foi transmitida pelos embarcados que poderiam avistar do mar outra ponta como a do farol ao seu lado, o morro da Praia do Morcego. Ou ainda, poderia se referir aos diversos montes cobertos por vegetação e pedra, conforme a interpretação de Hermes Justino Patrianova que dedicou-se ao estudo do nome de Itajaí (PATRIANOVA, 1986).

Entretanto, nas entrevistas realizadas a maioria dos entrevistados disse que o nome Cabeçudas está relacionado a uma espécie de tartaruga encontrada naquela região. Alguns entrevistados contaram que era comum dizer: “Vamos lá nas cabeçudas” ou “Vamos lá pegar as cabeçudas”, referindo-se à pesca daquelas tartarugas (HEINZ, 2013), (MARIA, 2013).

4.1.2 A enseada

Em 1862 uma embarcação trazendo colonos que desembarcariam em Itajahy foi forçada pelo mau tempo a permanecer ancorada por três dias naquela enseada (O MERCANTIL, 1862). O senhor José Rolino Alves Serpa, naquela ocasião, responsável pelos colonos, arcou com mais de 200 mil réis para a alimentação do grupo (O MERCANTIL, 1862). O requerimento para ressarcir sua despesa que fez ao sr. dr. Brusque, principal responsável pela viagem, não foi atendido de imediato. Não se sabe exatamente como a compra de mantimentos era realizada nestas condições.

Esta situação, de embarcações com colonos ancorarem em Cabeçudas provavelmente não era rara, há inclusive um trecho no livro “Verde Vale” de Urda Klueger, obra fictícia, que conta a chegada de imigrantes na enseada de Cabeçudas com destino à Colônia de Blumenau: “Numa manhã de fevereiro de 1857, a família Sonne desembarcou no Brasil, na foz do Rio Itajaí-Açu, mais precisamente na praia de Cabeçudas, com destino à Colônia Blumenau” (KLUEGER, 1994, p.21). Juventino Linhares, jornalista de Itajaí nascido no final do século XIX contou em crônica sobre Itajaí que após a Primeira Guerra Mundial, em 1914, o primeiro navio alemão a chegar nesta cidade ancorou em Cabeçudas e trazia consigo “uma grande leva de imigrantes” (LINHARES, 1997, p.284). Os passageiros e suas bagagens foram levados em lanchas e botes, com o auxílio de um rebocador, até o trapiche da firma Konder (LINHARES, 1997, p.284), mais uma vez se percebe que era comum a ancoragem naquela enseada.

O vapor alemão “Numidia” que em 1904, ao transportar material metálico para a ponte sobre o rio Itajaí-mirim, nas proximidades da sede da Vila de Brusque, teve que aguardar um vapor menor que faria a condução pelo rio (VAPOR, 1904). Linhares contou que alguns navios aguardavam no mar por horas e até por dias a autorização para entrada no rio, esta resposta era dada por um posto de sinalização que ficava na Atalaia, estendendo uma bandeira vermelha (LINHARES, 1997, p.10). Esses problemas com a entrada de embarcações pela foz do rio prejudicava a economia de todo vale. Muitos navios que buscavam e traziam mercadorias acabavam desistindo desta paragem e partiam para outro porto.

4.1.3 O porto e Cabeçadas, um porto em Cabeçadas

Em 1902, o governo municipal já havia adquirido material para tomar algumas providências que atenuassem os problemas de entrada das embarcações no porto (JORNAL O DIA, 1902). Pretendia-se fazer uma “estacada” na margem direita do rio para o direcionamento de suas águas, e a construção de um cais (JORNAL O DIA, 1902). Naquele mesmo ano, Lauro Muller, nascido em Itajaí, foi convidado pelo Presidente da República Rodrigues Alves para assumir o cargo de Ministro da Viação, e tomou para si a responsabilidade de encontrar uma solução para o problema do porto de Itajaí. Lauro Muller enviou à cidade uma comissão de engenheiros para estudar o local e sugerirem melhoramentos (KONDER, 1971, p.108).

O plano apresentado foi: “A construção de um cais acostável, a começar pelo antigo trapiche Olímpio Miranda a atual banca de peixe, ao lado do mercado, para em seguida construir o comprido espigão de pedras, dividindo a enseada da Fazenda, até frontear-se com o antigo hospital Santa Beatriz (...)” (KONDER, 1971, p.108). O projeto dos engenheiros enviados por Lauro Muller se parece com o plano que havia sido anunciado pelo governo municipal, exceto pelo fato de não sabermos exatamente onde seriam dispostas as “estacadas” propostas. No plano de Muller, a contenção no Saco da Fazenda seria realizada de forma que as águas marítimas ali não entrassem impetuosamente desvirtuando as embarcações. Linhares resumiu de forma objetiva o plano dessas obras:

(...) construção do guia-corrente que, partindo do trecho de cais que já existia em frente à praça Vidal Ramos, seguiria na direção do Hospital, evitando, desse modo, que as águas fluviais se espriassem pelo Saco da Fazenda, o que fazia reduzir o impacto de encontro ao pontal que, em certas épocas de estiagem prolongada avançava de tal modo sob a barra que quase impedia o acesso de navios maiores ao porto. (LINHARES, 1997, p.125)

As obras planejadas pelos engenheiros possivelmente começaram em 1906, entretanto, ao seu término não se obteve o resultado esperado. Em 1911, quando algumas embarcações procuraram ajudar no salvamento de pessoas devido a uma enchente no Vale do Itajaí, foram impedidos pela força das águas na foz do rio (JORNAL O DIA, 1911).

A correnteza atemorizava os marinheiros. No ano de 1915, em uma mesma semana ocorreram três naufrágios, um lanchão que se chocou contra o costão da Atalaia, o veleiro “Brusque” partindo para o Rio de Janeiro carregado de madeira que teve o cabo que o prendia ao rebocador arrebentado deixando-o ser castigado pelas ondas, e o vapor “Anna” com cargas e passageiros que encalhou na barra (LINHARES, 1997, p.298). As obras realizadas na barra não resolveram o problema e a economia itajaiense estava ameaçada:

Ante esse quadro desolador que apresentava a entrada do porto pontilhado de mastros de navio encalhados, outros comandantes que para aqui aprovavam suas naveas, consideravam de maior prudência desembarcar seus passageiros na enseada de Cabeçudas e deixar as cargas na escala mais próxima. Alguns navios de linha regular optaram pela desistência da passagem por Itajaí. E a cidade, sem o movimento portuário, viu-se, repentinamente, isolada e empobrecida. E o horizonte do nosso porvir recobriu-se novamente com negras sombras e os clamores do desalento voltaram a perturbar os nossos pensamentos. (LINHARES, 1997, p.298)

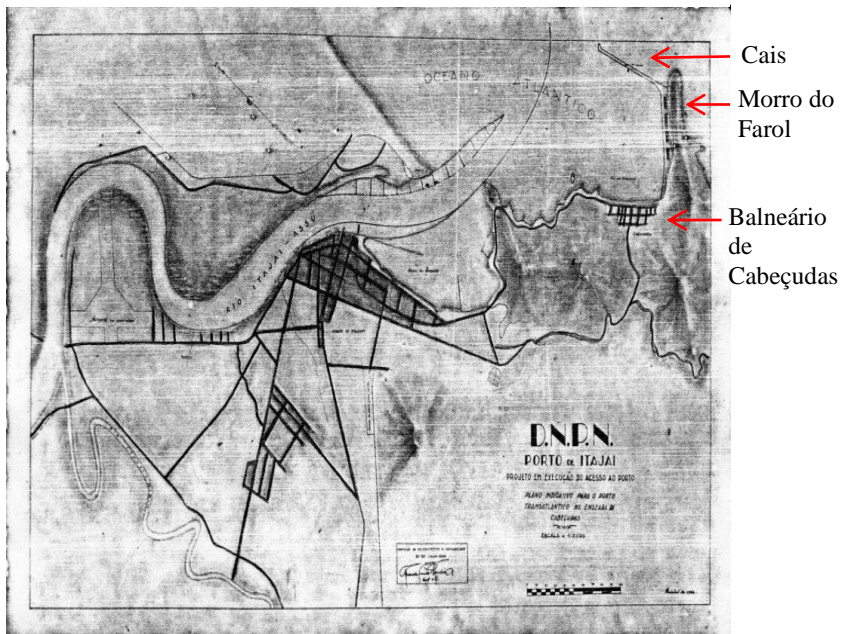
Os planos de Lauro Muller para Itajaí eram ousados, o Ministro da Viação desejava que a estrada de ferro Santa Catharina ligasse a Itajaí à Argentina, assim o porto itajaiense seria o escoadouro das mercadorias do país vizinho e de boa parte da produção catarinense (BRANDÃO, 1981, p.41). O projeto incluía obras da estrada de ferro e ampliação do porto de Itajaí que foi idealizado em Cabeçudas. João Pery Brandão contou esta situação em suas memórias:

A Itajaí se prognosticava um grande futuro, que era sua ligação por estrada de ferro ao Peperiguassu, fronteira com a República Argentina, cortando todo o estado de Santa Catarina de leste a oeste. Teria como porto escoadouro a nossa cidade, ou melhor, estudava-se fazê-lo em Cabeçudas, em pleno oceano, a fim de aceitar a demanda dos navios de grandes calados. Pretendiam utilizar o remanso junto ao morro do Farol, na altura do atual Iate Clube, com a construção de um molhe em direção à Pedra

Santa Tereza, para proteção das embarcações ancoradas. (BRANDÃO, 1981, p.41)

Há um mapa (figura 12), que foi disponibilizado em rede social identificado como o plano deste porto em Cabeçadas. Não se sabe se ao certo se ele realmente confere com o planejamento de Lauro Muller em meados da década de 1910. Porém, ainda que seja posterior, refere-se a instalação de um cais naquela praia, soando como vestígios do plano do ministro Muller.

Figura 12 – Um porto em Cabeçadas, s/data.



Fonte:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=381639548622942&set=oa.537419892987765&type=1&theater>. Acesso em: 01/03/2013. Nota: Inscrição no mapa - “D.N.P.N.”; “Projeto em execução de acesso ao porto. Plano indicativo para o porto transatlântico na enseada de Cabeçadas”. Imagem modificada pela autora.

Com estas informações pode-se deduzir que a abertura da estrada de acesso à Cabeçadas ligando-a ao centro de Itajaí não foi somente um aproveitamento para o balneário como foi descrito na obra de Juventino Linhares (1997, p.127). A estrada de ferro foi inaugurada em 1909 em

Blumenau com vistas de extensão para Itajaí (ESTAÇÕES, 2013). O governo estadual enviou verba em 1912 para manutenção da estrada de acesso que liga Itajaí a Cabeçudas sendo que a estrada havia sido aberta no ano anterior (AO THESOIRO, 1912). O governador Vidal Ramos visitou Cabeçudas em 1913 com uma comitiva da qual um dos integrantes era um dos responsáveis pela estrada de ferro, Telasco Vereza (VIAGEM, 1913). No ano de 1917 o renomado engenheiro Paulo de Frontin viu plantas do porto e do abastecimento de água em Itajaí, antes de partir para Blumenau visitou Cabeçudas (O DR. FRONTIN, 1917).

Possivelmente a aquisição de terrenos naquela praia por industriais de Brusque e Blumenau não tenham sido somente para veraneio. É provável que já tivessem em vista os benefícios que trariam possuir um imóvel à beira de um porto que escoaria boa parte da produção do sul do Brasil. Entretanto a primeira guerra mundial impediu o desenvolvimento das obras para tal empreendimento.

Os planos para um porto em Cabeçudas incluíam a abertura de ruas, em um traçado regular que posteriormente foi seguido. A utilização deste traçado reticulado não é ao acaso, mas representa o desejo de modernidade, racionalidade, em oposição aos modelos orgânicos vistos em várias partes do Brasil. As vantagens do traçado reticulado eram: “a rapidez, a simplicidade, e a racionalidade do parcelamento do solo, já que a comercialização dos lotes passa a adquirir uma parceria com o delineamento proposto para a futura cidade” (YUNES, 1995, p.40). Além disso, a retícula permitia facilidades de instalação de outros aspectos da estrutura urbana “como o abastecimento de águas, saneamento, higiene, iluminação, alinhamentos e regularização de lotes” (YUNES, 1995, p.40). Como se pode perceber, apesar do projeto do porto não ter sido realizado colaborou para o planejamento e desenvolvimento do balneário.

4.2 O SURGIMENTO DO VERANEIO EM CABEÇUDAS

4.2.1 Os pescadores

Não foi encontrado registro de alguma colônia de pescadores significativa em Cabeçudas. Quando se encontram relatos acerca dos pescadores naquela localidade são descritos como um pequeno grupo, como no texto de Gustavo Konder: “(...) apenas algumas cabanas dos

pescadores solitários, com os seus respectivos barcos (...)” (KONDER, 1971, p.108). Assim também é a descrição de Juventino Linhares: “(...) Cabeçudas, linda praia deserta, onde morava meia dúzia de pescadores, castigados pela maleita e acabrunhados pelo abandono (...)” (LINHARES, 1997, p.29).

O fato de esta não ser uma grande colônia de pescadores não quer dizer que não tenham causado impacto na história do balneário. Em todas as entrevistas realizadas foram citadas diversas vezes as famílias de pescadores presentes em Cabeçudas.

Suas cabanas ficavam mais ao sul da praia (figura 13). O local onde atualmente está o “Cabeçudas Iate Clube” era conhecido como “portinho”, ponto de chegada das embarcações pesqueiras daquela localidade. Havia poucas residências ao longo da praia. As cabanas costumavam se adensar entre o portinho até a foz do ribeirão.

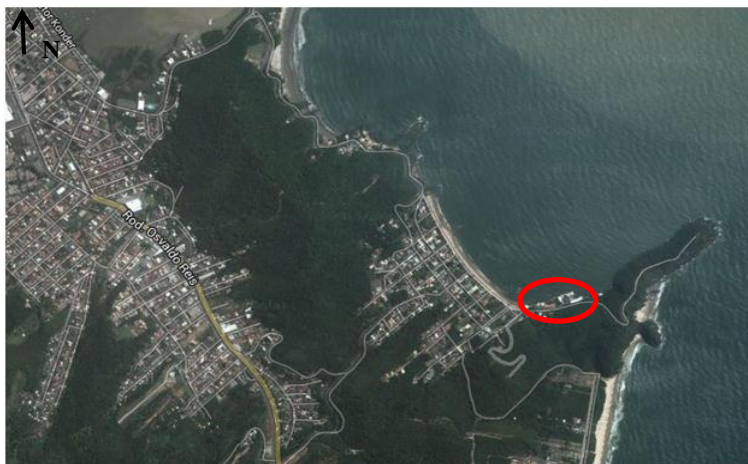
Figura 13 – Cabana de pescador ao sul da praia, década de 1930.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí – (058.13387).

Pode-se supor que no vértice da enseada (figura 14), onde estavam concentradas as cabanas dos pescadores, foi o ponto inicial da formação do povoado de Cabeçudas, não propriamente para as funções de balneário, mas como um centro necessário para a boa vivência dos moradores.

Figura 14 – Área de concentração dos pescadores. Vértice da enseada.



Fonte: Intervenção da autora sobre imagem do Google Maps (2013).

Naquela área da praia há o morro do farol que em várias imagens aparece com partes desmatadas, conforme a figura 15. Pode-se supor que esta prática se deu para dar acesso ao farol; devido ao combate a malária; e também, o que se acredita aqui ser mais coerente para as décadas de 1910 e 1920, depois de realizadas todas as pesquisas, o cultivo de alimentos em roças para subsistência das famílias de pescadores.

Figura 15 – Morro desmatado para o cultivo de roça.



Fonte: Imagem cedida por Heinz Gustav Perau.

É nesta área de concentração dos pescadores, demonstrado na figura 16, que se instalou a primeira escola de Cabeçudas, em uma casa de madeira próxima da Igreja. Ali, na década de 1950 a prefeitura fez uma praça e havia um hotel com bar, venda, sorveteria e com promoção de bailes, era o hotel Cordeiro. Todas estas funções concentradas em uma área do balneário reforçam este caráter de centralidade de um povoado.

Para ir à escola em Cabeçudas, na década de 1930, a entrevistada dona Júlia contou que era necessário atravessar o ribeirão para chegar. A professora, que vinha do centro de Carona em um caminhão, tirava os sapatos quando chegava ao ribeirão, atravessava descalça e na escola os calçava novamente. Seria mais fácil se a escola estivesse localizada ao norte do ribeirão, entretanto, provavelmente, para as famílias de pescadores que estavam ao sul do ribeirão lhes convinha mais aquela posição. Em 1939 a escola foi transferida para um edifício de alvenaria em tijolos em outra localidade e o problema do ribeirão solucionado com sua canalização.

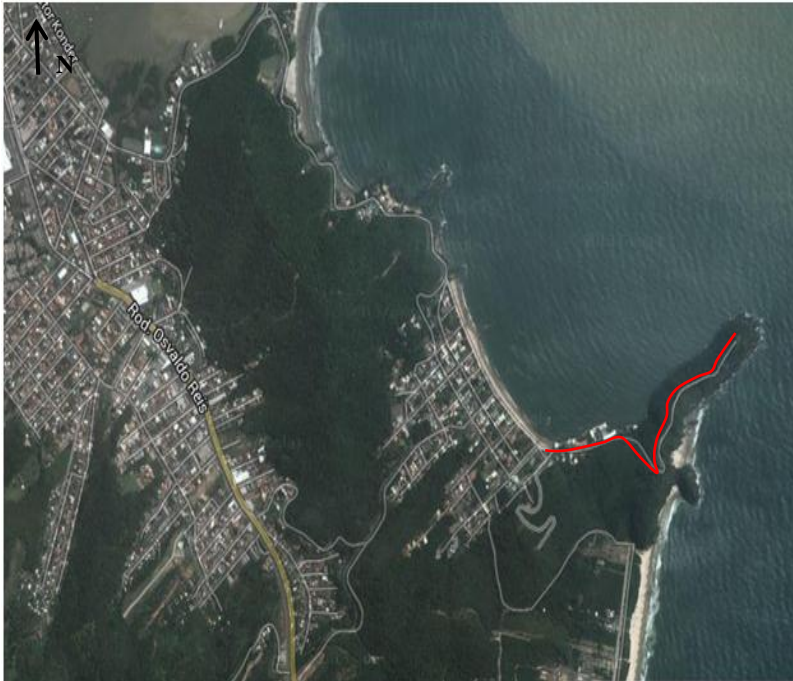
Figura 16 - Área de concentração dos pescadores.



Fonte: Intervenção da autora sobre imagem do Google Maps (2013).

Não se sabe ao certo quando a rua que atravessa esta área de concentração de pescadores, a atual Rua Samuel Heusi Junior (figura 17), foi aberta, porém, é provável que tenha se desenvolvido com a instalação do farol no morro que fica naquela proximidade.

Figura 17 – Estrada de acesso ao farol de Cabeçadas.



Fonte: Intervenção da autora sobre imagem do Google Maps (2013).

Depois de inaugurado em 1902, o farol passou a ser local com algum movimento, havia o faroleiro e sua família que precisavam se deslocar, os técnicos que lá iam para realizar reparos, e os visitantes que eram atraídos por uma prática consagrada nos balneários pelo ideal romântico: o passeio ao farol (figuras 18 e 19).

Figura 18 – Excursão de Professores do Grupo Escolar Floriano Peixoto a Cabeçudas. Estrada de acesso ao farol, 1953.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí – (042.10258).

Figura 19 – Visita ao farol de Cabeçudas, possivelmente década de 1960.



Fonte: Imagem cedida por Ligia Leal.

Em algumas fotos onde aparecem pescadores em Cabeçudas, a cena registrada é pitoresca. Estes trabalhadores sempre são flagrados em serviço e facilmente identificáveis devido às roupas que usavam, as calças eram curtas, as camisas largas e sempre usavam chapéu de aba larga para se protegerem dos raios solares (figura 20). Quando na foto aparecem os visitantes daquele recanto pode-se diferenciar ainda mais os dois grupos.

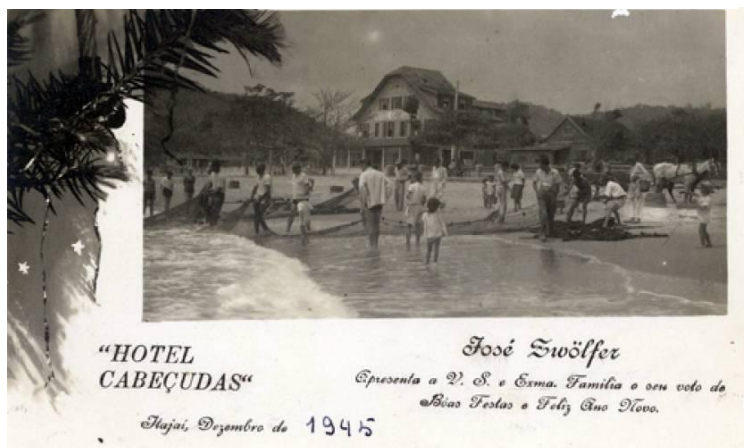
Figura 20 - Pescadores e família Herbst, década de 1920.



Fonte: Imagem cedida por Heinz Gustav Perau.

A cena curiosa, do trabalho dos pescadores, para olhos dos veranistas, chega a ser cartão postal do Hotel Cabeçudas no ano de 1945 (figura 21). A cada ano de melhoramentos e crescimento do balneário diminuía a presença de pescadores em Cabeçudas, até a atualidade ser raridade encontrá-los naquela praia.

Figura 21 – Cartão Postal do Hotel Cabeçadas, 1945.



Fonte: <http://clubedosentasitajaí.blogspot.com.br/2012/12/cartoes-de-boas-festas.html>. Acesso em: 17/01/2014

Conforme se explicou no capítulo “A formação social do espaço” o investimento na estrutura urbana faz com que algumas áreas residências se tornem mais elitizadas do que já são gerando uma segregação residencial por grupos de rendimento. Dentro deste conceito pode-se analisar o que aconteceu com o grupo de pescadores em Cabeçadas e também em diversos outros balneários.

Os melhoramentos realizados na estrutura urbana acarretam no aumento de alguns impostos. Quando Cabeçadas começou a receber melhorias em sua infraestrutura deixou de ser área rural para se tornar área urbana (ITAJAÍ, 1928, p.87), o que resultou em um aumento do imposto cobrado. Além disso, logo veio a instalação da energia elétrica que gerou a taxa de iluminação pública (ITAJAÍ, 1926, p.59). Para estas cobranças era necessário que os terrenos estivessem devidamente cadastrados, da mesma forma que as edificações, esta burocracia trazia consigo novos custos.

Imagina-se que famílias de pescadores que sobreviviam alimentando-se do que plantavam em pequenas roças e da pesca artesanal, vendendo ou trocando o pouco que lhes sobrava para adquirirem os bens necessários que não produziam, não teriam condições de arcar com todos estes novos custos para permanecer nos balneários. Possivelmente a maioria destas famílias tenha, com o passar

do tempo, trocado de profissão e abandonado os balneários. Sérgio Luiz Ferreira fez uma análise desta transformação nas praias de Florianópolis:

A especulação imobiliária tirou o sossego, a morada, o lugar de recreio e de trabalho do pescador. Tirou-o da pesca e da roça e colocou-o como vigilante e chacareiro do “pessoal da cidade”. As suas embarcações deixaram de pescar para levar turistas a passeio, passando, na maioria das vezes, de proprietários a zeladores das embarcações. O ilhéu do interior deixou de ser tão dependente da “bondade” do tempo e do mar para ser dependente da cidade e de seu habitante, deixou de plantar cebola verde para ir compra-la no Mercado Público. (FERREIRA, 1998, p.112)

Entretanto, não se pode criar um discurso maniqueísta em que os pescadores são vítimas da especulação imobiliária, que por sua vez é a vilã da história. Certamente eles foram prejudicados no sentido da inviabilização da continuidade da pesca artesanal, mas pode-se perceber com uma afirmação de Corbin (1989) que os pescadores foram seduzidos pela cultura do homem moderno e passaram a desejar fazer parte dela, assim como os banhistas:

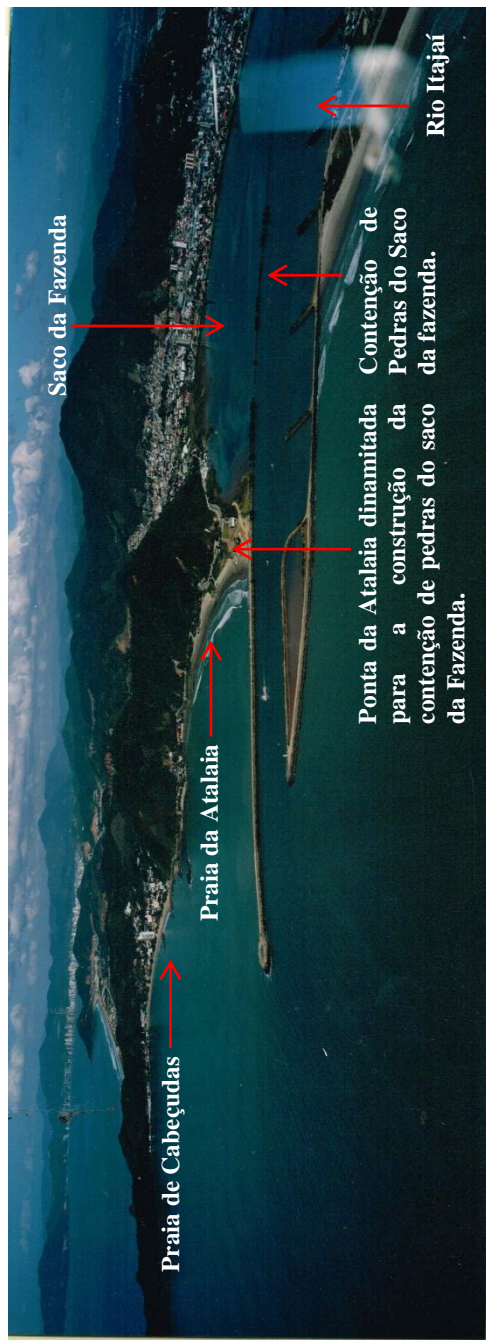
O espetáculo dos ricos instalados no hotel de banhos, cujos gestos, mímicas e até trejeitos eles gostavam de contemplar, suscita novos desejos entre os pequenos pescadores e novas “vontades” entre suas mulheres. Inclusive, algumas crianças desse povo ameaçado nascem já com um aspecto de banhistas. (CORBIN, 1989, p.234)

Assim, Cabeçudas que possuía um pequeno grupo de pescadores concentrados na parte sul da praia, com o passar dos anos foi desaparecendo devido a influências econômicas e culturais. A agricultura de subsistência tornou-se inviável naquela localidade desaparecendo as roças que eram cultivadas ao longo dos morros. O fim desta prática aliado à diminuta renda vinda da pesca artesanal inviabilizava o sustento das famílias. Muitos pescadores e suas esposas passaram a realizar outras atividades que demandavam do turismo de veraneio.

4.2.2 Estrada de acesso

As pedras utilizadas para a construção do espigão que delimitava a foz do rio com a enseada da Fazenda, hoje Saco da Fazenda, foram retiradas dos morros da praia da Atalaia até próximo a Cabeçudas (figura 22). Desta forma, as obras da barra contribuíram grandemente para o crescimento daquela praia, pois a extração de pedras dos morros possibilitou a abertura de uma estrada de ligação entre Itajaí e Cabeçudas, atualmente chamada Rua Deputado Francisco Evaristo Canziani (Figura 23). Em 1911 o jornal “O Dia” anunciou tal feito: “Brevemente teremos estrada franca para a Praia das Cabeçudas, estação de banhos de mar, esse melhoramento é devido as obras da barra e porto de Itajahy” (REVISTA, 1911).

Figura 22 – Vista aérea Praia de Cabeçadas, Praia da Atalaia e foz do Rio Itajaí.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí. Nota: Imagem aérea com intervenção da autora.

Figura 23 – Estrada que liga Itajaí a Cabeçudas



Fonte: Intervenção da autora sobre imagem do Google Maps (2013).

Juventino Linhares (1997, p.127) contou que para a extração das pedras da Atalaia foi instalada uma linha de trilhos em que corriam duas pequenas locomotivas que ligavam a sede do escritório que comandava as obras da barra até a Atalaia. Cada uma das locomotivas possuía entre 6 e 8 vagões que aos finais de sábado eram utilizados pelos rapazes como transporte até a Atalaia onde passeavam, outros conferiam o andamento das obras. Em uma dessas oportunidades Linhares (1997, p.127) ouviu o engenheiro Roberto Schiefler, naquele período responsável pelas obras, expondo para um grupo que as obras já estavam na metade e não se havia notado o resultado esperado para o curso das águas, foi então que Joca Brandão, que estava no grupo, sugeriu que para que todo aquele esforço de remoção das pedras não fosse em vão se seguisse com as atividades até próximo a Cabeçudas e ali se fizesse uma estrada de acesso. Cabeçudas, além de ancoradouro, já era conhecida como estação de banhos e belo recanto para passeio. Schiefler aceitou a ideia e abriu uma estrada, ainda estreita, por onde poderiam passar carroças e animais. Linhares considerou este engenheiro “o pioneiro na integração de Cabeçudas na paisagem urbana (...)” (LINHARES, 1997, p.127).

Christoffoli (2003) considera três hipóteses para a abertura desta estrada, sendo que as duas primeiras se referem às citações acima, para ele há uma possibilidade de que as obras foram realizadas no decorrer

das obras da barra; por influência de Joca Brandão na conversa com o engenheiro Roberto Schiefler; e por último sob comando de João Bauer (CHRISTOFFOLI, 2003, p.116). O escritor disse que nas entrevistas que desenvolveu percebeu que para o senso popular a estrada de acesso à Cabeçudas foi uma obra patrocinada por João Bauer (CHRISTOFFOLI, 2003, p.117), empresário de Brusque e um dos primeiros a possuir casa de veraneio naquela praia. Esta versão pode ser encontrada no relato de Eugenio Schauffert Neto no livro “Itajaí: Imagens e Memórias”: “Ao amanhecer do corrente século, o industrial e comerciante de Brusque, João Bauer, após patrocinar a abertura da estrada que liga Cabeçudas à Itajaí, ali construiu sua moradia de verão (...)” (NETO in SILVA, 1995, p.118). Apesar de Cristofoli considerar essas três hipóteses as duas primeiras não se anulam, pode ser que o engenheiro Schiefler tenha recebido a ideia de Joca Brandão e assim a abertura da estrada tenha sido considerada uma consequência das obras da barra. Registrado em jornal da época e, portanto, uma informação mais confiável é de que as obras da barra e do porto possibilitaram a abertura daquela estrada. Já a terceira hipótese que se refere ao patrocínio de João Bauer não se tem nenhuma referência em documentos da época, o que não anula a possibilidade do sr. Bauer ter se envolvido com tal empreendimento.

Pode-se acrescentar uma quarta hipótese que se relaciona com as duas primeiras, em que a abertura daquela estrada teria sido realizada para ligar Itajaí ao novo porto planejado para Cabeçudas. Para 1911 esta hipótese faz sentido já que a estrada de ferro foi inaugurada em 1909 em Blumenau e poderia ter chegado à Itajaí para cumprimento do projeto do porto.

Dois fatos curiosos ocorridos durante estas obras para a construção da contenção de pedra do Saco da Fazenda são a descoberta de uma caverna, ao pé do morro, com uma das entradas pela praia, em cujo interior havia uma formação rochosa que se assemelhava a um oratório (JORNAL O DIA, 1907). O local atraiu muitos visitantes. O segundo fato refere-se a um ponto turístico presente até hoje na cidade, o Bico do Papagaio ou Pedra do Bico como chamou Gustavo Konder ao identificá-la como uma pitoresca lembrança do trabalho das pedreiras (KONDER, 1971, p.108).

Quanto a origem desta pedra em forma de pássaro existem algumas discussões polêmicas, até mesmo sobre seu formato estar relacionado ao nome da cidade. Segundo Hermes Justino Patrianova (1986) o pássaro de pedra a caminho de Cabeçudas foi erroneamente chamado de Bico do Papagaio. Esta formação, que ele diz ser obra da natureza e não causada pela explosão de pedras daquela localidade, na verdade é um pássaro denominado pelos indígenas de Jaó, sendo este um Jaó-de-Pedra, com a combinação das palavras em tupi: Ita (pedra), Jaó (determinada espécie de pássaro) e Y (água, rio) chega-se a formação do nome Itajahy. Mas esta pesquisa é questionável em muitos pontos, um deles em especial é a afirmação de que a pedra em forma de pássaro era anterior às obras empreendidas naquele local. Silveira Júnior, ao realizar um estudo em 1949 sobre estes nomes ouviu pessoas que lhe garantiram que o formato daquela pedra com bico de pássaro resultou de desbastes sofridos durante as obras que deram acesso a Cabeçudas (JÚNIOR, 1989, p.23). Este fato também é confirmado através de uma história contada pelo senhor Ivo Pereira, ele afirmou que Marcos Konder lhe contou por várias vezes em como ajudou a conservar aquela pedra no formato em que se encontra, pois havia alguns que a achavam um perigo para os que ali passavam e que deveria ser detonada como as demais (FLORIANO, 2012, p.54). Diante de tais invocações Patrianova permaneceu firme em sua descoberta:

Um pássaro de granito que aflorou na ponta de um Morro de ardósia nunca poderia ter sido produto de dinamitação, mesmo porque a pedra mole que chegava até as proximidades do pássaro granítico não deve ter sido dinamitada, para ser removida e passar a Via Francisco Canziani, onde já era ‘carreiro’ dos índios Carijós (PATRIANOVA, 1986, p.50).

Sendo o pássaro obra de uma explosão ou não, ele se tornou um ponto turístico da cidade que até hoje é procurado por sua singularidade. O que importa realmente é que a abertura daquela estrada de acesso a Cabeçudas contribuiu grandemente para seu desenvolvimento como balneário ainda que as obras de um porto naquela praia não tenham sido levadas adiante.

4.2.3 Hotel Herbst

A presença de banhistas e a abertura da estrada de acesso tornaram viável a instalação do Hotel Herbst no ano de 1911 em Cabeçudas. Paul Herbst e sua esposa Maria Herbst (da família Ritter ou Richter) proprietários deste hotel possuíam anteriormente um bar e restaurante em Blumenau de nome “Zum Lustigen Zacken” (KONDER, 1971, p.109). Não se sabe ao certo o motivo que os levou a se mudarem daquela cidade para Cabeçudas, local isolado. Konder (1971) afirmou que o Hotel na praia foi um conselho dado ao casal pelos técnicos da Estrada de Ferro Santa Catarina, o que faz muito sentido se for relacionado ao plano que havia de ligar a Argentina à Itajaí por meio da estrada de ferro e fazer de Cabeçudas um grande porto. Mas Heinz, neto de Paul Herbst, contou que os avós possuíam em Blumenau uma oficina onde montavam charretes e carroças, e por estarem cansados das constantes enchentes naquela cidade, procuraram um lugar melhor para viver (HEINZ, 2013).

As informações obtidas apontam para a chegada do casal naquela praia no ano de 1911. É certo que em 1912 já estavam instalados ali, pois um cartão postal com o nome de Paul Herbst apresentado por Christoffoli mostrou a selagem do correio com data de 16 de janeiro de 1912 (CHRISTOFFOLI, 2003, p.110). Christoffoli realizou outra descoberta neste postal, ao lado de Cabeçudas está a palavra alemã “Erholungsheim” cujo significado é local de descanso, repouso, mostrando assim a função à que aquele balneário se encarregava (CHRISTOFFOLI, 2003, p.110). A casa que compraram era uma simples edificação de madeira, anteriormente residência de um pescador (figura 24).

Figura 24 – Primeira residência da família Herbst em Cabeçadas, 1912.



Fonte: Imagem cedida por Heinz Gustav Perau.

Nos registros de imóveis há a certificação da compra de um terreno realizada por Paul Herbst, no ano de 1923. A propriedade pertencia a Pedro Burghardt e contava com 968m², 22m de frente e 44m de fundo, sendo as divisas as seguintes: “ao Norte com marinhas do oceano, ao Sul com terras de herdeiros do falecido José Caldeira, a Leste com herdeiros de Jorge Boettger, e a Oeste com terras de Norberto Bakcmamm, e uma casa construída de madeira e de tijolos encravada no terreno”¹ (figura 25). Em outro registro, de 1925, Herbst aparece como o transmitente do terreno que é passado à Guilherme Pawlowsky com 660m², tendo de frente 11m e de fundos mais ou menos 60m².

Herbst não aparece em nenhum outro registro como adquirente ou transmitente, mas é diversas vezes indicado em divisas. A partir da coleta dessas informações foi possível identificar parte do terreno pertencente a Herbst, onde estava seu hotel. Sabe-se que o hoteleiro chegou a negociar outros terrenos, mas não foi possível precisar suas localizações.

¹ Certidão de Transcrição: 1º Ofício de Registros de Imóveis, Comarca de Itajaí. Número de ordem 1.016, 20 de junho de 1923. Consta nos anexos de CHRISTOFFOLI, 2003.

² Certidão de Transcrição: 1º Ofício de Registros de Imóveis, Comarca de Itajaí. Número de ordem 1.259, 12 de fevereiro de 1925. Consta nos anexos de CHRISTOFFOLI, 2003.

Figura 25– Terras de Paul Herbst.



Fonte: Intervenção da autora sobre imagem parcial do mapa de Cabeçudas produzido pela Empresa de Topografia Urbanismo e Construções com data de 1946. Nota: Destaque em vermelho para terreno de Paul Herbst adquirido entre as décadas de 1910 e 1920.

Os limites das terras do hotel Herbst, após a negociação realizada em 1925, com a venda de parte do terreno inicial para Guilherme Pawlowsky eram, portanto: ao sul com Guilherme Pawlowsky e Osvaldo Otte, e ao norte com Alexandrina Carolina de Jesus (figura 26).

Figura 26 – Terras vizinhas de Paul Herbst (Norte/Sul).



Fonte: Intervenção da autora sobre imagem parcial do mapa de Cabeçadas produzido pela Empresa de Topografia Urbanismo e Construções com data de 1946. Nota: Destaque em vermelho para terras de Paul Herbst. Em verde, terras vendidas a Guilherme Pawlowsky. Este terreno posteriormente foi dividido, a frente leste, em verde claro, era propriedade de Pawlowsky e nos fundos oeste, em verde escuro, está o terreno que ele vendeu a Osvaldo Otte. Em roxo, terras de Alexandrina Carolina de Jesus.

Entre os anos 1912 e 1920 o Herbst não possuía todas as características de um hotel. O plano do casal de mudar para Cabeçadas, segundo Heinz, parece ter dado muito trabalho, por ser um lugar afastado e sem serviços de hospedagem e alimentação. Toda vez que algum conhecido de Blumenau passeava por aquela praia acabava utilizando a casa Herbst, as despesas aumentaram e assim decidiram abrir um bar que servia algumas refeições. Aos poucos foram especializando mais o serviço prestado realizando inclusive o aluguel de roupas de banho com direito ao uso das cabanas de troca de roupa para o banho de mar (HEINZ, 2013).

Neste período não se encontrou referência a nenhum outro estabelecimento instalado naquele recanto. Entre os anos de 1920 e 1928 se acrescentou uma varanda na lateral da casa, de frente para o mar (figuras 27 e 28). Nas fotos do início deste período se nota uma marca de constante passagem em frente ao hotel (figura 29).

Figura 27 – Hotel Herbst, 1921.



Fonte: Acervo particular de Magru Floriano.

Figura 28 – Crianças em frente ao Hotel Herbst, 1922.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.
Fundo privado de Hildegard Burghardt.

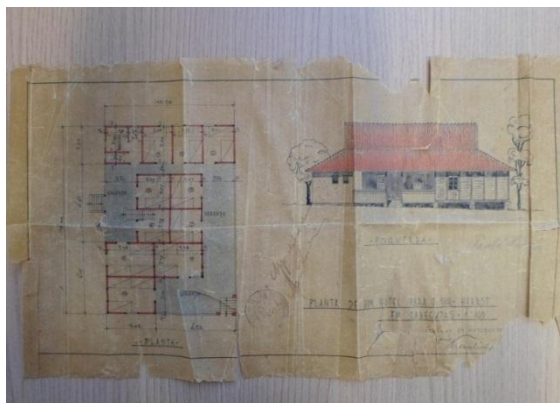
Figura 29 – Marca de constante passagem em frente ao Hotel Herbst, 1923.



Fonte: Imagem cedida por Heinz Gustav Perau. Nota: Inserção de flecha vermelha pela autora indicando local de passagem do Hotel Herbst para a praia.

No final da década de 1920 foi construído um anexo no hotel para melhor acomodar seus hóspedes. A nova construção era em enxaimel. Infelizmente apenas uma folha do projeto arquitetônico desta parte do hotel foi encontrada (figura 30).

Figura 30 – Projeto arquitetônico de um anexo para o Hotel Herbst, 1928.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

O projeto data do ano de 1928, mesmo ano em que foi inaugurado o luxuoso Hotel Cabeçadas, de José Zwoelfer. Para a construção do anexo (figura 31) foi necessário tomar um empréstimo no Banco Inco e hipotecar o terreno da família (LÍGIA, 2013). Com o falecimento de Paul Herbst em 1934, sua esposa e filha ficaram responsáveis por administrar o hotel. Por alguns anos elas se mantiveram firmes nesta função, mas acabaram fechando o hotel e dedicando-se apenas à venda de doces (HEINZ, 2013). Não foi possível pagar o empréstimo que fizeram para a construção e o Banco lhes tomou o imóvel (LÍGIA, 2013).

Figura 31 – Anexo do Hotel Herbst projetado em 1928.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Em 1939 os terrenos de Paul Herbst passaram a pertencer à Irineu Bornhausen, Hermann Lüders e Bonifácio Schmitt³. Sobre os novos proprietários sabe-se que em 1940 Irineu Bornhausen e Bonifácio Schmitt eram os maiores acionistas do Banco Inco⁴, o que poderia indicar o motivo pelo qual os terrenos passaram a lhes pertencer. Quanto

³ Certidão de Transcrição: 1º Ofício de Registros de Imóveis, Comarca de Itajaí. Livro de Transmissão das Transmissões nº 3 -D, folhas 50. Número de ordem 6.035, em 24 de julho de 1939.

⁴ Relação dos acionistas do Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina S/A, em 31 de dezembro de 1940. Disponível no Fundo Privado: Banco Inco, Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

ao terceiro envolvido Hermann Lüders não se sabe se foi ou não acionista do Banco, apenas que era negociante e morava em Blumenau com a esposa, Mina Lüders⁵. Os três terrenos da família Herbst que adquiriram somavam 2.765 metros quadrados e foram lhes passados através de uma Carta de Adjudicação após a análise dos bens que compunham o inventário do falecido que foi sentenciada em 1936⁶.

Logo em 1940 Hermann Lüders vendeu sua parte dos imóveis para os outros dois proprietários⁷. Bonifácio Schmitt acabou também vendendo toda sua parte dos terrenos, o comprador foi a Companhia Comércio e Indústria Malburg S.A., a transação se deu no ano 1949⁸. Irineu Bornhausen por sua vez vendeu apenas sua parte do primeiro terreno, que correspondia a 1.379 metros quadrados, o comprador também era a Companhia Malburg e a negociação se realizou em 1953⁹

A Companhia Malburg representada por seu diretor, José Bonifácio Schmitt, entrou em sociedade com Irineu Bornhausen e juntos planejaram a construção de um moderno edifício que teria a função de hotel na parte da frente com vista para o mar e apartamentos residenciais nos fundos (CABEÇUDAS, 1956). O empreendimento apesar de chegar a ser iniciado e inclusive anunciar as vendas de apartamentos, não foi construído.

Após estas negociações as antigas terras de Paul Herbst ficaram divididas em três partes, cujos proprietários foram Irineu Bornhausen, Eduardo Santos Lins e César Ramos (figura 32). As edificações que construíram na década de 1960 naquelas terras sobrevivem até a atualidade. Após perder suas terras a família Herbst foi acomodada em uma nova residência, o único neto do hoteleiro Paul Herbst, Heinz, comprou na década de 1970 um terreno em Cabeçudas, na Rua Cônsul Carlos Renaux, e construiu uma casa onde ainda vive.

⁵ Idem 3.

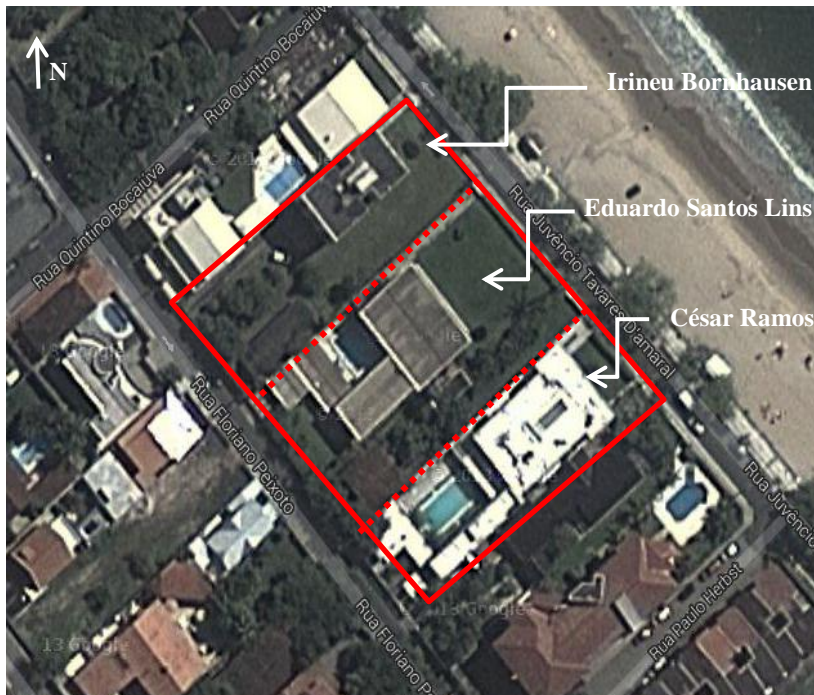
⁶ Idem 3.

⁷ Certidão de Transcrição: 1º Ofício de Registros de Imóveis, Comarca de Itajaí. Livro de Transmissão das Transmissões nº 3 -D, folhas 231, 232. Número de ordem 6.810, em 11 de novembro de 1940.

⁸ Certidão de Transcrição: 1º Ofício de Registros de Imóveis, Comarca de Itajaí. Livro de Transmissão das Transmissões nº 3-I, folha 185. Número de ordem 14.590, em 31 de agosto de 1949.

⁹ Idem 7.

Figura 32 – Divisão das antigas terras de Paul Herbst na década de 1960.



Fonte: Intervenção da autora sobre imagem do Google Maps (2013).

4.2.4 Os veranistas

Entre os primeiros banhistas e veranistas desta estação o nome que se destaca é do Cônsul Carlos Renaux. A primeira nota no jornal encontrada que se refere a banhistas em Cabeçadas é sobre este empresário de Brusque que fundou a fábrica de tecidos Renaux em 1892 e tornou-se Cônsul do Brasil em Baden-Baden na Alemanha (JORNAL, 1953). A notícia de fevereiro de 1905 dizia: “Acha-se a banhos com sua exma. Família na praia de Cabeçadas o Sr. Carlos Renaux, conhecido industrial da vizinha Villa de Brusque” (NOTÍCIAS, 1905). Assim pode-se ver que já havia um reconhecimento da praia de Cabeçadas como espaço de lazer no início do século XX. O senhor Heinz contou em entrevista que era desejo do Cônsul construir um conjunto de residências de veraneio próximo ao morro da rua Samuel Heusi Junior

para que nas férias de verão seus funcionários pudessem passar alguns dias na praia (HEINZ, 2013). A ideia não se concretizou.

O desenvolvimento de Cabeçudas como balneário é mérito, principalmente, das famílias alemãs vindas de Brusque e Blumenau que ali veraneavam: “E ella se orgulha de seus hospedes, gente louca e culta que de Blumenau e Brusque vêm revolver suas areias alvíssimas e mergulhar em suas ondas espumantes” (SOCIEDADE, 1923). Em uma crônica num jornal de 1923 há a descrição de algumas famílias que passaram o final de semana em Cabeçudas, há a visita especial do jornalista Crispim Mira de Joinville, as famílias de Blumenau “dos srs. Dr. Johnson e Dankwart, as exmas. Sras. Vvas. Probst e Salinger, os srs. Luis Rischbieter, Victor Probst e o sr. Ludwig Paul acompanhado de sua jovem esposa”. De Brusque compareceram “o sr. Dr. Martin Melcopp, acompanhado de sua gentil irmã Srta. Alma Melcopp, os srs. Walter Pickmann e família, Edgar Von Buettner e família, Augusto Bauer e senhora, João Bauer e família e dr. Guilherme Renaux” (SOCIEDADE, 1923). De Itajaí vieram do Sr. Arno Bauer e sua esposa, Mario Costa e esposa, Serafim José João e sua família, e o sr. Irineu Bornhausen. A maior parte das famílias acima citadas adquiriu terreno naquela praia na década de 1930. Os que não tinham casa de veraneio própria alugavam ou se hospedavam nos hotéis.

Estes visitantes citados não representam a totalidade daqueles que frequentavam Cabeçudas. No livro de Christoffoli, “Uma história do lazer nas praias: Cabeçudas SC, 1910-1930” existe uma relação de nomes que aparecem nos registros de compra e venda de terrenos naquela localidade na década de 1920, há uma média de 75 nomes diferentes, muitos deles empresários de origem alemã residentes em Blumenau ou Brusque. Além do banho de mar ter status de lazer higiênico trazendo consigo os ideais de civilidade e progresso, o encontro destas famílias durante o verão proporcionava aos empresários a continuidade de suas negociações e aproximação com outros empreendedores. Além disso, com a possibilidade de criação de um porto em Cabeçudas seria interessante a estes empresários possuir um terreno naquela localidade.

4.2.5 A propaganda do balneário

Na obra “O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas” John Urry destacou que o olhar do turista é socialmente transformado, “ele varia de acordo com a sociedade, o grupo social e o período histórico” (URRY, 1996, p.16). Entretanto,

ainda que haja esses diferentes olhares existem características mínimas das práticas sociais que definem o turismo (URRY, 1996, p.17-18), resumidamente são elas: o turismo sendo lazer pressupõe o seu oposto, o trabalho remunerado; deve haver uma deslocação espacial e uma permanência neste local; deve ser temporário com a intenção de retornar para casa; o local visitado não se prende à motivação diretamente ligada com o trabalho remunerado; são diferentes o caráter de massa do olhar do turista e o caráter individual da viagem; o lugar escolhido para turismo resultou de uma expectativa, fantasia ou devaneio construído por uma prática não turística, os meios de comunicação: televisão, rádio, revista, literatura, entre outros; o olhar do turista esta focado em aspectos que não são habituais; esse olhar se foca em signos: ações, lugares e objetos que representam a cultura que se tem interesse em conhecer; há sempre uma renovação do olhar do turista.

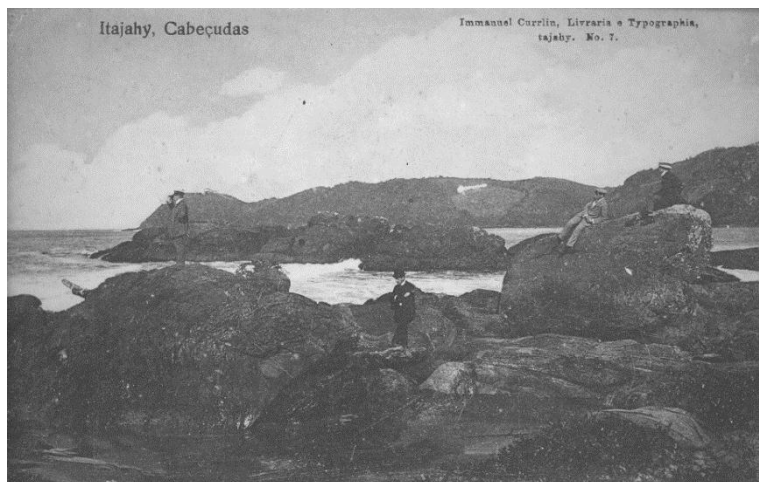
Uma dessas características elencadas por Urry chama atenção para o desenvolvimento da compreensão da formação do balneário de Cabeçudas, e se refere à expectativa criada no indivíduo através dos meios de comunicação para frequentar determinado local. No caso de Cabeçudas, não foram encontradas propagandas em jornais de grande circulação ou revistas, nem mesmo se sabe de propagandas nos rádios que divulgassem este balneário no período de sua gênese, entre as décadas de 1910 e 1930. Havia algumas notas nos jornais que indicavam as belezas dessa praia no sentido de exalta-la e atrair mais turistas, mas eles circulavam na cidade de Itajaí e não por todo o Vale, então como poderia esta ter adquirido tamanha fama? Possivelmente, o meio propagandístico mais eficiente desta praia, juntamente com a divulgação oral tenha sido os cartões postais. Neste período de formação do balneário de Cabeçudas como espaço de um novo lazer experimentado pelas elites do Vale do Itajaí o cartão postal possuiu grande importância por sugerir e posteriormente atestar o sucesso deste espaço. Ele funcionou como documento propagandístico promotor dessas elites e do próprio balneário.

Os primeiros postais de Cabeçudas comercializados datam de 1915 e 1917. Havia outros postais anteriores, mas que se referiam a famílias específicas, como os produzidos para os Herbst que os enviavam para amigos e familiares de Blumenau. Estes não eram vendidos nas casas comerciais de Itajaí. Notou-se que os postais produzidos para o livre comércio contavam com uma identificação do fotógrafo e uma numeração, como no caso de três postais de Cabeçudas produzidos por Immanuel Currin.

O blumenauense Immanuel Heinrich Currlin nasceu em 1886 (CURRLIN, 1988). Com seu pai, Christian Eugen Currlin, aprendeu a profissão de fotógrafo (CURRLIN, 1988). O alemão Eugen possuía um extenso trabalho de registro fotográfico na cidade de Blumenau. Em 1908 Immanuel foi para Itajaí onde abriu a Casa Currlin: Papelaria, Tipografia e Armazinhos (CURRLIN, 1988). Após concluir um curso técnico na Alemanha trouxe para Itajaí, em 1911, um equipamento de projeção cinematográfica fundando o cinema Ideal que permaneceu mais de 28 anos na Sociedade Guarany (CURRLIN, 1988). Além do Ideal, foi proprietário do cinema Oriente e do Popular (CURRLIN, 1988). Faleceu em 1961 (CURRLIN, 1988). Na Casa Currlin era possível encontrar postais da cidade de Itajaí produzidos por ele mesmo. Os primeiros datam de 1915 e 1917.

Entre estes primeiros postais são reconhecidos três deles da praia de Cabeçudas. Dois com homens de terno e gravata nas pedras beirando o mar (figura 33) e outro da rocha conhecida como “Bico do Papagaio”.

Figura 33 – Cartão Postal da Praia de Cabeçudas, 1917.



Fonte: Acervo do Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí – (002.0208). Fotógrafo: Immanuel Currlin.

Estes postais de Currlin são um exemplo do argumento do teórico da área da fotografia Boris Kossoy (2012) para que não se considere a fotografia uma verdade incontestável, pois pode acarretar na criação de uma ficção documental. Há que se analisarem as intenções de Currlin

nestas imagens e todas as demais condições sociais que o fizeram registrá-las.

Na década de 1910 a praia de Cabeçudas não passava de um pequeno povoado de pescadores, com poucos veranistas aos finais de semana no verão. Já havia em 1912 o modesto Hotel Herbst e logo em seguida sabe-se da presença do próprio Currlin e de seu cunhado, Olímpio Mirando Junior, com casas de veraneio naquela localidade (CURRLIN, 1988).

Currlin dava mostras do potencial turístico de Cabeçudas, pois seus postais são propagandas da possibilidade de um balneário aristocrático, de um espaço de lazer para a burguesia alemã do Vale do Itajaí e também de encontros e negociações entre estes empresários. Assim, seus primeiros postais de Cabeçudas não exaltam a beleza de sua natureza, seu progresso ou romantizam o trabalho do nativo pescador, mas focam na possibilidade de um balneário para as elites. Seus postais apresentam homens bem vestidos para o padrão da época, posando ousadamente nas pedras que invadem o mar, desbravando este local e admirando o mar.

No postal numerado por Currlin como “7” (figura 33), a direção do olhar do primeiro homem que está à esquerda, que parece estar fazendo uso de um binóculo, é para a foz do Rio Itajaí, de onde chegavam e partiam os navios mercantes, ou seja, por onde estes homens escoavam sua produção e adquiriam equipamentos e bens necessários para suas fábricas. Era por estes navios também que chegavam as novidades da Europa, desde jornais com notícias da guerra até as revistas de moda, além dos produtos mais sofisticados.

Resumidamente pode-se descrever a mensagem de Currlin neste postal com uma frase: Cabeçudas quer ser o balneário da burguesia. E esta frase não está implícita apenas nos postais de Currlin, mas nas notas de jornal deste período que comparavam Cabeçudas aos grandes balneários como Guarujá, em São Paulo e Ostende, na Bélgica (CABEÇUDAS, 1919). Um fato que afirma a necessidade para estes empresários de estar em Cabeçudas é o projeto de Lauro Muller, que foi Ministro da Viação, para a construção de um porto em Cabeçudas (BRANDÃO, 1982) reforçando a importância da presença destes homens de negócios naquela praia. O porto em Cabeçudas não foi construído, mas o plano de tornar Cabeçudas um balneário burguês parecia ter êxito:

Cabeçudas a nossa elegante praia de banhos que,
apezar de relegada até agora ao desprezo e ao

esquecimento, vinha sendo, todavia, ponto dos mais preferidos na costa catharinense para veraneio das famílias abastadas, vae, felizmente, merecer dos poderes públicos a atenção e carinho hã tanto reclamados (CABEÇUDAS, 1924, p.1)

Este anúncio de um jornal do ano de 1924 relata o início das discussões sobre a iluminação pública daquela praia. Nesta nota ficou evidenciado o orgulho por ser Cabeçudas o balneário escolhido pelas famílias abastadas. Desta forma os postais de Currlin podem ser considerados não como um registro fiel do que estava acontecendo naquele espaço, mas como uma propaganda do que poderia e deveria ser. A análise destes postais, portanto, se faz com o que não se vê no registro imagético: não se vê a praia desolada, os nativos, a fauna e flora, porque estas imagens não seriam interessantes para atingir o foco do plano que se desejava: transformar Cabeçudas no balneário da burguesia do Vale do Itajaí.

Na década de 1930 quando o balneário de Cabeçudas já havia conquistado fama no estado e foi ocupado em sua maior parte pelas famílias alemãs do Vale do Itajaí, os postais de Currlin se modificaram. Não era mais necessário criar um cenário propagandístico do que poderia vir a ser Cabeçudas, naquele momento já se poderia exaltar o que o balneário havia se tornado: um núcleo burguês de lazer e negociações, onde as arquiteturas procuravam expressar o que havia de melhor nos projetos daquele período. A moda dos bangalôs, como arquitetura representativa da praia, foi amplamente utilizada, inclusive, a prefeitura concedia um benefício em relação à altura do muro na frente a estas edificações: o muro poderia ter altura menor que o das demais tipologias, e na rua principal de Cabeçudas (hoje chamada Juvêncio Tavares do Amaral) em determinado período foi proibida a construção de sobrados (RESOLUÇÃO, 1934, p.3).

Os postais de Currlin da década de 30 em Cabeçudas focavam no que o balneário havia se tornado, em sua estrutura urbanística e arquiteturas. Estes registros são fundamentais para o trabalho de análise e compreensão de como se deu a formação daquele balneário, quais as obras empreendidas e tipologias arquitetônicas evidenciadas. Além disso, é possível observar as modificações ao longo do tempo que o fizeram chegar à estrutura que se tem atualmente, bem como o reconhecimento das edificações representativas deste período de formação do balneário que permanecem naquela localidade até hoje. A respeito da análise de fotografias de arquiteturas Maria C. W. de

Carvalho e Silvia F. S. Wolff afirmaram no texto “Arquitetura e fotografia no século XIX”:

As fotografias antigas, que enfocam as estruturas urbanas especificamente, têm sido fonte documental extremamente cara a arquitetos e preservacionistas; tem servido de fonte segura para a recuperação parcial dos destroços da ação predatória e demolidora do século XX e permitido, ainda, a compreensão de como se compunham determinados locais em alguns períodos. São interpretadas, assim, como um acervo de documentos úteis para a história social e da arquitetura (...). (CARVALHO, 2008, p.160)

Dos oito postais produzidos por Currlin de Cabeçadas entre as décadas de 1930 e 1940 cinco delas apresentam a estrutura do balneário e suas arquiteturas e outras três focam apenas em arquiteturas, no caso o Farol de Cabeçadas e o Hotel Cabeçadas de José Zwoelfer. Comparando o postal numerado por Currlin de “27” (figura 34), possivelmente dos primeiros anos da década de 1930 com o “88” (figura 35) do início da década de 1940 pode-se perceber as transformações ocorridas na estrutura urbana daquele local.

Figura 34 – Cartão Postal da Praia de Cabeçadas, início da década de 1930.



Fonte:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=469506616479701&set=gm.547077222022032&type=1&theater>. Acesso em: 23/06/2013. Fotógrafo: Immanuel Currin.

Figura 35 – Cartão Postal da Praia de Cabeçudas, início da década de 1940.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí – (055.12503). Fotógrafo: Immanuel Currilin.

Apesar de serem tiradas de lados diferentes do balneário, a de número “27” (figura 34) o fotógrafo estava ao sul e na “88” (figura 35) estava no norte, ambas procuram mostrar o centro daquela localidade.

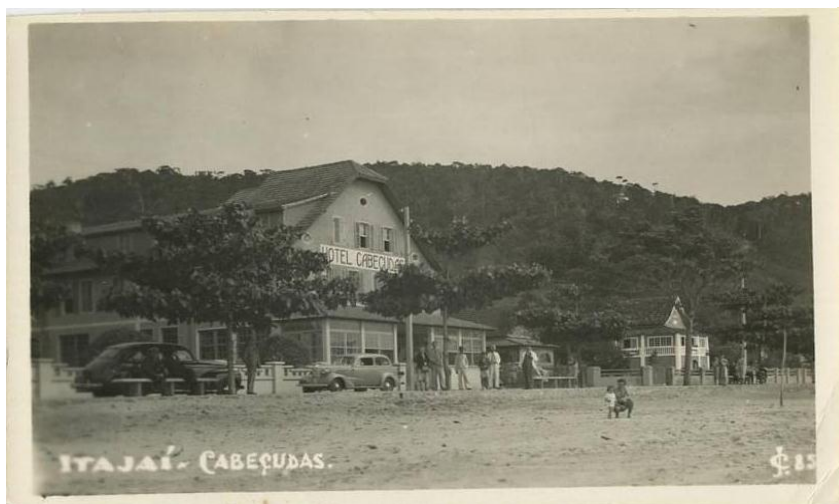
Na imagem do início de 1930 (figura 34) é possível observar: um caminho estreito paralelo à praia, sendo esta a rua principal; uma ocupação concentrada nas quadras que fazem frente para o mar; edificações com mais de um pavimento, inclusive uma delas em destaque à esquerda da fotografia com quatro pavimentos, cujo acesso é realizado por uma ponte. Esta era a residência do sr. Walter Gustav Bueckmann, técnico da Fábrica de Tecidos Renaux, que se tornou genro do Cônsul Carlos Renaux. Observa-se também nesta imagem alguns bungalows como os da família Malburg (da empresa de comércio marítimo Malburg) e Bauer (de João Bauer, grande empreendedor e político de Brusque com atuação em todo Vale do Itajaí).

No postal do início da década de 40, que Currilin numera “88” (figura 35), as arquiteturas não são tão evidenciadas como no postal “27” (figura 34), mas se pode notar uma expansão para as quadras que fazem frente à segunda rua paralela à praia e um alargamento desta rua. Além disso, a rua principal já mostrava suas amendoeiras crescidas fazendo sombra aos veranistas e um extenso calçadão entre a rua principal e as areias da praia. Estas obras fazem parte de um plano de

embelezamento para Cabeçudas empreendido pelo prefeito Francisco de Almeida durante seu mandato de 1939 a 1945.

Neste movimento de mostrar a modernidade e o progresso em Cabeçudas, outros dois postais de Currilin mostram o Hotel Cabeçudas, de propriedade do sr. José Zwoelfer. Este foi um dos melhores hotéis do estado na década de 1930 (figura 36), possuía água encanada em quase todos os quartos, banho quente, uma adega com os melhores vinhos vindos da Europa e um buffet dito “irrepreensível”, com os mais finos pratos (A CONSTRUCTORA, 1928). A construção deste hotel se deu por iniciativa da Construtora Catharinense, a qual Immanuel Currilin foi presidente, assim pode se entender o desejo de Currilin em promover este estabelecimento através de cartões-postais, mesmo que este logo tenha sido vendido para seu administrador, José Zwoelfer.

Figura 36 – Cartão Postal Hotel Cabeçudas, década de 1930.



Fonte:

[http://www.delcampe.net/page/item/id,130200532,var,Itajai-](http://www.delcampe.net/page/item/id,130200532,var,Itajai-Cabecudas,language,E.html)

[Cabecudas,language,E.html](http://www.delcampe.net/page/item/id,130200532,var,Itajai-Cabecudas,language,E.html). Acesso em: 20/01/2014. Fotógrafo: Immanuel Currilin.

Analisando os postais de Cabeçudas produzidos por Immanuel Currilin foi possível atestar que os postais da década de 1910 se afirmavam como uma propaganda do que aquele balneário poderia ser, de seu desejo burguês relacionado ao progresso e civilidade representado por homens de terno nas pedras da praia. Já as imagens das décadas de 1930 e início de 1940 mostravam o que aquele balneário

havia se tornado: ponto de encontro dos industriais e famílias abastadas do Vale do Itajaí, enfatizando as arquiteturas presentes, as obras urbanísticas empreendidas e o Hotel Cabeçudas. Fica assim claramente evidenciado o caráter propagandístico dos postais de Currilin.

De 1939 e em meados da década de 1960 encontraram-se dois filmes que retratam Cabeçudas, o segundo é declaradamente propagandístico, seu título é “Praias Catarinenses”, mas refere-se apenas à Cabeçudas e Balneário Camboriú. Apresenta um discurso de Cabeçudas como um balneário aristocrático, preparado com todos os luxos para receber o mais exigente dos turistas, principalmente após a inauguração do Hotel Balneário de Cabeçudas de arquitetura moderna apto a receber e bem atender grupos de excursionistas. Já o filme de 1939, mudo, mostra inicialmente a praia central de Balneário Camboriú e ao final Cabeçudas focando o banho de mar, e os dois hotéis da praia o Herbst e o Cabeçudas de José Zwoelfer. Da mesma forma os anuários da cidade de Itajaí enaltecem Cabeçudas como um balneário aristocrático.

O anuário de 1949 mostrou a supervalorização daquelas terras, e o de 1959 destacou a construção do Hotel Balneário de Cabeçudas, os pontos turísticos e suas belas arquiteturas. Pode-se notar, portanto que os postais, ambos os filmes e anuários são meios propagandísticos para Cabeçudas, criando uma expectativa no espectador conforme Urry (1996) colocou como característica fundamental ao turismo.

4.3 A ESTRUTURAÇÃO DE UM BALNEÁRIO

4.3.1 Obras de Infraestrutura

Na década de 1920 o balneário de Cabeçudas começou a ganhar fama. Já se tinha o Hotel Herbst para acomodação dos veranistas, mas ainda era considerado pequeno para atender o crescente grupo que frequentava aquela praia nos verões, assim outros estabelecimentos surgiram: em 1921 há notícia do Hotel Neitzel (CABEÇUDAS, 1921); em 1923 o Hotel Roenick (NOVO, 1923, p.2); em 1926 o Restaurante Miramar (RESTAURANTE, 1926, p.1) (figura 37); e finalmente em 1928 o luxuoso Hotel Cabeçudas (A CONSTRUCTORA, 1928). Para acompanhar este desenvolvimento a prefeitura, através do superintendente Marcos Konder, que governou a cidade por 15 anos seguidos (D'ÁVILA, 1982, p.84), realizou diversas obras e regras para dotar Cabeçudas de boas condições ao turismo de veraneio.

Figura 37 – Restaurante Mira-Mar, 1926.

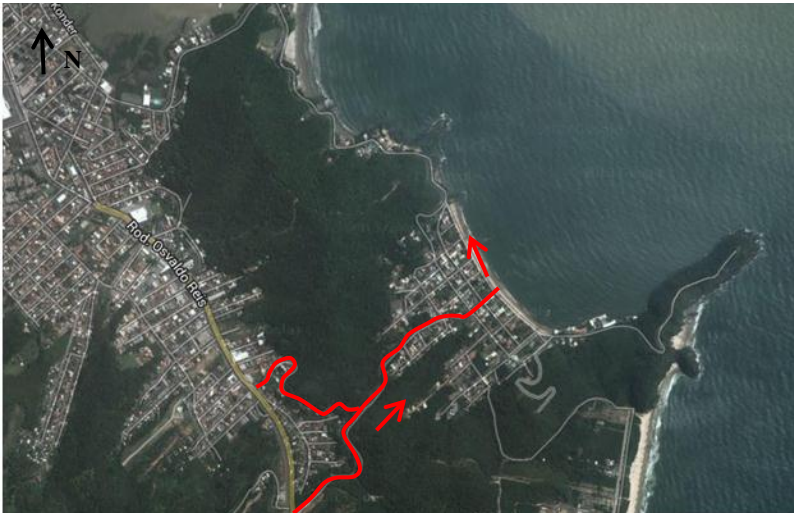


Fonte: Imagem cedida por Heinz Gustav Perau.

A estrada de acesso que ligava Itajaí à Cabeçudas, já apresentada, que foi aberta em 1911 recebeu inúmeras críticas nos anos 20, pois no verão com o intenso tráfego de veículos tornava-se perigosa, era muito estreita para ser de mão dupla. De um lado estava o morro do outro um despenhadeiro de pouca altura, mas que terminava no mar. Qualquer acidente poderia levar o veículo a se chocar contra o morro ou cair no mar, nos dias de chuva a quantidade de buracos era tamanha que se tornava impossível o trânsito por aquela via (CABEÇUDAS, 1923, p.2).

Para resolver este problema em 1928 o governo municipal abriu uma estrada (a atual rua Tereza Francisca Pereira), com uma pequena parte que chega à rua beira-mar, rua Quintino Bocaiúva, ligando aquele balneário a estrada do Morro Cortado, Estrada de Camboriú ou Estrada para Florianópolis como também era chamada (hoje Rodovia Osvaldo Reis) (AS DUAS, 1928, p.2). Esta obra era chamada de estrada circular de Cabeçudas, pois o trânsito foi regulamentado para que todos os veículos entrassem no balneário pela estrada do Morro Cortado e saíssem pelo acesso Itajaí-Cabeçudas (figura 38).

Figura 38 - Estrada Circular, atual Rua Tereza Francisca Pereira, aberta em Cabeçadas, 1928.

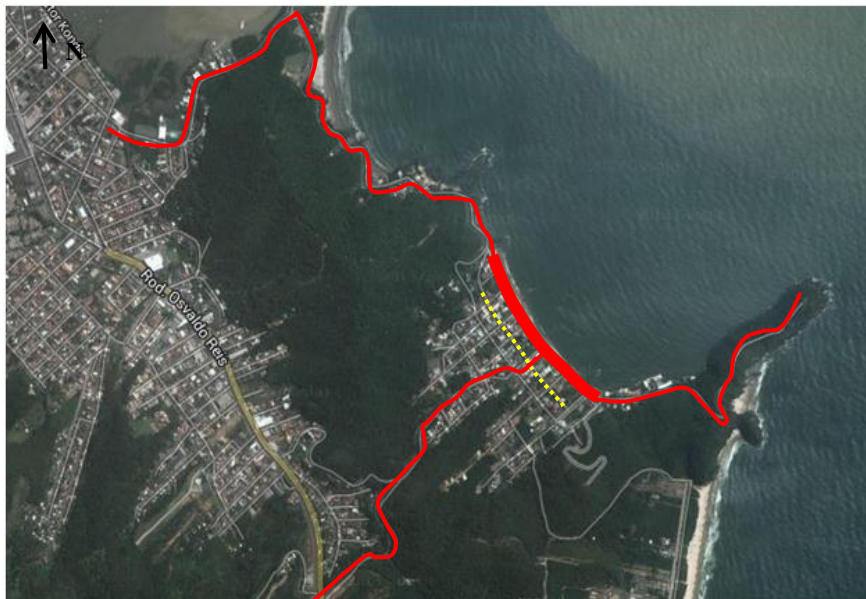


Fonte: Intervenção da autora sobre imagem do Google Maps (2013).

Para garantir este sentido colocava-se na temporada de veraneio um policial na encruzilhada da Fazenda (acesso Itajaí-Cabeçadas) do período matutino até às 18h, porém após as 18h quando os carros saíam de Cabeçadas enfrentavam grande risco, pois alguns veículos, sem a vigilância do policial, aproveitavam para entrar no balneário por aquela estrada de saída ([A ESTRADA], 1929, p.1). Não é apresentada no jornal a solução dada a este problema, mas possivelmente foi resolvido, pois não havia mais nenhuma reclamação a este respeito nos anos seguintes. Esta nova estrada ligada ao Morro Cortado ao adentrar no balneário direcionava os veículos para frente do mar e entre dois hotéis, o Herbst e o Cabeçadas (inaugurado em 1928).

Já foram apresentadas as ruas de acesso ao balneário e o caminho ao farol, porém se deixou a principal rua, à beira-mar, para ser comentada somente neste momento, pois esta só recebeu melhoramentos em 1928, devido à instalação de iluminação pública naquela localidade. Naquele momento também se abriu um caminho paralelo a esta rua principal (figura 39).

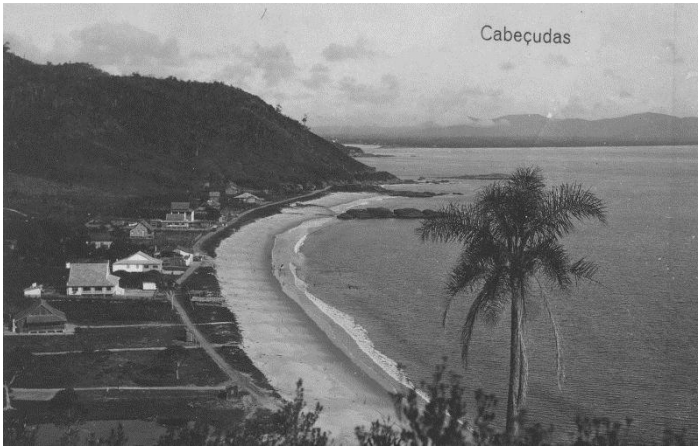
Figura 39 – Ruas em Cabeçadas abertas até final da década de 1920.



Fonte: Intervenção da autora sobre imagem do Google Maps (2013). Nota: Em vermelho, ruas abertas até final da década de 1920. Rua principal com maior largura no grifo. Em amarelo pontilhado caminho aberto paralelo à rua principal, futura Rua Floriano Peixoto.

A imagem a seguir (figura 40), apesar de ser identificada pelo Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí como sendo da década de 1930, certamente não o é. Acredita-se que ela tenha sido registrada entre os anos de 1925 e 1927, pois o hotel Cabeçadas não aparece na imagem, então ela é anterior a 1928, ano da inauguração deste estabelecimento; não há postes de iluminação pública, é então anterior a 1927, ano em que este serviço é completado; e já se vê o bangalô Malburg, a compra deste terreno pela senhora Elizabeth Malburg aconteceu em 1925.

Figura 40 – Cabeçudas, possivelmente 1926.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí – (002.438).

A datação desta fotografia é importante, pois quando analisada e comparada a outras imagens torna-se um documento das transformações urbanísticas ocorridas no balneário. Na imagem seguinte (figura 41) se tem o registro das obras realizadas em 1928, há o alargamento da via principal, a abertura de um caminho paralelo à rua beira-mar, a instalação dos postes de iluminação pública de madeira, e nela pode-se também ver as arquiteturas que foram instaladas como o Hotel Cabeçudas e a casa de Augusto Bauer.

Figura 41 – Cabeçudas, possivelmente 1928.



Fonte: Imagem cedida por Heinz Gustav Perau. Nota: Intervenção da autora.

A rua à beira-mar inicialmente era chamada de rua Cabeçadas, ou rua principal, em meados da década de 40 foi denominada Marechal Deodoro da Fonseca (como se pode ver no Mapa de Cabeçadas produzido pela Empresa de Topografia Urbanismo e Construções com data de 1946 (figura 93), em 1963 passou a ser Av. Coronel Marcos Konder (ITAJAÍ, 1963) e em 1967 recebeu o nome que permanece até hoje, rua Juvêncio Tavares do Amaral (ITAJAÍ, 1967), que foi morador de Cabeçadas já falecido lembrado até hoje pelos entrevistados. O caminho aberto em 1928 paralelo a rua principal era chamado de rua número 2 ou rua projetada até final da década de 30, em 1941 já se começou a ser chamada de rua Floriano Peixoto.

Em uma reunião do conselho municipal de Itajaí em 1924 foi mencionada a necessidade de fazer um levantamento com uma planta cadastral de Cabeçadas e prolongar os serviços de iluminação pública que se faziam no centro até aquela praia (LUZ, 1924, p.1). Foi Irineu Bornhausen que levou adiante as discussões sobre este tema que parecia que ficaria esquecido, porém em 1925 o conselho permitiu que o superintendente municipal adquirisse um empréstimo para iluminação de Cabeçadas (CONSTRUCTORA, 1925, p.4).

Outra pessoa que lutou por vários anos para a instalação da luz elétrica naquela localidade foi a senhora Maria Herbst (esposa de Paul Herbst) que por diversas vezes esteve no escritório da Companhia de Força e Luz em Blumenau solicitando este serviço em Cabeçadas (HEINZ, 2013). O neto de Maria, Gustav Perau, contou que a avó nunca precisou pagar uma conta de luz sequer, pois seu esforço foi reconhecido pela companhia de luz que a isentou daquela cobrança (HEINZ, 2013). Os serviços de instalação dos postes foram iniciados em novembro de 1926 e um ano depois o jornal “O Pharol” comemorou o progresso daquele local:

Cabeçadas, o encantador recanto da terra itajahyense acompanha a cidade na sua constante evolução. A iluminação eléctrica concedeu-lhe novo aspecto, infundiu-lhe a seiva do progresso. Visitamol-a ligeiramente domingo passado. Dia a dia mais se accentua o seu aspecto de praia balneária. Aparecem novos restaurantes com artísticos caramanchões à beira praia. Surgem elegantes edificações. Novas ruas, já delineadas e aprovadas pelo governo municipal, aprestam-se para cortar seu solo arenoso. Cada melhoramento que ali se installa será nova atracção para os

veranistas das cidades do interior e da gente elegante das capitais que já a procuravam e admiravam em sua rudeza de outrora. 5 de novembro de 1927. (CABEÇUDAS, 1927, p.1)

Além das obras de iluminação elétrica e alargamento da rua principal outro melhoramento realizado foi a plantação de amendoeiras (figura 42) ao longo de toda orla da praia (KONDER, 1971, p.109). Estas árvores atualmente são de grande valia para a praia de Cabeçudas pois permitem uma generosa sombra durante os dias de sol forte tanto para os que caminham na calçada como para aqueles que estão na areia.

Figura 42 – Amendoeiras plantadas e instalação dos postes de energia elétrica, final da década de 1920.



Fonte: Imagem cedida por Heinz Gustav Perau. Nota: Ao fundo Hotel Cabeçudas. Postes de madeira para fornecimento de energia elétrica instalados. Proteção de madeira (no centro e na lateral esquerda da imagem) para proteção das mudas de árvores plantadas.

Após a realização destes melhoramentos a solicitação que se fazia a partir de então era referente ao saneamento do balneário garantindo o fim da malária naquele recanto (CABEÇUDAS, 1927, p1). O atraso da construção do Hotel Cabeçudas, que poderia ter sido iniciado em 1925, mas aconteceu apenas em 1928, se deveu a uma preocupação com a infestação de mosquitos transmissores da malária que afastavam os veranistas (CONSTRUCTORA, 1925, p.4). Enquanto o governo municipal não tomava nenhuma atitude a este respeito os proprietários

de imóvel naquela localidade eram incentivados a drenar seus terrenos, como fez Reinhold Roenick:

Existia nos fundos do seu terreno um brejo de bom tamanho, foco de mosquitos e, conseqüentemente, de impaludismo.

Certa manha, o sr. Roenick, que tem energia e deliberação, resolveu metter enxada no brejo e deu inicio com afinco no saneamento das suas terras.

Desmatou, abriu vallas, escoou águas pútridas, assentou terreno, dragando-o com as próprias mãos, enterrado até meia coxa na lama perigosa.

Com o sol, o serviço completou-se, e hoje, onde existia o brejo, já poudo o sr. Roenick plantar inhame, para alimento de suínos.

Completamente saneado, esta o terreno de propriedade daquelle hábil construtor livre de mosquitos e das febres.

Se todos os habitantes de Cabeçadas, dando folga aos encargos da Superintendencia, tivessem iniciativas dessa natureza, meritoriais e louváveis, a bella praia, tão procurada pelos veranistas, gozaria duma fama muito melhor.

Felicidades daqui, com sinceros appaludos, o bello trabalho do sr. Roenick. (O SANEAMENTO, 1926, p.1)

Estas obras iniciadas na década de 1920 são determinantes para a estrutura do balneário. O alargamento da rua principal criando um espaço arborizado demonstra uma valorização da vista para o mar, fazendo com que tanto os que passassem em veículos como os pedestres pudessem usufruir da vista para o mar e ainda aproveitar de um momento na sombra de árvore admirando aquela paisagem. A iluminação elétrica para aquela localidade também foi determinante para aquela praia, pois permitiu mais horas de aproveitamento de todos os benefícios que o balneário poderia oferecer e energia elétrica para comodidade dos moradores e hóspedes dos hotéis Cabeçadas e Herbst.

4.3.2 Hotel Cabeçadas

O primeiro registro que demonstra um desejo de dotar Cabeçudas com um hotel que pudesse dar mais conforto aos turistas na década de 1920 é de Celso Liberato em uma crônica divulgada pelo jornal Itajahy (LIBERATO, 1923, p.3). Embora já se tivesse o hotel Herbst e alguns outros menores não tão afamados, não havia um estabelecimento adequado para receber as famílias vindas de Brusque e Blumenau, o Herbst era considerado um hotel modesto.

Embora haja no local somente um modesto hotel, fornecedor de ótimos acepipes e muito asseiado, mas acanhado de mais para acolher os nossos banhistas e os visitantes que ahi chegam, de outros logares, a affluencia de veranistas a Cabeçudas é, em que pese a míngua da acolhida, de anno a anno mais numerosa.

Essa formosa praia balneária que reúne á sua própria magnificência a vantagem de estar situada a pequena distancia da cidade, terá, certamente um lindo futuro.

A construcção de um hotel amplo, confortável, dar-lhe-ia desde já uma grande prosperidade e freqüência.

Haja vista aquelles que, mesmo com o desconforto presente, lá se encontram, vindos de Joinville, Brusque, Blumenau e outros pontos do Estado. (LIBERATO, 1923, p.3).

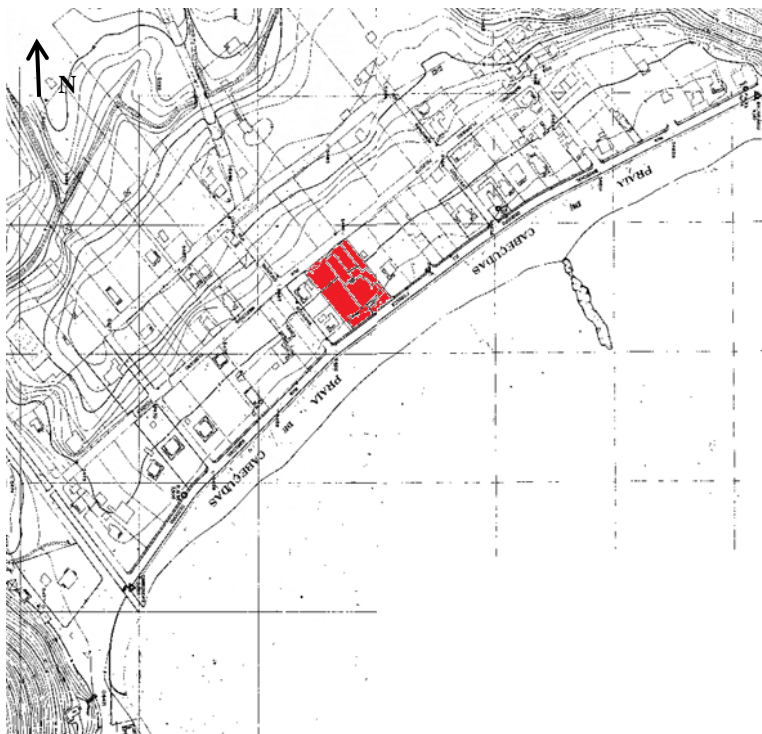
A ideia persistiu. Em 1925 se depositou toda a responsabilidade do progresso de Cabeçudas na construção de um hotel adequado: “O futuro ‘Hotel Cabeçudas’ será, portanto, o fator decisivo do progresso e desenvolvimento da nossa agradável praia de banhos” (HOTEL, 1925, p.1).

A prefeitura já procurava dotar aquele balneário com uma infraestruturade adequada para a sua função, discutiam sobre a instalação de energia elétrica, conservação da estrada de acesso por Itajaí e reabertura da estrada vinda do Morro Cortado. Porém, o maior dos problemas que impediam a instalação do hotel eram os inúmeros casos de malária naquela localidade. Os investidores acreditavam que poderiam sofrer com um mal investimento instalando um hotel em uma região palustre.

Um relatório da Construtora Catharinense, responsável pela construção do hotel alegou o seguinte: “O terreno foi adquirido, o capital subscripto, mas o súbito reaparecimento do imapludismo na nossa principal praia de banhos nos aconselhava a esperar pelo completo saneamento daquelle local, pois não podíamos expor a um fracasso o capital dos que confiaram em nós.” (CONSTRUCTORA, 1925, p.4). O

terreno adquirido de 968m² pertencia a Norberto Bachmann e sua esposa, foi registrada a compra em 02 de janeiro de 1925 (figura 43).

Figura 43 – Terreno onde estava localizado o Hotel Cabeçadas.



Fonte: Intervenção da autora sobre imagem parcial do mapa de Cabeçadas produzido pela Empresa de Topografia Urbanismo e Construções com data de 1946.

Devido aos problemas de falta de saneamento de Cabeçadas e depois de anos de reclamações por falta de iniciativa da municipalidade em resolver o empecilho somente em 1928 a Construtora Catharinense voltou a falar sobre o Hotel. Foi anunciado em 11 de fevereiro de 1928, pelo secretário da construtora, no jornal, a data em que estariam abertas as inscrições aos interessados na construção do hotel (HOTEL, 1928).

Foram recebidas cinco propostas que estavam aptas para concorrerem de acordo com a planta apresentada pela construtora (HOTEL CABEÇUDAS, 1928, p.1). O vencedor foi Paulo Meinick, que

solicitou o menor valor, quarenta e dois contos de réis (HOTEL CABEÇUDAS, 1928, p.1). Em março Meinick venceu a concorrência e em novembro já se fazia inauguração do hotel cujo concessionário era o Sr. José Zwoelfer (A CONSTRUCTORA, 1928). Os serviços apresentados pelo hotel impressionaram a todos os visitantes e os elogios eram muitos:

O edifício completamente mobiliado, custou cerca de 80 contos de réis. Dispõe de 25 quartos, na maioria dos quaes se encontra água encanada jorrando em abundancia. A sala de jantar é bastante espaçosa, o serviço de Buffet é irreprehensível, estando o bar montado com muito capricho. Á frente do hotel, na extensão 16,5 metros com a largura de 5 metros está localisada uma espaçosa área envidraçada, excelente ponto para reuniões dos hospedes que poderá ser convertido em sala de dança pois todos os domingos tocará no hotel um escolhido conjunto musical, tendo, no domingo passado, a orchestra do Sr. Paulo Scheefffer executado ali diversas peças do seu repertorio. (A CONSTRUCTORA, 1928)

Figura 44 – Hotel Cabeçudas antes das primeiras reformas, acréscimo e anexos.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí – (002.308).

No final de 1931 Zwoelfer comprou todo o terreno do Hotel Cabeçudas que pertencia a Construtora Catarinense desde 1925¹⁰. Os 968m² custaram-lhe Rs 45:000\$000. Ele estava capacitado para dirigir um hotel de luxo, desde 1911 trabalhou em grandes hotéis adquirindo conhecimento sobre todos os detalhes necessários para bem servir seus clientes. Um dos hotéis de maior destaque em que trabalhou foi o “Queen’s Highcliffe Hotel”, na cidade de Margate, Inglaterra¹¹.

Um dos primeiros grandes banquetes oferecidos no “Hotel Cabeçudas” foi para o dr. Victor Konder em janeiro de 1929, então Ministro da Viação e Obras Públicas no governo do presidente Washington Luiz nesta ocasião, o sr. Zwoelfer confeccionou um livreto informativo para os convidados no qual estavam descritas a sequência das músicas a serem tocadas, o menu e os vinhos oferecidos¹². Seu livreto se assemelha ao produzido no hotel de Margate em que passou, mostrando assim o quanto todos os seus anos de experiência lhe garantiram sucesso em Cabeçudas.

Os honrosos banquetes denunciavam a fama que este hotel ganhava por todo estado, além de Victor Konder, no ano de 1929 também foi recebido o sr. Pedro Cunha, Diretor do Tesouro (BANQUETE, 1929, p.2). Por lá também passaram Gilberto Freyre e José Lins do Rego (HOSPEDES, 1940); o General Leitão de Carvalho (GAL. LEITÃO, 1941); Aderbal Ramos da Silva ([ADERBAL], 1941); Plínio Cantanhede, Presidente do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários (HOMENAGEADO, 1942); Capitão Carlos Gomes de Alcantara (JANTAR, 1943), Nereu Ramos por diversas vezes (ALMOÇO, 1942), entre outros (figura 45). Em 1935 Marcos Konder, ex-prefeito de Itajaí e deputado, passou a morar no hotel (KONDER, 1956) (figura 46).

¹⁰ Certidão de Transcrição: 1º Ofício de Registros de Imóveis, Comarca de Itajaí. Livro de Transmissão das Transmissões nº 3, folha 197. Número de ordem 1.372, em 09 de dezembro de 1931.

¹¹ Certificado do “Queen’s Highcliffe Hotel” atestando que José Zwoelfer lá trabalhou como “Coffe-Room Waiter” de 8 de maio de 1913 até 11 de dezembro de 1913. Documento de 12 de abril de 1914, cedido por suas filhas Elizabeth Zwolfer Americano e Maria Helena Fóes.

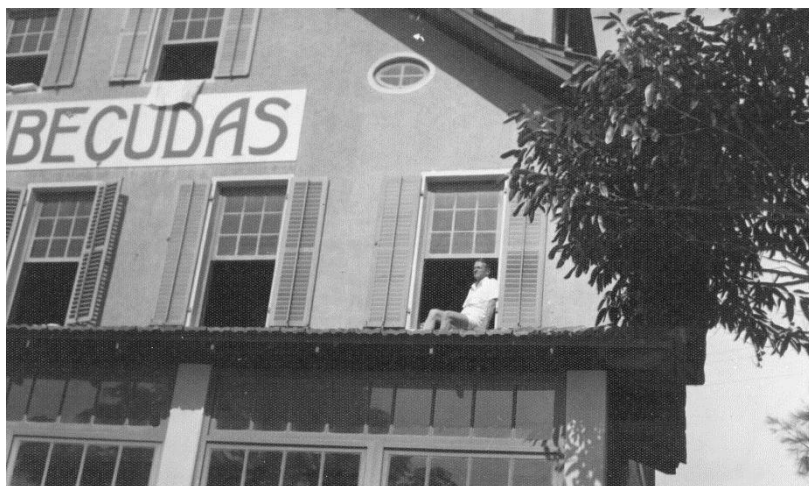
¹² Livreto criado por José Zwoelfer para o Banquete oferecido a Victor Konder no Hotel Cabeçudas. O documento data de 10 de janeiro de 1929 e foi cedido pelas filhas do hoteleiro, Elizabeth Zwolfer Americano e Maria Helena Fóes.

Figura 45 – Banquete oferecido no Hotel Cabeçadas ao Capitão Walfrido Quintanilha dos Santos, 1949.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Figura 46 – Marcos Konder no Hotel Cabeçadas.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí - (007.882).

Com o passar dos anos Zwoelfer fez diversas transformações no hotel criando acréscimos para estender as dependências e abrigar mais hóspedes. Em 1937 construiu um estábulo e depósito, em 1941 a

cozinha, sala de refeições, copa e varanda, na parte frontal do edifício (figuras 47 e 48), em 1946 fez um anexo com dormitórios e garagens e em 1950 um acréscimo nos fundos.

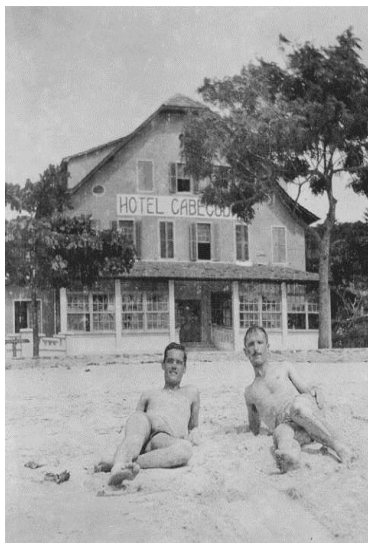
Figura 47 – Hotel Cabeçadas.



Fonte:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10201783565979729&set=gm.586747924721628&type=1&theater>. Acesso em: 03/09/2013. Nota: Fotografia possivelmente da década de 1940. Varanda aberta na frente do hotel.

Figura 48 – Hotel Cabeçadas.



Fonte:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10200862622921178&set=gm.552005958195825&type=1&theater>. Acesso em: 03/07/2013. Fotógrafo: Humberto Codagnoni Nota: Na fotografia aparecem Valter Blaze e Sílvia Forvile. Varanda fechada.

Na memória dos entrevistados o lugar do hotel que mais é lembrado é um terraço que havia entre a casa de Augusto Voigt e o hotel, onde atualmente se encontra o restaurante Brasileirinho (figura 49). Ali os visitantes podiam tomar um refresco admirando a praia. Em meados da década de 1950 já se pensava na construção de um novo hotel, mais moderno.

Figura 49 – Terraço do Hotel Cabeçudas, 1950.



Fonte: Imagem cedida por Zenita Ignez Werner.

Zwoelfer afastou-se do trabalho em meados da década de 1960 e arrendou o edifício que passou a ser um restaurante (figura 50). Na década de 1970 o edifício foi demolido e em seu lugar foi construído um prédio que inicialmente se chamou José Zwoelfer e atualmente se chama Olimpos (figura 51).

Figura 50 – Hotel Cabeçudas, década de 1960.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí. Nota: Intervenção da autora.

Figura 51 – Edifício Olimpos, no lugar onde anteriormente estava o Hotel Cabeçudas, 2013.



Fonte: Imagem da autora. Nota: Intervenção da autora. Projeto do Edifício Olimpos data de 1976.

4.3.3 Proprietários de terrenos em Cabeçudas

Um dos maiores proprietários de terras em Cabeçudas no início do século XX era Ulisses Machado Dutra¹³, bisavô do arquiteto Homero. O sr. Homero contou em entrevista que uma grande parte de terras em Cabeçudas faziam parte do sítio do bisavô, mas que não havia uma especial atenção para a praia ou para o banho de mar (MALBURG, 2013). Em 1925, Dutra vendeu parte de suas terras para o arquiteto Reinhold Roenick, foram 165.332,80m² esse número corresponde a 1/3 da área total da praia¹⁴. Mas depois dessa venda Ulisses ainda vendeu

¹³ Nasceu em 09/12/1860 em Itajaí. Descendente de portugueses. Possui uma casa de Secos e Molhados no centro da cidade e um depósito de lenha. O depósito de lenha era um bom negócio para a época em Itajaí, pois era possível abastecer tanto as residências como os navios que atracavam no porto. Faleceu em 19 de agosto de 1939.

¹⁴ Certidão de Transcrição: 1º Ofício de Registros de Imóveis, Comarca de Itajaí. Número de ordem 1.235, 17 de janeiro de 1925. Consta nos anexos de CHRISTOFFOLI, 2003.

mais 4.356m² de terras naquela localidade ¹⁵ ¹⁶ Sobre Roenick, sabe-se que adquiriu até meados de 1927 190.742,80m², e que até a década de 30 o maior terreno que vendeu tinha 1.970m² os demais variavam entre 200 e 500m².

Infelizmente não se teve acesso ao valor dos terrenos em negociação nestas décadas, mas pode-se imaginar que Roenick tenha feito um bom investimento. Ele adquiriu terras em Cabeçudas no início dos anos 20 para vendê-los posteriormente conforme fossem sendo realizadas obras de infraestrutura e melhoramentos no balneário e este fosse ganhando fama, o que fez com que o preço dos terrenos aumentasse consideravelmente.

As demais vendas de terrenos realizadas entre 1922 e 1927 não ultrapassaram 60.000m², sendo que dos 37 lotes comercializados (36 registros de compra e venda, mas em um deles há a negociação de 2 lotes) 69% não ultrapassam 10.000m². Considerando que aquele local era pouco povoado, com um pequeno grupo de pescadores fazendo uso de grandes terrenos para a plantação de suas roças e a presença de outros proprietários com sítios para descanso, portanto com grandes propriedades também, a comercialização de lotes menores como os 8 lotes de sexta categoria¹⁷ (de 300 a 399m²), anunciavam um adensamento na ocupação do balneário (figura 52).

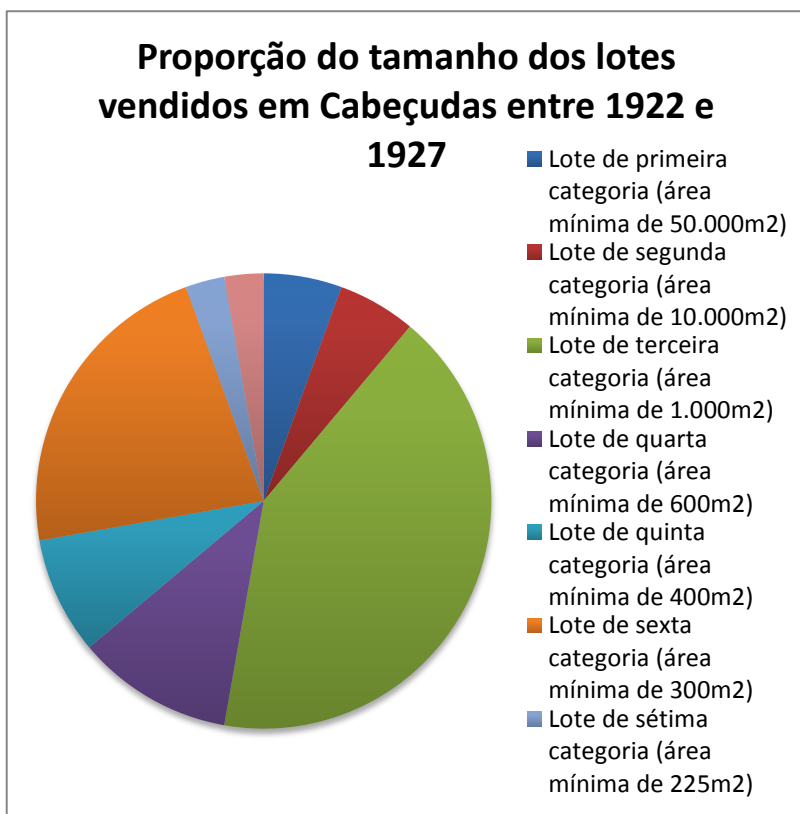
Notou-se que neste período (1922 a 1927) mais de 50% dos vendedores de terrenos em Cabeçudas residiam em Itajaí, porém, quanto a quantidade de compradores, unindo os que residiam em Blumenau e Brusque, há uma porcentagem maior do que os de Itajaí (figuras 53 e 54).

¹⁵ Certidão de Transcrição: 1º Ofício de Registros de Imóveis, Comarca de Itajaí. Número de ordem 1.296, 10 de julho de 1925. Consta nos anexos de CHRISTOFFOLI, 2003.

¹⁶ Certidão de Transcrição: 1º Ofício de Registros de Imóveis, Comarca de Itajaí. Número de ordem 1.448, 24 de março de 1926. Consta nos anexos de CHRISTOFFOLI, 2003.

¹⁷ Classificação dos lotes por categoria conforme GUIMARÃES, 2004, p. 197, 198.

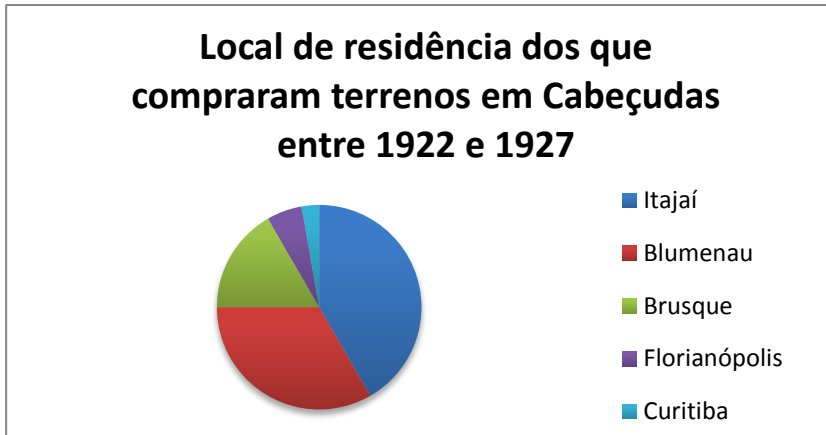
Figura 52 – Gráfico com a proporção do tamanho dos lotes vendidos em Cabeçudas entre 1922 e 1927.



Fonte: Gráfico criado pela autora com base nos registros de compra e venda de imóveis em Cabeçudas entre os anos 1922 e 1927.

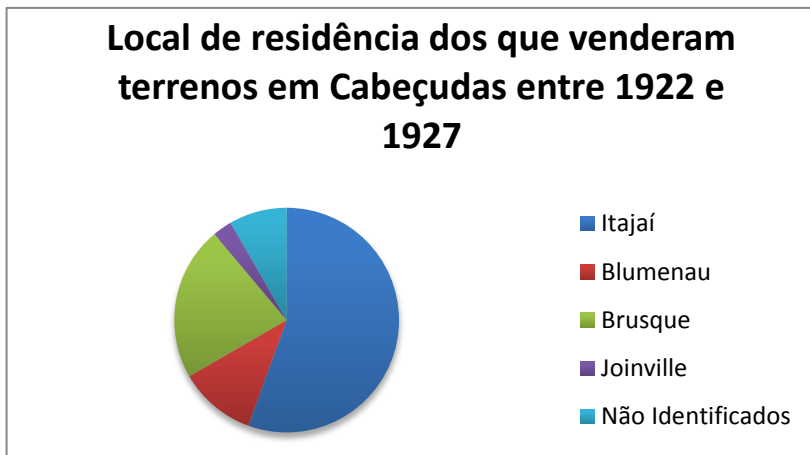
Além desses, há 2 compradores de Florianópolis e 1 de Curitiba. Esses dados que mostram uma disposição dos moradores de Blumenau e Brusque em adquirir terras em Cabeçudas na década de 20 interessam no estudo do lazer de veraneio para o estado de Santa Catarina, pois colaboram para o entendimento dos grupos germânicos como incentivadores do lazer de veraneio.

Figura 53 – Gráfico com o local de residência dos que compraram terrenos em Cabeçudas entre 1922 e 1927.



Fonte: Gráfico criado pela autora com base nos registros de compra e venda de imóveis em Cabeçudas entre os anos 1922 e 1927.

Figura 54 – Gráfico com o local de residência dos que venderam terrenos em Cabeçudas entre 1922 e 1927.



Fonte: Gráfico criado pela autora com base nos registros de compra e venda de imóveis em Cabeçudas entre os anos 1922 e 1927.

4.3.4 As casas de veraneio

As primeiras casas utilizadas para veraneio eram as cabanas alugadas de pescadores, posteriormente com a compra dos terrenos os proprietários foram projetando suas próprias casas de veraneio. Pode-se perceber que nos anos 20 houve uma grande utilização dos bangalôs, sendo esses atribuidores de prestígio aos seus proprietários por terem uma arquitetura da “moda”, representativa das casas à beira-mar. Além do status, outro benefício dos bangalôs era a facilidade e rapidez de sua construção.

Originalmente a palavra bangalô se refere a um tipo de habitação do período colonial do leste da Índia, podia-se caracteriza-lo como uma casa térrea, com cômodos bem ventilados abertos para um hall central, com o telhado pouco inclinado e varandas acompanhando todas as fachadas (JANJULIO, 2011, p.48). No final do século XIX este tipo de habitação foi levado para a Inglaterra e foi associado ao discurso sanitarista por priorizar a ventilação e o descanso em família, assim, ele se tornou a segunda residência do homem moderno, geralmente encontrado nos subúrbios, campos e à beira-mar, frequentados inicialmente nos períodos e férias e posteriormente incluiu-se o descanso nos finais de semana (JANJULIO, 2011, p.48). Os primeiros bangalôs à beira-mar da Grã-Bretanha foram construídos entre 1869 e 1870 devido a proibição da construção de casas geminadas em uma de suas praias (URRY, 1996, p.52). Estar no bangalô, longe da industrialização intensa das cidades era uma fuga do ar poluído e das condições degradantes da cidade.

Em contraste, o desenvolvimento do bangalô como uma forma especializada de habitação à beira-mar resultou de numerosos fatores: a atração cada vez maior de se visitar o litoral não apenas por motivos estritamente médicos, mas pelas belas paisagens e pelo ar revigorante; a demanda cada vez maior, por parte dos setores da classe média, de acomodações bem distantes de outras pessoas; a possibilidade de contemplar o mar em relativa solidão; a crescente popularidade da natação, em oposição aos banhos de imersão e, em consequência, a percepção da necessidade de se contar com um acesso semiprivado para a família inteira sobretudo para as crianças. (URRY, 1996, p.52)

Nos Estados Unidos o bangalô chegou ao início de século XX e teve grande repercussão sendo divulgado em diversos livros e revistas chegando inclusive a ser considerado pelo movimento Arts and Crafts americano como o tipo de habitação ideal (Craftsman ideal) (JANJULIO, 2011, p.49). É difícil definir uma caracterização visual para o bangalô, pois ele teve diversas conformações externas ao longo do tempo e em lugares diferentes, assim, não se pode considera-lo um estilo com estilemas que o caracterizem claramente, mas é possível identificá-lo como um tipo de habitação com um conceito de fuga da industrialização para um grupo unifamiliar com algumas características que ajudam a identificá-lo dependendo da conotação e do desenvolvimento que este tipo teve em determinada região (JANJULIO, 2011, p.49). O bangalô chegou ao Brasil nos estados de São Paulo de Rio de Janeiro em meados de 1920 (JANJULIO, 2011, p.50) com o mesmo ideal desenvolvido na Inglaterra de casa de descanso para o homem moderno e como representativo da arquitetura à beira mar “Houve no século XIX, uma ampla ‘bangalomania’ à beira-mar, de tal modo que, em certo sentido, no século XX o bangalô tornou-se sinônimo de beira-mar” (URRY, 1996, p.53).

Sabe-se por algumas notas de jornais que os bangalôs eram muito bem vistos na praia de Cabeçadas, constituindo-se em um tipo residencial em prestígio que por algum motivo beneficiava aquela praia:

Ainda agora, a família Bauer acaba de construir um lindo “bungalow” na praia de Cabeçadas, e não é demasiado supôr-se que esse exemplo seja largamente imitado, em benefício daquelle adorável recanto de repouso e de paz. (LUZ, 1924, p.1)

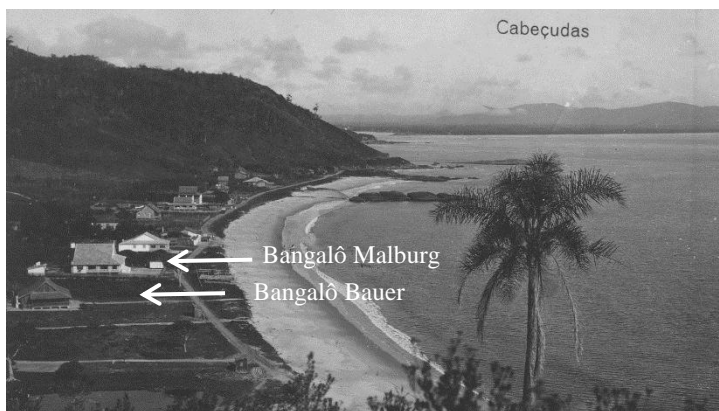
Na citação acima o bangalô exercia sua função em benefício do balneário e deveria ser largamente reproduzido. Passados mais de 10 anos outra nota de jornal exaltou a beleza do bangalô.

Que pena ver-se a praia tão suja, em completa desarmonia com a belleza dos muitos bungalows alinhados em toda sua extensão que se descortina aos olhos dos visitantes e, finalmente, com a diversidade de cores dos maillots dos banhistas alegres e expostos aos raios bemfazejos do grande astro rei – o sol. (PRAIA, 1939)

A primeira resolução urbanística em que se encontram informações sobre Cabeçadas é de número 231 escrita em 1º de novembro de 1934, ela foi divulgada pelo jornal O Pharol para conhecimento dos moradores daquela cidade. Para todos os projetos arquitetônicos apresentados a prefeitura poderia julgar quanto a aprovação ou não das fachadas, inclusive em relação a pintura, com a justificativa de defesa da “harmonia do conjunto”. Especificamente em relação à Cabeçadas foi proibida a construção de sobrados na sua rua principal, sem uma justificativa sobre esta imposição. Quando se chega às regras acerca da construção de cercas e muros percebe-se que há um tópico diferenciado para os bangalôs, sendo que os terrenos que dispusessem de residências neste “estilo” deveriam ter o muro com frente para a via pública com altura de no máximo 1,50m, enquanto os demais a altura não poderia ser inferior à 1,80m.

Os bangalôs em Cabeçadas eram habitações unifamiliares para veraneio, pertenciam a industriais e comerciantes que aproveitavam a praia para descanso e encontro com os familiares e amigos, eram construídas em sua maioria em madeira, com varandas que se constituíam como lugar de convivência da família. Os dois primeiros bangalôs de Cabeçadas foram os que pertenciam à família Bauer e outro à família Malburg e datam dos anos 1924 e 1925 respectivamente (figura 55)

Figura 55 – Bangalôs das famílias Bauer e Malburg, possivelmente 1926.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí – (002.438). Nota: Intervenção da autora.

Acredita-se que João Bauer tenha sido um dos primeiros veranistas de Cabeçudas (figura 56). Ele foi o empreendedor pioneiro no ramo da fabricação de tecidos na cidade de Brusque, conhecida como o “berço da fiação catarinense” (PREFEITURA DE BRUSQUE, 2014) . Sua primeira tentativa de produção em 1890 não teve êxito, mas auxiliado por Carlos Renaux (o cônsul) conseguiu dar prosseguimento aos negócios (PREFEITURA DE BRUSQUE, 2014). A parceria de João Bauer e Carlos Renaux tornou-se um forte vínculo. Pareciam caminhar juntos nos negócios, na política, e nos vínculos familiares com a união de uma das filhas de Renaux com Augusto Bauer, filho de João. Na praia de Cabeçudas as terras que pertenciam aos Renaux estavam próximas as terras dos Bauer. Até mesmo algumas negociações de terrenos naquela localidade se faziam entre eles.

Figura 56 – Localização de parte do terreno da família Bauer.



Fonte: Intervenção da autora sobre imagem parcial do mapa de Cabeçudas produzido pela Empresa de Topografia Urbanismo e Construções com data de 1946.

A construção de um bangalô em Cabeçudas lhe rendeu um elogio no jornal que incentivou outros proprietários a tomarem a mesma atitude difundindo esta arquitetura. Nas duas fotografias que se tem mais

aproximadas desta casa a família é retratada em pose na varanda reforçando a importância deste espaço para o convívio familiar (figuras 57 e 58).

Figura 57 – Parte da família Bauer na varanda do seu bangalô em Cabeçadas, década de 1920.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí – (062.13986).

Figura 58 – Bangalô da família Bauer em Cabeçadas, década de 1920.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí – (062.13984).

Sobre a propriedade da família Malburg, a viúva Elizabeth Malburg comprou em 1925 um terreno em Cabeçadas¹⁸ e em uma fotografia anterior a 1928 (entre 1925 e 1928) se vê seu bangalô edificado. O lote de 630m² comprado era uma pequena parte do terreno do industrial Edgar Von Buettner, de Brusque (figura 59). A casa de madeira contornada por uma extensa varanda permaneceu em seu lugar por mais de 30 anos (MALBURG, 2013) (figura 60).

Figura 59 – Localização do terreno da família Malburg.



Fonte: Intervenção da autora sobre imagem parcial do mapa de Cabeçadas produzido pela Empresa de Topografia Urbanismo e Construções com data de 1946.

¹⁸ Certidão de Transcrição: 1º Ofício de Registros de Imóveis, Comarca de Itajaí. Número de ordem 1.234, 17 de janeiro de 1925. Consta nos anexos de CHRISTOFFOLI, 2003.

Figura 60 – Bangalô da família Malburg, 1940.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí – (015.03387.001). Nota: Intervenção da autora.

O senhor Homero, bisneto da senhora Elizabeth contou em entrevista algumas de suas lembranças sobre aquela casa. Ele disse que o assoalho era distante do chão de 1,5 a 2 metros. Embaixo da casa se guardavam alguns barcos da família. Sua dúvida durante a infância era sobre alguns buracos no assoalho da casa que o pai lhe explicou servirem para escoar a água quando o chão fosse lavado, na praia não se encerava o assoalho. Em uma fotografia que guardou da casa de praia da bisavó suas tias são registradas tomando uma refeição na varanda (figura 61), mostrando mais uma vez a importância deste espaço para as famílias.

Figura 61 – Varanda do bangalô da família.



Fonte: Imagem cedida por Homero Malburg.

A perda de residência foi ocasionada pela falência da empresa Malburg no ano de 1965. A casa de veraneio foi tomada por Afonso Liberato como forma do pagamento das dívidas, esteve abandonada, virou bar até que foi demolida (HOMERO, 2013).

Há uma casa de veraneio que possivelmente é a mais antiga de todo o balneário, ela aparece em uma fotografia de 1923 (figura 62) e por algumas vezes é tema de cartões postais. Nenhum dos entrevistados se lembrava desta casa ou tinha alguma informação sobre ela.

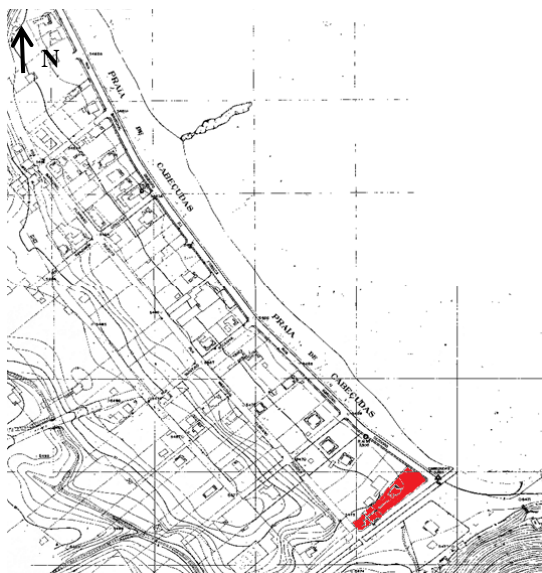
Figura 62 – Casa Ritter, 1923.



Fonte: Imagem cedida por Heinz Gustav Perau. Nota: Intervenção da autora.

O terreno em que ela está localizada, com as informações obtidas nos registros de compra e venda de imóveis na década de 1920, indicam que tenha pertencido a Carlos Ritter (figura 63). Na procura de mais informações sobre esta residência e seu proprietário se levantou outros temas interessantes de serem discutidos em pesquisas futuras.

Figura 63 – Localização de um dos terrenos de Carlos Ritter.



Fonte: Intervenção da autora sobre imagem parcial do mapa de Cabeçadas produzido pela Empresa de Topografia Urbanismo e Construções com data de 1946.

Nos registros de compra e venda de imóveis encontra-se a informação que Carlos Ritter é de Blumenau¹⁹. Sabe-se que naquela cidade havia um certo Carlos Ritter, vindo de Porto Alegre, casou-se com a senhora Elisa Rischbieter (nas segundas núpcias dela) (SILVA, 2010). Elisa fazia parte de uma família de cervejeiros, e os Rischbieter possuíam propriedade em Cabeçadas. Este Carlos Ritter nasceu em

¹⁹ Certidão de Transcrição: 1º Ofício de Registros de Imóveis, Comarca de Itajaí. Número de ordem 1.065, 23 de janeiro de 1924. Consta nos anexos de CHRISTOFFOLI, 2003.

1836 e faleceu em 1921 era filhos de Johann Heirich Ritter e Caroline Juliane Roth, teve outra esposa além de Elisa, a senhora Maria Elisabeth (ANCESTRY.COM, 2014). Porém, não é possível afirmar com certeza se foi este mesmo este homem que possuía propriedades em Cabeçudas. Na pesquisa sobre sua vida encontrou-se outro Carlos Ritter que possivelmente esteve em Itajaí, mas este é o cervejeiro e naturalista nascido em São Leopoldo (RS), em 1851, e falecido em 1926, em Pelotas (RS) (MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL CARLOS RITTER, 2014).

Essa suposição se deu, pois no Museu Carlos Ritter (Pelotas-RS), onde estão expostos os animais taxidermizados por ele, há uma vitrine de pássaros que foi doada por uma família de Itajaí. Neste caso, poderia se supor que em suas inúmeras viagens o naturalista tenha permanecido algum tempo em Cabeçudas para a realização daquele trabalho.

Assim, esta discussão não é muito produtiva para a compreensão da formação do balneário de Cabeçudas, mas é importante que fique registrado para que possa despertar o interesse de algum pesquisador para um trabalho futuro. Além disso, é intrigante que se faça o registro daquela casa em cartões postais (figura 64) e não se tenha nenhuma informação sobre ela a não ser o nome de um proprietário “desconhecido” e o que a própria imagem revela.

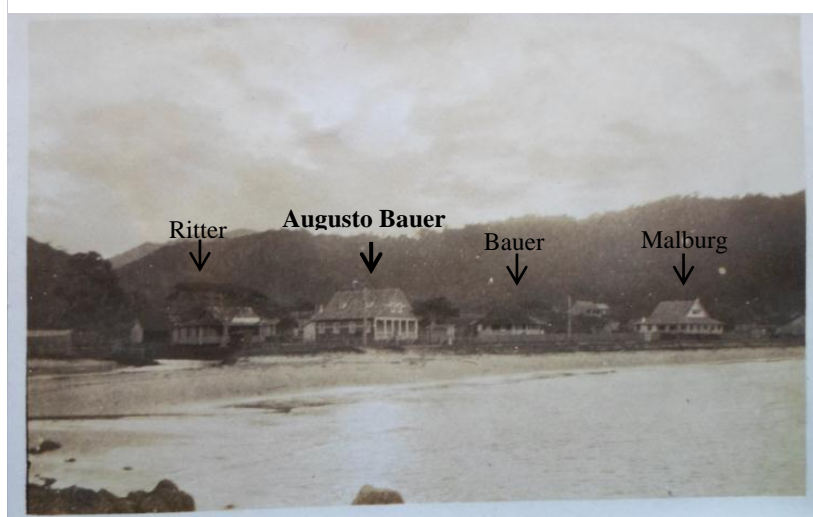
Figura 64 – Cartão Postal casa Ritter.



Fonte: Imagem cedida por Heinz Gustav Perau.

À direita do local onde estava a casa Ritter fica uma das primeiras casas de veraneio em alvenaria de tijolos em Cabeçudas (figura 65). Além dessa, de Augusto Bauer, havia a casa de Olímpio Miranda Junior. Não é possível precisar qual das duas tenha sido construída primeiramente, mas ambas são de meados de 1925.

Figura 65 – Casa de Augusto Bauer em Cabeçudas.



Fonte: Imagem cedida por Marlene Bueckmann. Nota: Intervenção da autora.

A residência que se supõe ser de Augusto Bauer possivelmente foi construída com a técnica enxaimel, essa informação foi confirmada por uma entrevistada (LÍGIA, 2013) e está em um trabalho que cita a edificação (LUNARDON, 2014), porém, somente uma averiguação mais detalhada traria um resultado preciso. Infelizmente a atual proprietária da residência não teve disponibilidade para conceder uma entrevista, o que teria sido de grande valia, pois assim também se poderiam obter mais detalhes daquela arquitetura.

No trabalho “Itajaí: pluralidade étnica desde sempre” de Catiana Lunardon se diz que esta casa era da família Renaux e foi adquirida em 1923 (LUNARDON, 2014, p.96), entretanto nas entrevistas com os moradores mais antigos de Cabeçudas havia o consenso de que estas terras pertenciam à família Bauer, mais possivelmente a Augusto Bauer. Há um registro de compra de terreno naquela localidade, de 1924, no

qual Augusto Bauer e sua esposa são os adquirentes e o transmitente é Carlos Ritter²⁰.

No registro o lote vendido tem 2.500m² e está entre as terras de João Bauer, à leste, e Carlos Ritter, à Oeste, com a frente para o mar (figura 66). No caso em que o trabalho de Lunardon traz a informação de que aquela residência pertenceu a família Renaux há certo sentido, pois a esposa de Augusto era Sophia Renaux, além disso por muitos anos a senhora Alma Renaux (possivelmente Sibille Alma Paula Melkopr), casada com Guilherme Renaux, irmão de Sophia, alugaram aquela casa para veraneio (MARLENE, 2013).

Figura 66 – Localização de um dos terrenos de Augusto Bauer.



Fonte: Intervenção da autora sobre imagem parcial do mapa de Cabeçudas produzido pela Empresa de Topografia Urbanismo e Construções com data de 1946.

Esta edificação é um exemplar importante, pois é uma das poucas da década de 1920 em Cabeçudas que permanece até a atualidade (figura 67), além disso, se for mesmo construída em técnica enxaimel, adquire maior valor ainda para a história do balneário já que se torna o

²⁰ Idem 19.

único exemplar nesta técnica construtiva, que foi largamente utilizada em Cabeçudas no período de sua formação.

Figura 67 – Antiga casa de Augusto Bauer, 2013.

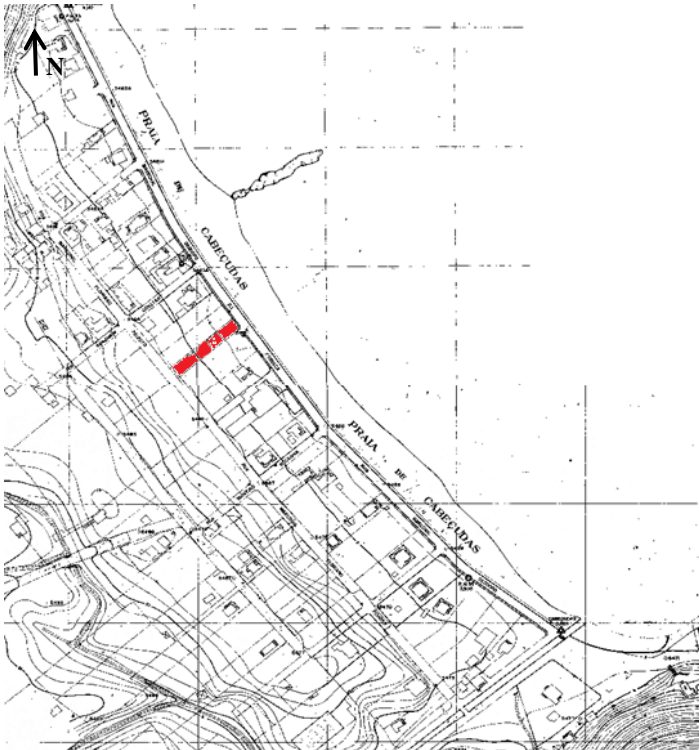


Fonte: Imagem da autora.

Seu primeiro proprietário, Augusto Bauer, foi prefeito de Brusque de 1928 a 1930 deixando o cargo devido a Revolução de 1930 (MORITZ, 2003). Era filho de João Bauer, grande industrial e comerciante de Brusque. A família Bauer foi atuante na ocupação de Cabeçudas. Os pais, alguns irmãos, cunhados e um dos filhos de Augusto, além dele mesmo, tiveram imóveis naquele balneário.

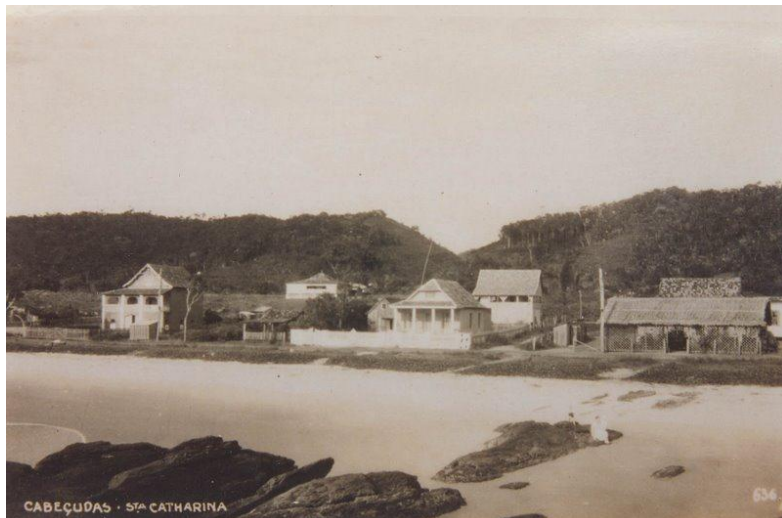
A outra casa de veraneio construída em alvenaria de tijolos, na década de 1920, em Cabeçudas, pertencia à Olympio Miranda Júnior (figuras 68 e 69). O itajaiense, Olympio, nasceu no final do século XIX, foi casado com Hedwig Odebrecht (filha de Emil Odebrecht, “pai” do concreto armado no Brasil). Pode-se dizer que Olympio gostava de aventuras. Certo dia de 1922 decidiu, com mais dois amigos, passear em Cabeçudas, o trajeto seria realizado com um bote. Tudo correu bem durante o dia, mas com o fim da tarde o retorno se tornou preocupante devido o mau tempo. Os três amigos para se salvarem rumaram com o bote para a Armação do Itapocoroy e chegaram em segurança (ROTHBARTH, 2005, p.224). Em outra oportunidade Olympio fez uma arriscada viagem ao interior do estado mesmo com a constante ameaça de ataque indígena (ROTHBARTH, 2005, p.223). Era ousado também nos negócios, foi diretor do jornal “O Pharol”, trabalhou na firma Asseburg, foi vice-presidente do Tiro de Guerra 301, adquiriu terras onde atualmente se encontra Brasília, foi delegado de polícia, iniciou a agência marítima G. Miranda e era agente de seguros (ROTHBARTH, 2005).

Figura 68 – Localização de um dos terrenos de Olympio Miranda Júnior.



Fonte: Intervenção da autora sobre imagem parcial do mapa de Cabeçadas produzido pela Empresa de Topografia Urbanismo e Construções com data de 1946.

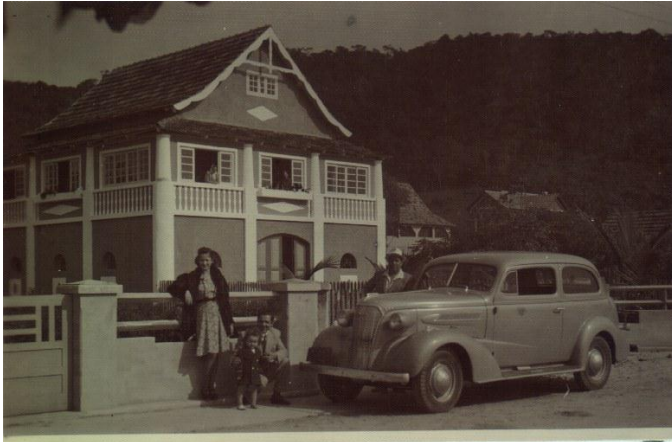
Figura 69 – Casa de Olympio Miranda Júnior, década de 1930.



Fonte: Centro de Documentação e memória Histórica de Itajaí – (058.13387). Nota: A primeira construção à esquerda da imagem corresponde à casa de Olympio Miranda Júnior.

Não há registro de compra e venda de seu imóvel em Cabeçudas. Uma das maiores alterações sofridas na residência exteriormente foi o acréscimo de um avarandado coberto na fachada da frente e lateral direita (PEREIRA, 2013). Comparando as fotos antigas e atuais do imóvel se percebe que grande parte da lateral esquerda do terreno foi perdida com a abertura da Rua Otto Renaux (figuras 70 e 71). Esta rua foi nomeada no ano de 1967. O imóvel pertenceu a Guido Miranda, filho de Olympio, e atualmente é residência de sua neta Silvia.

Figura 70 – Casa de Olympio Miranda Júnior, 1940.



Fonte:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=586864024699818&set=gm.548818678514553&type=1&theater>. Acesso em 27/06/2013.

Figura 71 – Antiga casa de Olympio Miranda Júnior, 2011.



Fonte: Imagem do Google Maps/ Street View. Acesso em: 24/01/2014.

4.3.5 Regras de pudor

Com esses grupos da elite industrial e comercial do Vale do Itajaí ocupando a praia de Cabeçudas e fazendo dela um novo espaço de lazer

algumas convenções sociais precisavam ser estabelecidas para que não criassem situações constrangedoras, principalmente em relação à mostra do corpo nos trajes de banho de mar.

A década de 1920, em Cabeçudas, foi um período de se aprender a estar à beira-mar. No mesmo anúncio da regra criada para o sentido dos carros nas estradas de acesso à Cabeçudas com o ônus de serem multados os que não a cumprissem, também foi divulgada outra regra que descrevia o uso correto do traje de banho de mar (GAYA, 1926).

Entre as décadas de 1920 e 1930 os veranistas em Cabeçudas eram amparados por um policial que ficava na praia para qualquer eventualidade, inclusive para cenas que hoje seriam banais, mas aos costumes da época eram consideradas atentado ao pudor, como contou Juventino Linhares em seu livro “O que a memória guardou” acerca do músico Schlappkohl:

[...] certa tarde, em Cabeçudas, recorressem a um policial para impedir que o Schlappkohl continuasse a trocar de roupa, em plena praia, sem se resguardar dos olhares pudicos. A petição causou espanto, por ser o caso inacreditável. Mas como ele se aproximasse, o policial interpelou-o, sendo informado, em resposta, que assim procedia para não sujeitar-se a exploração do pagamento de cinco mil réis pela rápida permanência na cabina para a troca de roupa. Mas não via nisso inconveniência, já que trazia vestido, de casa, o competente calção. E, como um artista de circo, começou ante o homem atônito, a retirar as peças do vestuário, apresentando-se em traje de banho. Ao sair do mar, vestiu primeiro a camisa, um camisolão que lhe descia até os joelhos, para deixar, depois, o calção deslizar pernas abaixo. E perguntou: “teria ocorrido, com isso, algum arranhão na moral?”. O policial sorriu, deu de ombros, e seguiu adiante. Mas o violinista era cordato, prezava o conceito em que o tinham, e daí em diante a troca passou a ser feita em local escuso, oculto dos olhares maldosos. (LINHARES, 1997, p. 244)

Apesar da praia ser um espaço público sua utilização era restrita a uma camada social que possuía condições de arcar com os custos deste lazer. Na situação descrita acima, do violinista Schlappkohl, não era

exatamente por falta de dinheiro que se trocou em público, porém, ficou claro que para tomar banho de mar em Cabeçudas no início do século XX era preciso gastar algum dinheiro com as cabines para troca de roupa, caso o banhista não tivesse casa naquela praia ou não fosse hóspede de algum de seus hotéis. Essa conduta faz com que o uso da praia seja limitado àqueles que possuíam dinheiro para arcar com este custo.

Como Cabeçudas tornou-se um espaço de lazer descanso e diversão, as relações sociais empregadas naquele local se transformaram, do local de trabalho dos pescadores para um balneário de lazer, ponto de encontro dos grandes industriais, comerciantes e políticos do Vale do Itajaí e do estado de Santa Catarina.

As regras de conduta para este espaço reforçavam o pudor das vestimentas para o banho de mar, como no caso do violinista. Estas situações em que há falta de pudor de um indivíduo ferem o direito público dos demais que desejam desfrutar de um lazer saudável em família como alega uma denúncia no Jornal O Pharol, em março de 1926 quanto à vestimenta imoral de alguns banhistas (figura 72):

Pessoas que nos merecem a maior consideração tem sido portadoras, nos últimos dias, de severas queixas contra o inqualificável abuso de certos banhistas que se apresentam, na praia das Cabeçudas, tão immoralmente vestidos que bem merecedores se estão tornando da reprehensão policial. Os calções de banho, além de curtíssimos, são de tal modo transparentes que deixam completamente á mostra os menores detalhes do corpo, mesmo os mais recatados, que a vergonha moral impede que sejam percebidos sem causar grave offensa ao pudor. Que taes banhistas moderem a exhibição escandalosa de seus corpos, si não em attenção á própria moral ao menos em respeito ás famílias que por ali passam. ([IMORALIDADE], 1926, p.1)

Figura 72 – Banhistas em Cabeçudas, possivelmente década de 1920.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí – (007.916).
 Nota: Imagem possivelmente anterior à lei criada pela prefeitura, em 10 de outubro de 1926, quanto ao regramento dos trajes de banho. Apenas um homem, ao centro da imagem, usa traje de banho que cobrindo o peito, os

No final de 1926 o governo municipal de Itajaí tomou uma posição sobre esta denúncia e criou uma lei que previa multa a quem fosse pego utilizando traje de banho que não estivesse de acordo com as instruções divulgadas pela polícia ou superintendência:

Outrossim, se torna publico que não é permitido a ninguém tomar banho na praia de Cabeçudas sem estar convenientemente trajado. Os homens deverão usar calção e respectiva camisa, que cubra um pedaço do calção, sendo expressamente proibido o uso de calção somente ou de roupa maillot que retrate as formas. Aos fractores será applicada a multa de 10 (?) a 20 (?), incorrendo também na multa de 20 (?) a 50 (?) os que alugarem roupas de banho que não sejam as prescriptas pela policia ou superintendência. (GAYA, 1926)

Assim, estas regras parecem ter sido eficientes até inicio da década de 1930. As fotografias que registraram os banhistas durante as

primeiras décadas do século XX ajudaram a compreender melhor as transformações ocorridas nos modelos dos trajes de banhos.

Conforme a lei criada pelo governo municipal os trajes deveriam ser descentes não modelando o corpo ou sendo transparentes, assim, apesar de não se ter a data exata da figura 73, supõe-se que seja anterior à década de 1930, correspondendo a um bom exemplo do que desejava a lei que impunha pudor no uso do traje de banho de mar.

Figura 73 – Banhistas em Cabeçudas, possivelmente década de 1920.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí – (008.01212). Nota: Trajes de banho “convenientes” conforme a lei criada pela prefeitura.

Entretanto, passados poucos anos, Cabeçudas passou a receber uma quantidade maior de turistas principalmente após a inauguração do Hotel Cabeçudas e os melhoramentos urbanos lá realizados, a moda transformou as leis do pudor (figura 74).

Figura 74 – Banhistas em Cabeçudas, 1930.



Fonte: Imagem cedida por Marlene Bueckmann.

4.4 O SANEAMENTO DA PRAIA

4.4.1 Obras de saneamento para o fim da malária

A denominação do período da década de 1930 em Cabeçudas de “Período de Saneamento” neste trabalho se baseia na grande atenção dada aquele balneário, pelo governo estadual, para a erradicação da malária já que lá se sofria gravemente com o ataque dos mosquitos vetores do *Trypanossoma Cruzi*. Somente com o fim dos casos dessa doença seria possível uma forte propaganda em favor de Cabeçudas como um espaço de lazer saudável, livre de mazelas.

A construção do Hotel Cabeçudas já havia sido atrasada devido os surtos de malária na metade da década de 1920. Seria ruim para a economia da cidade que aquele balneário retardasse seu progresso, havia uma grande certeza em Itajaí da força turística apresentada por aquela praia. As principais obras de infraestrutura iniciadas no fim de 1920 foram interrompidas com a deposição do prefeito Marcos Konder

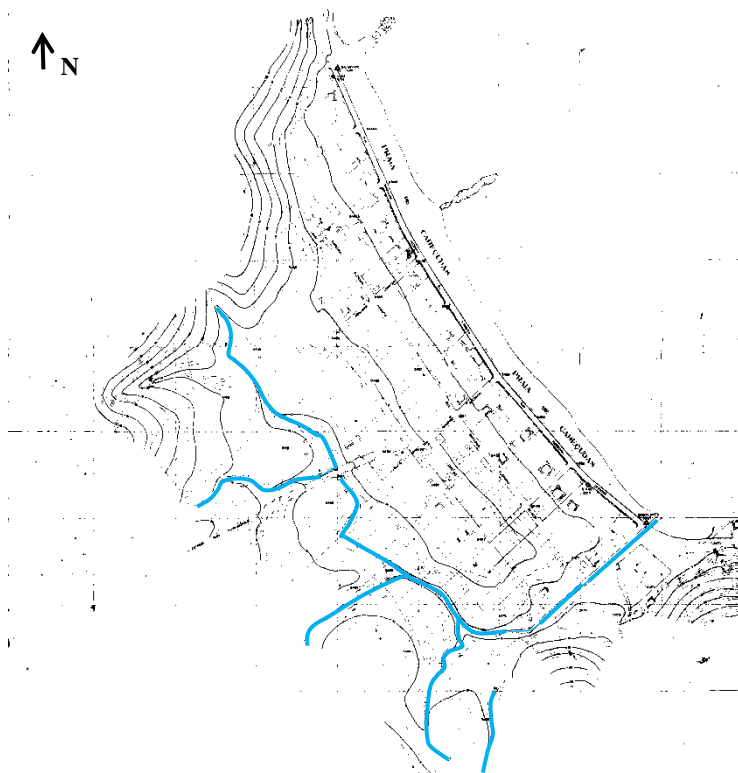
devido a Revolução de 30. Em 1931, por falta de manutenção, as árvores que foram plantadas ao longo da beira-mar estavam desaparecendo e a estrada de acesso estava intransitável (CABEÇUDAS, 1931, p.2).

A situação do surto de malária era tão intensa que levou dr. Menescal do Monte à solicitar na prefeitura a criação de um imposto a ser pago pelos moradores de Cabeçudas cujo destino seria exclusivamente para a erradicação da malária naquela localidade (SANEAMENTO, 1931, p.2). A prefeitura se manifestou a respeito do crescente caso de malária apenas no ano seguinte, 1932, com a roçagem de toda encosta dos morros que cercam aquela praia (SANEAMENTO, 1932, p.4). O trabalho de roçagem não era tão extenuante, pois há alguns anos o posto de prophylaxia rural já havia desmatado toda aquela área para combate da malária. Nenhuma providencia mais foi registrada nos jornais.

Somente no ano de 1938 uma providencia foi tomada, o Interventor Federal em Santa Catarina, Nereu Ramos, que já havia realizado visitas à Cabeçudas, inclusive comparecendo à jantares no Hotel Cabeçudas, enviou para o fim de sanear aquela praia a quantia de 30 contos de réis (O SANEAMENTO, 1938). Este plano do governo estadual foi levado adiante, as obras foram iniciadas no ano da doação e foi dirigida pelo dr. Jorge de Barros, o responsável pelo serviço de malária no estado (O DR. NEREU, 1938). Todo o levantamento da área foi realizado pelo engenheiro sanitaria Paulo Pires com o auxilio de João Uriarte, desenhista e Álvaro da Silveira, Guarda-chefe (O DR. NEREU, 1938). Parte da obra consistia em dotar aquele balneário de canais para escoamento das águas (figura 75):

(...) uma grande extensão de canaes que estão sendo abertos, afim de dar escoamento as águas estagnadas nas redondezas do pitoresco balneário, em obediência a um bem delineado plano de saneamento, cuja realização virá, sem dúvida, não só valorizar as terras daquela praia, como livra-la dos mosquitos transmissores da febre malaria. (O DR. NEREU, 1938)

Figura 75 – Canais abertos em 1938 pelo Serviço da Malária para escoamento das águas estagnadas em Cabeçadas.



Fonte: Intervenção da autora sobre imagem parcial do mapa de Cabeçadas produzido pela Empresa de Topografia Urbanismo e Construções com data de 1946.

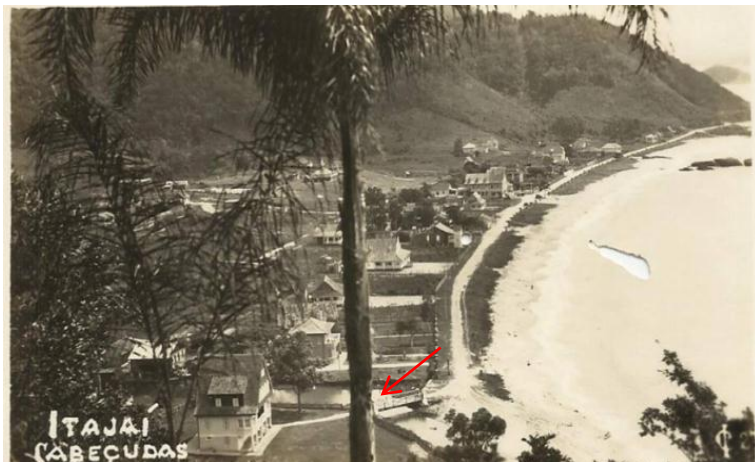
É possível que o ribeirão que desembocava entre os terrenos de Walter Gustav Bueckmann e de Carlos Ritter, e onde se pescava alguns anos antes tenha sido canalizado nestas obras do Serviço da Malária (figuras 76 e 77). Infelizmente hoje em dia alguns esgotos são lançados nesse canal (figuras 78 e 79).

Figura 77 – Pesca no Ribeirão antes de ser canalizado, anterior a 1930.



Fonte: Centro de Documentação e memória Histórica de Itajaí. Nota: Casa de propriedade de Carlos Ritter.

Figura 76 – Ribeirão antes de ser canalizado, década de 1930.



Fonte:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=469506616479701&set=gm.547077222022032&type=1&theater>. Acesso em: 23/06/2013. Nota: Intervenção da autora.

Figura 78 – Ribeirão após ser canalizado.



Fonte:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1402636579948423&set=gm.560736580656096&type=1&theater>. Acesso em: 22/07/2013. Nota: Intervenção da autora.

Figura 79 – Ribeirão canalizado, 2013.



Fonte: Imagem da autora.

Na ocasião da visita de Nereu Ramos à Cabeçudas, em 1938, para vistoria das obras empreendidas pelo estado naquele balneário, estavam com ele Irineu Bornhausen, Francisco de Almeida, e outros senhores (O DR. NEREU, 1938). Irineu Bornhausen era prefeito de Itajaí naquela ocasião, e o sr. Francisco de Almeida se tornou prefeito no ano seguinte permanecendo no cargo até 1945. Foi o prefeito Almeida que deu continuidade às obras de melhoramento de Cabeçudas.

4.4.2 Novos proprietários e arquiteturas no balneário

No período que Irineu Bornhausen foi prefeito de Itajaí (1936-1939) colaborou com as obras de saneamento de Cabeçudas empreendidas pelo governo estadual, não realizando nenhum outro melhoramento. Entretanto, antes de ser prefeito, talvez como forma de se promover, realizou uma obra importante para o bairro que até hoje tem seu valor reconhecido: a Capela Santa Terezinha (figura 80).

Figura 80 – Capela Santa Terezinha em Cabeçadas.



Fonte: <http://www.marambaiahotel.com.br/imagens/>.
Acesso em: 25/01/2014. Fotógrafo: Marcello Sokal.
Nota: Capela à esquerda na imagem, e à direita Hotel Marambaia.

A capela de Cabeçadas, no vértice da enseada (figura 81) foi construída em 1930. Ficou reconhecido na cidade que tal capela foi idealizada na década de 1920 por três senhoras de Itajaí, Ana Fontes, que doou o terreno para a construção, Ana Reis e Ana Werner, as três Anas, que teriam assim homenageado Sant’Ana como padroeira²¹. Nesta versão da história o nome da capela teria mudado quando em meados de 1950 o sr. Irineu Bornhausen trouxe da França uma imagem de Santa Terezinha para presentear a capela e que esta teria recebido mais atenção do que a imagem de Sant’Ana. Por fim Sant’Ana ficou esquecida e o nome da capela foi alterado. Porém, ao pesquisar nos jornais de Itajaí pode-se perceber que os fatos não ocorreram desta forma.

²¹ Esta versão pode ser encontrada em: SCHAUFFERT in SILVA, 1995, p.118; e ROTHBARTH, 2010, p.139.

Figura 81 – Localização da Capela Santa Terezinha.



Fonte: Intervenção da autora sobre imagem parcial do mapa de Cabeçudas produzido pela Empresa de Topografia Urbanismo e Construções com data de 1946.

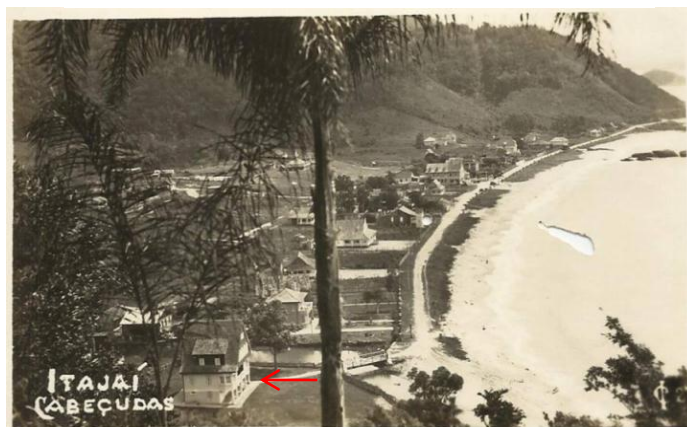
Um jornal de agosto de 1930 credita à Irineu Bornhausen a edificação da capela, que estava sendo construída naquele mês com pretensão de ser inaugurada em outubro do mesmo ano (O EMBELEZAMENTO, 1930, p.1). Esta nota ainda revela os responsáveis pela doação do terreno para a capela, que são a viúva Ana Fontes e o senhor Carlos Frederico Seara. Naquele momento já se afirmava ser Santa Therezinha do Menino Jesus a padroeira da igrejinha. Não se exclui a possibilidade das três Anas terem idealizado a capela, entretanto, não é possível afirmar que ela chegou a ser devotada à Sant'Ana.

Em janeiro de 1931 o reboco da igrejinha ainda não havia sido terminado (A IGREJINHA, 1931, p.1). Naquele ano não se falava em capela Santa Teresinha ou Sant'Ana. O jornal afirma que a chamavam de Igrejinha da Promessa (A IGREJINHA, 1931, p.1). Isso devido a uma suposta promessa que Irineu Bornhausen havia feito para ser prefeito de Itajaí, acreditando na vitória adiantou-se para cumprir sua

parte, diziam que ele pretendia inaugurar a capela no dia da posse de Júlio Prestes, o que não aconteceu, pois a Revolução de 30 impediu que Prestes assumisse a presidência e que Irineu alcançasse o cargo almejado (A IGREJINHA, 1931, p.1). Diante dos contratemplos políticos a capela só foi inaugurada em fevereiro de 1935, naquela ocasião ocorreu o “(...) benzimento da imagem e da capela de S. Theresinha, construída naquela praia pela sra. D. Marieta Konder Bornhausen, em atenção a uma promessa” (INAUGURAÇÃO, 1935, p.2). O sino da capela, doado por Augusto Bauer, foi benzido em maio daquele ano, na ocasião houve missa cantada, bazar, churrascada e outros divertimentos em prol da capela (CAPELLA, 1935, p.1). No ano seguinte Irineu Bornhausen foi eleito prefeito de Itajaí.

Além da capela, só se pode apresentar outras duas novas arquiteturas surgidas neste período. Pela falta de projetos arquitetônicos e fotografias da década de 1930 que mostrem as edificações realizadas neste período, foram identificadas a penas a instalação da casa do sr. Walter Gustav Bueckmann (figuras 82 e 83) e do sr. Juvêncio Tavares d’Amaral, que adquiriu terreno em 1938, portanto sua residência possivelmente foi construída entre as décadas de 1930 e 1940.

Figura 82 – Casa Bueckmann.



Fonte:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=469506616479701&set=gm.547077222022032&type=1&theater>. Acesso em: 23/06/2013. Nota: Intervenção da autora.

Figura 83 – Casa Bueckmann, 1930.



Fonte: Imagem cedida por Marlene Bueckmann.

O sr. Bueckmann possuía uma das maiores residências em alvenaria na década de 1930 em Cabeçudas. A edificação contava com 4 andares. O proprietário conheceu aquele balneário possivelmente por influência de sua esposa. Ele era casado com Maria Renaux (filha do Cônsul Carlos Renaux), cuja família possuía muitos terrenos em Cabeçudas. Bueckmann era alemão e veio ao Brasil como técnico que instalaria as máquinas de fiar da Fábrica Renaux em Brusque, cidade em que residiam (PORTAL DO CONFECCIONISTA, 2014).

A Certidão de Transcrição de seu terreno revela que a propriedade foi adquirida de Paulo Renaux, seu cunhado no final de 1931²². Eram 11.100m² que custaram Rs 2:200\$000. Nas laterais seu terreno fazia extrema com terras de Carlos Ritter e da viúva Caldeira. Os fundos era limitado com o ribeirão e a frente com o mar (figura 84).

²² Certidão de Transcrição: 1º Ofício de Registros de Imóveis, Comarca de Itajaí. Número de ordem 1.292, 18 de abril de 1925. Consta nos anexos de CHRISTOFFOLI, 2003.

Figura 84 – Localização do terreno de Walter Gustav Bueckmann.



Fonte: Intervenção da autora sobre imagem parcial do mapa de Cabeçudas produzido pela Empresa de Topografia Urbanismo e Construções com data de 1946.

O terreno de Bueckmann em Cabeçudas era extenso e muito pantanoso devido ao ribeirão que passava nos fundos e à direita de seu terreno. Para resolver este problema ele plantou eucaliptos nas suas terras para secarem o solo. O grande chalé de Cabeçudas, na década de 1960, foi substituído por uma edificação de arquitetura moderna (figuras 85 e 86). Atualmente a casa pertence a sua neta Marlene.

Figura 85 – Casa Bueckmann rodeada de eucaliptos, possivelmente década de 1960.



Fonte:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10201769346424249&set=gm.585770964819324&type=1&theater>. Acesso em: 01/09/2013. Nota: Intervenção da autora.

Figura 86 – Casa Bueckmann, 2011.



Fonte: Imagem do Google Maps/ Street View. Acesso em: 24/01/2014.

A outra residência que não se tem precisamente a data, mas que possivelmente foi construída entre as décadas de 1930 e 1940 pertenceu a Juvêncio Tavares d'Amaral, português que imigrou para o Brasil no final do século XIX com seus dois irmãos Antonio e Augusto (ROTHBARTH, 2005, p.81). Quando Juvêncio chegou em Itajaí tinha apenas 13 anos e foi cuidado por seu tio João d'Amaral (ROTHBARTH, 2005, p.81).

Juvêncio teve várias ocupações em Itajaí, foi comerciante, ajudante do procurador da República e Conselheiro Municipal de 1923 a 1927 (ROTHBARTH, 2005, p.82). Em 1938 adquiriu de Carolina Boettger 484,00m² de terras em Cabeçadas pelo preço de Rs 2:000\$000²³. Lá morou por muitos anos (figuras 87 e 88). Faleceu em 1970 mas permaneceu na memória dos moradores daquele bairro.

Figura 87 – Localização do terreno de Juvêncio Tavares D' Amaral.



Fonte: Intervenção da autora sobre imagem parcial do mapa de Cabeçadas produzido pela Empresa de Topografia Urbanismo e Construções com data de 1946.

²³ Certidão de Transcrição: 1º Ofício de Registros de Imóveis, Comarca de Itajaí. Livro de Transmissão das Transmissões nº 3 -C, folhas 60. Número de ordem 4.927, em 16 de fevereiro de 1938.

Figura 88 – Casa de Juvêncio Tavares D’Amaral.



Fonte: Imagem cedida por Ligia Leal. Nota: Intervenção da autora.

A maioria dos entrevistados lembrou de Juvêncio, inclusive lhe chamando de tio Juvêncio (LIANA, 2013; HEINZ, 2013). Descreveram-no como uma figura amigável sempre sentado nos bancos em frente ao mar conversando com algum vizinho. A principal rua do balneário de Cabeçadas passou a levar seu nome quando ele ainda estava vivo em 1967.

4.5 O EMBELEZAMENTO

4.5.1 O Plano de Embelezamento de Francisco de Almeida

Na ocasião da visita de Nereu Ramos à Cabeçadas, em 1938, para vistoria das obras empreendidas pelo estado naquele balneário, estavam com ele Irineu Bornhausen, Francisco de Almeida, e outros senhores. Irineu Bornhausen era prefeito de Itajaí naquela ocasião, e o sr. Francisco de Almeida se tornou prefeito no ano seguinte permanecendo no cargo até 1945. Esta visita possivelmente colaborou para um projeto que Francisco de Almeida colocou em prática na sua gestão um plano de embelezamento para Cabeçadas.

As obras empreendidas em seu governo foram realizadas pela Cia. Metalúrgica Cobrazil (CABEÇUDAS, 1940, p.3). São obras em Cabeçadas de sua gestão: o prédio da escola municipal (SOUZA, 1940), o passeio cimentado (MELHORAMENTOS, 1940), a capinação da orla (MELHORAMENTOS, 1940), postes cimentados rua (CABEÇUDAS EMBELLEZA – SE, 1940), a construção de outra rua (CABEÇUDAS

EMBELLEZA – SE, 1940), as regras para construção de muros e edificações (EDITAIS, 1940) e o início da negociação para calçamento da rua principal (CALÇAMENTO, 1941).

A primeira escola que havia em Cabeçadas se localizava próxima à igreja, em uma edificação de madeira (JÚLIA, 2013). O aspecto não era esteticamente agradável, pois era um casebre que desarmonizava com as demais edificações (ESCOLA, 1940). Conforme o Plano de Embelezamento de Francisco de Almeida, em 1939 a escola foi transferida para um terreno adquirido pela prefeitura do senhor Silvestre Schmitt ²⁴, ao lado do atual restaurante Chez Raymond, entre as ruas Floriano Peixoto e Carlos Cônsul Renaux (figura 89).

Figura 89 – Localização da Escola Municipal de Cabeçadas.

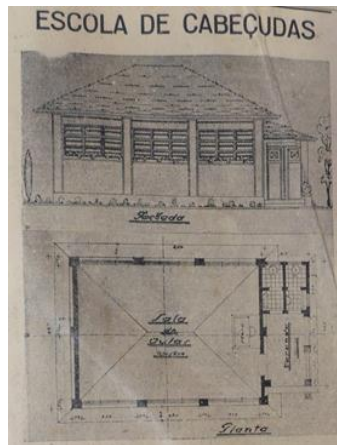


Fonte: Intervenção da autora sobre imagem parcial do mapa de Cabeçadas produzido pela Empresa de Topografia Urbanismo e Construções com data de 1946.

Esta escola permanece atualmente na mesma localidade com o mesmo edifício projetado apresentado no jornal de setembro de 1940 (figuras 90 e 91).

²⁴ Certidão de Transcrição: 1º Ofício de Registros de Imóveis, Comarca de Itajaí. Livro de Transmissão das Transmissões nº 3 -D, folha 116. Número de ordem 6.310, em 12 de janeiro de 1940.

Figura 90 – Projeto de uma escola para Cabeçadas, 1940.



Fonte: ESCOLA, 1940.

Figura 91 – Escola Municipal de Cabeçadas, 2011.



Fonte: Imagem do Google Maps/ Street View. Acesso em: 24/01/2014.

A retirada do capim da orla permitiu a construção do passeio cimentado (figura 92), que se tornou um ponto de destaque para Cabeçadas.

Figura 92 – Passeio cimentado, obra de embelezamento de Cabeçudas, 1952.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí – (001.0013.004).

Desde sua construção, em 1940, o passeio é utilizado por pessoas que fazem sua caminhada diária, por admiradores da paisagem e grupos de amigos que desejam um espaço agradável ao ar livre para conversar. A troca dos postes de madeira pelos cimentados se deu com uma solicitação do prefeito á Companhia de Força e Luz (CABEÇUDAS EMBELLEZA – SE, 1940). Não seria esteticamente bom para o balneário ter vários melhoramentos na rua principal que atestavam seu progresso com postes antigos de madeira.

Estes melhoramentos foram acompanhados de uma legislação que trazia obrigações aos proprietários de imóveis naquele balneário (EDITAIS, 1940). A primeira vez que Cabeçudas apareceu em uma Resolução de regulamentação da ocupação urbana foi em 1934 (RESOLUÇÃO, 1934, p.3). O balneário foi considerado área urbana em abril de 1928 (ITAJAÍ, 1928, p.87). Alguns pontos da resolução de 34 são a proibição da construção de sobrados na rua principal, a construção de muros nos terrenos que ficavam nas ruas de primeira categoria não podendo ter altura menor que 1,80m exceto no caso da edificação ser um bungalow, neste caso a altura mínima caia para 1,50m, o uso de arame farpado naquele balneário só era permitido em terrenos baldios e as ruas de penetração deveriam ter 6m de largura enquanto a ruas paralelas a rua principal deveriam ter 10m (RESOLUÇÃO, 1934, p.3). Em 1940 a construção dos muros na rua principal voltaram a ser cobrados, incluindo também os meios-fios do passeio conforme o modelo da prefeitura (EDITAIS, 1940). A multa para quem assim não o

cumprisse no prazo estabelecido era de cem mil réis (EDITAIS, 1940). Após o início de tomada de providências a respeito dessas regulamentações levantadas no governo de Francisco de Almeida seu próximo ato foi de negociar com estes proprietários para que pudesse executar o calçamento da rua principal (CALÇAMENTO, 1941). Não foi Francisco de Almeida que iniciou o calçamento mas, seu sucessor Abdón Fóes em 1946. Todas estas obras certamente contribuíram grandemente para o desenvolvimento de Cabeçudas e sua valorização.

No primeiro ano da gestão de Abdón Fóes foram entregues à municipalidade mapas de várias partes de Itajaí realizados pela “Empresa de topografia urbanismo e construções” (ETUC). Encontraram-se duas pranchas de escala 1:1000 referentes ao balneário de Cabeçudas, uma delas retratando a parte sul e outra a parte norte, porém toda a parte da atual rua Samuel Heusi Junior, a antiga estrada do farol, onde ficavam as casas dos pescadores, não aparece no mapa (figura 93). A partir desses dois documentos que foram unidos digitalmente para se ter o todo do balneário retratado pode-se compreender melhor as obras empregadas em Cabeçudas até o ano de 1946 e principalmente localizar os lotes e seus proprietários e identificar algumas ruas como por exemplo a rua Benjamin Constant como aparece no mapa de 1946 que é a atual João Bauer Junior, e a atual rua Benjamin Constant é a rua onde está o riacho canalizado, ao lado da residência Bueckmann.

Figura 93 – Mapa de Cabeçadas produzido em 1946.



Fonte: Imagem de parte do Mapa de Cabeçadas produzido pela Empresa de Topografia Urbanismo e Construções com data de 1946. Nota: O Norte não foi indicado com intervenção da autora com o propósito de não interferir na imagem. As duas placas que foram digitalmente unidas para compreensão do mapa como um todo medem cada uma: 75 x 98cm.

Um jornal de 1940 citava a abertura de uma rua paralela à rua principal de Cabeçadas (CABEÇUDAS EMBELLEZA – SE, 1940), entretanto, já se viu anteriormente que tal rua aparecia em uma foto de 1928, é possível que o jornal de 1940 tenha assim se referido a algum alargamento ou melhoramento daquela rua, atualmente chamada Floriano Peixoto.

Pode-se ver a seguir, na figura 94, que não existem ruas transversais para trás dela, apenas caminhos que se dirigem a algumas residências. No final da década de 1940 a Rua Cônsul Carlos Renaux já estava projetada, inclusive há um projeto de 1947, para a residência de Benjamin Lobo de Farias, realizado por ele mesmo que apresentava no desenho de situação a frente da edificação para a Rua Projetada, que posteriormente foi denominada. Outras ruas menores foram abertas segundo as indicações que se tem através das plantas de situação de projetos arquitetônicos das residências.

Figura 94 – Rua Floriano Peixoto, possivelmente 1940.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí – (055.12503). Nota: Intervenção da autora.

Tais melhoramentos provocaram aumento do valor dos terrenos. É interessante perceber como a imprensa tratava este assunto. Em meados da década de 1920 muitos pescadores possuíam residência naquela localidade e predominavam alguns grandes proprietários de terras como Ulisses Dutra que possuía um sítio lá. Porém no anuário de Itajaí do ano de 1949 a situação é outra, considerava-se o valor do terreno uma fortuna custando “Cr\$ 10.000,00 por metro de frente” (DUAS, 1949, p.107). Quando em 1940 houve um maior investimento na praia de Cabeçudas uma crônica no Jornal do Povo anunciou o

aburguesamento daquela localidade: “O balneário itajahyense trocou o seu vestido de chita e sua blusa de cambraia pelos figurinos de Copacabana. Cabeçadas está vestida de novo. Jogou fóra os seus galpões e as suas casinhas de madeira, para erguer vivendas magníficas” (SOUZA, 1940) e ainda “Tornou se a nossa praia filha dilecta dos nossos burguezes” (SOUZA, 1940). Entretanto, a crônica procurou também resguardar-se afirmando que este aburguesamento não trouxe dano aos antigos “desbravadores” daquela região nem aos “filhos” de Cabeçadas, os pescadores. Justificou o desaparecimento destes com o argumento de que aquela praia estava tão chique que todos os olhares eram atraídos para este fato ofuscando os “primitivos” que ali permaneciam.

4.5.2 Proprietários e Arquiteturas de Cabeçadas na década de 1940

As “vivendas magníficas” (conforme o articulista do Jornal do Povo) que apareciam na década de 1940 em Cabeçadas davam grande destaque ao balneário pois reforçavam seu caráter de espaço das elites. Entre os projetos arquitetônicos desse período que se teve acesso, 24 exemplares, apenas 7 que foram construídos permanecem até atualidade (figura 95). Destes sete exemplares reconhecidos, quatro fazem frente para a Rua Floriano Peixoto, sendo esta um novo eixo de ocupação do balneário devido os melhoramentos empregados naquela rua. É preciso também notar que algumas residências começaram a se instalar de frente para Rua Cônsul Carlos Renaux, que ainda era apenas uma rua projetada.

Figura 95 – Construções da década de 1940, em Cabeçudas, que permanecem até a atualidade.



- 1 - Propriedade de Luiz Haur. Projeto de 1942. Construtor Francisco Canziani.
- 2 - Propriedade de Rodolfo Renaux Bauer. Projeto de 1942. Construtor Francisco Canziani. Projetista Mia Bauer (sem assinatura).
- 3- Propriedade de Max Schelling. Projeto de 1945. Construtor Francisco Canziani. Projetista Eurico Borges dos Reis. Desenhista Richard Kaulich.
- 4 - Propriedade de Heinz Schrader. Projeto de 1948. Construtor Félix Malburg. Projetista Eurico Borges dos Reis. Desenhista Richard Kaulich.
- 5 - Propriedade de Osvaldo Otte. Projeto de 1949. Construtor Félix Malburg. Projetista Félix Malburg.
- 6 - Propriedade de Willy Siebert. Projeto de 1949. Construtor Félix Malburg. Projetista assinatura ilegível.
- 7 - Propriedade de Benjamin Lobo de Farias. Projeto de 1947 e 1954. Construtor Benjamin Lobo de Farias.
- 8 - Escola Municipal. Projeto não encontrado. Projetada entre 1939 e 1940.
- 9 - Propriedade de Oswaldo Leal. Projeto não encontrado. Projetada entre 1945 e 1950. Construtor Paulino Leal.

Fonte: Intervenção da autora sobre imagem do Google Maps (2013). Nota: Marcas em vermelho referem-se a localização de construções que permanecem até a atualidade cujos projetos arquitetônicos foram encontrados. Marcas em amarelo referem-se as construções da década de 1940 que permanecem até a atualidade cujos projetos arquitetônicos não foram encontrados.

4.5.2.1. Propriedade de Luiz Haur

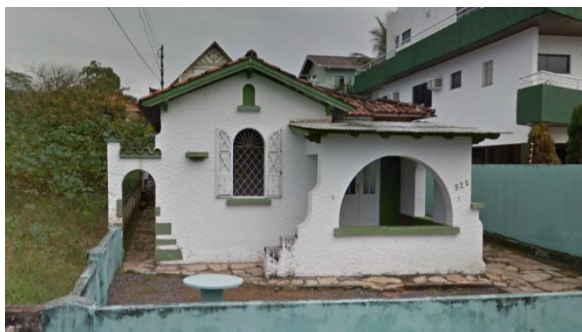
A primeira casa da década de 1940 reconhecida até a atualidade foi projetada em 1942, pertenceu a Luiz Haur (figuras 96 e 97). No projeto o edifício possui uma varanda marcando a entrada principal, uma sala de jantar, três quartos, banheiro e cozinha. Há ainda uma entrada nos fundos onde se tem mais duas dependências que possivelmente eram um depósito e uma lavanderia. O construtor responsável por esta edificação era Francisco Canziani.

Figura 96 – Fachada da casa de Luiz Haur desenhada no projeto arquitetônico, 1942.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Figura 97 – Antiga casa de Luiz Haur, 2011.



Fonte: Imagem do Google Maps/ Street View. Acesso em: 24/01/2014.

4.5.2.2 Propriedade de Rodolfo Renaux Bauer

A segunda residência identificada também teve como responsável por sua construção Francisco Canziani, mas seu projeto foi realizado pela esposa de Rodolfo Renaux Bauer, proprietário da edificação (figura 98). Na década de 1930 Rodolfo Renaux Bauer, conhecido como Rudi, foi para a Alemanha estudar (DEEKE, 2013). Lá conheceu e casou-se em 1936 com a jovem Michette, uma austríaca, que ao chegar ao Brasil foi chamada de Mia Bauer (DEEKE, 2013). Antes de se unir a Rudi, Mia trabalhava desenhando casas em estilo austríaco e suíço, mesmo não sendo arquiteta ou engenheira (DEEKE, 2013). Logo após o casamento retornaram ao Brasil.

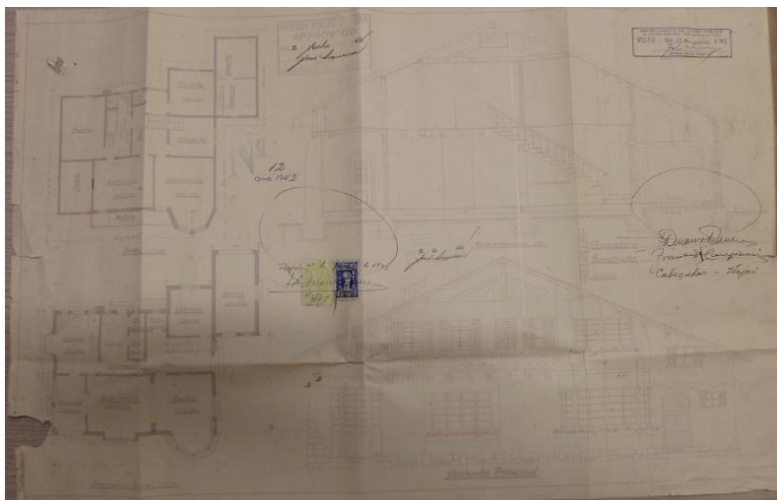
Figura 98 – Casa de Rodolfo Renaux Bauer.



Fonte: Imagem cedida por Ligia Leal. Nota: Intervenção da autora.

No final da década de 1930 Rudi foi escolhido para representar a empresa da família com acionista do Banco INCO, para isso teria que se mudar de Brusque para Itajaí. O local escolhido para residência pelo casal foi Cabeçadas. Foi Mia que desenhou a própria casa em estilo austríaco (figura 99).

Figura 99 – Projeto arquitetônico da casa de Rodolfo Renaux Bauer, 1942.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí. Nota: Segunda folha de dois documentos.

O avô de Rudi, Cônsul Carlos Renaux, ficou tão impressionado com o desenho que Mia fizera para a casa que procurou dotá-la do melhor material. Providenciou o corte das madeiras de caneca e sucupira na lua minguante cujas toras ficaram submersas por dois anos no rio Itajaí-mirim (DEEKE, 2013). Segundo Gunter Deeke, que trocou cartas com Mia, a construção começou em 1941 (DEEKE, 2013), mas o projeto da residência só foi aprovado pela prefeitura em junho de 1942. Além disso, Gunter revela que o responsável pela obra era José Siqueira, mas este consta como responsável pela aprovação do projeto na prefeitura enquanto o construtor seria Francisco Canziani conforme indicado no projeto arquitetônico.

A casa que atualmente pertence ao sr. Gunter não possui um cupim sequer nas madeiras de canela e sucupira providenciadas pelo Cônsul. Além disso, todas as madeiras que fazem a armação para o telhado foram encaixadas umas nas outras não havendo um único prego em toda a armação (DEEKE, 2013). Tamanho cuidado para com a perfeição da residência foi conseguido também pelo gerenciamento de Mia que acompanhou a obra. A residência possuía no térreo: garagem, gabinete, salão, sala de jantar, lavabo, banheiro, cozinha e varanda; no sótão dois dormitórios de frente para o balcão com vista para a o jardim e a praia, três quartos, depósito e banheiro.

Em 1950 quando o casal se separou a casa ficou para Mía que teve que vendê-la para retornar à sua terra natal (DEEKE, 2013). O comprador foi Victor Deeke, pai de Gunter o atual proprietário. Antes de entrarem na casa Victor realizou um acréscimo na sala de jantar fazendo com que o telhado na lateral esquerda da residência sofresse um prolongamento (DEEKE, 2013). Passaram a residir ali então em 1952. É louvável o cuidado da família Deeke para com a preservação da residência e principalmente a disponibilidade de Gunter em passar adiante a história daquela edificação (figura 100). A maior parte das informações sobre esta residência foi levada por Gunter em cartas trocadas na década de 1990 com Mía Bauer.

Figura 100 – Antiga residência de Rodolfo Renaux Bauer. Atual residência de Gunter Deeke, 2013.



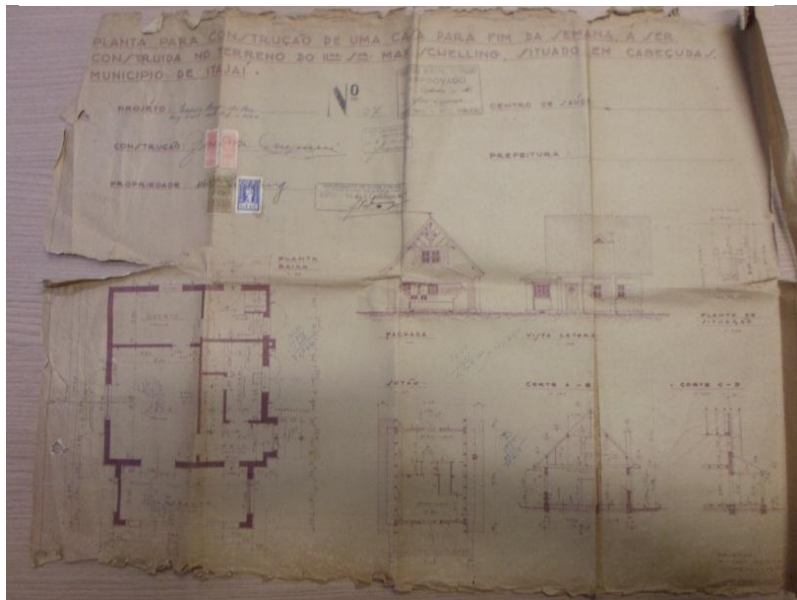
Fonte: Imagem da autora.

4.5.2.3 Propriedade de Max Schelling

Como nas edificações anteriores a “casa de final de semana” de Max Schelling também foi construída por Canziani, porém, neste há a identificação do responsável pelo projeto, o engenheiro Eurico Borges dos Reis, e do desenhista, Richard Kaulich, de Blumenau. O projeto é do ano de 1945 (figuras 101, 102 e 103). A casa de Schelling possuía no térreo: varanda, hall, sala, quarto, cozinha e banheiro, e no sótão dois dormitórios. Max Schelling era funcionário da Companhia Hering, de Blumenau, e foi um dos sócios-fundadores da Cooperativa de Crédito

Viacredi, em 1951, na época conhecida como Credihering (VIACREDI: COOPERATIVA DE CRÉDITO, 2013).

Figura 101 – Projeto arquitetônico da casa de Max Schelling, 1945.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Figura 102 – Antiga casa de Max Schelling, 2011.



Fonte: Imagem do Google Maps/ Street View.
Acesso em: 24/01/2014.

Figura 103 – Antiga casa de Max Schelling, 2013.

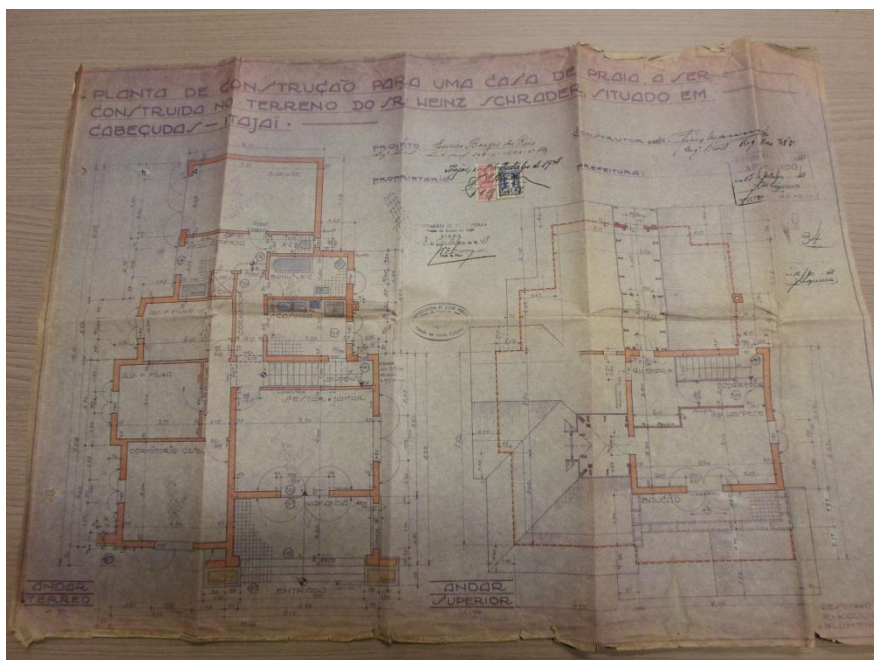


Fonte: Imagem da autora.

4.5.2.4 Propriedade de Heinz Schrader

A outra residência projetada por Eurico Borges dos Reis pertenceu ao comerciante Heinz Schrader, de Blumenau (figura 104). O responsável pela construção foi Félix Malburg e o desenhista novamente Kaulich.

Figura 104 – Projeto arquitetônico da casa de Heinz Schrader, 1948.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Este projeto data de 1948 mesmo ano da compra do terreno realizada pela esposa de Schraeder, Ottilia²⁵. Os proprietários anteriores eram Christiano Karsten, e sua mulher, Magdalena Karsten. O terreno possuía 550m² e custou Rs 16:500\$000. A casa de praia da família Schraeder possuía no térreo: varanda, sala de jantar e estar, o quarto do casal, quarto da filha, quarto do filho, cozinha, banheiro e garagem; no sótão havia um quarto de hóspedes e outro para empregados. Em 1973 o terreno e a casa foram doados para Lothar Schmidt (figura 105).

²⁵ Certidão de Transcrição: 1º Ofício de Registros de Imóveis, Comarca de Itajaí. Livro de Transmissão das Transmissões nº 3 -E, folha 178. Número de ordem 7.808, em 21 de julho de 1948.

Figura 105 – Antiga casa de Heinz Schrader, 2011.

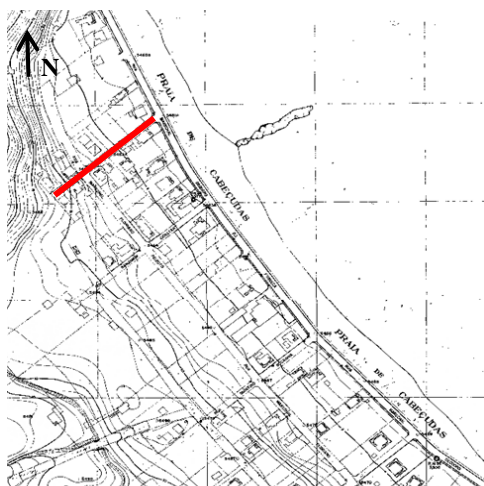


Fonte: Imagem do Google Maps/ Street View. Acesso em:

Há na certidão de compra do terreno de Schrader a relação de seus limites sendo que ao sul faz limites com a antiga Rua Blumenau, atualmente conhecida como Rua Geremias Caldeira (figura 106). O primeiro registro desta rua com a denominação de Blumenau consta de 1940, possivelmente fazendo parte, portanto, dos melhoramentos

empreendidos pelo prefeito Francisco de Almeida em Cabeçadas.

Figura 106 – Localização da antiga rua Blumenau.



Fonte: Intervenção da autora sobre imagem parcial do mapa de Cabeçadas produzido pela Empresa de Topografia Urbanismo e Construções com data de 1946.

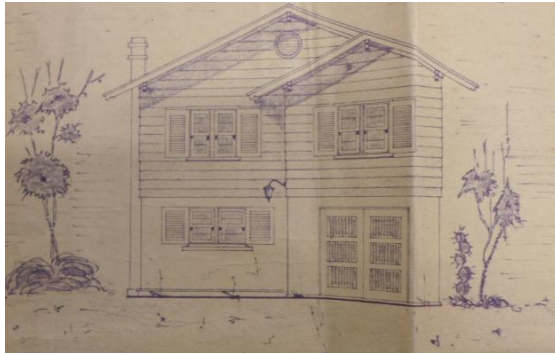
4.5.2.5 Propriedade de Osvaldo Otte

Osvaldo Otte já apareceu neste trabalho como proprietário de um terreno em Cabeçadas adquirido de Guilherme Pawloşwky em 1925 com 319m², sendo 11m de frente e 29m de comprimento²⁶.

Até a década de 40 não se tem registro de edificação no terreno, constando um projeto arquitetônico de 1949 para construção de uma casa que corresponde à casa que se encontra atualmente naquela localidade (figuras 107 e 108).

²⁶ Certidão de Transcrição: 1º Ofício de Registros de Imóveis, Comarca de Itajaí. Número de ordem 1.334, 29 de julho de 1925. Consta nos anexos de CHRISTOFFOLI, 2003.

Figura 107 – Fachada da casa de Osvaldo Otte, desenhada no projeto arquitetônico, 1949.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Figura 108 – Antiga casa de Osvaldo Otte, 2011.



Fonte: Imagem do Google Maps/ Street View. Acesso em: 24/01/2014.

O projeto e a construção são de Félix Malburg. No projeto parece que a edificação seria mista, com o térreo em alvenaria e a parte superior em madeira. Porém, a casa atual possui a mesma fachada que foi projetada, mas inteiramente em alvenaria de tijolos. Otte possuía um curtume em Blumenau (CRISTO, 2011), cidade onde nasceu em 1907, e faleceu em 1994 (GENI, 2013).

4.5.2.6 Propriedade de Willy Siebert

Ao analisar a biografia dos proprietários em Cabeçadas pode-se perceber que muitas famílias estão entrelaçadas, por exemplo, já se viu a residência de Osvaldo Otte, a esposa de Siebert pertencia a esta mesma família, era Edith Gerturd Otte. Willy assim como o sr. Otte nasceu e faleceu em Blumenau. Um Almanaque do Rio de Janeiro anunciava-o como vendedor de camas e colchões em Blumenau no ano de 1935 (ALMANAK ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL DO RIO DE JANEIRO, 1935). Foi um dos fundadores do Clube 25 de julho na sua cidade natal²⁷.

Infelizmente a assinatura de quem projetou sua residência em Cabeçadas está ilegível. É possível, entretanto, localizar o nome de construtor, Félix Malburg. A edificação projetada em 1949 na rua Floriano Peixoto sofreu algumas alterações como o fechamento da varanda do segundo piso, mas permanece em seu lugar (figuras 109 e 110). No projeto a residência teria oito quartos, sendo três no porão, três no primeiro andar, e dois no sótão. Havia ainda no porão um depósito e um banheiro. No primeiro andar, além dos quartos, uma varanda, sala e cozinha.

Figura 109 – Fachada da casa de Willy Siebert, desenhada no projeto arquitetônico, 1949.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

²⁷ Fonte: <http://www.25dejulho.org.br/2012/07/artigo-erinnerungen-por-alda-niemeyer.html>. Acesso em: 26/01/2014.

Figura 110 – Antiga casa de Willy Siebert, 2011.

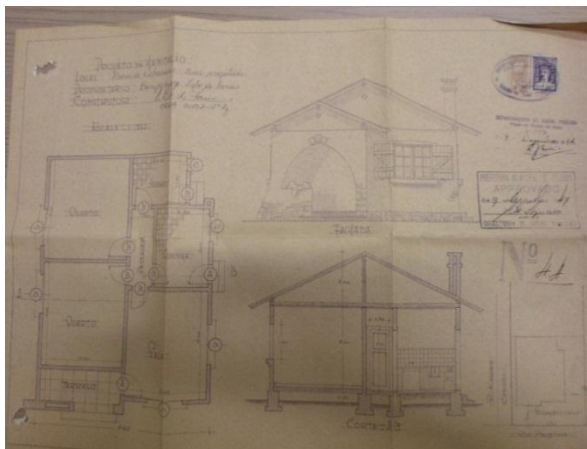


Fonte: Imagem do Google Maps/ Street View.
Acesso em: 24/01/2014.

4.5.2.7 Propriedade de Benjamin Lobo de Farias

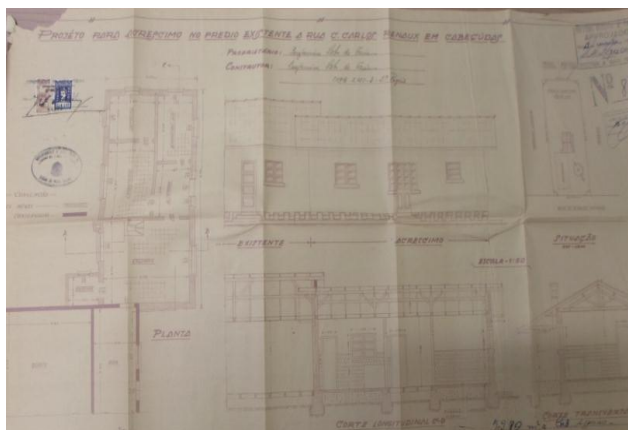
O próprio engenheiro Benjamin Lobo de Farias realizou a construção de sua casa na rua Cônsul Carlos Renaux, e o fez em duas etapas, a primeira delas em 1947 (figura 111) e a segunda em 1954 (figura 112).

Figura 111 – Projeto arquitetônico da casa de Benjamin Lobo de Farias, 1947.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itaiá.

Figura 112 – Projeto arquitetônico da casa de Benjamin Lobo de Farias, 1954.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de

O primeiro edifício projetado em 1947 era uma casa simples com apenas dois quartos, cozinha, banheiro e sala. Porém, logo se viu a necessidade de se ter mais cômodos na casa e em 1954 foi realizado um acréscimo na residência dotando-a com uma ampla cozinha, depósito, lavanderia e banheiro. Atualmente a residência funciona como uma casa de acolhimento a idosos (figura 113).

Figura 113 – Antiga casa de Benjamin Lobo de Farias, 2011.



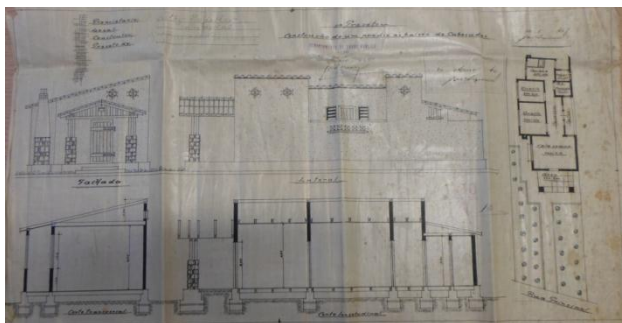
Fonte: Imagem do Google Maps/ Street View. Acesso em: 24/01/2014.

4.5.2.8 Outros projetos arquitetônicos da década de 1940

Além destes projetos cujas edificações foram realizadas e persistem até a atualidade, existem ainda os projetos que não foram construídos e os que já foram destruídos, totalizando 17 documentos encontrados. Deste segundo grupo, apesar de não mais existirem tem-se uma ideia de sua localização e até registro de alguns deles em fotografias.

O primeiro projeto da década de 1940 encontrado é da residência de Nestor Schiefler, grande acionista do Banco Inco (figura 114). O responsável pela construção e pelo projeto foi Francisco Canziani. A planta de situação indica que a construção seria realizada com frente para a Rua Principal de Cabeçadas, a atual Rua Juvêncio Tavares do Amaral. No projeto a residência é térrea com uma sala, dois quartos, banheiro, cozinha e uma cabine.

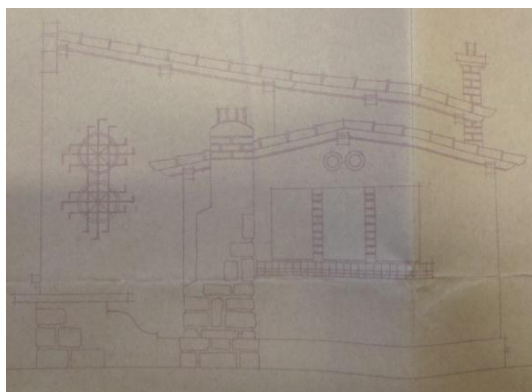
Figura 114 – Projeto de casa para Nestor Schiefler, 1940.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Existe outro projeto de Canziani cuja fachada se parece muito com a residência de Schiefler, é a propriedade de Eugênio Schowffert, industrial de Itajaí (figura 115). Schowffert adquiriu um terreno em Cabeçadas em 1939, possivelmente na rua Floriano Peixoto, onde foi projetada sua residência em 1941²⁸. No projeto a casa possuía dois quartos, sala de jantar, cozinha, dispensa, banheiro e cabine, assim como a de Schiefler.

Figura 115 – Projeto de casa para Eugênio Schowffert, 1941.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

²⁸ Certidão de Transcrição: 1º Ofício de Registros de Imóveis, Comarca de Itajaí. Livro de Transmissão das Transmissões nº 3 -D, folha 17. Número de ordem 5.899, em 04 de maio de 1939.

O segundo projeto da década de 1940 encontrado foi o da residência do médico José Menescal do Monte (figura 116). Ele também era acionista do Banco Inco. O responsável pelo projeto e construção, assim como nos projetos anteriores, era Francisco Canziani. No documento a casa teria dois andares, sendo no térreo uma sala, quarto, hall, copa, cozinha, banheiro, dispensa, quarto da empregada e cabine, e no sótão mais um quarto. Apesar de o doutor Menescal ter sido uma figura bem conhecida na cidade não foi possível precisar a localização de suas terras.

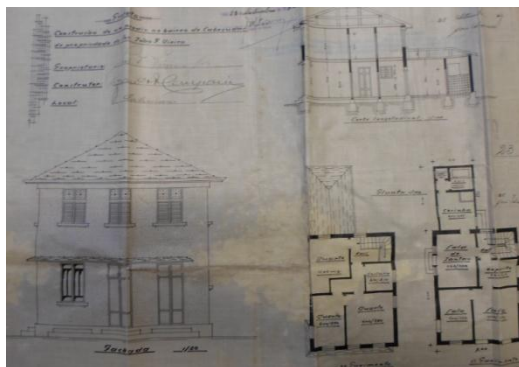
Figura 116 – Projeto de casa para José Menescal do Monte, 1940.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Ainda no ano de 1940 há o projeto de um prédio para João Fernandes Vieira, comerciante de Itajaí (figura 117). O construtor era Canziani. Há uma particularidade neste projeto que o diferencia dos demais. Além da função de residência, possivelmente ele tenha sido projetado para ser também um comércio. No primeiro pavimento existem duas salas cada uma com uma porta para o exterior do sobrado. Poderia ser que uma delas fosse para a entrada na residência e outra para o estabelecimento comercial a ser instalado. Havia ainda no primeiro pavimento, além dessas duas salas, uma sala de jantar, depósito, cozinha, banheiro e cabine. No segundo pavimento havia três quartos e uma sala de costura.

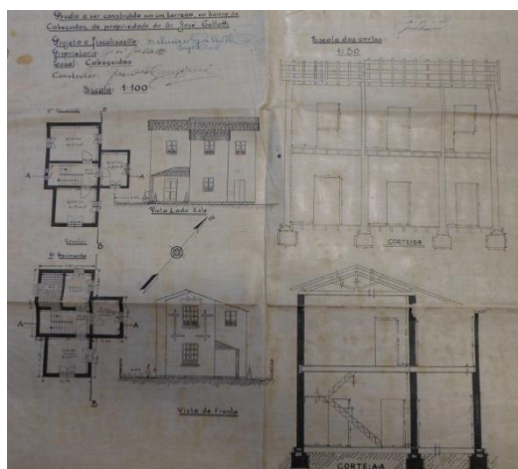
Figura 117 – Projeto de prédio para João Fernandes Vieira, 1940.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Diferentemente dos demais projetos, o último encontrado do ano de 1940 não foi projetado por Canziani, mas pelo engenheiro Belmiro Gallotti (figura 118).

Figura 118 – Projeto de casa para José Gallotti, 1940.



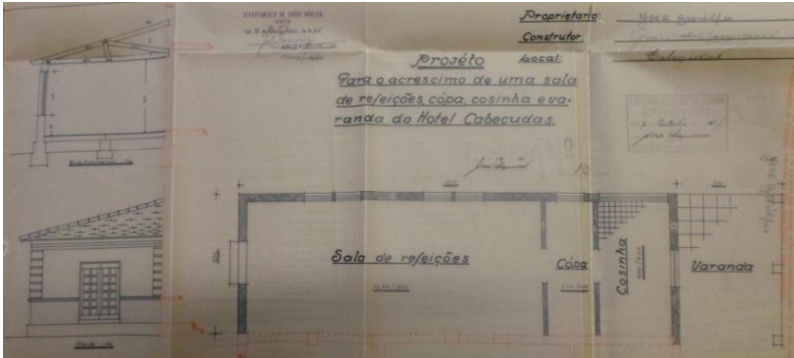
Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

A construção entretanto, continuou com Canziani. A residência projetada pertencia à José Gallotti e ficava possivelmente próxima à casa de Genésio Miranda Lins. No primeiro pavimento havia uma sala

de jantar, um quarto de empregada, cozinha e banheiro, no segundo pavimento havia três quartos.

Na década de 1940 foram encontrados três documentos de projetos de propriedade de José Zwoelfer, o hoteleiro. O primeiro, em 1941, referente a um acréscimo no Hotel Cabeçadas de uma sala de refeições, copa, cozinha e varanda (figura 119).

Figura 119 – Projeto de acréscimo no Hotel Cabeçadas, 1941.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

O construtor foi Francisco Canziani. E os outros dois, em 1946, para um anexo de dois pavimentos no terreno do hotel com garagens e espaço para serviços referentes à hospedagem no térreo e sete dormitórios no segundo piso, contando também com um banheiro coletivo (figura 120).

Figura 120 – Projeto de anexo para o Hotel Cabeçadas, 1946.

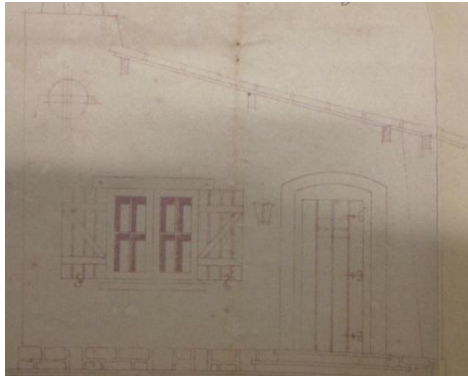


Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Nos documentos de 1946 o construtor é Benjamin Lobo de Farias, engenheiro que trabalhou no porto de Itajaí e se casou com uma das filhas de Zwoelfer (MARIA, 2013).

Na continuação do período há, em 1946, o projeto de uma casa para Sady Magalhães (Sady Rollin Magalhães, de Laguna), um dos fundadores do radioamadorismo em Santa Catarina e o pioneiro desta atividade em Itajaí (ARQUIVO HISTÓRICO DO RADIOAMADOR BRASILEIRO, 2014). A residência de Sady tem um projeto parecido com as já de Nestor Schiefler e Eugênio Schowffert, já apresentadas, o que pode indicar ser este um modelo comum na época, simples, porém de acordo com o discurso arquitetônico vigente (figura 121).

Figura 121 – Projeto de casa para Sady Magalhães, 1946.

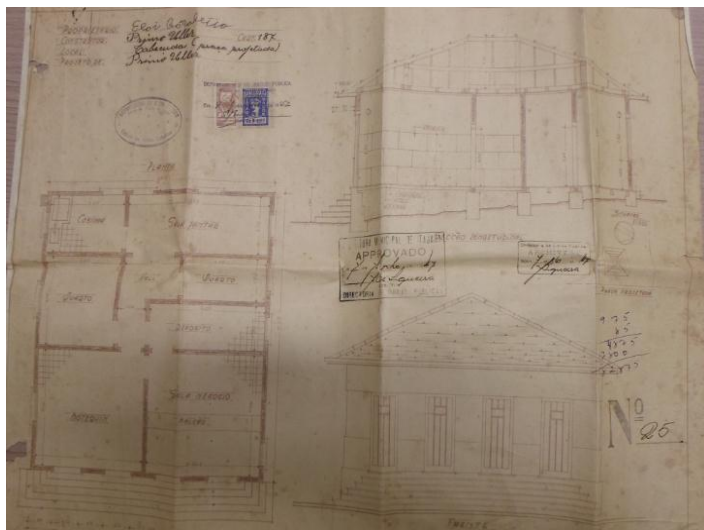


Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Não há identificação de quem realizou o projeto, mas há a assinatura do construtor, infelizmente pouco legível. Entretanto, analisando tal assinatura pode-se deduzir que o nome registrado seja Mascarenhas Passos. Há um homem com este nome em Itajaí que participou da criação do Partido Liberal Catarinense junto com Sady, sabe-se que ele era diretor da Alfândega (FÓES, 1967), mas não se tem certeza se era engenheiro e se corresponde a quem assinou o projeto como construtor. A casa possivelmente foi construída na atual rua Geremias Caldeira.

Nos documentos de 1947 se encontrou o primeiro projeto solicitado por Elói Cordeiro. Ele foi proprietário do Hotel Cordeiro em Cabeçudas que funcionava no segundo piso de um edifício em frente à Praça, e por um bar e sorveteria no andar térreo. Diz-se ainda que ali aconteciam animados bailes (ZENITA, 2013). Mas o primeiro projeto para uma propriedade de Cordeiro não apresentava todas essas funções, era apenas um edifício térreo com um botequim na frente, ao lado de uma “sala de negócio” com um balcão, possivelmente uma venda, e nos fundos com um depósito, dois quartos, sala de jantar e cozinha (figura 122). O responsável por este projeto e construção foi Primo Uller.

Figura 122 – Projeto de um edifício de casa e comércio para Elói Cordeiro, 1947.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

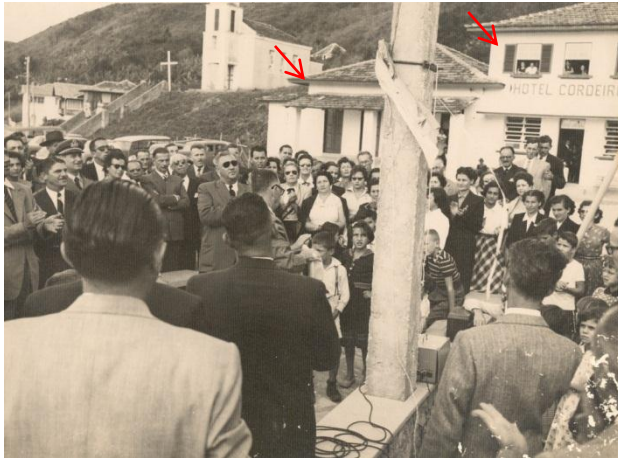
Em 1949 Elói solicitou outro projeto, desta vez com Félix Malburg como responsável pelo projeto e pela construção. O novo prédio com dois andares foi construído ao lado do que havia sido projetado em 1947 (figuras 123 e 124).

Figura 123 – Projeto de um segundo prédio para Elói Cordeiro, 1949.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Figura 124 – Hotel Cordeiro com seus dois prédios, 1953.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí – (048.11586). Nota: Intervenção da autora.

No térreo funcionaria um restaurante e no andar superior 7 quartos para hospedagem. Na década de 1950 este segundo edifício construído recebeu um acréscimo (figura 125).

Figura 125 – Segundo prédio do Hotel Cordeiro com acréscimo, década de 1950.



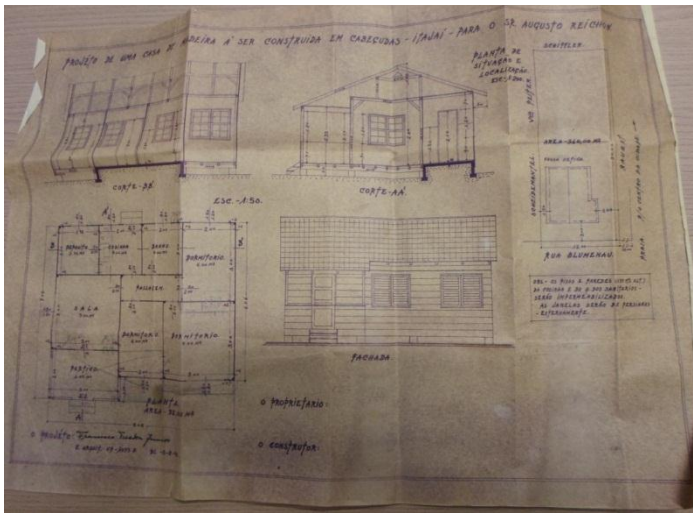
Fonte:

<https://www.facebook.com/groups/itajaideantigamente/?fref=ts#!/photo.php?fbid=10201693416210491&set=gm.619311414798612&type=1&theater>. Acesso em: 01/12/2013. Nota: Intervenção da autora.

O terreno em que foram construídos esses dois edifícios do Hotel Cordeiro foi adquirido em março de 1947 e pertencia inicialmente à Maria Flora Caldeira. Em 1959 todo o imóvel passou a pertencer aos fundadores do Hotel Balneário Cabeçudas, atual Marambaia Cabeçudas.

Os únicos dois projetos encontrados de 1948 são para a mesma rua, a rua Blumenau, atual Geremias Caldeira. Um desses projetos já foi abordado e refere-se a antiga casa de Heinz Schrader. O outro projeto daquele ano foi para a residência do industrial de Blumenau, Augusto Reichow (figura 126). Este foi o primeiro projeto de Francisco Treska Junior em Cabeçudas.

Figura 126 – Projeto de uma casa para Augusto Reichow, 1948.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Sobre os projetos de 1949 existem três que ainda não foram citados: da casa de veraneio de Alfredo e Edmundo Schraeder e Walter Hering (ou Hening), na rua Benjamin Constant, atual João Bauer Junior; a de Hildegard Kegel para o terreno em frente à rua Floriano Peixoto esquina com a Quintino Bocaiúva; e a de Herich Steinbach, sem localização. Todas estas tinham Félix Malburg como construtor.

4.5.3 Construtores, projetistas e desenhistas que atuaram em Cabeçadas na década de 1940

4.5.3.1 Engenheiro Francisco Canziani

Figura 127 – Francisco Canziani, 1962.



Fonte: http://saber.sapo.pt/wiki/Francisco_Evaristo_Canziani.
Acesso em: 24/01/2014

Neste período não variam muito os nomes de arquitetos, construtores e desenhistas. Até 1945 o único construtor citado é Francisco Canziani que por algumas vezes também atuou como projetista. Ele era natural do Paraná, nascido em 1892, formou-se em engenharia em Milão (SABER, 2014). Além desta profissão seguiu carreira política sendo deputado estadual na década de 50 e 60. Um de seus filhos, Eduardo Sólton Cabral Canziani, foi prefeito de Itajaí. O nome do engenheiro foi dado a estrada de acesso Itajaí-Cabeçudas como uma homenagem por sua grande atuação como profissional da engenharia naquele balneário.

4.5.3.2 Engenheiro Belmiro Gallotti

As informações obtidas sobre o engenheiro Belmiro Gallotti, em sua maioria, vem de documentos da Delegacia de Ordem Política e Social de Santos, pela qual foi investigado diversas vezes. Belmiro nasceu em 1915 e era natural de Manaus, formou-se em 1939 pela Faculdade de Engenharia do Estado do Paraná (ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2014). O projeto realizado para Cabeçudas pode ter sido um de seus primeiros trabalhos profissionais já que data de 1940, apenas um ano depois de formar-se. O prédio de dois andares a que projetou era destinado a José Gallotti.

4.5.3.3 Engenheiro Eurico Borges dos Reis

Eurico Borges dos Reis nasceu em 1883 em Santo Amaro, município da Bahia (PORTO UNIÃO DA VITÓRIA, 2014). Concluiu engenharia civil na Escola Politécnica, Rio de Janeiro, em 1905, e logo em seguida retornou para a Bahia. Em seu estado permaneceu até 1913 quando foi convidado por alguns amigos para vir para Santa Catarina onde se tornou engenheiro da Estrada de Ferro Santa Catharina. Desempenhou alguns cargos de confiança na política catarinense e chegou a ser superintendente do município de Porto União entre os anos de 1927 e 1930, após este período não se encontrou mais informações sobre ele além de que projetou duas casas em Cabeçudas a de Max Schelling, em 1945 e a de Heinz Schrader, em 1948.

4.5.3.4 Engenheiro Félix Malburg

A partir da metade da década de 1940 Félix Malburg tornou-se um dos construtores com maior número de projetos em Cabeçudas até a década de 1960. Malburg nasceu em Itajaí no ano de 1903, era filho de Elizabeth e Bruno Malburg (HOMERO, 2013). Formou-se engenheiro civil em 1926, na cidade de Juiz de Fora, estado de Minas Gerais (HOMERO, 2013). Chegou a trabalhar com engenharia rodoviária em Santa Catarina e posteriormente como engenheiro autônomo e funcionário da Cia. Com. Ind. Malburg em Itajaí (HOMERO, 2013). Foi casado com Affonsina Reis (HOMERO, 2013). Faleceu em sua cidade natal em abril de 1968 (HOMERO, 2013).

Figura 128 – Félix Malburg, 1922.



Fonte: Imagem cedida por Homero Malburg.

Figura 129 – Félix Malburg, 1964.



Fonte: Imagem cedida por Homero Malburg. Nota: Inauguração do Ginásio Salesiano de Itajaí. Félix Malburg, primeiro homem à direita da imagem, foi responsável por esta etapa da obra do Ginásio.

4.5.3.5 Engenheiro Benjamin Lobo de Farias

Figura 130 – Benjamin Lobo de Farias, década de 1970.



Fonte: <http://www.casan.com.br/menu-conteudo/index/url/galeria-de-ex-presidentes#0>. Acesso em: 27/01/2014.

Benjamin Lobo de Farias era engenheiro do Porto de Itajaí. As obras que empregou em Cabeçudas se referiam a sua propriedade e alguns acréscimos para o Hotel de seu sogro, José Zwoelfer. Foi professor de Engenharia Civil na Universidade Federal de Santa Catarina (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, 2014) e presidente da Casan na década de 70 (COMPANHIA CATARINENSE DE ÁGUAS E SANEAMENTO, 2014).

4.5.3.6 Primo Uller

Sobre Primo Uller foram poucas as informações obtidas. Sabe-se que ele construiu a Igreja da Vila Operária em Itajaí em 1926, mas esta igreja foi demolida para a construção de outra em seu lugar na década de 70 (ARAGÃO, 2005). Uller aparece no Almanake Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro nas edições de 1918 até 1937 como carpinteiro, marceneiro e construtor (ALMANAK, 1930). Seu único projeto para Cabeçudas é um prédio para Elói Cordeiro.

4.5.3.7 Francisco Treska Júnior

Francisco Treska Junior nasceu em 1908 (MY HERITAGE, 2014), era arquiteto. O Cine Bush de Blumenau inaugurado em 1940 foi um projeto seu (ARQUIVO DE BLUMENAU, 2014). Apresentou um

projeto em 1948 para construção de uma casa de madeira, possui outros projetos para Cabeçudas.

4.5.3.8 Richard Kaulich

Richard Kaulich assinou diversos projetos como desenhista. Há apenas uma residência para Cabeçudas em que assina como autor do projeto. Esta propriedade pertencia à Benjamin Margarida que em meados da década de 50 foi presidente do Grêmio esportivo Olímpico de Blumenau, o qual teve a fachada do seu estádio original projetada por Kaulich (TIE BREAK MAGAZIN , 2014). Muitos projetos de Félix Malburg foram desenhados por Kaulich.

4.5.4 Oswaldo Leal e o Serviço da Malária em Cabeçudas

Desde a década de 1920 notou-se ano após ano um crescente número de infectados por malária na cidade de Itajaí. Com o processo de urbanização as áreas rurais o homem passou a estar mais próximo dos mosquitos transmissores do protozoário causador da malária, ou impaludismo com também era chamado. Essa situação pode ser exemplificada com o balneário que se vem estudando. Sabe-se que os pescadores daquela localidade sofriam com esta moléstia mas, com a ocupação do balneário pelos veranistas estes também se tornaram alvo do ataque dos mosquitos. Por este motivo se viu anteriormente as dificuldades de instalação do Hotel Cabeçudas justamente pela má fama que se tinha na região devido a grande quantidade de acometidos pela doença, para tanto foram realizadas obras pelo governo estadual e municipal para pôr fim a este problema. Entretanto, sabe-se que mesmo após a grande obra de saneamento, drenagem e canalização de riachos realizada no governo de Nereu Ramos , em 1938, a malária persistiu em afastar os veranistas, e Cabeçudas parecia ser um dos principais focos da doença no estado.

Um dos responsáveis por aquela obra foi o médico Jorge Barros que conheceu no início da década de 1940 Oswaldo Leal (LEAL, 2006, p.17), o técnico que posteriormente veio para Cabeçudas dirigir o Posto da Malária e com grande esforço pôr fim aos casos desta doença na cidade. Leal nasceu em Biguaçu no ano de 1906 e com 18 anos mudou-se para Porto Alegre (RS), lá conheceu sua esposa e em seguida mudou-se para Osório, no mesmo estado, onde fez um curso técnico de

laboratorista do Serviço Nacional da Malária (LEAL, 2006, p.17). Foi durante este curso que conheceu o doutor Barros (figura 131).

Figura 131 – Oswaldo Leal, festa em Osório (RS), possivelmente início da década de 1940.



Fonte: LEAL, 2006, p.21. Nota: Oswaldo Leal primeiro homem à direita da imagem. Doutor Jorge de Barros ao centro da imagem.

Após ser admitido pelo Serviço Nacional da Malária (SNM) foi enviado à Itajaí em 1945 para criar o Posto de Malária. No posto eram realizadas coleta de sangue para exames laboratoriais com fim de diagnosticar os pacientes com malária, aplicação de medicamentos, além da função de criar medidas preventivas da doença, principalmente com retirada de bromélias que abrigavam os mosquitos hospedeiros (LEAL, 2006, p.9). Alguns dos entrevistados lembram-se do Posto da Malária em Cabeçadas funcionando ao lado do Hotel Cabeçadas, nas antigas terras de Maria Bauer (figuras 132 e 133).

Figura 132 – Banhistas em frente ao Posto da Malária.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Figura 133 – Posto da Malária ao lado do Hotel Cabeçadas.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí – (002.308). Nota: Intervenção da autora.

Este posto e o trabalho desempenhado por Oswaldo Leal são de grande importância para a história de Cabeçadas porque várias famílias que possuíam casa de veraneio naquele balneário contaram com o profissionalismo e a grande disposição de Leal, o Leal da Malária, como era conhecido, em atender à qualquer pessoa que o chamasse para ajudar no caso de um adoentado. Certa vez uma jovem da família Gallotti que morava em Itajaí, e cujo pai possuía casa de veraneio em Cabeçadas, foi passar férias na casa de seu tio no Rio de Janeiro (LEAL, 2006, p.13). A moça começou a sentir-se mal quando passava por São Paulo, chegou a

ir ao médico que lhe diagnosticou com apendicite aguda (LEAL, 2006, p.13). Nadir Gallotti Paraíso, a jovem em questão, foi para o Rio de Janeiro e após ser avaliada por 7 médicos, inclusive um deles sendo médico do presidente Getúlio Vargas, apenas um desconfiou que ela sofria de malária, os demais indicavam outras doenças como tuberculose (LEAL, 2006, p.13). Em conversa ao telefone com um médico de Itajaí, José Menescal do Monte, que possuía residência em Cabeçudas foi aconselhada à tornar a Itajaí (LEAL, 2006, p.13). Assim que chegou nesta cidade procurou Oswaldo Leal que prontamente realizou os exames necessários e a diagnosticou com malária (LEAL, 2006, p.13). Logo ela tomou os medicamentos necessários que a curaram da doença, porém por um longo período ela realizou acompanhamento médico pois ficou muito fraca (LEAL, 2006, p.13). Se não tivesse retornado à Itajaí e recebido atendimento de Leal, Nadir poderia ter morrido.

Até mesmo Padre Raulino Reitz, cientista reconhecido internacionalmente por seu trabalho de identificação de bromélias exaltou o Posto de Malária de Cabeçudas: “Após 22 anos de repetidos ataques de malária, encontrei a cura definitiva no Posto de Malária de Cabeçudas, competentemente dirigido pelo entomologista Oswaldo Leal” (REITZ, 1963, p.9). Há grande peso na frase de Padre Raulino, afinal ele trabalhou muito próximo dos mosquitos transmissores da doença. Após ser contratado em 1949 pelo Serviço Nacional da Malária para desenvolver alguns estudos referentes a esta doença constatou quais os tipos de bromélias que eram mais propícias ao desenvolvimento dos mosquitos Anopheles (LEAL, 2006, p.52).

Assim, Oswaldo comandou diversas expedições nos morros de Cabeçudas para a remoção das manjolas (gravatás ou bromélias de determinada espécie) (figura 134).

Figura 134 – Oswaldo Leal comandando expedição para retirada de bromélias da mata.



Fonte: LEAL, 2006, p.54.

Posteriormente ele realizou o reflorestamento dessas áreas com a plantação de eucaliptos, talvez não houvesse estudos naquele período que definissem quais as melhores espécies de vegetais a serem replantados naquela área.

O sr. Leal morou em Cabeçadas desde que chegou em Itajaí. Sua casa no balneário que permanece até hoje em propriedade da família foi construída entre as décadas de 1940 e 1950 por Paulino Leal, primo de segundo grau de Oswaldo (LEAL, 2006, p.19) (figuras 135 e 136).

Quando o Serviço Nacional da Malária foi extinto em 1956, Oswaldo passou a trabalhar no recém criado Departamento Nacional de Endemias Rurais (Denaru) (LEAL, 2006, p.9). Em 1965 ele trabalhou ainda na Campanha de Erradicação da Malária (CEM), e três anos depois, em 1968, aposentou-se (LEAL, 2006, p.10). Dos seus nove filhos três trabalharam, assim como o pai, no Denaru (LEAL, 2006, p.10). Oswaldo Leal faleceu em 1979 (LEAL, 2006, p.47).

Figura 135 – Antiga casa de Oswaldo Leal em Cabeçadas, 2013.



Fonte: Imagem da autora.

Figura 136 – Varanda da antiga casa de Oswaldo Leal em Cabeçadas, 2013.



Fonte: Imagem da autora.

4.5.6 A Segunda Guerra Mundial

Como já foi mencionado anteriormente, durante a pesquisa com os projetos arquitetônicos notou-se que no período em que o Brasil rompeu definitivamente relações diplomáticas com as forças do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) em agosto de 1942, após o torpedeamento de navios brasileiros por alemães, até o término da Segunda Guerra

Mundial, em 1945, não foi aprovado na prefeitura nenhum projeto arquitetônico para Cabeçudas, exceto o de uma cabine de transformador para a Companhia de Força e Luz.

Desde antes de agosto de 1942 o Brasil já vinha sendo induzido por forças norte americanas à romper relações com as forças do Eixo (FÁVERI, 2005, p.42). O torpedeamento dos navios brasileiros impulsionou esta decisão (FÁVERI, 2005, p.42). A partir de então todos os estrangeiros no Brasil vindos daquelas nações eram vistos com desconfiança, acreditava-se que poderiam ser espíões infiltrados tramando uma invasão ao país. Muitas cidades catarinenses sofreram drasticamente neste período, principalmente aquelas que foram fundadas como núcleos de italianos, a cidade de Rodei, por exemplo, e de alemães, como Brusque e Blumenau.

Em Itajaí, a situação também era tensa pois apesar de não ter predominância de um grupo de descendentes reunia diversas etnias e abrigava um porto, reconhecido como alvo desejável pelas forças inimigas. Certa vez anunciou-se um decreto de que todos os alemães natos tinham 24 horas para deixar a cidade (FÁVERI, 2005, p.261). Chegou-se a enviar para a cidade um jovem Padre, Agenor Marques, para que contivesse a fúria dos nacionalistas mais exaltados (FÁVERI, 2005, p.157). Ainda que os descendentes de alemães nada fizessem que contrariasse as regras criadas para aquela situação muitas vezes eram alvo de humilhações e pancadarias. A língua alemã foi proibida, bem como qualquer objeto que contivesse inscrições naquela língua. Livros, bordados, cartas e até mesmo louças decoradas com inscrições alemãs foram destruídos.

Quando anoitecia todas as luzes eram proibidas (FÁVERI, 2005, p. 388). Os agricultores até 300 quilômetros do litoral não poderiam realizar queimadas, atividade essencial no período para o preparo da terra para o plantio (FÁVERI, 2005, p.389). Até mesmo trabalho dos pescadores foi alterado, além da utilização da luz ser proibida ainda enfrentavam o medo de sair para a pesca e serem pegos por algum navio alemão (FÁVERI, 2005, p.388).

A partir dessas informações é preciso avaliar como ficou Cabeçudas em meio a toda esta situação, afinal aquele foi um espaço de lazer “criado” principalmente por alemães vindos de Brusque e Blumenau. Ao que tudo indica o balneário ficou quase vazio neste período. Era mais prudente às famílias alemãs que ficassem reclusas em suas casas e não nas residências de veraneio. A vigilância naquele local era constante, portuários e estivadores foram enviados para lá com a

missão de vigiar para que todas as luzes ficassem apagadas (FÁVERI, 2005, p.69).

No Hotel Cabeçudas todas as janelas foram pintadas de preto para que a iluminação interna não fosse revelada para o exterior (MARIA, 2013). O hoteleiro José Zwoelfer quase foi preso, e só não o foi porque uma de suas filhas viajou até a casa do interventor Nereu Ramos e intercedeu pelo pai (MARIA, 2013). Nereu que por várias vezes esteve no Hotel e conhecia Zwoelfer não pode negar auxílio à moça e a instruiu em como proceder para bem de seu pai (MARIA, 2013). Naquela ocasião a jovem chegou a hospedar-se na casa do interventor tamanha era a estima que ele tinha por Cabeçudas e pelo hoteleiro (MARIA, 2013).

Se por algumas vezes podia-se livrar da prisão com a influência de algum político por outras a única coisa à fazer era esperar que a guerra terminasse. Muitos alemães eram transferidos para campos de concentração²⁹ em diversas partes do estado, um deles na Trindade, em Florianópolis. Há também os que eram enviados para outros estados, como no caso de Erich Bueckmann (FÁVERI, 2005, p.228). Depois de passar 14 dias na cadeia em Blumenau ele foi transferido com mais seis homens que foram presos com ele para Curitiba, depois São Paulo e por último Rio de Janeiro (FÁVERI, 2005, p.228). Não fosse a esposa de um dos homens presos a procurar a ajuda de Adolpho Konder, eles poderiam ter ficado presos até o fim da guerra (FÁVERI, 2005, p.228). É interessante que Erich Bueckmann era filho de Walter Gustav Bueckmann, técnico da empresa Renaux que tinha uma casa de veraneio em Cabeçudas, e naquela casa ficou hospedado o general que comandava soldados aquartelados para a guarda do litoral naquela praia.

O único registro nos jornais referentes à soldados em Cabeçudas é de 1943 em que o Capitão Carlos Gomes de Alcantara lá ficou aquartelado com o seu batalhão para prestar um serviço ao governo do estado continuando o trabalho iniciado por Nereu Ramos em 1938 para saneamento daquele balneário (JORNAL DO POVO, 1943). O Capitão prestava serviços de combate à malária agindo diretamente no extermínio dos focos da doença, instruindo os pescadores que lá moravam e distribuindo medicamentos.

²⁹ Termo utilizado por FÁVERI (2005) para designar os campos de concentração para presos políticos em Santa Catarina durante a 2ª Guerra Mundial

Em nossa nota de hoje, ao ventilarmos o assunto, é com prazer que registramos o trabalho expontâneo e assíduo do sr. Capitão Carlos Gomes de Alcantara, dd. comandante da 3ª. Bateria de Costa, que está aquartelada em Cabeçudas. Com o auxílio de seus subordinados vem realizando, no sentido de dar combate constante a alguns fôcos de mosquitos transmissores da malária, um trabalho que tem sido eficiente e produtivo. O seu cuidado, entretanto, vai além. O distinto militar, com bom brasileiro, vem ministrando instruções, auxiliado por médios, aos pescadores residentes naquelas redondezas, e, ao mesmo tempo, distribuindo medicamentos preventivos. (JORNAL DO POVO, 1943)

Assim, não se sabe ao certo quais foram e como se deu a ocupação de soldados em Cabeçudas para vigiar a praia. Os entrevistados mais idosos que viveram naquele período eram crianças ainda e tinham uma boa relação com todos o brasileiros e famílias de pescadores da praia, e inclusive falavam português, como por exemplo o senhor Heinz, neto de Paul Herbst. As lembranças de Heinz da guerra são de uma infância alegre, chegou a contar que quando os soldados terminavam suas refeições o chefe da cozinha dava comida às crianças que estavam por perto (HEINZ, 2013). Então, por falta de mais informações é possível deduzir apenas que as famílias alemãs que possuíam casa de veraneio em Cabeçudas ficaram afastadas do balneário durante o período de guerra.

4.6 CONSAGRAÇÃO E EXPANSÃO DO BALNEÁRIO

Segundo John Urry (1996) em sua obra “O olhar do turista: lazer e viagens na sociedade contemporânea”, ao analisar o hábito das férias de verão nas praias da Inglaterra nas décadas de 1950 e 1960 percebeu que houve certo entusiasmo pelo veraneio nessas épocas e logo em seguida um grande desinteresse irremediável. Urry atribui ao entusiasmo da década de 1950 à euforia gerada pelo fim da guerra e da repressão sofrida, mas por diversas situações específicas daquela região e com um avanço das propostas turísticas, como às viagens ao exterior, os balneários deixaram de ser o destino preferido (URRY, 1996).

Em Cabeçudas pode-se notar certa euforia na década de 1950. Esses são os anos em que se tem a festa do banho à fantasia na praia, banquetes, reuniões políticas e formação de Clubes naquela praia. Porém em fins da década de 1960 há uma grande quantidade de reclamações da imprensa sobre o descaso da prefeitura para com aquele balneário bem como seu insistente esquecimento em dotar a cidade de atrações turísticas que poderiam movimentar ainda mais a economia da cidade, sendo Cabeçudas um ponto forte para tais ações. Além disso, apesar de se ter instalado ali o luxuoso Hotel Balneário Cabeçudas, outras praias também já contavam com bons hotéis para bem receber seus turistas. Praias como as de Balneário Camboriú começaram a ganhar fama, bem como Itapema, e as também muitas outras inclusive as do sul do estado. Desde as décadas mais recente Cabeçudas parece ter se conformado em ser apenas um ponto turístico da cidade e um bairro residencial, e não mais o balneário aristocrático preferido dos políticos e industriais catarinenses.

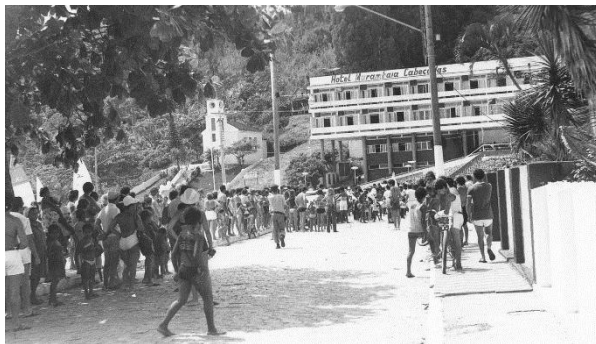
A facilitação do acesso àquela localidade e os loteamentos abertos em áreas menos privilegiadas, mais distantes da beira-mar, possibilitaram que fossem adquiridos lotes menores com preços de acordo com o que a classe média poderia arcar. Além disso, havia a possibilidade do financiamento do pagamento dos lotes. Após a instalação desses grandes loteamentos das décadas de 1950 até 1980, não houve mais significativa expansão do balneário, a mata que o contorna é considerada área de preservação. Assim, já se pode notar um crescimento da construção dos edifícios em altura no balneário. Espera-se que o município através das leis que regulamentam a ocupação daquela localidade se comprometam com o bem-estar dos seus moradores. Cabeçudas é um balneário pequeno com apenas duas estradas de acesso. Não existem grandes comércios o que faz com que os moradores tenham que se deslocar constantemente. Durante o verão sua ocupação é aumentada significativamente e por diversas vezes a população sofre com falta de água. O adensamento do balneário com uma grande quantidade de edifícios em altura não seria “urbanisticamente” saudável, pois aquele local não possui uma infraestrutura adequada para tal.

4.6.1 O entusiasmo dos anos 50 em Cabeçudas

Os anos 50 começaram com comemoração em Cabeçudas. Logo no Carnaval de 1950 na praia se realizou a primeira edição do Banho de Fantasia, quando se homenageava o Rei Momo (BANHO, 1950). Os

participantes se fantasiavam e havia naquele ano a banda musical “Guarani” animando a festa (BANHO, 1950). Este evento possivelmente tenha se repetido até meados da década de 1980, quando ainda se encontra fotos, não existindo mais na atualidade (figuras 137, 138 e 139).

Figura 137 – Banho de Fantasia, possivelmente década de 1960.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí – (024.5783).

Figura 138 – Banho de Fantasia, década de 1950.



Fonte: Imagem cedida por Lígia Leal.

Figura 139 – Possivelmente Banho de Fantasia, 1980.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí – (014.2345).

No ano de 1952 o *Jornal do Povo* publicou em edição especial uma página inteira exaltando as belezas e o progresso de Cabeçudas (O BALNEÁRIO, 1952). O título dado ao artigo é uma prova do entusiasmo da época: “O balneário de Cabeçudas – o centro de atração de turistas de todo o Brasil – progride, dia a dia, constituindo um orgulho para os itajaienses” (O BALNEÁRIO, 1952). Entre as belezas do balneário, além de sua natureza é destacada sua infraestrutura e arquiteturas: “Com suas ruas calçadas, dotada de grande número de prédios, quase todos construídos com gosto e arte, dispendo de dois hotéis, telefones, luz elétrica, em suma distanciado do ponto central da cidade apenas cinco minutos (...)” (O BALNEÁRIO, 1952).

Neste mesmo artigo é anunciada a pretensão de alguns moradores do balneário em criar o Clube Cabeçudas (O BALNEÁRIO, 1952). Na verdade o que é revelado é que há algum tempo já havia tal ideia, mas que ainda não havia se concretizado. A intenção de criar o Clube é para

que as famílias pudessem desfrutar de um lazer saudável juntas promovendo encontros, jantares e bailes (O BALNEÁRIO, 1952). A sede do clube seria construída no início da praia, de frente para o mar, sobre os rochedos, em estilo moderno com orientação do engenheiro Constantino d' Ivanenko (O BALNEÁRIO, 1952). Estavam na frente dos planejamentos de tal instituição os senhores Genésio Miranda Lins, Sadi Magalhães e Nelson Seára Heusi e pretendiam em breve promover reunião com os moradores do bairro para discutir a viabilidade da instalação do Clube (O BALNEÁRIO, 1952).

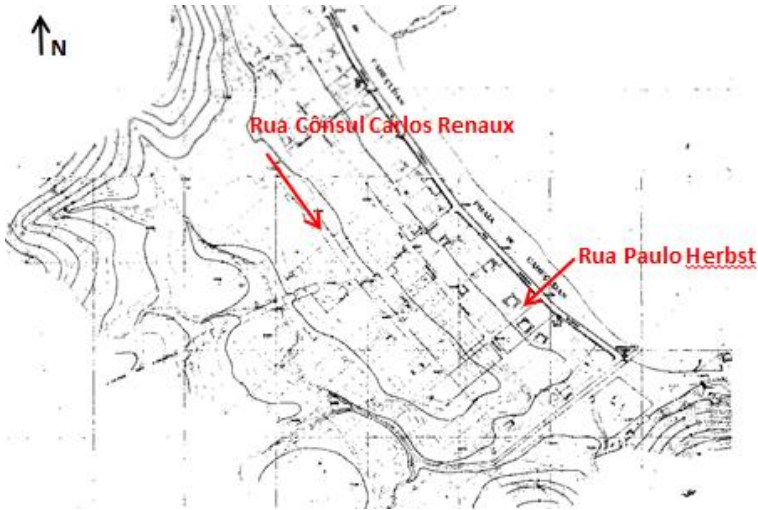
No início do ano seguinte, 1953, o Governador Irineu Bornhausen havia se comprometido com a colaboração da empresa Cobrazil através de estudos para a construção dos primeiros pilares da sede do Clube (CLUBE, 1953). Porém, em 1954 o Jornal do Povo cobrou em uma nota a instalação do Clube, afinal, diversos moradores do bairro haviam investido a quantia de Cr\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros) para a construção, mas a obra não aconteceu (E O CLUBE, 1954). Diz-se que o alto preço do terreno cobrado pelo posseiro das terras onde se escolheu implantar o Clube acabou desanimando seus empreendedores (E O CLUBE, 1954). Por fim o Clube Cabeçudas não deu certo, mas em 1958 foi inaugurado o “Cabeçudas Iate Clube” por iniciativa de outro grupo de senhores liderados por Carlos Cid Renaux.

Nos anos que se seguiram Irineu Bornhausen e José Bonifácio Schmitt tentaram dotar o balneário com um luxuoso hotel e condomínio, este empreendimento também não foi realizado. Porém mais para o final da década criou-se a Companhia de Melhoramentos que em seu estatuto já previa a construção de um hotel moderno em Cabeçudas, obra que foi realizada e tem destaque até a atualidade.

4.6.2 Obras públicas nos anos 50

Duas ruas foram denominadas em Cabeçudas na década de 1950, a rua Paulo Herbst (LEI 115/50 -17 de maio de 1950), desde que foi delimitada em 1946 estava sem nome (figura 140).

Figura 140 – Ruas Paul Herbst e Cônsul Carlos Renaux abertas, mas sem nome no mapa de 1946.



Fonte: Intervenção da autora sobre imagem parcial do mapa de Cabeçadas produzido pela Empresa de Topografia Urbanismo e Construções com data de 1946.

E a rua Cônsul Carlos Renaux (LEI 19/51 - 30 de junho 1951), que também já havia aparecido no mapa de 1946, mas era chamada de Rua Projetada ou Rua “nr.3”, por ser a terceira rua paralela à praia (figura 140). No mapa atual a rua Paul Herbst aparece em duas parte não lineares (figura 141).

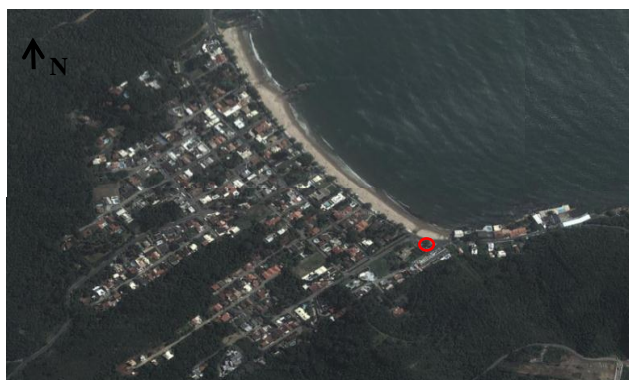
Figura 141 – Posição atual das ruas Cônsul Carlos Renaux e Paul Herbst. 2011.



Fonte: Intervenção da autora sobre imagem do Google Maps (2013).

Após a instalação do Hotel Cordeiro no fim da década de 1940 o governo municipal projetou uma praça na frente daquele hotel, na localidade onde anteriormente se havia considerado o possível centro de um povoado em Cabeçudas (figura 142).

Figura 142 – Localização do Jardim Marcos Gustavo Heusi.



Fonte: Intervenção da autora sobre imagem do Google Maps (2013).

Quando inaugurada, em 26 de abril de 1953, no mandato do prefeito Paulo Bauer aquela praça foi chamada de Jardim Marcos Gustavo Heusi (JARDIM, 1953) (figuras 143 e 144).

Figura 143 – Jardim Marcos Gustavo Heusi anunciado no jornal, 1955.



Fonte: O BAIRRO, 1955.

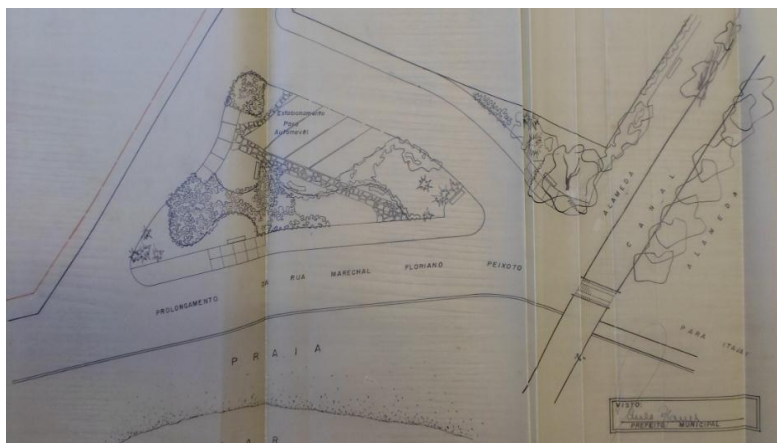
Figura 144 – Inauguração do Jardim Marcos Gustavo Heusi, 1953.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí – (048.11586).

Havia ali alguns balanços para crianças, canteiros de gramas e flores, e bancos. O projeto inicial de 1952 contava com uma área de estacionamento (figura 145). Esta praça ainda existe, apesar de muito modificada, fica em frente ao Hotel Marambaia e a casa Bueckmann.

Figura 145 – Projeto do Jardim Marcos Gustavo Heusi, 1952.



Fonte: centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Além da praça o prefeito Paulo Bauer também foi o responsável pela abertura de mais uma rua em Cabeçadas, não se sabe ao certo qual, mas devido uma nota de jornal encontrou-se a informação de que é uma via que colaborou para organizar o fluxo de veículos em dois sentidos (O PREFEITO, 1953). O governo estadual também investiu no balneário neste período. Em 1955, sendo governador do estado, o sr. Irineu Bornhausen atendeu às inúmeras solicitações que recebeu para que se realizassem obras que possibilitassem a chegada de água potável naquele bairro (O BAIRRO, 1955). O governador autorizou a Diretoria de Obras Públicas à realizar esta tarefa (O BAIRRO, 1955), mas não sem comentou mais sobre o assunto nos jornais, assim não sabemos se as solicitações foram atendidas adequadamente ou não.

4.6.3 Arquiteturas na década de 1950

Todo este entusiasmo pós guerra é também revelado nos projetos arquitetônicos. Da década de 1950 foram encontrados 66 projetos

aprovados pela prefeitura, contra os 24 da década de 1940. Destes 66 projetos 22 foram identificados em Cabeçadas atualmente (figura 146).

Figura 146 – Construções da década de 1950, em Cabeçudas, que permanecem até a atualidade.



- 1 – Propriedade da Fábrica de Cadarços e Bordados “Haco” S/A. Projeto de 1950. Construtor Félix Malburg.
- 2 – Propriedade de Oscar Rubens Krueger. Projeto de 1950. Construtor Félix Malburg. Projetista Félix Malburg.
- 3 – Propriedade de Jaci dos Santos Heineberg e José dos Santos Heineberg. Projeto de 1950. Construtor Francisco Canziani & Cia Ltda.
- 4 – Propriedade de Hercílio Deeke. Projeto de 1951. Construtor Félix Malburg. Projetista Félix Malburg. Desenhista Richard Kaulich.
- 5 - Propriedade de Fred Stirgelir. Projeto de 1951. Construtor Félix Malburg. Projetista Félix Malburg. Desenhista Richard Kaulich.
- 6 – Propriedade de José Zwoelfer. Projeto de 1952. Construtor Firma Schwab & Piffer. Projetista Franz Von Knoblauch.
- 7 – Propriedade de Kurt Putziger. Projeto de 1952. Construtor Firma Schwab & Piffer. Projetista Franz Von Knoblauch.
- 8 – Propriedade de Leopoldo Weise. Projeto de 1952. Construtor Félix Malburg. Projetista Francisco Treska Junior.
- 9 – Propriedade de Victor Kummurou. Projeto de 1952.
- 10 – Propriedade de Osmar de Souza Nunes. Projeto de 1953. Construtor Francisco Canziani & Cia Ltda. Projetista assinatura ilegível.
- 11 – Propriedade de Wilhelm Biedermann. Projeto de 1953. Construtor Mario Cesar Stamm. Projetista Mario Cesar Stamm.

- 12 – Propriedade de Augusto Voigt. Projeto de 1954. Construtor Guilherme Albani.
- 13 – Propriedade de Benjamin Lobo de Farias. Projeto de 1954. Construtor Benjamin Lobo de Farias.
- 14 – Propriedade de João Walther Heil. Projeto de 1954.
- 15 – Propriedade de Artur Schloesser. Projeto de 1956. Construtor Egon Alberto Stein. Projetista Humberto Faria de Almeida.
- 16 – Propriedade de Waldemar Schloesser. Projeto de 1956. Construtor Jaime Wassemann. Projetista Jaime Wassemann.
- 17 – Propriedade de Bruno Buhr, Horst Kegel e Esther Gross. Projeto de 1957. Projetista Humberto Faria de Almeida.
- 18 – Propriedade de Benjamin Margarida. Projeto de 1958. Construtor Nestor Borges dos Reis. Projetista Richard Kaulich.
- 19 – Propriedade de Nestor (assinatura ilegível). Projeto de 1958. Construtor Haroldo (assinatura de difícil compreensão) F. S. de Faria.
- 20 – Propriedade de Luiz P. A. M. Souto. Projeto de 1958. Construtor Humberto Faria de Almeida. Projetista Humberto Faria de Almeida.
- 21 – Propriedade de Walter Karsten. Projeto de 1958. Construtor Armando Ulysséa Nicolazzi.
- 22 – Propriedade de Augusto Reichow. Projeto de 1959. Construtor Félix Malburg. Projetista Jaime Wassermann.

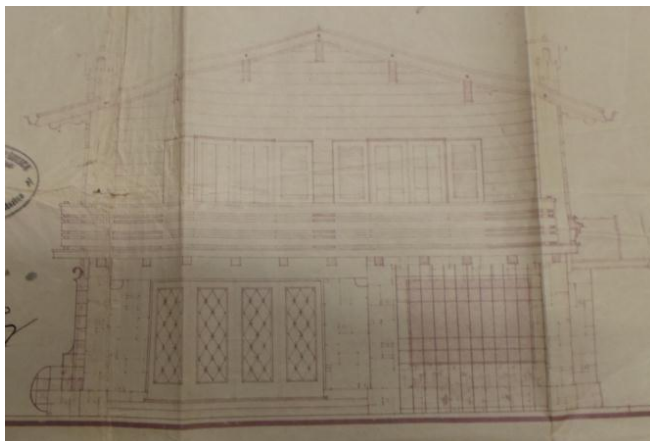
Fonte: Intervenção da autora sobre imagem do Google Maps (2013). Nota: Marcas em vermelho referem-se a localização de construções que permanecem até a atualidade cujos projetos arquitetônicos foram encontrados.

Além da quantidade os proprietários parecem estar dispostos a ousar e começam a surgir diversos projetos indicando para uma arquitetura moderna que teria destaque ainda na década de 1960.

4.6.3.1 Propriedade da Fábrica de Cadarços e Bordados “Haco” S/A.

Apesar de pertencer a uma fábrica o projeto era de uma residência de veraneio e foi aprovado em 09 de junho de 1950, o primeiro da década 1950 para Cabeçadas (figura 147).

Figura 147 – Fachada de casa de veraneio de propriedade de Fábrica de Cadarços e Bordados “Haco” S/A desenhada em projeto arquitetônico, 1950.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

No projeto o edifício tem dois pavimentos sendo no primeiro o refeitório, sala de estar, vestíbulo, cozinha, garagem e banheiro, e no segundo dois dormitórios, três quartos e um banheiro. O construtor responsável era Félix Malburg. Atualmente neste prédio funciona um sofisticado restaurante (figura 148).

Figura 148 – Restaurante Chez Raymond, 2011.

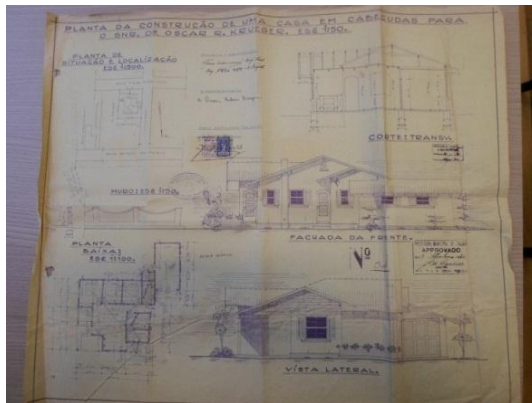


Fonte: Imagem do Google Maps/ Street View.
Acesso em: 24/01/2014.

4.6.3.2 Propriedade de Oscar Rubens Kruger

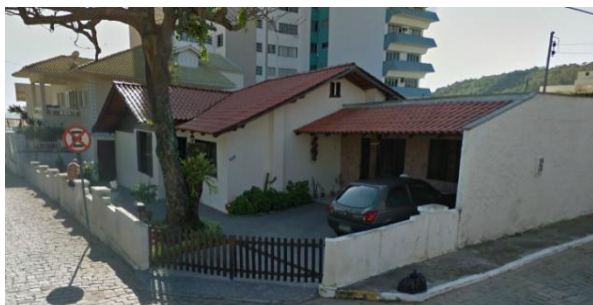
Krueger adquiriu as terras em que construiu sua residência em Cabeçadas no ano de 1950. O antigo proprietário era Oswaldo Buettner. Neste projeto Félix Malburg atuou como projetista e construtor (figura 149). A residência permanece com a mesma função (figura 150).

Figura 149 – Projeta de casa para Oscar Rubens Kruger, 1950.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Figura 150 – Antiga casa de Oscar Rubens Kruger, 2011.



Fonte: Imagem do Google Maps/ Street View. Acesso em: 24/01/2014.

4.6.3.3 Propriedade de Jaci dos Santos Heineberg e José dos Santos Heineberg

O terreno em que se encontra a residência da família Heineberg foi adquirido por Jaci e seu esposo em 1940³⁰. O antigo proprietário era Pedro Sales. A construção da casa se deu entre 1950, data de aprovação do projeto e 1954, quando foi averbada. A empresa contratada para a construção foi Francisco Canziani & Cia Ltda. A residência principal, pertencente à Jaci, possui no térreo varanda, gabinete, sala de visitas, sala de jantar, cozinha e uma dependência identificada como “diário”, no segundo pavimento estão três dormitórios e um banheiro (figuras 151 e 152).

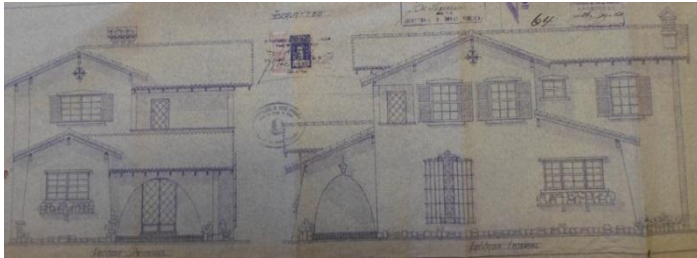
Figura 151 - Antiga casa de Jaci Heineberg, 2011.



Fonte: Imagem do Google Maps/ Street View. Acesso em: 24/01/2014.

³⁰ Certidão de Transcrição: 1º Ofício de Registros de Imóveis, Comarca de Itajaí. Livro de Transmissão das Transmissões nº 3 -D, folhas 238. Número de ordem 6.840, em 09 de dezembro de 1940.

Figura 152 – Fachadas da residência de Jaci Heineberg desenhadas no projeto arquitetônico, 1950.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

No mesmo terreno há outra residência, possivelmente a parte que cabe à José Heineberg com dois pavimentos também, no primeiro banheiro, cozinha e garagem, e no segundo dois quartos.

4.6.3.4 Propriedade de Hercílio Deeke

O projeto da propriedade de Hercílio Deeke foi aprovado pela prefeitura em 1951 (figuras 153 e 154). O projetista e construtor foi Félix Malburg. O desenho do projeto foi realizado por Richard Kaulich, de Blumenau. Uma varanda com entrada em arco marca a entrada principal da residência. No térreo se encontra uma saleta, sala de jantar, sala de estar, cozinha, despensa, quarto de empregados e banheiro, no segundo pavimento são três quartos, um dormitório e banheiro. Hercílio Deeke foi diretor do Banco Agrícola e Comercial de Blumenau que posteriormente uniu-se ao Banco Inco para o qual Deeke transferiu suas atividades. Foi prefeito de Blumenau por dois mandatos e diretor da Companhia de Melhoramentos de Blumenau entre as décadas de 1950 e 1960, quando esta foi responsável pela construção do Grande Hotel Blumenau (ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA HERCÍLIO DEEKE, 2014).

Figura 153 – Fachadas da residência de Hercílio Deeke desenhadas no projeto arquitetônico, 1951.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Figura 154 – Antiga casa de Hercílio Deeke, 2011.

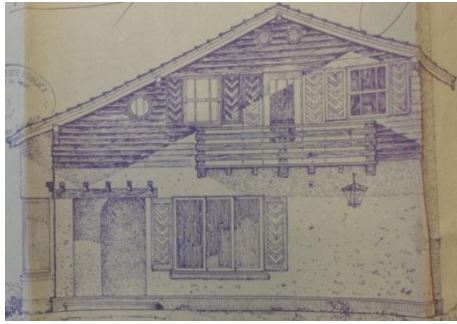


Fonte: Imagem do Google Maps/ Street View. Acesso em: 24/01/2014.

4.6.3.5 Propriedade de Fred Stirgelir

Assim como a residência de Hercílio Deeke esta também foi projetada e construída por Félix Malburg, o projeto desenhado por Kaulich e aprovado pela prefeitura em 1951. No térreo há uma varanda, sala, banheiro, quarto de hóspedes, banheiro e cozinha, no segundo pavimento ficam um dormitório, um quarto para os filhos, um quarto de hóspedes e outro para a empregada.

Figura 155 – Fachada da residência de Fred Stirgelir desenhada no projeto arquitetônico, 1951.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Figura 156 – Antiga casa de Fred Stirgelir, 2011.



Fonte: Imagem do Google Maps/ Street View. Acesso em: 24/01/2014.

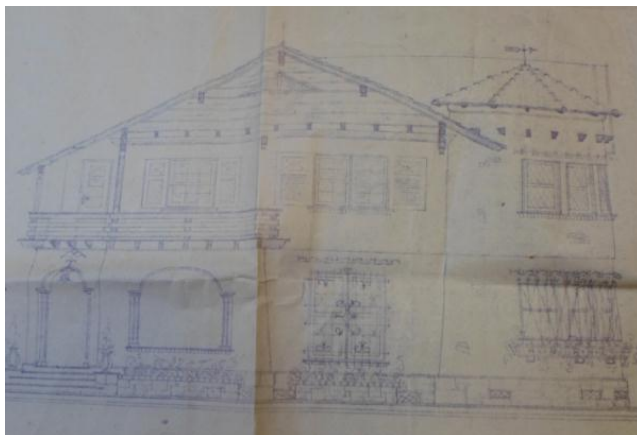
4.6.3.6 Propriedade de José Zwoelfer

A nova residência do hoteleiro Zwoelfer foi projetada por um profissional ainda desconhecido em Cabeçudas, o arquiteto alemão Franz Von Knoblauch. Da mesma forma a construtora também ainda não havia realizado obras naquela localidade, era a Firma Schwab & Piffer, cujo responsável era Simão Gramlich.

A residência principal (figuras 157 e 158) contava com uma sala de visitas, sala de estar, sala de jantar, varanda, cozinha, copa e

banheiro. No andar superior havia cinco dormitórios e um banheiro. No mesmo terreno foi projetado um anexo como uma área de serviços para atender a residência (figura 159). Era uma construção de apenas um pavimento com garagem, quarto, quarto da empregada, lavanderia e banheiro.

Figura 157 – Fachada da residência José Zwoelfer desenhada no projeto arquitetônico, 1952.



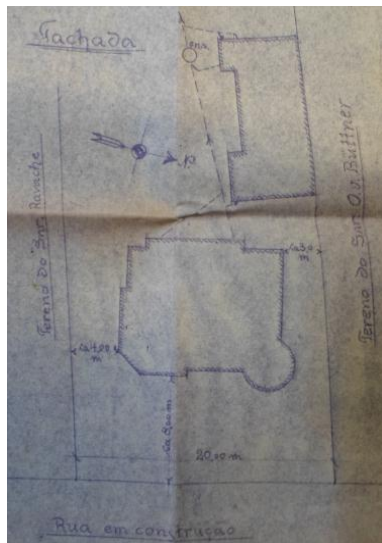
Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Figura 158 – Antiga casa de José Zwøelfer, 2011.



Fonte: Imagem do Google Maps/ Street View. Acesso em: 24/01/2014.

Figura 159 – Planta de situação da casa de José Zwøelfer, 1952.

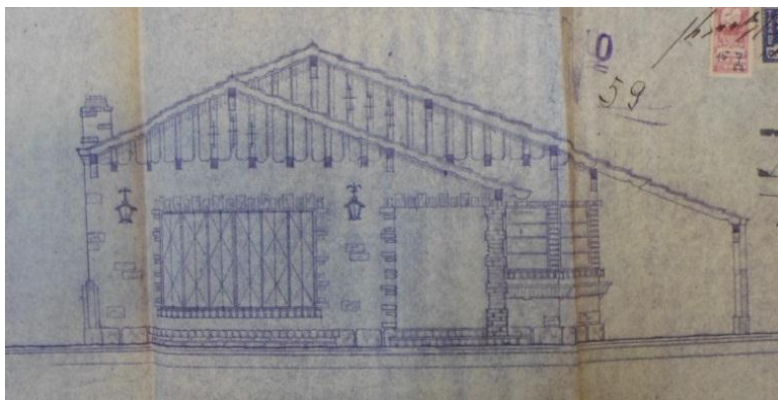


Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí. Nota: Na frente edifício principal, nos fundos anexo da área de serviços.

4.6.3.7 Propriedade de Kurt Putziger

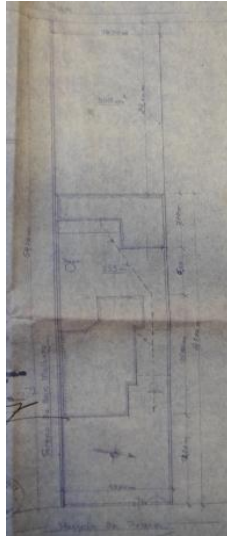
A residência de Putziger assim como a de Zwoelfer foi projetada por Franz Von Knoblauch e construída pela Firma Schwab & Piffer em 1952 (FIGURAS). Assim, pode-se notar certa semelhança dos projetos ainda que a residência de Zwoelfer seja muito maior e luxuosa que a de Putziger.

Figura 160 – Fachada da residência Kurt Putziger desenhada no projeto arquitetônico, 1952.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Figura 161 – Planta de situação da casa de Kurt Putziger, 1952.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí. Nota: Na frente edifício principal, nos fundos anexo da área de serviços.

O principal ponto em comum entre as duas é a criação de um anexo, afastado da construção principal no terreno onde fica uma área de serviços para atender a residência (figura 162). No projeto o edifício principal conta com um único pavimento onde há dois dormitórios, uma sala de jantar, cozinha e banheiro.

Figura 162 – Antiga casa de Kurt Putziger, 2011.



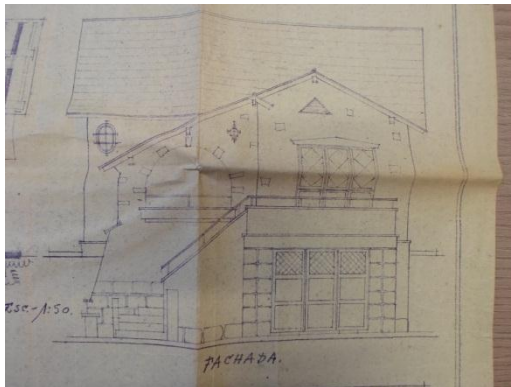
Fonte: Imagem do Google Maps/ Street View. Acesso em: 24/01/2014.

4.6.3.8 Propriedade de Leopoldo Weise

O projeto da residência de Weise aprovado em 1952 é de autoria do engenheiro e arquiteto Francisco Treska Junior, de Blumenau (figuras 163 e 164).

A construção foi realizada por Félix Malburg. A residência possui dois pavimentos sendo no primeiro a garagem e algumas dependências não especificadas e no andar superior o funcionamento de toda a residência com dormitórios, sala, banheiro e cozinha. Leopoldo fundou em 1941, na cidade de Blumenau, a empresa Weise que produz tachas, percevejos, arruelas, entre outros materiais (WEISE, 2014).

Figura 163 – Fachada da residência Leopoldo Weise desenhada no projeto arquitetônico, 1952.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Figura 164 – Antiga casa de Leopoldo Weise, 2011.



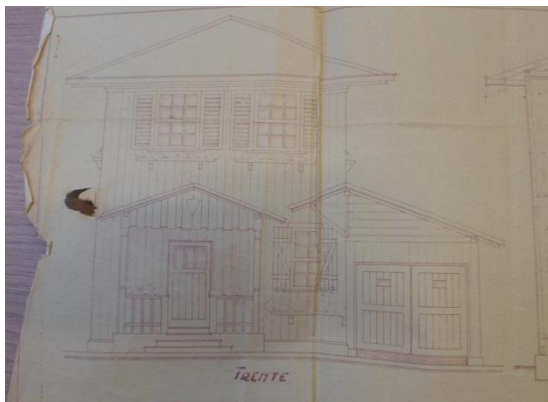
Fonte: Imagem do Google Maps/ Street View.
Acesso em: 24/01/2014.

4.6.3.9 Propriedade de Victor Kummurou

Infelizmente o projeto da casa de veraneio de Victor Kummurou não foi assinado pelos responsáveis pela construção e pelo projeto. Não foi possível identificar cada uma das dependências da residência, mas pode-se afirmar que no térreo estavam a garagem, cozinha, sala e

banheiro e no pavimento superior os dormitórios. O projeto foi aprovado em 1952 (figuras 165 e 166).

Figura 165 – Fachada da residência Victor Kummurou desenhada no projeto arquitetônico, 1952.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Figura 166 – Antiga casa de Victor Kummurou, 2011.

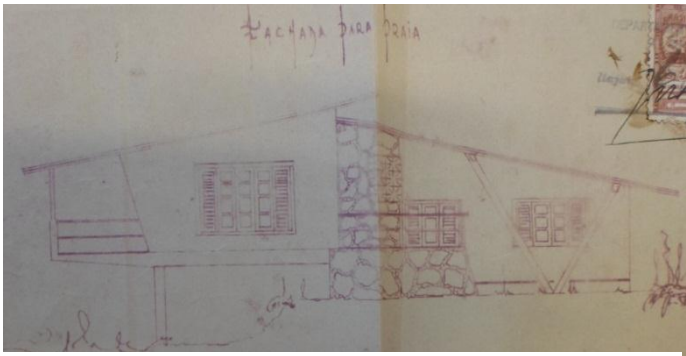


Fonte: Imagem do Google Maps/ Street View.
Acesso em: 24/01/2014.

4.6.3.10 Propriedade de Osmar de Souza Nunes

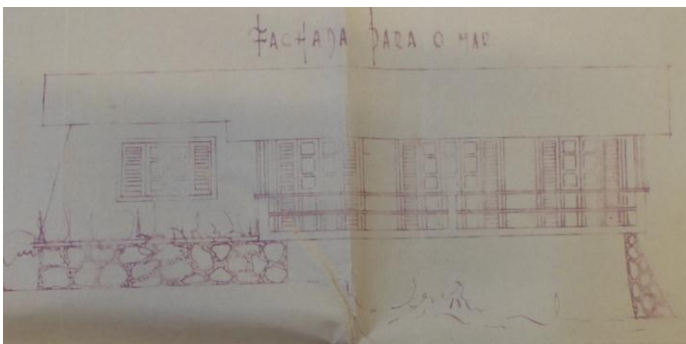
A residência de Osmar de Souza Nunes foi uma das primeiras modernas do balneário e também a pioneira em lançar-se sobre as pedras da orla avançando sobre o mar (figuras 167 e 168).

Figura 167 – Fachada para a praia da residência de Osmar de Souza Nunes desenhada no projeto arquitetônico, 1953.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Figura 168 – Fachada para o mar da residência de Osmar de Souza Nunes desenhada no projeto arquitetônico, 1953



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

O projeto aprovado em 1953 possui a assinatura de quem a projetou, mas, infelizmente, não foi possível identificá-lo (figura 169). Já a construção sabe-se que ficou a cargo da empresa de Francisco Canziani.

Figura 169 – Fachada para a rua da residência de Osmar de Souza Nunes desenhada no projeto arquitetônico, 1953.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

A residência de um único pavimento foi projetada com uma sala, bar, quatro quartos, copa e cozinha e um chuveiro externo. A sala, de frente para o mar, possui uma varanda que possibilita a apreciação da paisagem marinha, contexto bem diferenciado de 50 anos antes, quando no início do século as casas davam as costas para o mar e não havia essas aberturas para sua contemplação.

Osmar nasceu em 1912, era advogado e empresário do ramo hoteleiro (ADERBAL MACHADO: CRÍTICA, ANÁLISE, OPINIÃO , 2014). Foi um dos diretores da Companhia de Melhoramentos de Itajaí responsável pela construção do Hotel Balneário Cabeçudas, atualmente chamado Hotel Marambaia. Atualmente um de seus netos administra este hotel. Também este envolvido com a construção do Hotel Marambaia de Balneário Camboriú.

Figura 170 – Antiga casa de Osmar de Souza Nunes, 2013.



Fonte: Imagem da autora.

4.6.3.11 Propriedade de Wilhelm Biedermann

A residência de Biedermann foi a única projetada e construída por Mario Cesar Stamm em Cabeçadas (figuras 171, 172 e 173). O edifício de dois pavimentos possuía no térreo: sala, sala de jantar, cozinha e banheiro, e no andar superior três dormitórios e um banheiro. Porém, no ano de 1970 um novo projeto se realizou com um acréscimo na residência para ampliação de suas dependências. Este acréscimo foi realizado quando a casa havia sido transferida para propriedade de Aldo Kirsten.

Figura 171 – Fachadas de Wilhelm Biedermann desenhadas no projeto arquitetônico, 1953.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Figura 172 – Antiga casa de Wilhelm Biedermann, frente para a Rua Benjamin Constant, 2011.



Fonte: Imagem do Google Maps/ Street View. Acesso em: 24/01/2014.

Figura 173 – Antiga casa de Wilhelm Biedermann, frente para a Rua Cônsul Carlos Renaux, 2011.



Fonte: Imagem do Google Maps/ Street View. Acesso em: 24/01/2014.

4.6.3.12 Propriedade de Augusto Voigt

A residência de Augusto Voigt foi projetada em 1954 (figuras 174, 175 e 176). Um ano depois foi projetado e construído pela empresa de Francisco Canziani um edifício menor para o mesmo terreno com um galinheiro, quarto, cabine, depósito, lavanderia e garagem.

O edifício principal de 1954 cujo responsável pela construção era Guilherme Albani possuía dois pavimentos, no primeiro ficavam uma varanda, um jardim de inverno, sala de jantar, sala de estar, vestíbulo, cozinha e sala de almoço, no segundo pavimento havia três dormitórios, um vestíbulo e um banheiro.

Augusto Voigt foi empresário do ramo comercial de Itajaí. Com seu cunhado, o prefeito Francisco de Almeida, abriu a empresa Almeida&Voigt. Seu nome estava entre os principais acionistas do Banco Inco.

Figura 174 – Projeto da fachada da casa de Augusto Voigt para a Rua Quintino Bocaiúva, 1954.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Figura 175 – Projeto da fachada da casa de Augusto Voigt para a Rua Quintino Bocaiúva, 1954.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Figura 176 – Antiga casa de Augusto Voigt, 2011.



Fonte: Imagem do Google Maps/ Street View.
Acesso em: 24/01/2014.

4.6.3.13 Propriedade de Benjamin Lobo de Farias

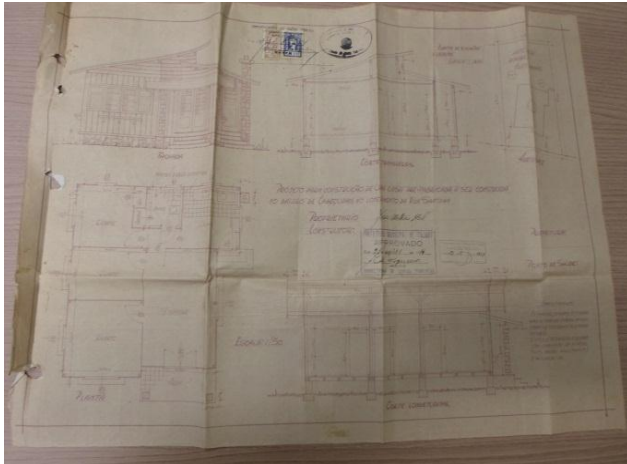
A residência de Benjamin Lobo de Farias foi construída na década de 1940 e em 1954 foi ampliada devido a necessidade de se ter mais dependências para conforme dos seus moradores.

Atualmente funciona como uma casa de acolhimento para idosos. Os projetos já foram apresentados anteriormente neste trabalho.

4.6.3.14 Propriedade de João Walther Heil

Este é o primeiro projeto cujo edifício permanece até a atualidade no loteamento Vila Santana, da empresa Roenick & Irmãos (figuras 177 e 178). A residência é de madeira, conta com três quartos, sala de jantar, cozinha e banheiro.

Figura 177 – Projeto de casa para João Walther Heil, 1954.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Figura 178 – Antiga residência de João Walther Heil, 2011.



Fonte: Imagem do Google Maps/ Street View. Acesso em: 24/01/2014.

4.6.3.15 Propriedade de Artur Schloesser

O projeto da residência de Arthur Schloesser foi realizado por Humberto Faria de Almeida e o construtor era Egon Alberto Stein. Este projeto inaugurou o aparecimento destes dois profissionais em Cabeçudas.

A única folha do projeto encontrada mostra apenas a planta de situação do edifício o que não permite uma análise da divisão de suas dependências. Artur foi o fundador dos Jogos Abertos de Santa Catarina, cuja primeira realização se deu em sua cidade, Brusque (WIKIPEDIA, 2014).

Figura 179 – Projeto de casa para Artur Schloesser, 1956.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Figura 180 – Antiga casa de Artur Schloesser, 2011.



Fonte: Imagem do Google Maps/ Street View. Acesso em: 24/01/2014.

4.6.3.16 Propriedade de Waldemar Schloesser

Esta residência é uma das que introduz o trabalho do engenheiro Jaime Wassermann em Cabeçadas (figuras 181 e 182). Wassermann foi um grande profissional que divulgou a arquitetura moderna no Paraná, principalmente em Curitiba. Além deste projeto aprovado em 1956, era também de sua autoria, naquele mesmo ano o projeto do Cabeçadas Palace Hotel de Irineu Bornhausen e José Bonifácio Schmitt, que não foi construído.

Figura 181 – Projeto de casa para Waldemar Schloesser, 1956.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Figura 182 – Antiga casa de Waldemar Schloesser, 2011.

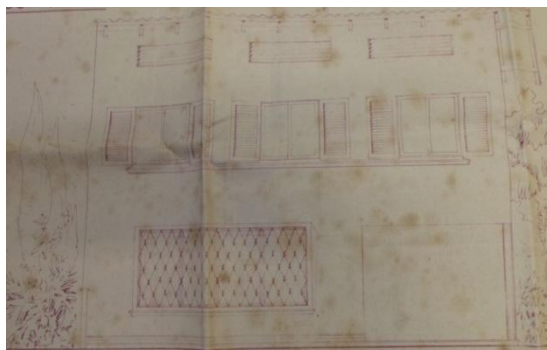


Fonte: Imagem do Google Maps/ Street View. Acesso em: 24/01/2014.

4.6.3.17 Propriedade de Bruno Buhr, Horst Kegel e Esther Gross

A edificação de dois pavimentos foi projetada por Humberto Faria de Almeida e aprovada em 1957. No térreo estão a varanda, sala de estar, copa, cozinha, banheiro e um quarto, no pavimento superior há quatro quartos.

Figura 183 – Projeto da fachada da casa de Bruno Buhr, Horst Kegel e Esther Gross, Quintino Bocaiúva 1957.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Figura 184 – Antiga casa de Bruno Buhr, Horst Kegel e Esther Gross, 2011.



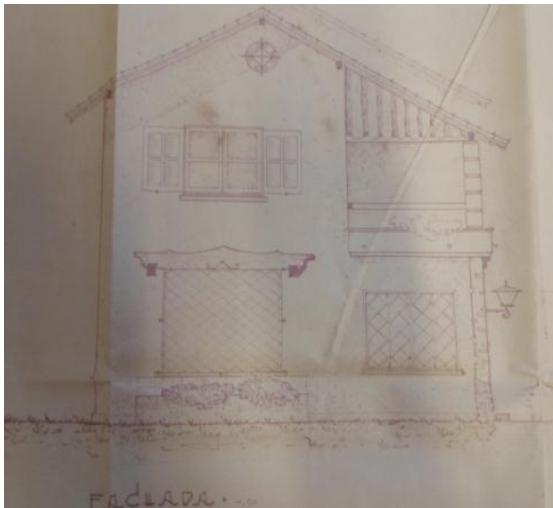
Fonte: Imagem do Google Maps/ Street View. Acesso em: 24/01/2014.

4.6.3.18 Propriedade de Benjamin Margarida

O projeto da residência de Benjamin Margarida, aprovado em 1958 é o único em Cabeçudas cuja autoria é de Richard Kaulich, o famoso desenhista de Blumenau que havia colaborado com muitos outros projetos. E também o único de Nestor Borges dos Reis como construtor.

A residência projetada possuía dois pavimentos sendo que no térreo fica a varanda, sala de estar, sala de jantar, cozinha, banheiro e quarto para empregada, no andar superior estavam dois dormitórios, um quarto para a filha, um quarto para o filho e duas varandas. Benjamin Margarida era tabelião em Blumenau (1º TABELIAONATO DE NOTAS E PROTESTOS DE BLUMENAU, SANTA CATARINA, 2014), mesma cidade em que estava o Clube Grêmio esportivo Olímpico do qual foi presidente na década de 1950 (GRÊMIO ESPORTIVO OLÍMPICO, 2014).

Figura 185 – Projeto da fachada da casa de Benjamin Margarida, 1958.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Figura 186 – Projeto da fachada lateral da casa de Benjamin Margarida, 1958.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Figura 187 – Antiga casa de Benjamin Margarida, 2011.



Fonte: Imagem do Google Maps/ Street View. Acesso em: 24/01/2014.

4.6.3.19 Propriedade de Nestor

Tal projeto apresentou uma dupla dúvida. Os nomes tanto do proprietário quanto do construtor da residência são difíceis de serem compreendidos. Deduz-se que o primeiro nome do proprietário seja Nestor e que o nome do construtor seja Haroldo (ou qualquer outro nome cuja terminação seja aldo ou oldo) F. S. de Faria.

A residência possui dois pavimentos, no primeiro há a sala de estar, sala de jantar, bar, cozinha e copa, e no segundo são três dormitórios e um banheiro (188, 189 e 190).

Figura 188 – Projeto da fachada lateral da casa de Nestor, 1958.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Figura 189 – Projeto da fachada da casa de Nestor, 1958.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Figura 190 – Antiga casa de Nestor, 2011.



Fonte: Imagem do Google Maps/ Street View. Acesso em: 24/01/2014.

4.6.3.20 Propriedade de Luiz P. A. M. Souto

Quando foi projetada a residência de Luiz Souto, em sua planta de situação, havia a identificação de que esta ficaria entre a rua Blumenau, atual Geremias Caldeira e uma rua projetada, entretanto, através da localização desta residência se percebeu que aquele terreno

acabou não sendo o de esquina, mas outra casa que foi construída em sua lateral (figuras 191 e 192).

O projeto e a construção são de responsabilidade de Humberto Faria de Almeida. É uma casa de um único pavimento com quatro quartos, sala de estar, cozinha, copa, depósito e banheiro.

Figura 191 – Planta de situação da residência de Luiz Souto, 1958.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Figura 192 – Antiga casa de Luiz Souto, 2011.



Fonte: Imagem do Google Maps/ Street View. Acesso em: 24/01/2014. Nota: Intervenção da autora.

4.6.3.21 Propriedade de Walter Karsten

A residência de Walter Karsten, que fica no antigo terreno que pertenceu à Nicolau Burkhardt, o alemão da Luz, foi projetada em 1958 e o construtor responsável era Armando Ulysséa Nicolazzi. Essa era a segunda construção de Nicolazzi para Cabeçudas. Sua fachada para a Rua Juvêncio Tavares do Amaral não pode ser vista pois há outro edifício na frente, já a fachada para a rua Floriano Peixoto é

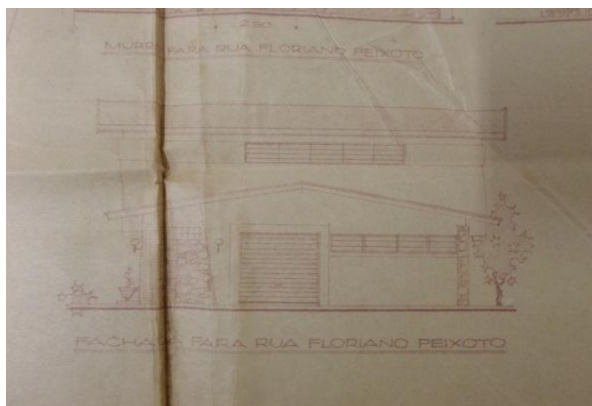
parcialmente coberta pelo muro (figuras 193, 194 e 195), assim sua identificação foi feita principalmente através de sua planta de situação. Walter era presidente da Companhia Têxtil Karsten fundada por seu pai (ARQUIVO DE BLUMENAU, 2014).

Figura 193 – Projeto da fachada para a Rua Juvêncio Tavares do Amaral da casa de Walter Karsten, 1958.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Figura 194 – Projeto da fachada para a Rua Floriano Peixoto da casa de Walter Karsten, 1958.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Figura 195 – Antiga casa de Walter Karsten, 2011.



Fonte: Imagem do Google Maps/ Street View. Acesso em: 24/01/2014.

4.6.3.22 Propriedade de Augusto Reichow

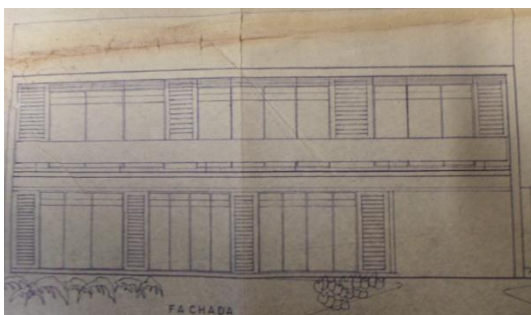
A residência de Reichow é justamente a que fica em frente da fachada leste da casa de Walter Karsten apresentada anteriormente. O projeto é assinado por Jaime Wassermann e Félix Malburg, não há uma definição clara da função de cada um, mas possivelmente o projeto seja de Jaime e a construção de Malburg. Um ano antes da aprovação deste projeto, que foi em 1959, Augusto Reichow, havia solicitado ao arquiteto Hans Broos que projetasse sua casa (DAUFENBACH, 2011, p.36.), porém parece que acabou optando pela versão de Wassermann e Malburg (figuras 196, 197 e 198).

Figura 196 – Projeto de Hans Broos para a casa de Augusto Reichow em Cabeçadas, 1958.



Fonte: DAUFENBACH, 2011, p.36.

Figura 197 – Projeto de Jaime Wassermann e Félix Malburg para a casa de Augusto Reichow, 1959.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Figura 198 – Antiga casa de Augusto Reichow, 2011.



Fonte: Imagem do Google Maps/ Street View. Acesso em: 24/01/2014.

4.6.4 Novos projetistas e construtores em Cabeçudas

Durante toda a década de 1950 vários nomes de profissionais ligados ao projeto e execução de residências já são conhecidos por estarem atuando naquele balneário desde os anos 40, assim, ainda que Félix Malburg tenha realizado diversos trabalhos na década de 1950, não será novamente apresentado, cabendo a esta etapa apenas os novos nomes que surgiram. Richard Kaulich que na década anterior só havia trabalhado como desenhista e já foi apresentado por esta função ousou em 1958 realizar seu próprio projeto, e tal construção permanece até hoje em Cabeçudas como registro de sua obra.

Apesar da década de 1950 ter apresentado uma maior quantidade de projetos do que a de 1940 e se ter também uma maior quantidade de informações, sobre os novos profissionais atuantes em Cabeçudas no ramo da engenharia e arquitetura se encontrou pouquíssimas informações.

Talvez, devido a menor quantidade de cursos nesta área nas décadas anteriores os profissionais tivessem mais disposição em atuar em uma única região construindo uma carreira naquele local, como Francisco Canziani, nome que predomina nos projetos da década de 1940.

Mas com o aumento de profissionais no mercado de trabalho há uma maior circulação destes. Além disso, o desejo de estar na moda e fazer parte do progresso levava muitos proprietários a desejarem possuir um edifício moderno. Nas escolas de arquitetura do Rio Grande do Sul e do Paraná o discurso da arquitetura moderna já havia sido incorporado aos currículos, assim, esses profissionais ganharam espaço em Santa Catarina, que naquele período ainda não tinha a faculdade de Arquitetura.

Por não serem deste estado e não terem construído suas carreiras aqui quase não se encontrou informações sobre os profissionais desta década. Os profissionais que não se teve acesso a nenhuma informação biográfica foram: Mario Cesar Stamm, Guilherme Albani, Humberto Faria de Almeida, Nestor Borges dos Reis, Francisco Hrazck e Edmundo Dziecinny.

4.6.4.1 Firma Schwab & Piffer

Esta firma foi responsável pela construção de seis projetos em Cabeçudas. Ela aparece nos documentos de 1950 até 1957. Sabe-se que três construções foram realizadas, pois permanecem até a atualidade. O responsável por esta empresa era Simão Gramlich.

4.6.4.2 Simão Gramlich

Gramlich possui um único projeto para Cabeçudas apesar de se saber que ele tem um extenso trabalho em todo o estado. O alemão Gramlich nasceu em Baden em 1887 e imigrou para o Brasil em 1922 (TEIXEIRA, 2009, p.118) (figura 199). Realizou trabalhos no Rio Grande do Sul, mas acabou estabelecendo residência em Blumenau (TEIXEIRA, 2009, p.118). Destacou-se principalmente pela arquitetura

religiosa, sendo a Igreja Matriz de Itajaí um de seus projetos (TEIXEIRA, 2009, p.118).

Figura 199 – Carteira profissional de Licenciado de Simão Gramlich, 1933.

CONSELHO REGIONAL DE ENGENHARIA E ARQUITETURA
10ª. REGIÃO — SANTA CATARINA
CARTEIRA PROFISSIONAL DE LICENCIADO

Carteira nº. 13-L Florianópolis, 4 de Setembro de 1933

Registro no C. R. E. A. nº. 627/59

Nome Simão Gramlich

Presidente do Conselho Regional
Simão Gramlich
 Assinatura do Profissional

Nacionalidade Alemã

Naturalidade Baden-Alemãnia

Nascido a 7 de agosto de 1887

Título de habilitação Construtor Li-
cenciado

Repartição em que se licenciara Mesa

de Rendas

no 2º semestre de 1933

Circunscrição Santa Catarina

ATRIBUIÇÕES NO VERSO

Não é válido o retrato sem o carimbo do Conselho e a rubrica do presidente

Polegar direito

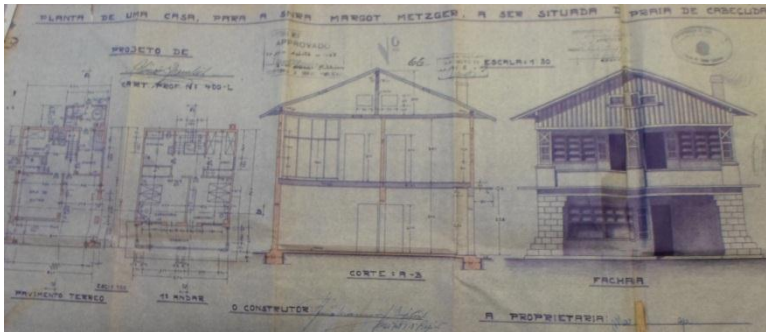



De acordo com o art. 15 do decreto n.º 23.569 a presente carteira servirá de carteira de identificação e tem fé pública.

Fonte: <http://aloisiuscarloslauth.com.br/?p=1368>. Acesso em: 29/01/2014.

Segundo o professor do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina, Luiz Eduardo Fontoura Teixeira, Gramlich foi “um dos pioneiros da modernidade no Vale do Itajaí” (2009, p.119). É de sua autoria, em Cabeçudas, uma residência que seria construída na Rua Consul Carlos Renaux para Margot Metzger (figura 200). O projeto foi aprovado em 1953, mas não se sabe se chegou a ser construído.

Figura 200 – Projeto para a casa de Margot Metzger em Cabeçudas realizado por de Simão Gramlich, 1953.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

4.6.4.3 Franz Von Knoblauch

Knoblauch possui apenas três projetos de sua autoria em Cabeçudas, um deles em 1950 e os outros dois em 1952. Os dois últimos foram construídos e são ainda existentes. Sobre este profissional sabe-se apenas que atuava em Blumenau e desde 1938 era vigiado pelo governo do estado por ser simpatizante ao nazismo, inclusive guardando em sua casa material propagandístico (FÁVERI, 2005, p.507). Seu amor exaltado pela Alemanha é demonstrado quando em 1954 ele assina, como um dos fundadores, a ata do Centro Cultural 25 de julho, de Blumenau, Centro cujo objetivo era preservar a cultura alemã (CENTRO CULTURAL 25 DE JULHO DE BLUMENAU, 2014).

4.6.4.4 Engenheiro Jaime Wassermann

Wassermann nasceu em Montevidéu no ano de 1924 (TAKEUCHI, 2010). Quando ainda criança mudou-se com seus pais para o Brasil. Ele formou-se engenheiro civil na Universidade Federal do Paraná em 1947 (TAKEUCHI, 2010). É considerado um dos grandes nomes da arquitetura moderna em Curitiba principalmente por focar nos conjuntos habitacionais, “foi o maior empreendedor de conjuntos habitacionais do Paraná, executados entre 1967 e 1981...” (TAKEUCHI, 2010).

Em Cabeçudas foi o autor de três projetos, dois deles construídos e outro, que lhe daria maior destaque, não. Este projeto que não levado adiante se refere ao Cabeçudas Palace Hotel, de propriedade de Irineu Bornhausen e José Bonifácio Schmitt. Em ambos os projetos de sua autoria que permanecem até a atualidade em Cabeçudas, o engenheiro fez uso do revestimento com pedras como elemento estético da obra.

4.6.4.5 Engenheiro Egon Alberto Stein

O fundador das atuais empresas “Construtora Stein” e “Stein Empreendimentos Imobiliários”, Egon Alberto Stein foi responsável por apenas duas construções em Cabeçudas, uma em 1956 e outra em 1961. Egon era engenheiro civil formado na Universidade Federal do Paraná no ano de 1952 (NASSER, 2012).

Figura 201 - Egon Alberto Stein, 2012.



Fonte: NASSER, 2012.

Logo após os estudos foi engenheiro da Fábrica de Papel Klabin do Paraná S.A., em 1954 comandou o Departamento de Estradas e Rodagem (DER) de Santa Catarina, foi chefe do grupo responsável pela implantação e pavimentação da Rodovia Jorge Lacerda, foi presidente em dois mandatos da Associação dos Engenheiros do Vale do Itajaí, e ainda presidiu a Comissão de Planejamento da cidade de Blumenau (1967, 1968 e 1969) (NASSER, 2012).

Esteve na diretoria da Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (Fiesc) (NASSER, 2012). Presidiu o Sindicato da Indústria da Construção de Blumenau durante 15 anos (NASSER, 2012). Em 1969 foi prefeito de Balneário Camboriú quando projetou melhoramentos urbanísticos para a cidade (NASSER, 2012). Faleceu em agosto de 2013 (BLOG DA ESTELA BENETTI, 2013).

4.6.4.6 Engenheiro Armando Ulysséa Nicolazzi

A assinatura de Nicolazzi foi encontrada em apenas três projetos para Cabeçudas, nos três ele é responsável pela construção dos edifícios. Dois deles foram construídos e podem ser vistos ainda hoje, sendo que foram projetos em 1956 e 1958. As informações encontradas sobre este profissional não são muito precisas: em 1939 exercia o cargo de Superintendente da Administração do Porto de Laguna quando foi exonerado (JUSBRASIL, 1951), em 1966 era chefe da Divisão de Dragagem do Departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis (JUSBRASIL, 1966) e a última nota relacionada à sua profissão com seu nome foi a representação regional no estado do Paraná da Associação Brasileira de Engenheiros em Infraestrutura de Transportes, em 2008 (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENGENHEIROS EM INFRAESTRUTURA DE TRANSPORTES, 2008). Sabe-se que sua esposa, Lucy Frehse Nicolazzi faleceu aos 86 anos em setembro de 2013 na cidade de Curitiba (DIÁRIO DE COLOMBO: A CIDADE EM TEMPO REAL, 2013), mas sobre Armando não se tem mais nenhuma informação.

4.6.5 Cabeçudas Palace Hotel

Após uma série de negociações nas décadas de 1930 e 1940 já vistas sobre o antigo terreno de Paul Herbst, em 1953 o terreno passou a pertencer à Irineu Bornhausen e José Bonifácio Schmitt, representante da Companhia Malburg. Como o balneário necessitava de um novo estabelecimento moderno para atender aos turistas no verão era pretensão destes dois empreendedores a construção de um prédio que pudesse abrigar tanto a função de condomínio residencial como hotel (figura 202).

Figura 202 – Planta de instalação do edifício no terreno, 1955.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí. Nota: Intervenção da autora.

A primeira nota de jornal que anunciou esta obra é de 18 de março de 1956 e afirmava que se havia dado início à construção do “Cabeçudas Palace Hotel” e estavam sendo realizadas as obras de sondagem do terreno (CABEÇUDAS, 1956). Sabia-se que o edifício teria 46 apartamentos residenciais, mas os quartos do hotel ainda não haviam sido divulgados (CABEÇUDAS, 1956). Este pretendia ser o maior edifício da cidade com sete pavimentos, uma obra avaliada em 12 milhões de cruzeiros (CABEÇUDAS, 1956).

O engenheiro responsável pela construção era Jaime Wassermann (figura 203) e a data dos projetos que realizou para este empreendimento são de outubro de 1955. A fiscalização da obra ficaria a cargo do engenheiro Félix Malburg, um dos proprietários da Companhia Malburg. Quando estas informações foram anunciadas no artigo de março de 1956 já havia uma lista de pessoas interessadas na compra dos apartamentos (CABEÇUDAS, 1956).

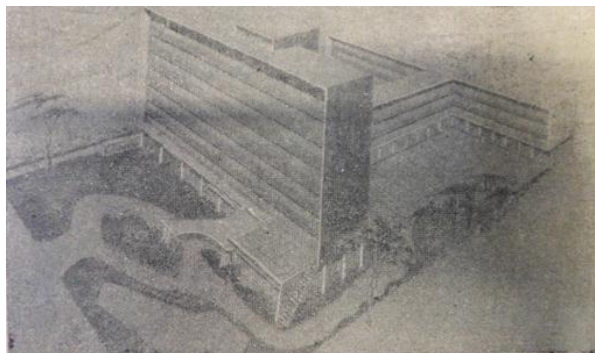
Figura 203 – Ficha de identificação do projeto contida em cada uma das pranchas, 1955.

EDIFICADORA E IMOBILIÁRIA		PROGRESSO LTDA	
CABEÇUDAS PALACE HOTEL - CONDOMÍNIO			
PROJETO		PROJETO CABEÇUDAS	
AUTOR DO PROJETO: ARQ. TÉCNICO ENR. CIVIL - ENR. 1 - EA 729		CONSTRUTORA	
PROJETADO EM 27-10-55		DO PROJETO DE PRÉDIO	
OBRA Nº	ANO 7	PRANCHAS	VERIF.
	198	10 10	
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS			

Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

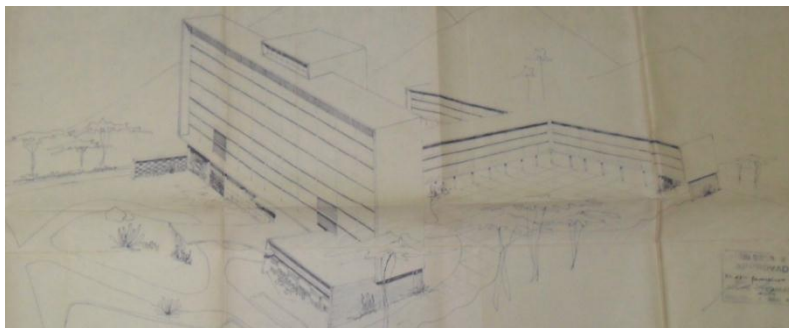
A segunda e última nota de jornal sobre o hotel é também de 1956, mas de outubro. Neste artigo foram mais detalhadas as dependências da edificação e as formas de pagamento (CABEÇUDAS PALACE, 1956). Seriam três blocos, o primeiro, de frente para o mar, com nove pavimentos, um bloco intermediário, transversal que se liga à um outro bloco paralelo nos fundo do terreno, ambos com quatro pavimentos (figuras 204, 205, 206, 207, 208 e 209). No primeiro bloco ficaria o Cabeçudas Palace Hotel ocupando o pavimento térreo e mais três superiores.

Figura 204 – desenho do Cabeçadas Palace Hotel apresentado no jornal, 1956.



Fonte: CABEÇUDAS PALACE, 1956.

Figura 205 – Desenho do Cabeçadas Palace Hotel no projeto de Jaime Wassermann, 1955.



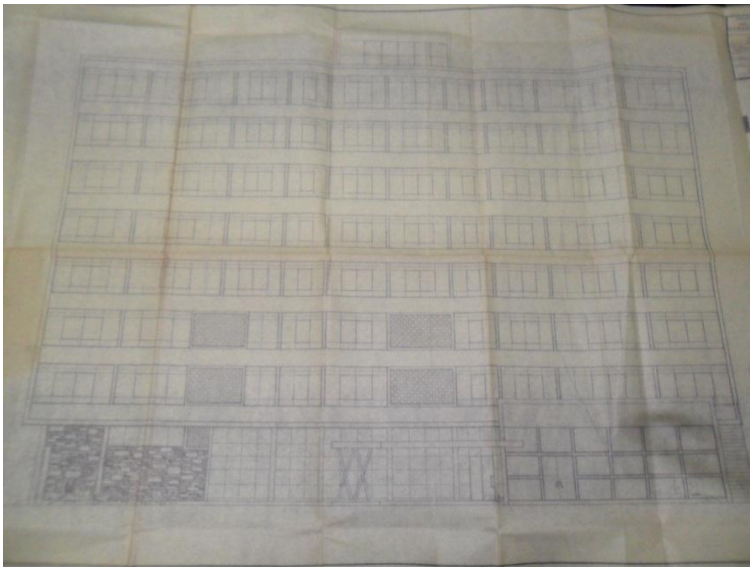
Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itaiá.

Figura 206 – Detalhe da cobertura da entrada principal no projeto do Cabeçadas Palace Hotel, 1955.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Figura 207 – Fachada principal do Cabeçadas Palace Hotel apresentada no projeto arquitetônico, 1955.



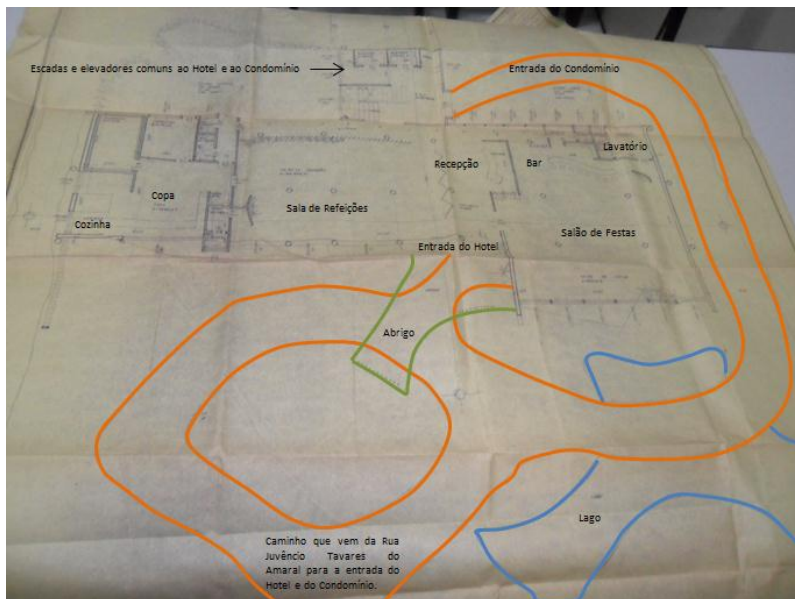
Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Figura 208 – Fachada do Condomínio Residencial do Cabeçadas Palace Hotel apresentada no projeto arquitetônico, 1955.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Figura 209 – Planta baixa do primeiro andar do Cabeçadas Palace Hotel coma entrada principal apresentada no projeto arquitetônico, 1955.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Em todo o condomínio haveria 68 apartamentos sendo que 29 seriam destinados ao hotel. Os apartamentos teriam a seguinte conformação: “amplo ‘living’, dois dormitórios, banheiro, cozinha, terraço de serviço e dependências para empregada (CABEÇUDAS PALACE, 1956). Todos teriam duas entradas: uma social e outra de

serviço” (CABEÇUDAS PALACE, 1956). Somente no bloco central que os apartamentos possuiriam apenas um quarto, mas com todas as demais dependências citadas (CABEÇUDAS PALACE, 1956). No Hall central que une Hotel e Condomínio residencial teriam dois elevadores (CABEÇUDAS PALACE, 1956).

Naquele outubro de 1956 39 apartamentos já estavam à venda com os seguintes valores: apartamento tipo A custando Cr\$ 660.000,00; tipo B, Cr\$ 594.000,00; tipo C, com apenas seis unidades, Cr\$ 295.000,00; tipo D, Cr\$ 572.000,00; tipo E, Cr\$ 517.000,00. A forma de pagamento poderia ser facilitada com o pagamento de 10% do valor à vista, 10% depois de 30 dias, 70% em 33 parcelas mensais, e 10% na entrega das chaves (CABEÇUDAS PALACE, 1956).

Depois desta nota de jornal não se teve mais notícias do que aconteceu com o hotel, apenas que não foi construído. Talvez o aborto deste empreendimento tenha ocorrido devido à falência da Companhia Malburg e por Irineu Bornhausen ter perdido a reeleição para governador do estado. Quando foi anunciada a construção de um novo hotel para Cabeçudas no início da década de 1960 pela Companhia de Melhoramentos, o Hotel Balneário Cabeçudas, muito moradores daquele local não acreditaram que isto realmente aconteceria, a última inauguração de um hotel em Cabeçudas havia sido em 1928, do hoteleiro Zwoelfer.

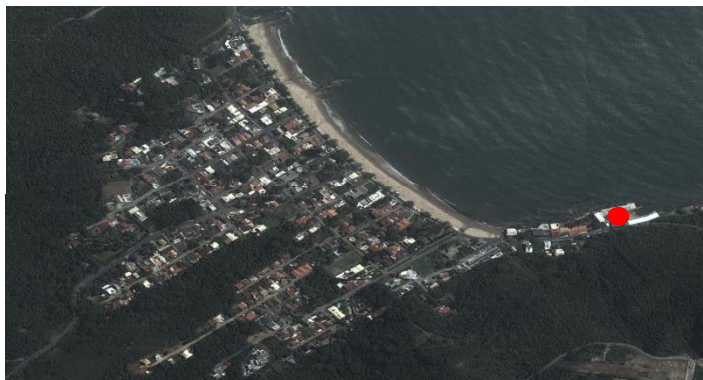
4.6.6 Cabeçudas Iate Clube

Como visto anteriormente, a discussão acerca da construção do Clube Cabeçudas se estendeu por vários anos na década de 1950, mas acabou não se concretizando. O Iate Clube Cabeçudas, entretanto, no ano que lançou seu estatuto já estava com o projeto arquitetônico de sua sede pronto e no ano seguinte o inaugurou. No estatuto divulgado pelo Jornal do Povo em abril 1957, Cid Carlos Renaux apresentava-se como presidente do Clube cujo objetivo era “congregar seus associados em diversões e reuniões sociais e promover entre os mesmos a prática dos esportes náuticos em todas as suas modalidades” (ESTATUTO, 1957).

Sobre a iniciativa da fundação de um Clube o jornal revelou que foi “um punhado de amadores de lancha a motor” que teve esta feliz ideia, mas destaca os senhores Carlos Cid Renaux e Ourival Cesário Pereira, como os dois homens que mais se empenharam para esta realização (CABEÇUDAS, 1958). Em janeiro de 1958, antes de sua inauguração o Iate Clube já contava com 70 sócios-proprietários e foram investidos um milhão de cruzeiros na obra (CABEÇUDAS, 1958). O

terreno onde se deu a construção foi concedido pelo Ministério da Marinha com a contribuição do Capitão Lauro Guarany's Guimarães, onde permanece até atualmente o Clube, ao fim da rua Samuel Heusi Junior (figura 210). A sede do Clube possuía um terraço, restaurante, salão de dança, e garagens para barcos com guincho elétrico.

Figura 210 – Localização do Cabeçudas Iate Clube.



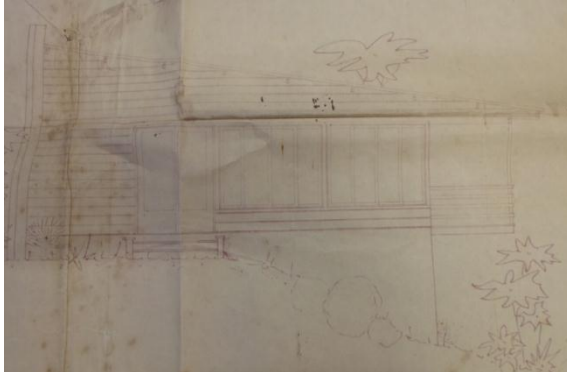
Fonte: Intervenção da autora sobre imagem do Google Maps (2013).

A inauguração oficial do Iate Clube Cabeçudas se deu em 08 de fevereiro de 1958, sendo os sócios fundadores Carlos Cid Renaux, Ourival Cesário Pereira, Wilson de Freitas Melro, Erich Bueckmann, Ingo A. Renaux e Eduardo Santos Lins (CABEÇUDAS IATE CLUBE, 2014).

O projeto arquitetônico do primeiro edifício construído para abrigar o Iate Clube é de autoria de Humberto faria de Almeida e a construção era responsabilidade de Félix Malburg (figuras 211 e 212).

O edifício contava com dois pavimentos sendo no inferior a garagem de barcos e no superior um salão de festas com bar, cozinha, sanitários masculino e feminino, e um terraço de frente para o mar (figura 212).

Figura 211 – Desenho da fachada lateral do Cabeçudas Iate Clube projetada por Humberto Faria de Almeida, 1957.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itaiá.

Figura 212 – Cabeçudas Iate Clube, possivelmente entre as décadas de 1950 e 1960.



Fonte: Imagem cedida por Lígia Leal.

Em 1970 o engenheiro João da Rocha Mello projetou outro edifício para abrigar o Cabeçudas Iate Clube, pois sua sede havia sofrido um incêndio. Este mesmo engenheiro projetou um acréscimo para o clube em 1977.

4.6.7 O desinteresse governamental pelo balneário na década de 1960

A década de 1960 foi um período de consagração para o balneário de Cabeçudas e também de declínio. Sua fama já havia corrido todo o estado. Com a inauguração do Hotel Balneário Cabeçudas, em 1962, o balneário passou a receber diversos ônibus com excursionistas e passou a atrair mais veranistas.

O Iate Clube também colaborava para esta boa fama promovendo diversos jantares para autoridades políticas do estado, fazendo com que cada dia mais Cabeçudas fosse conhecida como um balneário aristocrático, como se dizia na época.

Porém, devido a este crescimento de turistas e um descomprometimento por parte do governo municipal para com o turismo na cidade, a infraestrutura de Cabeçudas não foi suficiente para bem atender seus visitantes e moradores, houve falta de água, o calçamento de algumas ruas estava se soltando, havia esgoto sendo lançado diretamente ao mar sem tratamento adequado, etc. chegou-se a organizar um grupo “Sociedade Amigos de Cabeçudas” para programação de melhoramentos a serem reivindicados ao bairro, o presidente do grupo era Arnaldo Heusi, Félix Fóes, o secretário, e Nelson Heusi, tesoureiro. Apenas duas notas de jornal anunciaram a criação da Sociedade, mas depois destas não se teve mais nenhuma notícia do grupo (HEUSI, 1961).

A década de 1960 começou com a nomeação da Rua José Menescal do Monte, a lei a definia como a quarta rua que corria paralela à avenida principal de Cabeçudas, mas não especificava onde começava nem onde terminava (ITAJAÍ, 1960). Somente em uma lei de 1994 houve esta delimitação, a ficou especificado que a Rua José Menescal do Monte começava na Gruta Nossa Senhora da Rosa Mística e terminava na Avenida Dr. José Medeiros Vieira, do bairro Praia Brava (itajaí, 1994) (figura 213).

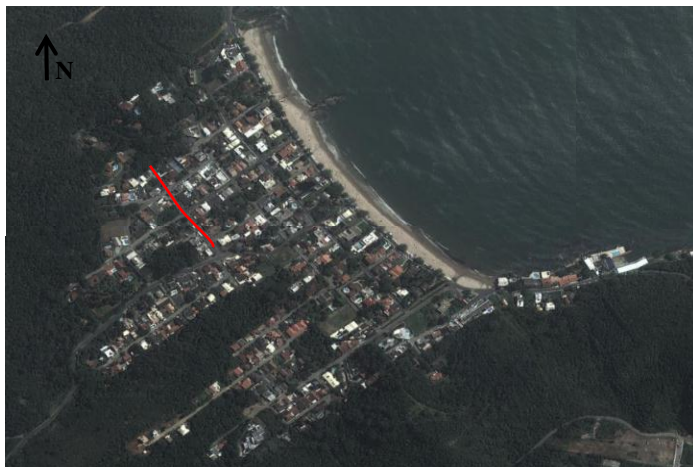
Figura 213 – Rua José Menescal do Monte conforme a lei de 1994.



Fonte: Intervenção da autora sobre imagem do Google Maps (2013).

Porém, olhando no mapa se nota que a Rua José Menescal do Monte não é contínua neste trajeto o que fez com que em 2005 uma nova lei definisse que esta rua teria seu término no bairro de Cabeçadas mesmo na rua Tereza Francisca Pereira (ITAJAÍ, 2005) (figura 214).

Figura 214 – Rua José Menescal do Monte conforme a lei de 2005.



Fonte: Intervenção da autora sobre imagem do Google Maps (2013).

A nomeação desta rua para o balneário foi importante, pois ela estava dentro do loteamento Vila Santana, dos Roenick, um eixo de expansão daquele balneário nos anos 50 e 60.

Os primeiros anos da década de 1960 pareciam promissores para o balneário de Cabeçudas. O vereador Airton Souza, do PTB, lançou um projeto para a aprovação da Câmara de Vereadores de Itajaí para o asfaltamento da Av. Francisco Canziani, que liga Cabeçudas a Itajaí (O ASFALTAMENTO, 1964). Ele defendeu que esta obra não beneficiaria somente os moradores daquela localidade, mas à toda a cidade, pois aos finais de semana aquele era o local onde moradores de vários bairros tinham seus momentos de lazer à beira-mar. As obras de retificação daquela estrada se iniciaram em abril de 1965 e em breve seriam iniciado o asfaltamento almejado (INICIADA, 1965).

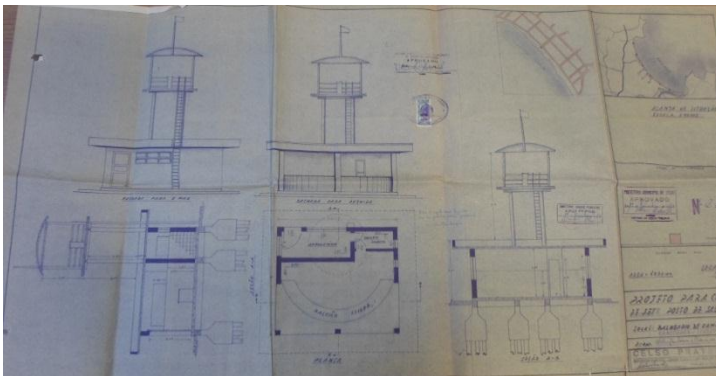
Entretanto, na sequência de notas de jornais sobre Cabeçudas se descobriu que em 1967 o calçamento daquela via estava em estado lastimável com diversas lajotas saltando do caminho, ou seja, além de não se ter cumprido o plano do asfaltamento, não se fez a manutenção necessária daquela estrada. O ano de 1967 foi de sucessivas reclamações ao governo municipal quanto ao estado daquela via e somente em 1969 que o problema foi resolvido com a realização de alguns consertos. Mas este era apenas um dos males que atacavam a fama de Cabeçudas.

Assim como houve a promessa de asfaltamento, também ficou certo nos finais de 1965 que a praia de Cabeçadas contaria com um policiamento ostensivo para garantir segurança aos veranistas (CABEÇUDAS, 1965). Porém, acreditava-se que o balneário contaria com cinco policiais assiduamente, e se constatou apenas a presença de um guarda de trânsito esporadicamente. Esta falta comprometia a ordem na praia, pois diversos jovens insistiam em jogar futebol na areia atrapalhando os demais banhistas. Além disso, não havia posto de salvamento na praia, ninguém que pudesse organizar um salvamento caso fosse necessário, o que resultou em duas mortes por afogamento no verão de 1965/1966 (CABEÇUDAS, 1965).

Com este grave problema da ausência de um posto de salvamento a população começou a clamar a municipalidade por uma solução. E logo apareceram dois homens, Wellington Lewis e Francisco Espíndola, que requereram ao prefeito o direito de construir o posto de salvamento, sendo que o custo da obra seria deles e em contrapartida poderiam explorar o comércio do posto por 10 anos (UM VERDADEIRO, 1967).

Completado este período o posto passaria para a prefeitura. O prefeito apoiou a ideia e mandou um projeto-lei para a Câmara de Vereadores solicitando que o assunto fosse resolvido com urgência. Os vereadores sem tempo de analisar minuciosamente os fatos aprovaram a instalação do posto com aquelas condições apresentadas, para desgosto dos moradores de Cabeçadas (figuras 215, 216 e 217).

Figura 215 – Projeto arquitetônico para construção de um posto de salvamento em Cabeçadas, 1967.



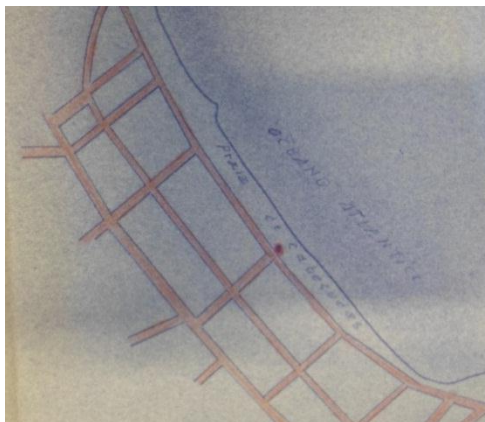
Fonte: Centro de Documentação e memória Histórica de Itajaí.

Figura 216 – Ficha de identificação do Projeto arquitetônico para construção de um posto de salvamento em Cabeçudas, 1967.



Fonte: Centro de Documentação e memória Histórica de Itajaí.

Figura 217 – Planta de situação contida no projeto arquitetônico para construção de um posto de salvamento em Cabeçudas, 1967.



Fonte: Centro de Documentação e memória Histórica de Itajaí.

Todos os que foram contra o tal posto de salvamento não se posicionaram contra sua instalação em si, mas a forma como se estava sendo realizada. Acreditavam que tal obra deveria ser de responsabilidade da prefeitura e chegaram a chamar o posto que seria construído de “Pseudo Posto”, pois na verdade este seria um botequim

que dividiria a praia em duas partes tanto por sua localização como pelos dejetos que lançaria na areia (UM VERDADEIRO, 1967). Em Balneário Camboriú também se tentou tal instalação, mas esta foi negada naqueles moldes.

É interessante que este descaso do governo municipal foi considerado pelos que se opunham à sua atitude como uma afronta política, diziam que o prefeito não gostava de Cabeçudas e se questionavam sobre o motivo:

Será por ser aqui que residem os Srs. Senador Konder Reis, Irineu Bornhausen, deputado Genésio Lins, vice Governador Jorge Bornhausen, Eduardo Santos Lins, o presidente da Câmara Municipal, Snr. Júlio Cesar e muitos outros ex-udenistas? Será que desconhece que este partido não existe mais e que ele próprio está recebendo apoio político destes mesmos homens? (UM VERDADEIRO, 1967)

Em outro artigo daquele mesmo mês, dezembro de 1967, se levantou novamente a questão sobre certo grupo político morar em Cabeçudas: “Sobre o aristocrático Bairro de Cabeçudas, já disse alhures: é como uma casa de marimbondos socializados, cuja valentia cívica reside no mérito de sua tradicional união” (ITAJAÍ, 1967).

A discussão sobre o posto de salvamento levantou outros desentendimentos, como no caso em que vereador Luiz Soares disse na Câmara de Vereadores que “se os moradores de Cabeçudas pudessem colocariam uma porteira para não deixar os pobres tomar banho naquela praia” ([POSTO], 1967). Tal frase gerou revolta entre muitos moradores do balneário e até mesmo da imprensa.

Outro aspecto que incomodava aos que se preocupavam com o turismo em Itajaí e em especial em Cabeçudas eram os casebres construídos ao longo da Avenida Francisco Canziani, com a justificativa que davam mau aspecto à paisagem:

Ninguém, por certo, muito menos um itajaiense sequioso por ver sua terra progredir, transpirará satisfação ao contemplar na presença de um visitante, o panorama tristonho de cachorros a ganir em coleiras enebadas ao pé de casebres pálidos; ninguém sorrirá ao vislumbrar com tristeza, panelas à parede escurecida, galinha a

cocorocar sob casas carcomidas, quintais enlameados, crianças esfarrapadas a chorar, roupas em trapos no varal (...). (SILVA, 1967)

Há ainda o problema de falta de água, anunciado em quase todos os verões da segunda metade da década de 1960 e com reclamações agravadas em 1968, pois o Banco Nacional de Habitação (BNH) estava construindo 58 novas casas populares naquele balneário (UMA SUGESTÃO, 1969, p.1). Dizia-se que se teria um consumo de água muito alto em Cabeçudas, o qual o serviço de fornecimento de água potável não comportaria.

O aumento de moradores e veranistas em Cabeçudas não agravava somente o problema da falta de água potável naquele local, mas também o lançamento de esgotos sem tratamento adequado no mar (PREFEITO, 1967). Por diversas vezes a praia se encontrava com um odor fétido causado por estes dejetos lançados inapropriadamente.

Reclamou-se também a reconstrução de um antigo trampolim que havia naquela praia, pois na ausência de se ter um local apropriado para pular dentro da água, muitos banhistas arriscavam-se saltando das pedras, prática comum até a atualidade (figura 218).

Ninguém desconhece o perigo a que se sujeitam os muitos banhistas que se lançam ao mar das pedras em Cabeçudas. Seus corpos muitas vezes, passam raspando às referidas e o retorno ao lugar do salto é arriscado.

Recompor o trampolim que antigamente existia, parece-nos medida muito acertada, pois diminuindo o perigo do local, o embeleza, além de torna-lo mais atrativo. (UM TRAMPOLIM, 1966)

Figura 218 – Lígia Leal saltando das pedras em Cabeçadas, possivelmente década de 1960.



Fonte: Imagem cedida por Ligia Leal.

A única notícia favorável ao turismo em Cabeçadas, que não a inauguração do Hotel Balneário Cabeçadas, em 1962, foi a abertura da estrada para o antigo Farol.

O Delegado da Capitania dos Portos, em 1969, capitão de Corveta Ademar Alvares da Fonseca Filho, convenceu o Prefeito Municipal à reabrir e reconstruir a estrada que dava acesso ao farol de Cabeçadas (ESTRADA, 1969). A iniciativa foi de grande aceitação e logo que as obras foram concluídas diversos veículos subiam aquela estrada para visitar o farol, tornando-se uma atração turística. Atualmente esta estrada encontra-se fechada.

4.6.8 Arquiteturas na década de 1960

Figura 219 – Construções da década de 1960, em Cabeçudas, que permanecem até a atualidade.



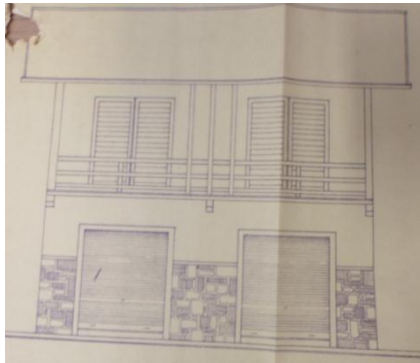
- 1 – Propriedade de José Pedro de Souza. Projeto de 1960. Construtor Félix Malburg.
- 2 – Propriedade de João Borba. Projeto de 1961. Construtor Félix Malburg.
- 3 – Propriedade de Ingo Renaux. Projeto de 1961. Projetista Artur Lício Pontual. Construtor Félix Malburg.
- 4 – Propriedade de Francisco Lins. Projeto de 1962. Projetista Carlos José Heusi Siqueira.
- 5 - Propriedade de Eduardo Santos Lins. Projeto de 1963. Projetista Carlos José Heusi Siqueira.
- 6 – Propriedade de César Ramos. Projeto de 1963. Construtor Bruno (ilegível).
- 7 – Propriedade Tania Mara Teixeira. Projeto de 1964. Projetista Carlos José Heusi Siqueira.
- 8 – Propriedade de (...) Barreto Bornhausen, Edifício Irimar. Projeto de 1965. Projetista Carlos José Heusi Siqueira.
- 9 – Propriedade de Luiz Fernando Flores. Projeto de 1966. Construtor Luiz Fernando Júnior.
- 10 – Propriedade da Companhia de Melhoramentos de Itajaí, Hotel Balneário de Cabeçudas. Inauguração em 1962. Projetista Roberto Félix Veronese.

Fonte: Intervenção da autora sobre imagem do Google Maps (2013).
 Nota: Marcas em vermelho referem-se a localização de construções que permanecem até a atualidade cujos projetos arquitetônicos foram encontrados. Marcas em amarelo referem-se as construções da década de 1940 que permanecem até a atualidade cujos projetos arquitetônicos não foram encontrados.

4.6.8.1 Propriedade de José Pedro de Souza

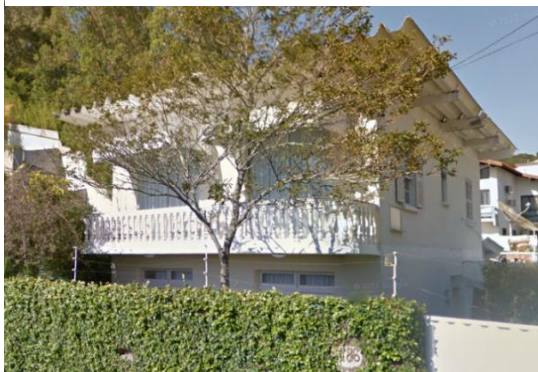
A residência de José Pedro contava no projeto com dois pavimentos em que havia cinco dependências no andar térreo de convívio coletivo e cinco no superior, sendo os dormitórios e um banheiro. Félix Malburg assinou o projeto como construtor da obra.

Figura 220 – Fachada da residência de José Pedro de Souza, desenhada no projeto arquitetônico, 1960.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Figura 221 – Antiga residência de José Pedro de Souza, 2011.



Fonte: Imagem do Google Maps/ Street View. Acesso em: 24/01/2014.

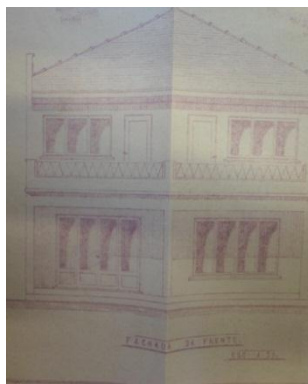
4.6.8.2 Propriedade de João Borba

A identificação da residência de João Manoel de Borba permitiu a constatação de propriedade de outros indivíduos. Sabe-se que seu terreno pertencia em 1926 à Alexandrina Carolina de Jesus, ao sul fazia limite com Paulo Herbst e ao norte com Marcos Gustavo Heusi.

Em algum momento no final da década de 1920 ou início de 1930, Alexandrina vendeu seu terreno para a empresa Koehler Asseburg & Cia Filhos, que por sua vez vendeu tais terras em 1937 para Gertrudes Hildegard Koheler Asseburg. Nesta última negociação os 1.340,00m² de terras custaram Rs 5:000\$000. Mas no ano seguinte a senhora Gertrudes vendeu o terreno para João Manoel de Borba por apenas Rs 3:900\$000, o que é justificado nas observações da transcrição que a diminuição no valor do terreno se devia a parte do terreno que João perderia com sua divisão devido a abertura da Rua Floriano Peixoto³¹.

Na década de 1970 uma parte do terreno de João Manoel foi permutada para a Companhia Jensen Agriculora, mas posteriormente lhe foi reestabelecida.

Figura 222 – Fachada da residência de João de Borba, desenhada no projeto arquitetônico, 1961.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

³¹ Certidão de Transcrição: 1º Ofício de Registros de Imóveis, Comarca de Itajaí. Livro de Transmissão das Transmissões nº 3 -C, folhas 43. Número de ordem 4.854, em 13 de janeiro de 1938.

Figura 223 – Antiga residência de João de Borba, 2011.

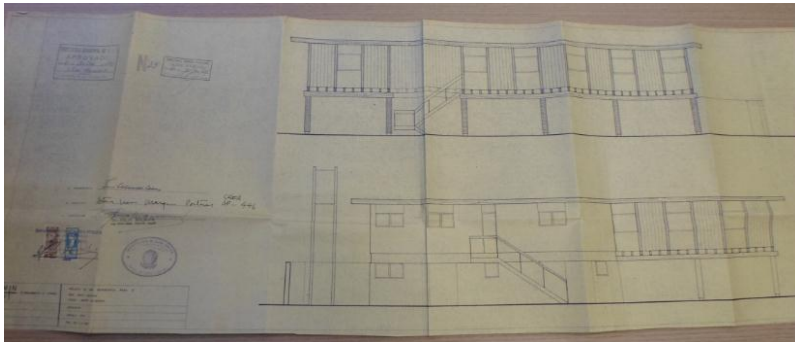


Fonte: Imagem do Google Maps/ Street View.
Acesso em: 24/01/2014.

4.6.8.3 Propriedade de Ingo Renaux

A obra residencial modernista de maior destaque em Cabeçadas, na década de 1960, é a propriedade de Ingo Renaux, projetada em 1961 por Artur Lício Marques Pontual (figura 224).

Figura 224 – Projeto arquitetônico para a casa de Ingo Renaux realizado por Artur Lício Pontual, 1961.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí. Nota: fachada lateral.

O arquiteto iniciou sua carreira em Recife onde se formou (NOBRE, 2010, p.15). Em 1957 começou a trabalhar para a Revista Módulo realizando seu layout (NOBRE, 2010, p.15).

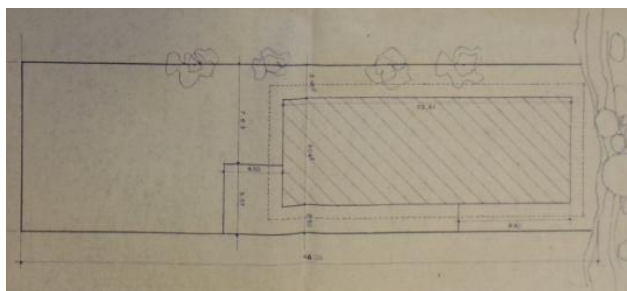
Pontual era adepto de uma conciliação entre arquitetura e design demonstrando sua posição em toda sua carreira criando desde selos,

logotipos e cadeiras, até casas e grandes edifícios. Em 1958 foi funcionário da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (Novacap) onde foi o responsável pelo projeto de uma exposição itinerante sobre Brasília que percorreu diversos países (NOBRE, 2010, p.15). Em 1960 ele se associou a Aloísio Magalhães e Luis Fernando Noronha formando o escritório “M+N+P” (NOBRE, 2010, p.14).

Apesar de esta associação ter durado pouco, pois Pontual assumiu a direção de arquitetura da Companhia Brasileira de Estruturas (Cobe), pode-se considera-la fértil, realizaram logotipos da Cobe, Petite Galerie, Editora Delta e a até mesmo a Residência Renaux em Cabeçadas (NOBRE, 2010, p.14).

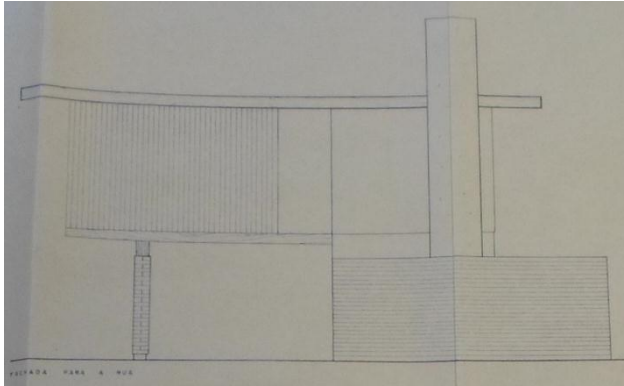
Assim, a casa de Ingo é importante por sua arquitetura modernista e relevância do arquiteto que a projetou, e também por ser um registro de um projeto realizado pelo escritório “M+N+P” de tamanha relevância para a história do Design no Brasil. Além disso, sua relevância foi exaltada em 1969 ao ser o exemplar de Artur Lício Pontual escolhido para participar da Bienal de São Paulo (10ª BIENAL DE SÃO PAULO (1969) - CATÁLOGO I, 1969).

Figura 225 – Planta de situação contida no projeto arquitetônico para a casa de Ingo Renaux realizado por Artur Lício Pontual, 1961.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí. Nota: À direita da imagem onde o terreno faz frente para o mar está o Leste.

Figura 226 – Fachada oeste desenhada no projeto arquitetônico para a casa de Ingo Renaux realizado por Artur Lício Pontual, 1961.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Figura 227 – Casa de Ingo Renaux.



Fonte: <http://www.casascharmosas.com.br/es/node/42>. Acesso em: 30/01/2014 Nota: Intervenção da autora.

Figura 228 – Fachada leste da casa de Ingo Renaux.



Fonte: <http://www.casascharmosas.com.br/es/node/42>.
Acesso em: 30/01/2014.

Figura 229 – Fachadas norte e oeste da casa de Ingo Renaux.



Fonte: <http://www.casascharmosas.com.br/es/node/42>.
Acesso em: 30/01/2014.

Figura 230 – Sala com vista para o mar, casa de Ingo Renaux.



Fonte: <http://www.casascharmosas.com.br/es/node/42>.
Acesso em: 30/01/2014.

Figura 231 – Casa de Ingo Renaux, vista interna.

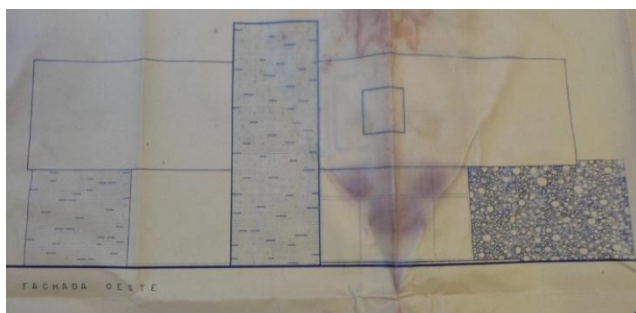


Fonte: <http://www.casascharmosas.com.br/es/node/42>.
Acesso em: 30/01/2014.

4.6.8.4 Propriedade de Francisco Lins

A residência de Francisco Lins foi projetada em 1962 por Carlos José Heusi Siqueira (figuras 232 e 233). Contava naquele documento com dois pavimentos sendo no térreo as áreas de serviço e social, esta segunda composta por sala de almoço, jantar, estar e bar, e no piso superior a área íntima com duas suítes e dois quartos com acesso comum a um banheiro.

Figura 232 – Desenho da fachada principal da casa de Francisco Lins contida no projeto arquitetônico, 1962.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Figura 233 – Antiga casa de Francisco Lins, 2011.

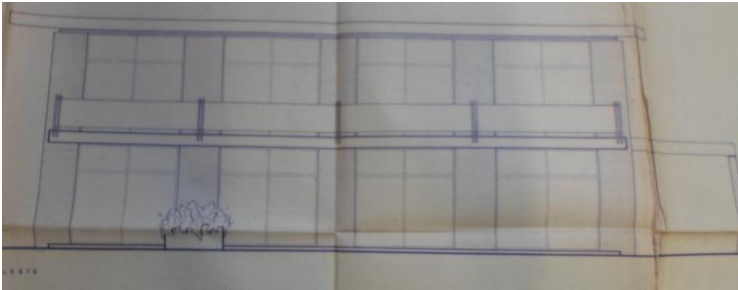


Fonte: Imagem do Google Maps/ Street View. Acesso em: 24/01/2014.

4.6.8.5 Propriedade de Eduardo Santos Lins

Esta residência também foi projetada por Carlos José Heusi Siqueira e a área social surpreende por seu tamanho, apenas a sala de estar possui 90m². Além desta sala, no pavimento térreo havia ainda as salas de jantar e de almoço, cozinha dispensa, lavanderia, churrasqueira, banheiros, garagens e no centro do edifício, um lago. No pavimento superior havia uma suíte, sala, íntima, sala, sala de empregados, cinco quartos, sendo dois de empregados, rouparia, e três banheiros. Eduardo era filho de Genésio Miranda Lins (Presidente do Banco Inco). Exercia profissão de advogado e foi deputado na Assembleia Legislativa Catarinense no final da década de 1950.

Figura 234 – Desenho da fachada principal da casa de Eduardo Santos Lins contida no projeto arquitetônico, 1963.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Figura 235 – Antiga casa de Eduardo Santos Lins, 2011.

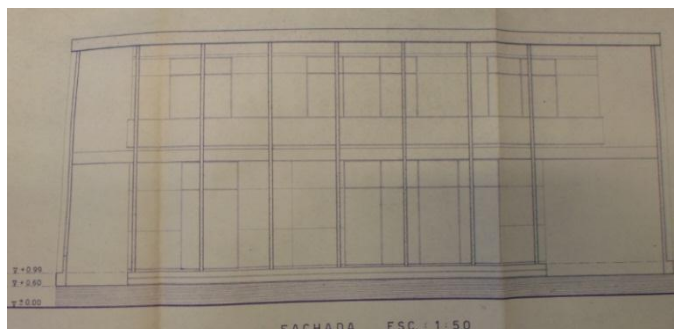


Fonte: Imagem do Google Maps/ Street View. Acesso em: 24/01/2014.

4.6.8.6 Propriedade de César Ramos

A residência de César Ramos (figuras 236 e 237), assim como a de Eduardo Lins também possuía um grande salão, este com 81,72m². Ligadas a este salão ainda havia mais duas salas, cada uma com uma média de 21m². Neste pavimento podia-se encontrar ainda uma boate, lavabo, elevador, cozinha, lavanderia, sala de estar, churrasqueira, piscina e dependências menores. No pavimento superior havia nove quartos, uma suíte, três banheiros. Uma sala de costura, rouparia e um salão. O autor do projeto é Bruno, mas infelizmente seu sobrenome não está legível na assinatura do projeto.

Figura 236 – Desenho da fachada principal da casa de César Ramos contida no projeto arquitetônico, 1963.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Figura 237 – Antiga casa de César Ramos, 2011.

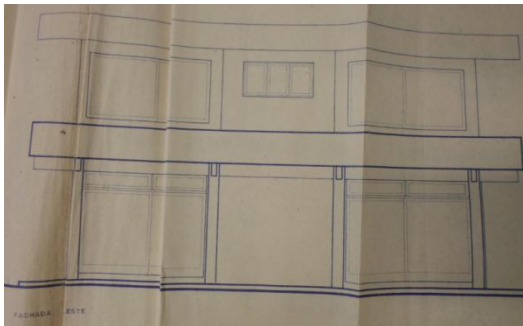


Fonte: Imagem do Google Maps/ Street View.
Acesso em: 24/01/2014.

4.6.8.7 Propriedade de Tania Mara Teixeira

A residência de Tania Mara foi projetada em 1964 por Carlos José Heusi Siqueira (figuras 238 e 239). No projeto possuía uma ampla sala no pavimento térreo, gabinete, duas áreas de empregadas, cozinha, e sala de jantar. No pavimento superior havia quatro quartos e banheiro.

Figura 238 – Desenho da fachada principal da casa de Tania Mara Teixeira contida no projeto arquitetônico, 1963.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Figura 239 – Antiga casa de Tania Mara Teixeira, 2011.

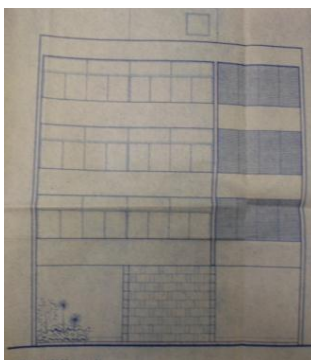


Fonte: Imagem do Google Maps/ Street View. Acesso em: 24/01/2014.

4.6.8.8 Propriedade de (...) Barreto Bornhausen, edifício Irimar S/A.

O edifício Irimar foi o único projeto para Cabeçadas que se encontrou com data de 1965 (figuras 240 e 241). Seu autor é Carlos José Heusi Siqueira. Após a iniciativa mal sucedida na década de 1950 em construir o Cabeçadas Palace Hotel restou aos Bornhausen este terreno no qual se construiu o edifício Irimar. Em seu projeto ele se constitui de um pavimento térreo com playground, duchas e garagem, e três apartamentos nos andares superiores, cada um em um andar, sendo a planta do primeiro e do terceiro apartamento iguais.

Figura 240 – Desenho da fachada principal do edifício Irimar contida no projeto arquitetônico, 1965.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Figura 241 – Edifício Irimar, 2011.

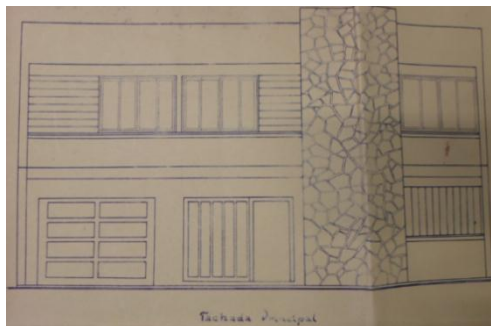


Fonte: Imagem do Google Maps/
Street View. Acesso em: 24/01/2014.

4.6.8.9 Propriedade de Luiz Fernando Flores

A residência de Luiz Fernando Flores foi projetada em 1966 por Luiz Fernando Junior, o qual não se sabe se é filho do proprietário. O edifício está localizado no loteamento Vila Santa Ana (Roenick). No pavimento térreo possui sala de estar, sala de jantar, jardim interno, lavabo, banheiro, copa, cozinha, sala de costura, um quarto, uma suíte e quintal nos fundos. No pavimento superior existem três quartos e dois banheiros.

Figura 242 – Desenho da fachada principal da casa de Luiz Fernando Flores contida no projeto arquitetônico, 1966.



Fonte: Centro de Documentação e Memória
Histórica de Itajaí.

Figura 243 – Antiga casa de Luiz Fernando Flores, 2011.



Fonte: Imagem do Google Maps/ Street View.
Acesso em: 24/01/2014.

4.6.9 Hotel Balneário Cabeçudas

Esta edificação por muitos anos foi aguardada pelos veranistas que chegavam à Itajaí. Já havia na praia alguns hotéis que procuravam atender da melhor forma seus seletos clientes, inclusive os grandes políticos do estado que lá promoviam algumas de suas reuniões. Porém a chegada do Hotel Balneário de Cabeçudas, inaugurado no primeiro bimestre de 1962, mostrou a possibilidade de um luxuoso hotel que atraiu turistas interessados não apenas em aproveitar a praia, mas também em ter noites de diversão com festas e banquetes. Afirmavam os jornais sobre tal necessidade:

A construção, neste lugar encantador, de um grande Hotel Balneário, virá, não resta a menor dúvida, preencher uma lacuna de que há muito se ressentia Itajaí com a falta de estabelecimentos hoteleiros à altura de seu prestígio e de seu desenvolvimento. (PROJETO, 1959)

Oficialmente sua inauguração se deu em 20 de janeiro de 1962, depois de um investimento de 35 milhões de cruzeiros em sua construção. Contava neste momento o hotel com 43 apartamentos com vista para o mar, luxuoso restaurante, salão de beleza, salão de festa entre outras atrações, sendo reconhecido como o mais completo e bonito de toda Santa Catarina (PRAIAS, 2012). O projeto inicial, apresentado

em 1959, porém, era ainda mais arrojado oferecendo 70 apartamentos, todos com banho e água quente e fria, com telefone, sala de estar, biblioteca, bar, salão de refeições com espaço para 150 comensais, salão de reuniões, boate, instituto de beleza, barbearia, stands de flores, livros e souvenirs, térreo com lojas e ainda um bloco de apartamentos de condomínio (PROJETO, 1959).

O investimento desta construção era da Companhia de Melhoramentos de Itajaí cujos incorporadores naquele momento eram: Genésio Miranda Lins, Osmar de Souza Nunes e Camilo Nicolau Mussi (PROJETO, 1959). Já na gênese da Companhia (1959) lançam as vendas de ações do Hotel Balneário de Cabeçudas certos da remuneração que tais investidores teriam ao empregar-se o ramo hoteleiro em Cabeçudas:

Os incorporadores tem justificadas razões para prever, como efetivamente provêm, uma excelente remuneração ao capital empregado, visto que como é público e notório através das estatísticas, a indústria hoteleira esta colocada entre as cinco mais rendosas do mundo e ainda dado o surto extraordinário de progresso evidenciado nos últimos anos em todas as praias balneárias do estado, e principalmente na praia de Cabeçudas, para onde coma conclusão de tal grandioso empreendimento afluirão inevitavelmente correntes turísticas. (PROJETO, 1959)

As obras se iniciaram em setembro de 1959, apenas três meses depois do lançamento do Projeto da Companhia de Melhoramentos. Sua abertura para hóspedes se dá em 17 de fevereiro de 1962, sendo o senhor Genésio Miranda Lins o Diretor-Presidente; Ourival Cesário Pereira, Diretor Vice-Presidente; Osmar de Souza Nunes, Diretor Gerente; e Camilo Nicolau Mussi, Diretor Tesoureiro (INAUGURAÇÃO, 1962).

O Hotel Balneário de Cabeçudas é um marco para Santa Catarina não apenas pela sua história e importância turística, mas principalmente por sua arquitetura (figura 244).

Figura 244 – Hotel Marambaia Cabeçudas.



Fonte:

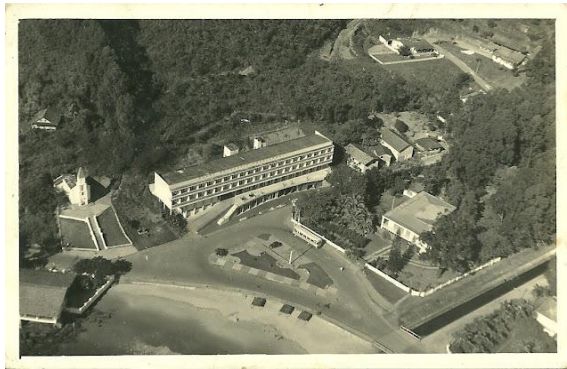
<<http://www.marambaiahotel.com.br/imagens/>>

Acesso em: 29/03/2012

Projetado por Roberto Felix Veronese este é um dos mais belos exemplares de arquitetura moderna do estado exaltado inclusive no Projeto Borda d'água dos arquitetos Dalmo Vieira Filho, Luciana Ferreira e Silvana Pitz, que afirmam: “(...) o Hotel Marambaia, elemento raro de arquitetura modernista de qualidade. Tanto quanto os grandes hotéis da costa francesa ou italiana, um empreendimento como o Marambaia, é um patrimônio de Cabeçudas e de Itajaí” (FILHO, 2012).

O Hotel Balneário de Cabeçudas, hoje Hotel Marambaia Cabeçudas, possui como volumetria arquitetônica principal um grande prisma retangular sobre pilotis. Situa-se na frente do lote dispendo-se horizontalmente e paralelo à rua, na diagonal da praia, privilegiando assim a todos os apartamentos a vista para o mar (figura 245).

Figura 245 – Hotel Balneário Cabeçadas.



Fonte:

<<http://clubedosentastajai.blogspot.com.br/2011/12/turismo-em-santa-catarina-ii.html>>. Acesso em: 29/03/2012

O pé direito duplo configurado pelos pilotis define a divisão do volume de quatro pavimentos em dois setores distintos. O volume superior fechado onde ficam os dois pavimentos com os quartos com sacadas e o volume inferior parcialmente aberto, onde ficam os setores administrativos e sociais. Este é composto por dois blocos construídos isoladamente, sem ocupar sua totalidade. O térreo abriga o restaurante, onde se encontra um painel mural de Rodrigo de Haro, e a cozinha. Deste espaço se tem acesso ao passeio e a praia. O conjunto formado pela rampa e escada, junto ao passeio e à fachada principal, cria acesso ao segundo pavimento do volume aberto, onde ficam a sala de jogos, espaço de bagagens, recepção e extensa sala de convivência para os hóspedes, cuja sacada descoberta permite observar a rua e a praia.

4.6.9.1 Veronese e sua formação

Roberto Félix Veronese (figura 246) nasceu em janeiro de 1926, em Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, na década de 1940 mudou-se para Porto Alegre para cursar arquitetura no Instituto de Belas Artes da UFRGS, formou-se na primeira turma de arquitetos desta instituição em 1949 (MASCIA, 2012).

Figura 246 – Roberto Félix Veronese.



Fonte: Imagem cedida por José Antônio Veronese.

Sabe-se que a Faculdade de Arquitetura do Instituto em questão seguia o mesmo currículo utilizado na Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil no Rio de Janeiro. Muitos professores desta instituição estavam de ligados as vertentes modernas defendidas por Le Corbusier e seu seguidor no Brasil, Lúcio Costa.

Um dos professores, por exemplo, era Jorge Machado Moreira, que fez parte do grupo liderado por Lúcio Costa na construção do Ministério de Educação e Saúde, havia também Edgar A. Graeff formado na Faculdade Nacional Arquitetura e ainda Fernando Corona, pai de Eduardo Corona, jovem que trabalhou alguns anos com Oscar Niemeyer (ALVAREZ, 2008).

Vê-se, portanto que atuava na Faculdade de Arquitetura em Porto Alegre uma forte influência dos conceitos desenvolvidos por Le Corbusier.

Veronese possui diversos trabalhos em conjunto com ex-colegas de classe, principalmente com Emil. Alguns de seus projetos são pó exemplo: com Emil e Cyrillo Crestani o prédio da Companhia Riograndense de Telecomunicações (CRT) (PEREIRA, 2012, p.12) em Porto Alegre; com Emil e Salomão S. Kruchin o Edifício Linck e o Santa Terezinha (STRÖHER, 2012, p.67), também em Porto Alegre. Sabe-se que fez alguns planos urbanísticos sendo um deles o a cidade de

Xangri-la, no Rio Grande do Sul, nesta cidade ainda projetou um grande hotel para turistas de veraneio (EMIL, 2012), acredita-se que por esta obra ganhou fama que lhe trouxe para Santa Catarina para projetar hotéis em balneários deste estado. Foi professor da faculdade em que se formou lecionando a matéria de Urbanismo, teve seu próprio escritório até aposentar-se e mudar-se para Salvador, Bahia.

4.6.9.2 Obras de Veronese em Santa Catarina

Os quatro hotéis de Veronese em Santa Catarina são: o Hotel Marambaia de Cabeçudas, já apresentado, o Marambaia Cassino Hotel de Balneário Camboriú, o Edifício Normandie na cidade de Florianópolis e o Hotel Laguna Tourist em Laguna.

A praia central da cidade de Balneário Camboriú recebeu suas primeiras casas de veraneio em meados de 1926 sendo estas de proprietários vindos principalmente de Blumenau (SKALEE, 2008). Em determinado período esta praia passou a ser conhecida como Praia Presidencial pelo ex-presidente brasileiro João Goulart ter ali uma casa de veraneio (PRAIAS, 2012). Apenas em 1964 Balneário Camboriú alcançou autonomia administrativa tornando-se município, mesmo ano da inauguração do Marambaia Cassino Hotel, outro empreendimento da Companhia de Melhoramentos (figura 247).

Figura 247 - Hotel Marambaia em Balneário Camboriú.



Fonte:

<<http://clubedosentastajai.blogspot.com.br/2011/12/turismo-em-santa-catarina-ii.html>>. Acesso em: 29/03/2012

Atualmente este hotel possui uma parte anexa, mas neste trabalho se tratará apenas do edifício construído na década de 60 de forma circular, aliás, um dos primeiros do país a ousar com este formato. Seus 70 quartos são distribuídos de forma radial e circundados por um corredor de acesso. Há um grande vão central que cria um pátio circular no piso térreo. O hall de convívio deste hotel torna-se um espaço cenográfico por receber luz de uma clarabóia no centro do vão.

Quanto ao Edifício Normandie em Florianópolis, pode-se afirmar que esta foi a primeira obra de Veronese em Santa Catarina, foi projetado para ser um complexo “Coqueiros Cassino Hotel e Jardim Residencial Coqueiros” abrigaria tanto a função residencial como hoteleira, além disso, previa-se para este espaço a instalação de boate, bar, restaurante, salão de festa e jogos e diversas outras atividades. O planejamento deste empreendimento ficou a cargo do Consórcio de Desenvolvimento Econômico S.A. e a administração com a Companhia Osvaldo Machado de Hotéis (TEIXEIRA, 2011). Entretanto o complexo desejado não foi concluído e os usos ambicionados também não se realizaram, o edifício tornou-se um residencial.

Sabe-se que atualmente o edifício Normandie passa por um processo de tombamento pelo município de Florianópolis (figura 248). Esta obra é a que mais se assemelha com o Marambaia de Cabeçadas e ambos possuem pontos da arquitetura moderna fundamentais para Le Corbusier: uso de pilotis, fachada livre, janelas em fita e planta livre. O jardim terraço defendido por Le Corbusier não foi empregado por Veronese em nenhuma de suas obras.

Figura 248 - Fachada do edifício Normandie, 2012.



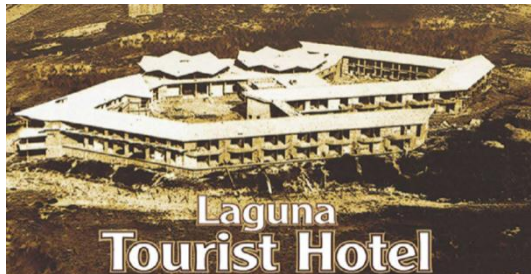
Fonte: Imagem cedida por Raissa Balthazar.

O último hotel de Veronese a ser construído em Santa Catarina foi o Laguna Tourist Hotel. Em 1950 o empresário Santos Guglielmi comprou um terreno na Praia do Gi (Laguna), mas não havia ainda pensado em um destino certo para aquelas terras. Foi-lhe oferecida a ideia de ali instalar um grande hotel ocasião em que assumiu a empresa Balneário Laguna Ltda, no ano de 1956 (LAGUNA, 2011, p.12).

Contudo, não havia nenhuma infraestrutura dada para tal construção e diversas obras urbanísticas foram realizadas. Foi necessária a remoção de areia das dunas, a criação de acessos para a praia, chegou-se até mesmo a explodir o Morro do Iró para criar uma ligação entre a Praia do Mar Grosso com a Praia do Gi. Até mesmo o terreno onde seria construído o hotel precisou ser explodido e aplanado.

O próprio empreendedor reconheceu que não deu muita liberdade para que o arquiteto Veronese fizesse seu desenho, o hotel deveria ser exatamente como o que Guglielmi havia imaginado. O resultado foi então dois volumes semi-circulares que se interseccionam formando dois pátios internos centrais. A inauguração do Laguna Tourist (figura 249) se deu em dezembro de 1972 e este foi o primeiro hotel de Santa Catarina a receber a qualificação de cinco estrelas concedida pela Embratur.

Figura 249 - Construção do Laguna Tourist Hotel entre 1960 e 1970.



Fonte: Capa da Revista Saber. Exemplar nº 2, ano I. Outubro de 2011. Laguna, SC.

4.6.10 Outros projetos arquitetônicos da década de 1960

Dos vinte e quatro projetos aprovados para Cabeçudas na década de 1960 encontrados apenas nove foram identificados como construídos e ainda existentes. Neste período começaram a aparecer projetos arquitetônicos a serem instalados no Loteamento Vila Santa Ana (Roenick). Muitas residências passaram a ocupar a faixa da terceira

quadra paralela à praia com edificações mais simples de um único pavimento com poucos quartos.

A década de 1960 marcou a introdução dos projetos de Carlos José Heusi Siqueira, filho de José Siqueira. Infelizmente, apesar de ser a década mais atual estudada, foram pouquíssimas as informações encontradas sobre os arquitetos que atuaram em Cabeçudas.

Sobre Artur Lício e Félix Veronese que já tem certo reconhecimento, o primeiro em nível nacional e o segundo regional, até se conseguiu informações importantes que levam a compreender suas obras, mas sobre os demais profissionais pouco se sabe.

Nelson Riskalle que projetou a residência de Júlio Cesar foi Chefe do Departamento de obras Públicas da Prefeitura Municipal de Itajaí. Lauro de Aquino, responsável pela construção da residência de Werner Osterroht, foi o autor do projeto do Paço Municipal de Campo Mourão, no Paraná, inaugurado em 1964 (BLOG DO WILLE BATHKE JR, 2011). Celso Prates até 2011 foi o Responsável Técnico do projeto de fundação da Rodovia João Gualberto, em Curitiba (CONSELHO REGIONAL DE ENGENHARIA E AGRONOMIA DO PARANÁ, 2011). Luiz Lafaiete de Queiroz é engenheiro eletricitista (CONSELHO REGIONAL DE ENGENHARIA E AGRONOMIA DE SANTA CATARINA, 2009). Sobre Luiz Fernando Junior, Serge Mario Fonseca e a empresa J. J. Magalhães Teles, não se encontrou nenhuma informação.

4.6.11 Os loteamentos

Até meados da década de 1950 o balneário de Cabeçudas teve seu desenvolvimento concentrado nas duas primeiras faixas de quadras paralelas à praia. A partir de 1950 com o surgimento de diversos loteamentos como o Vila Santa Ana naquela década, o João Werner Sobrinho em 1970, e o Ewaldo Willerding, em 1990, as quadras posteriores à Rua Consul Carlos Renaux (terceira rua paralela à praia) passaram a ser intensivamente ocupadas delimitando os fundos do balneário com sua configuração que perdura até a atualidade (figura 250).

Figura 250 – Localização dos loteamentos em Cabeçadas.



Fonte: Intervenção da autora sobre imagem do Google Maps (2013).

4.6.11.1 Loteamento Vila Santa Ana

Não foi encontrado nenhum registro sobre o loteamento Santa Ana nos jornais da década de 1950 ou de 1960. O documento que primeiro anunciou a existência deste empreendimento é um projeto arquitetônico de 1953, em cuja planta de situação há a localização do terreno em frente à Rua projetada no Loteamento Roenick & Irmãos, este nome se deve à empresa responsável pelo Vila Santa Ana. Os terrenos que foram loteados eram as antigas terras adquiridas pelo arquiteto Reinhold Roenick em 1920, que passaram para a sua esposa Ana, até pertencerem à esta empresa. Possivelmente o nome do Loteamento Vila Santa Ana, tenha sido uma homenagem à esposa de Roenick. Há ainda variações de nomes encontradas nos projetos como Vila Santana, Vila Sant' Ana ou ainda Loteamento Roenick.

Além do primeiro projeto encontrado do ano de 1953 para este loteamento, foram encontrados mais sete projetos. Do total destes oito projetos quatro foram construídos e podem ser vistos até a atualidade, sendo o mais antigo de 1954, uma casa de madeira. A partir da análise das plantas de situação contidas nestes projetos arquitetônicos pode-se

Figura 252 – Indicação das quadras que fazem parte do loteamento Vila Santa Ana, Cabeçadas.



Fonte: Intervenção da autora sobre imagem do Google Maps (2013).

As ruas denominadas “A”, “B” e “C”, passaram a se chamar em 1973 de Rua João Manoel da Silva, a antiga “Avenida I”, em 1960 tornou-se a atual Rua José Menescal do Monte (ITAJAÍ, 1960), e a conhecida “estrada circular” foi considerada uma extensão da Rua Geremias Caldeira.

O único documento encontrado que se referia ao Loteamento Vila Santa Ana que não era projeto arquitetônico foi uma lei municipal de 1960 (ITAJAÍ, 1960) na qual a empresa Roenick & Irmão doava para a Prefeitura Municipal de Itajaí dois terrenos no loteamento, um para a construção de uma capela e outro para construção de uma escola. Não se sabe o que aconteceu com tais terrenos doados, mas não há capela, nem escola naquela área de Cabeçadas.

4.6.11.2 Loteamento João Werner Sobrinho

A aprovação do Loteamento João Werner Sobrinho se deu no ano de 1970 (figura 253). No projeto era composto por quatro quadras, porém duas delas, posteriores, eram em sua maior parte de propriedade de Luiz Tenius e Gerson Leal (figura 254).

Figura 253 – Projeto para o loteamento de propriedade de João Werner Sobrinho e Paulo Batschauer, 1970.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

Figura 254 – Indicação das quadras que fazem parte do loteamento João Werner Sobrinho. Cabeçadas.



Fonte: Intervenção da autora sobre imagem do Google Maps (2013). Nota: Contorno em amarelo referem-se as quadras que pertenciam em grande parte à Luiz Tenius e Gerson Leal. Contorno em vermelho refere-se às quadras comercializadas pelo loteamento que pertenciam a João Werner Sobrinho e Paulo Batschauer.

Além de João, o loteamento também pertencia à Paulo Batschauer. Para sua instalação cinco ruas foram abertas, nem todas no mesmo período (figura 255). Na frente do loteamento foi aberta a rua que hoje é o começo da rua Vereador Herminio Gervásio em Cabeçadas (esta rua vai até a Praia Brava – Balneário Santa Clara).

Figura 255 – Ruas do loteamento João Werner Sobrinho.



Fonte: Intervenção da autora sobre imagem do Google Maps (2013).

Foi realizado um prolongamento da Rua Benjamin Constant. Denominou-se a Rua Paulo Irineu Werner em 1976 (ITAJAÍ, 1976); a Eloy Cordeiro, em 1991 (ITAJAÍ, 1991); e a Arnaldo Pollheim em 1995 (ITAJAÍ, 1995). As duas quadras da frente estão totalmente ocupadas enquanto as quadras posteriores não.

4.6.11.3 Loteamento Ewaldo Willerding

O único documento encontrado que atesta a existência deste loteamento é uma lei de nomeação da Rua Engenheiro João da Rocha Mello, do ano de 1995. Assim, pode-se supor a localização deste loteamento à direita e à esquerda desta rua (figura 256).

Figura 256 – Possível localização do loteamento Ewaldo Willerding.

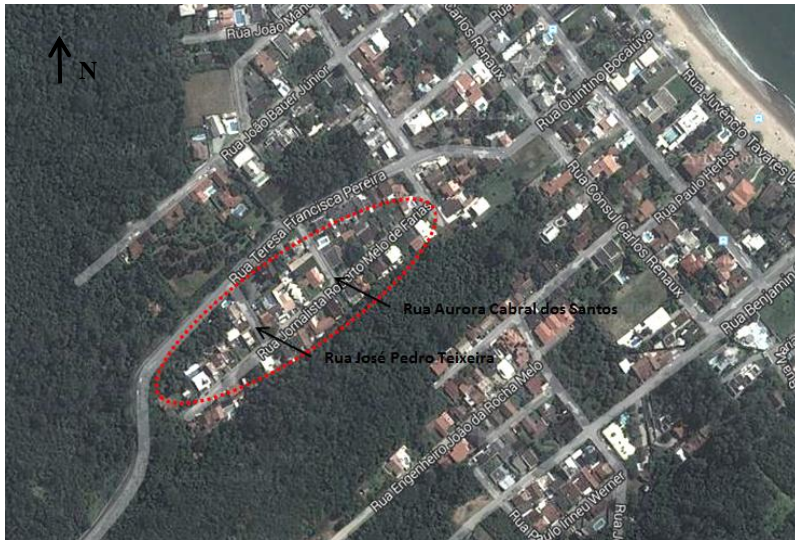


Fonte: Intervenção da autora sobre imagem do Google Maps (2013).

4.6.11.3 Loteamento Vila Mar

O Loteamento Vila Mar também só foi reconhecido devido a duas leis de denominação de rua, uma delas em 1991, a Rua Aurora Cabral dos Santos (ITAJAÍ CONSTITUIÇÃO, 1991), e outra em 2004, antiga rua “C” do loteamento que passou a se chamar Rua José Pedro Teixeira (ITAJAÍ, 2004).

Figura 257 – Possível localização do loteamento Vila Mar.



Fonte: Intervenção da autora sobre imagem do Google Maps (2013).

Com estas informações pode-se supor que este loteamento fique na margem sul da Rua Tereza Francisca Pereira (antiga estrada para Florianópolis). É provável que este loteamento tenha sido fundado em meados da década de 1980, pois foi em 1982 que a rua Jornalista Roberto de Mello Faria foi denominada, e apesar de em sua lei não trazer nenhuma informação sobre este empreendimento esta é sua rua principal (ITAJAÍ, 1982).

4.6.11.4 Limites do Balneário

Como se pode perceber em todas as imagens dos loteamentos citados anteriormente aparecem áreas de mata contornando-os. Estas áreas atualmente são zonas de preservação ambiental. O primeiro grande loteamento de Cabeçadas foi o Vila Santa Ana com vendas iniciadas na década de 1950, e os demais datam de meados de 1970 e 1980.

Na lei de regularização do zoneamento e uso do solo de Itajaí do ano de 1989 o centro do Balneário de Cabeçadas era considerado uma “Zona Residencial Especial” que permitia habitação unifamiliar, coletiva, comércio e serviços vicinais, sendo permissíveis comércio e serviços de bairro, e serviços setoriais (ITAJAÍ, 1989). As áreas periféricas como o

fim dos loteamentos e grande parte do Loteamento Vila Santa Ana foram considerados Zona de Preservação Permanente onde só são permitidas habitações unifamiliares. E toda a extensão da estrada que dá acesso à Cabeçadas, Rua Francisco Evaristo Canziani, foi reconhecida como Zona de Preservação de Uso Limitado, na qual só são permitidos habitações unifamiliares, comércio e serviços vicinais, e permissíveis serviços de bairro.

Desde então não houve grandes mudanças referentes a esta legislação o que possibilitou um retardo na ocupação das áreas de mata dos morros que contornam o balneário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo realizado sobre o balneário de Cabeçudas compreendeu seu espaço atual como um mosaico, definindo cronologicamente a instalação de suas peças, como elas foram produzidas, porque e por quem, e como as influências ideológicas, políticas e econômicas as modelaram.

Para analisar a formação de Cabeçudas foi necessário primeiramente investigar as condições que possibilitaram a aceitação do uso dos balneários marítimos para lazer em Santa Catarina. Desta forma foi possível chegar às seguintes considerações: assim como nas praias do Rio Grande do Sul há uma predominância germânica na formação dos balneários catarinenses, possivelmente porque estes grupos imigrados para o sul do Brasil aqui criaram indústrias, principalmente no ramo têxtil, resultando em um excedente de tempo e dinheiro que possibilitavam o desfrute das horas vagas com lazer.

Outra consideração recai sobre a análise dos principais balneários que se desenvolveram no início do século XX neste estado, sendo que os que estavam mais próximos dos grandes centros urbanos surgiram primeiramente, como Ubatuba em São Francisco do Sul, algumas praias próximas do centro de Florianópolis e Cabeçudas em Itajaí. Esta última praia recebia banhistas de todo o Vale, especialmente vindos Blumenau e Brusque. Nesta análise do litoral catarinense descobriu-se que Cabeçudas foi o balneário pioneiro em Santa Catarina em relação à instalação de uma infraestrutura necessária para o desenvolvimento do turismo de veraneio.

A segunda etapa de análise se concentrou em mostrar como os diferentes grupos sociais ao longo do tempo ocuparam e definiram espacialmente aquele balneário. No final do século XIX havia na praia de Cabeçudas algumas famílias de pescadores, suas casas se concentravam na área que foi reconhecida neste trabalho como o possível centro de um povoado, no vértice da enseada. No início dos anos XX, com a chegada de veranistas naquela localidade, surgiu a possibilidade de uma nova fonte de renda para aqueles pescadores durante o verão, pois alugavam suas casas aos visitantes e prestavam alguns serviços. À medida que o uso da praia para veraneio foi se tornando uma prática consolidada os veranistas passaram a adquirir terras naquela localidade e construir suas residências.

Os primeiros veranistas de Cabeçudas eram principalmente imigrantes germânicos, industriais, vindos de Brusque e Blumenau, havia também alguns moradores de Itajaí de origem germânica e portuguesa. A partir

do estudo das relações destes grupos com a transformação do espaço em Cabeçudas as obras de infraestrutura e arquitetura foram sendo pontuadas ao longo da dissertação, cronologicamente, destacando-as como um documento do processo de formação e transformação do balneário.

Ao analisar estas infraestruturas e arquiteturas empreendidas foi possível identificar algumas etapas da formação daquele balneário, a primeira delas se refere ao fim do século XIX e início do século XX quando Cabeçudas era conhecida apenas como uma enseada segura para ancoragem e alguns desembarques, além de ser o local de moradia de um grupo de pescadores.

Posteriormente, a segunda etapa trata da década de 1910 quando aquela localidade passou a ser frequentada por veranistas e foi realizada a abertura da estrada de acesso que liga Cabeçudas ao centro de Itajaí. Neste período ainda aconteceu lá a instalação do Hotel Herbst e foi realizado o planejamento de um porto na parte Sul da enseada. Sua ocupação era concentrada no vértice da enseada com as casas de pescadores e outras poucas residências ao longo da beira mar.

Na década de 1920 foi reconhecida a terceira etapa, quando o governo municipal passou a preocupar-se com a estruturação de um balneário turístico em Cabeçudas. As obras empreendidas são: a abertura e alargamento de ruas, a instalação de iluminação pública e fornecimento de energia elétrica, e a inauguração de um hotel luxuoso nos padrões da época, o Hotel Cabeçudas. Nesta década surgiram as primeiras residências de veraneio, algumas delas que podemos reconhecer até a atualidade. Duas obras arquitetônicas identificadas em Cabeçudas da década de 1920 são edifícios em alvenaria de tijolos, um deles um chalé que pertenceu ao industrial Augusto Bauer, e o outro ao empresário Olímpio Miranda Júnior. Havia naquele período o gosto generalizado pelos bangalôs podendo-se identificar muitos deles em fotografias da época, estes, porém, não resistiram ao tempo, e ao gosto da moda, por serem, em sua maioria, construídos em madeira. Neste período vários terrenos são comercializados no balneário, especialmente os que faziam frente para o mar. Formaram-se assim as primeiras quadras com frente para a praia.

No final dos anos 30, tem-se a quarta etapa, quando o governo estadual resolveu realizar obras de saneamento em Cabeçudas devido a um grande mal que vinha afastando os veranistas daquela praia, a malária. Foram realizadas extensas obras de drenagem com abertura de valas para escoar as águas paradas, porém, ainda assim tais obras não apresentaram grande eficiência no combate àquela doença. Na década de

1930 foi construída e inaugurada a Capela Santa Terezinha em parte elevada, na subida do morro, na área sul da praia. Há neste período uma ocupação concentrada na faixa das segundas quadras paralelas ao mar.

A quinta etapa se refere aos anos 40 período em que Francisco de Almeida foi prefeito de Itajaí e deu atenção especial para Cabeçudas criando para aquela localidade um plano de embelezamento que incluía limpeza da orla, instalação de um passeio à beira da praia com bancos, abertura de ruas, troca dos antigos postes de madeira, e construção de um novo edifício para abrigar a escola. Como as obras de drenagem na década anterior não foram suficientes para o fim da malária, o governo estadual criou naquela praia um Posto de Malária e trouxe um técnico que ficou famoso na cidade por sua excelência em diagnosticar a doença e seu empenho em dizimá-la da região, este técnico era Osvaldo leal.

Por alguns anos na década de 40 algumas famílias de veranistas ficaram afastadas do lazer de veraneio devido a proibição em Itajaí, durante a Guerra (Segunda Guerra Mundial), de alemães e seus descendentes se aproximarem do litoral, pois poderiam tentar se comunicar com as forças inimigas. No período de guerra não são solicitadas aprovações de projetos arquitetônicos para aquela praia, porém, até meados de 1942 e a partir de 1945 são realizadas diversas outras obras, sendo que nove delas podem ser reconhecidas na atualidade, entre estas há uma que foi demolida há poucas semanas, em abril. Neste período as terceiras quadras paralelas ao mar passam a ser ocupadas com maior intensidade.

A última etapa de formação do balneário é caracterizada principalmente pela abertura de grandes loteamentos privados nas quadras posteriores à terceira rua paralela ao mar, ou seja, mais distanciadas da orla. São estes loteamentos iniciados na década de 50 alguns sendo abertos até os anos 90 que deram forma à expansão dos fundos do balneário. Desde então não ocorreram maiores expansões principalmente pelas delimitações de ocupação do espaço realizadas pelo governo municipal.

Durante esta etapa foram identificadas obras arquitetônicas modernistas de profissionais consagrados como a casa projetada por Arthur Lício Pontual, o Hotel Balneário de Cabeçudas (hoje Hotel Marambaia Cabeçudas) de Roberto Félix Veronese e as residências de Jaime Wasserman. As década de 1950 e 1960 foram um período de consagração de Cabeçudas como “sala de visitas” do estado onde eram trazidas as figuras ilustres que visitavam a cidade.

Há nesta última etapa uma transformação significativa de uso daquele balneário, as construções não servem mais apenas para o veraneio, mas passam a ser moradia fixa, para todo o ano. Assim, Cabeçudas se transforma em um bairro residencial, o que vem a chocar com outra

mudança deste período que é a facilitação de acesso de moradores de outros bairros para lazer naquela praia, muitos deles vindos de regiões carentes da cidade, o que incomodava parte dos proprietários de Cabeçudas que sentiam “sua área” invadida. Com o crescimento de outros balneários na região como Balneário Camboriú, Itapema e Armação, Cabeçudas perdeu sua singularidade de melhor infraestrutura. O dilema criado entre bairro residencial e área de lazer ocupada pelos moradores da cidade em geral continua rendendo discussões até a atualidade. Hoje Cabeçudas é um bairro de Itajaí com uma grande dependência do centro da cidade, não existem lá serviços básicos que possam atender as necessidades dos moradores.

O crescimento espacial do balneário foi limitado pelas leis de zoneamento da cidade que tornaram inviável a ocupação dos morros que o circundam. Dessa forma a densificação daquela área tem se dado com a verticalização das arquiteturas nas quadras em que tal ação é permitida. Considera-se aqui a proteção ambiental da área verde que circunda o balneário uma decisão acertada, entretanto a permissão de verticalização em algumas quadras deveria ser repensada já que, como se viu anteriormente, o bairro não dispõe de serviços básicos suficientes para atender seus moradores. Sem um planejamento em longo prazo e os devidos melhoramentos de infraestrutura o bairro tende a saturar-se. Além disso, espera-se que as análises realizadas nesta dissertação contribuam para uma conscientização do valor histórico e arquitetônico deste balneário em relação ao litoral catarinense e em especial para a cidade de Itajaí.

REFERÊNCIAS

10ª BIENAL DE SÃO PAULO (1969) - CATÁLOGO I. Brasil. [1969]. Disponível em: <http://issuu.com/bienal/docs/nameacb494/449>. Acesso em: 30/01/2014.

1º TABELIAONATO DE NOTAS E PROTESTOS DE BLUMENAU, SANTA CATARINA. **Institucional**. Disponível em: <http://www.margarida.org.br/conteudo/6>. Acesso em: 28/01/2014.

ADERBAL MACHADO: CRÍTICA, ANÁLISE, OPINIÃO. **Notícias: Osmar de Souza Nunes, centenário de um visionário**. Disponível em: http://www.aderbalmachado.com.br/index.php?page=d_noticias&id=1171. Acesso em: 28/01/2014.

ALMANAK ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro, 1935. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=313394&pesq=willysiebert>>. Acesso em: 26 jan. 2014.

ALMANAK ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro, 1930. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=313394&pagfis=107350&pesq=&url=http://memoria.bn.br/docreader#>>>. Acesso em: 26 jan. 2014.

ALVAREZ, Cícero. **Palácio da Justiça de Porto Alegre: Construção e Recuperação da Arquitetura Moderna em Porto Alegre 1952 -2005**. 2008. 206 f. Dissertação (Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

ANCESTRY.COM. **Carl Ritter**. Disponível em: http://records.ancestry.com/Carl_Ritter_records.ashx?pid=174106803. Acesso em: 23/01/2014.

ARAGÃO, Melissa. **Uma igreja para os trabalhadores**. 2005. Disponível em: <http://www.itajaionline.com.br/index.php?gs=materias/historia/16/16>. Acesso em: 27/01/2014.

ARQUIVO DE BLUMENAU. **Cine Busch**. Disponível em: <http://www.arquivodeblumenau.com.br/pesquisa.php?busca=&categoria=&id=10141>. Acesso em: 27/01/2014.

ARQUIVO DE BLUMENAU. **Gunar Conrado Karsten**. Disponível em: <http://www.arquivodeblumenau.com.br/pesquisa.php?id=3635>. Acesso em: 29/01/2014.

ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Prontuário n. 8843: Belmiro Gallotti**. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/upload/Deops/Prontuarios/BR_SP_APESP_DEOPS_SAN_P008843_01.pdf. Acesso em 27/01/2014.

ARQUIVO HISTÓRICO DO RADIOAMADOR BRASILEIRO. **Pioneiros radioamadores catarinenses tudo começou a 70 anos**. Disponível em: <http://www.radioamador.com/arquivo/artigos/t-labre-sc.htm>. Acesso em: 27/01/2014.

BARRIOS, Sonia. A produção do espaço. In: SOUZA, Maria Adélia A. de; SANTOS, Milton. **A construção do espaço**. Santos: Nobel, 1986. p. 01-24.

BENEVOLO, Leonardo. **A cidade e o arquiteto**: método e história na arquitetura. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.

BLOG DA ESTELA BENETTI. **Morre o empresário e político Egon Stein**. [2013]. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/estelabenetti/2013/08/04/morre-o-empresario-egon-stein/?topo=67,2,18,,77>. Acesso em: 29/01/2014.

BLOG DO WILLE BATHKE JR. **Símbolos de Campo Mourão**. [2011]. Disponível em: <http://wibajucm.blogspot.com.br/2011/12/simbolos-de-campo-mourao.html>. Acesso em: 17/02/2014.

BRANDÃO, João Pery. **Itajaí que eu vi**. Itajaí. 1982. Trabalho não publicado.

BRITO, Paulo Joze Miguel de. **Memória política sobre a capitania de Santa Catharina**: escripta no Rio de Janeiro em anno de 1816. Lisboa:

Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1829. 188 p. Disponível em: <<https://archive.org/details/memoriapoliticas00brit>>. Acesso em: 11 fev. 2014.

CABEÇUDAS IATE CLUBE. **O Clube**. Disponível em: http://www.cabecudasiateclube.com.br/page_oclube.htm. Acesso em: 29/01/2014.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A (re)produção do espaço urbano**. São Paulo: Edusp, 1994.

CARVALHO, Maria Cristina Wolff de; WOLFF, Silvia Ferreira Santos. Arquitetura e Fotografia no século XIX. In: FABRIS, Annateresa. **Fotografia: usos e funções no século XIX**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. Cap. 5. p. 131-172. (Texto & Arte 3).

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

CENTRO CULTURAL 25 DE JULHO DE BLUMENAU. **Artigo Erinnerungen por Alda Niemeyer**. Disponível em: <http://www.25dejulho.org.br/2012/07/artigo-erinnerungen-por-alda-niemeyer.html>. Acesso em: 26/01/2014.

CENTRO CULTURAL 25 DE JULHO DE BLUMENAU. **História do 25**. Disponível em: <http://www.25dejulho.org.br/p/nossa-historia.html>. Acesso em: 29/01/2014.

CHRISTOFFOLI, Angelo Ricardo. **A presença dos alemães na origem dos destinos da praia de Camboriú**. 1997. 59 f. Monografia (Especialização) - Curso de Pós-graduação Lato Sensu em Turismo e Hotelaria, Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 1997.

CHRISTOFFOLI, Angelo Ricardo. **Uma história do lazer nas praias: Cabeçudas - SC, 1910 - 1930**. Itajaí: Ed. Univali, 2003. 187 p.

COMPANHIA CATARINENSE DE ÁGUAS E SANEAMENTO. **Galeria de ex-presidentes**. Disponível em: <http://www.casan.com.br/menu-conteudo/index/url/galeria-de-ex-presidentes#0>. Acesso em: 27/01/2014.

CONSELHO REGIONAL DE ENGENHARIA E AGRONOMIA DE SANTA CATARINA. **Luiz Lafaiete fala sobre Finanças Pessoais.** [2009]. Disponível em: http://www.crea-sc.org.br/portal/index.php?cmd=noticias-detalle&id=522#.UurQw_mkr4o. Acesso em: 30/01/2014.

CONSELHO REGIONAL DE ENGENHARIA E AGRONOMIA DO PARANÁ. **Atenção, comunicado sobre sinistros em Curitiba.** [2011]. Disponível em: http://www.crea-pr.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=365:atencao-comunicado-sobre-sinistros-em-curitiba&catid=3:newsflash. Acesso em: 30/01/2014.

CORBIN, Alain. **O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano.** São Paulo: Ática, 1989.

CORREA, Sílvio Marcus de Souza. Germanidade e banhos medicinais nos primórdios dos balneários no Rio Grande do Sul. **História, Ciências, Saúde: Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p.165-184, jan. mar. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v17n1/11.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2014.

CRISTO, Inri. **[Inri: o filho do Pai]**. Sem Leriado: entrevistas, textos, fotos, vídeos, música e o escambau, 16 de setembro de 2011. Entrevistador: Roberto Homem. Disponível em: http://zonasulnatal.blogspot.com.br/2011_09_01_archive.html. Acesso em: 26/01/2014.

CURRLIN, E. [*Carta*] 23 set. 1988, São Paulo [*para*] D'ÁVILA, Edison., Itajaí. 1f. **Informações sobre Immanuel Currlin.**

DAUFENBACH, Karine. **A modernidade em Hans Broos.** 2011. 271 f. Tese (Doutorado) - Curso de Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/.../tese_karinedaufenbach.pdf. Acesso em: 17 fev. 2014

D'ÁVILA, Edison. **Pequena história de Itajaí**. Itajaí: Fundação Genésio Miranda Lins, 1982. 155 p.

DEEKE, Gunter. **Casa Cabeçadas**. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por: <mauricio.cesarpereira@gmail.com>. em: 26 ago. 2013.

DIÁRIO DE COLOMBO: A CIDADE EM TEMPO REAL. **Lista de falecimentos**. [2013]. Disponível em: <http://diariodecolombo.com.br/2013/09/25/falecimentos-510/>. Acesso em: 29/01/2014.

DUAS vistas de Cabeçadas. **Anuário de Itajaí 1949**. Itajaí, p. 107. 1949.

ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA HERCÍLIO DEEKE. **História da Escola**. Disponível em: <http://escolaherciliodeeke.blogspot.com.br/2010/08/historia-da-escola.html>. Acesso em: 28/01/2014.

FÁVERI, Marlene de. **Memórias de uma (outra) guerra**: Cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina. 2. ed. Itajaí: Ed. Univali; Florianópolis: Ed. da Ufsc, 2005. 533 p.

FERREIRA, Sérgio Luiz. **O banho de mar na ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da Águas, 1998. 122 p.

FILHO, Dalmo Vieira et al. **Projeto Borda d'Água – Itajaí**. Disponível em: <<http://www.portoitajai.com.br/borda/index.htm>>. Acesso em: 07/07/2012

FLORIANO, Magru. **A lenda do monte Tayó**. Itajaí: Alternativa; Blumenau: Nova Letra, 2012. 178 p.

GAYA, João. Paço Municipal de Itajahy em 10 de outubro de 1926. **Livro de Ata da Prefeitura Municipal de Itajaí, 1911 A 1926**. Itajaí, p. 84. 10 out. 1926.

GENI. Oswaldo Frederico Ricardo Otte. Disponível em: <http://www.geni.com/people/Oswaldo-Otte/6000000016264431262>. Acesso em 26/02/2014.

GIESBRECHT, Ralph Mennucci. **Estações Ferroviárias do Brasil**. 2013. Disponível em: <<http://www.estacoesferroviarias.com.br/efsc/blumenau-vel.htm>>. Acesso em: 17 jan. 2014.

GRÊMIO ESPORTIVO OLÍMPICO. **O clube**. Disponível em: http://www.geolimpico.com.br/portal/?page_id=180. Acesso em: 28/01/2014.

GUIMARÃES, Pedro Paulino. **Configuração urbana: evolução, avaliação, planejamento e urbanização**. São Paulo: Prolivros, 2004. 260 p.

ITAJAÍ (Município). Constituição (1963). Lei nº 561, de 20 de dezembro de 1963. **Dá Denominação de Avenida Coronel Marcos Konder**. Itajaí, SC, Disponível em: <<http://cm-itajai.jusbrasil.com.br/legislacao/788230/lei-561-63>>. Acesso em: 17 fev. 2014.

ITAJAÍ (Município). Constituição (1982). Lei nº 1938, de 15 de março de 1982. **Dá Denominação de Rua Jornalista Roberto de Mello de Faria**. Itajaí, SC, Disponível em: <<http://cm-itajai.jusbrasil.com.br/legislacao/779329/lei-1938-82>>. Acesso em: 17 fev. 2014.

ITAJAÍ (Município). Constituição (1989). Lei nº 2.543, de 19 de dezembro de 1989. **Institui Normas Para Zoneamento e Uso do Solo no Município de Itajaí**. Itajaí, SC, Disponível em: <<http://cm-itajai.jusbrasil.com.br/legislacao/773647/lei-2543-89>>. Acesso em: 26 fev. 2014.

ITAJAÍ (Município). Constituição (2004). Lei nº 4220, de 10 de dezembro de 2004. **Dá Denominação de "Rua José Pedro Teixeira"**. Itajaí, SC, Disponível em: <<http://cm-itajai.jusbrasil.com.br/legislacao/749502/lei-4220-04?ref=home>>. Acesso em: 17 fev. 2014.

ITAJAÍ (Município). Resolução nº 552, de 27 de novembro de 1926. **Acta das Sessões do Conselho Municipal de Itajahy – 1923 A 1929**: Art. 2. Itajaí, SC, p. 59.

ITAJAÍ (Município). Resolução nº 582, de 11 de abril de 1928. **Acta das Sessões do Conselho Municipal de Itajahy – 1923 A 1929**. Itajaí, SC, p. 87.

ITAJAÍ VISTO através do Balneário de Cabeçadas. **Jornal do Povo**. Itajaí, p. 1. 09 dez. 1967.

ITAJAÍ. Constituição (1950). Lei nº 115, de 17 de maio de 1950. **Denomina Rua Paulo Herbst**. Itajaí, SC, Disponível em: <<http://cm-itajai.jusbrasil.com.br/legislacao/789420/lei-115-50>>. Acesso em: 17 fev. 2014.

ITAJAÍ. Constituição (1951). Lei nº 19, de 30 de junho de 1951. **Denomina Rua Cônsul Carlos Renaux**. Itajaí, SC, Disponível em: <<http://cm-itajai.jusbrasil.com.br/legislacao/789345/lei-19-51>>. Acesso em: 17 fev. 2014.

ITAJAÍ. Constituição (1960). Lei nº 336, de 24 de maio de 1960. **Autoriza O Recebimento de área de Terras, Por Doação Condicional da Empresa Roenick Irmãos Ltda.**. Itajaí, SC, Disponível em: <<https://www.leismunicipais.com.br/a/sc/i/itajai/lei-ordinaria/1960/33/336/lei-ordinaria-n-336-1960-autoriza-o-recebimento-de-area-de-terras-por-doacao-condicional-da-empresa-roenick-irmaos-ltda-1960-05-24.html>>. Acesso em: 30 jan. 2014.

ITAJAÍ. Constituição (1960). Lei nº 339, de 24 de maio de 1960. **Denomina Rua José Menescal do Monte**. Itajaí, SC, Disponível em: <<http://cm-itajai.jusbrasil.com.br/legislacao/788670/lei-339-60>>. Acesso em: 17 fev. 2014.

ITAJAÍ. Constituição (1967). Lei nº 841, de 28 de dezembro de 1967. **Dá Denominação de Rua Juvêncio Tavares D`amaral**. Itajaí, SC, Disponível em: <<http://cm-itajai.jusbrasil.com.br/legislacao/786880/lei-841-67>>. Acesso em: 17 fev. 2014.

ITAJAÍ. Constituição (1976). Lei nº 1502, de 10 de setembro de 1976. **Dá Denominação de Rua Paulo Irineu Werner**. Itajaí, SC, Disponível em: <<http://cm-itajai.jusbrasil.com.br/legislacao/782863/lei-1502-76>>. Acesso em: 17 fev. 2014.

ITAJAÍ. Constituição (1991). Lei nº 2672, de 22 de outubro de 1991. **Denomina de Rua "Eloy Cordeiro"**. Itajaí, SC, Disponível em: <<http://cm-itajai.jusbrasil.com.br/legislacao/772060/lei-2672-91>>. Acesso em: 17 fev. 2014.

ITAJAÍ. CONSTITUIÇÃO (1991). Lei nº 2673, de 24 de outubro de 1991. **Dá Denominação de Rua "Aurora Cabral dos Santos"**. Itajaí, SC, Disponível em: <<http://cm-itajai.jusbrasil.com.br/legislacao/1011347/lei-2673-91>>. Acesso em: 17 fev. 2014.

ITAJAÍ. Constituição (1994). Lei nº 2951, de 12 de dezembro de 1994. **Dá Nova Redação à Lei 339, de 29 de Maio de 1960.** Itajaí, SC, Disponível em: <<http://cm-itajai.jusbrasil.com.br/legislacao/769094/lei-2951-94>>. Acesso em: 17 fev. 2014.

ITAJAÍ. Constituição (1995). Lei nº 3058, de 28 de dezembro de 1995. **Denomina Rua "Arnoldo Pollheim"**. Itajaí, SC, Disponível em: <<http://cm-itajai.jusbrasil.com.br/legislacao/1010248/lei-3058-95>>. Acesso em: 17 fev. 2014.

ITAJAÍ. Constituição (2005). Lei nº 4478, de 01 de dezembro de 2005. **Dá Nova Redação A Lei Nº 2.951, de 12 de Dezembro de 1994.** Itajaí, SC, Disponível em: <<http://cm-itajai.jusbrasil.com.br/legislacao/1004952/lei-4478-05>>. Acesso em: 17 fev. 2014.

JANJULIO, Maristela da Silva. Bangalô - subúrbio: a circulação intercontinental de uma nova cultura da habitação no início do século XX. **Oculum Ensaios**, Campinas, p.46-58, jan. 2011. Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/oculum/article/view/140>>. Acesso em: 17 fev. 2014.

JUSBRASIL. **Decretos de 17 de julho de 1951**. [1951]. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/2620230/pg-5-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-19-07-1951>. Acesso em: 29/01/2014.

JUSBRASIL. **RESOLVE**. [1966]. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/2870175/pg-5-secao-2-diario-oficial-da-uniao-dou-de-07-06-1966>. Acesso em: 29/01/2014.

KLUEGER, Urda Alice. **Verde Vale**. 7. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1994. 204 p.

KONDER, Gustavo. Balneário de Cabeçadas. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, n. , p.108-109, 1971.

KONDER, Gustavo. Pequena história do Balneário de Camboriú. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, n. , p.52-53, 1971.

KONDER, Gustavo. Praia de Armação. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, n. , p.152-153, 1970.

KONDER, Marcos. **O município de Itajahy**: physico, economico, administrativo, historico. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1927.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012. 179 p.

KREPLIN, Heinrich. **Mappa das Colonias Alemães na Provincia de Sta. Catharina**. 1867. 1 mapa: 38 x 50 cm. Escala 1cm:15milhas ou 20 léguas.

LAGUNA Tourist Hotel: exemplo de pioneirismo. **Revista Saber**. Laguna (SC): Ano 1, nº 2, out. 2011. p.12.

LEAL, Giselle da Silva. **O Leal da malária**. 2006. 69 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2006.

LENZI, Rogério Marcos (Org.). **Genésio Miranda Lins**: empresário e homem público. Itajaí: Fundação Genésio Miranda Lins, 2000. 152 p.

LINHARES, Juventino. **O que a memória guardou**. Itajaí: Ed. Univali, 1997. 329 p.

LUNARDON, Catiana. **Itajaí: pluralidade étnica desde sempre**. Disponível em:
http://issuu.com/luzeestilo/docs/catiana_lunardon__itajai_pluralidade__tnica_desde. Acesso em: 24/01/2014.

MARTINS, Paulo Edi Rivero. **Patrones arquitectónicos u urbanísticos del turismo en Florianópolis**. 2004. 398 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura, Departamento de Departamento Projectos Arquitectónicos, Universitat Politècnica de Catalunya, Catalunya, 2004.

MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL CARLOS RITTER. **Histórico**. Disponível em: <http://www2.ufpel.edu.br/ib/mhncr/historico.htm>. Acesso em: 23/01/2014.

MY HERITAGE. **Francisco Treska**. Disponível em: <http://www.myheritage.com/FP/genealogy-search-ppc.php?lang=PB&type&action=person&siteId=128682751&indId=1003656&origin=profile>. Acesso em: 27/01/2014.

NASSER, Fernanda. **Egon Stein, construindo o futuro**. [2012]. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/fernandanasser/2012/11/12/egon-stein-construindo-o-futuro/?topo=52,2,18,,159,e159>. Acesso em: 29/01/2014.

NOBRE, Ana Luiza. Ulm-Rio: questões de projetos. **Enanparq**, Rio de Janeiro, p.01-20, nov. 2010. Disponível em: <http://www.anparq.org.br/dvd-enanparq/simposios/67/67-274-1-SP.pdf>. Acesso em: 17/02/2014.

PATRIANOVA, Hermes Justino. **Pequeno Livro**. Florianópolis: do Autor, 1986. 148 p.

PEREIRA, Cláudio Calovi; SZEKUT, Alessandra Rambo. **Arte e arquitetura moderna na obra de Luís Fernando Corona em Porto Alegre**. Porto Alegre. p.12. Disponível em: <http://www.docomomo.org.br/seminario%208%20pdfs/054.pdf>. Acesso em: 07/07/2012

PEREIRA, Raquel Maria Fontes do Amaral. A formação sócio-espacial do litoral de Santa Catarina (Brasil): gênese e transformações recentes. **Geosul**, Florianópolis, v. 18, n. 35, p.99-129, jan. jun. 2003. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=Pereira+2003+formação+de+balneários+em+santa+catarina&oq=Pereira+2003+formação+de+balneário>

s+em+santa+catarina&aqs=chrome..69i57.12902j0j7&sourceid=chrome&espv=210&es_sm=93&ie=UTF-8>. Acesso em: 05 fev. 2014.

PORTAL DO CONFECCIONISTA. **Renau**. Disponível em: http://portaldofornecedor.com/fornecedor.php?op=ver_fornecedor&id=1001. Acesso em: 25/01/2014.

PORTO UNIÃO DA VITÓRIA. **Eurico Borges dos Reis**. Disponível em: <http://www.portouniaodavitoria.com.br/nossos-prefeitos/eurico-borges-dos-reis/>. Acesso em: 27/01/2014.

PRAIAS Catarinenses. Vídeo realizado por William Gericke, narração de Odemar Costa. Itajaí (SC) e Balneário Camboriú (SC), década de 60, 07h28min. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=S3FVrge7KdE>. Acesso em: 07/07/2012

PREFEITURA DE BRUSQUE. **Industrialização: Renau, Buettner e Schlösser**. Disponível em: http://www.brusque.sc.gov.br/web/historia_p07.php. Acesso em: 18/02/2014.

REITZ, Raulino. Brom. In: LEAL, Giselle da Silva. **O Leal da malária**. 2006. 69 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2006.

RENAUX, Maria Luiza. **O outro lado da história: O papel da mulher no vale do Itajaí, 1850 - 1950**. Blumenau: Furb, 1995.

ROTHBARTH, Marlene Dalva da Silva. **Itajaí em crônicas**. Itajaí: Ed. do Autor, 2010. 200 p.

ROTHBARTH, Marlene Dalva da Silva; SILVA, Lindinalva Deóla da. **Famílias de Itajaí: Mais de um século de história**. Itajaí: Ed. do Autor, 2005. 2 v. 360 p.

ROTHBARTH, Marlene Dalva da Silva; SILVA, Lindinalva Deóla da. **Famílias de Itajaí: Mais de um século de história**. Itajaí: Editora e Gráfica Odorizzi, 2001. 240 p.

SABER. **Francisco Evaristo Canziani**. Disponível em: http://saber.sapo.pt/wiki/Francisco_Evaristo_Canziani. Acesso em: 27/01/2014.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SCHAUFFERT, Eugênio Neto. Capelinha de Cabeçudas. In: SILVA, Lindinalva Deóla da (Org.). **Itajaí imagens e memória**. Itajaí: Fundação Genésio Miranda Lins, 1995. p. 118-119.

SCHOSSLER, Joana Carolina. "**As nossas praias**": Os primórdios da vilegiatura marítima no Rio Grande do Sul (1900 - 1950). 2010. 222 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós Graduação em História, Departamento de Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<http://tardis.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/3948/1/000425635-Texto+Completo-0.pdf>>. Acesso em: 24 fev. 2014.

SILVA, J. Ferreira da. **Cervejarias de Blumenau**. 2010. Disponível em: <<http://carlostonet.wordpress.com/tag/historia-da-cerveja/>>. Acesso em: 17 fev. 2014.

SILVA, Lindinalva Deóla da (Org.). **Itajaí imagens e memória**. Itajaí: Fundação Genésio Miranda Lins, 1995. 126 p.

SILVA, Maurício. Espaço e vivência: transformações modernizadoras na primeira república. **Saeculum: Revista de História**, João Pessoa, p.145-161, ago./dez. 2004. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/viewFile/11305/6419>>. Acesso em: 11 fev. 2014.

SILVEIRA JÚNIOR, Norberto Cândido. Cartas. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, v. 1, n. 31, p.23-24, jan. 1990.

SKALEE, Milena. **Construção e apropriação do espaço público**: estudo do traçado urbano do centro de Balneário Camboriú. 2008, 110p.

Dissertação (Programa de Pós Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade) – UFSC, Florianópolis, 2008. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PGAU0015-D.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2012.

STRÖHER, Eneida Ripoll. **Emil Bered: seis edifícios**. Uma análise de seis edifícios de habitação coletiva em Porto Alegre na década de 50. p. 67. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_0/0_%20Eneida.pdf>. Acesso em: 07/07/2012

SUDJIC, Deyan. **La arquitectura del poder**: cómo los ricos y poderosos dan forma a nuestro mundo. Barcelona: Ariel303, 2007. 303 p.

TAKEUCHI, Washington Cesar. **A arquitetura modernista de Curitiba**: Jaime Wassermann. [2010]. Circulando por Curitiba. Disponível em: http://www.circulandoporcuritiba.com.br/2010/03/arquitetura-modernista-de-curitiba_21.html. Acesso em: 29/01/2014.

TEIXEIRA, Luis Eduardo Fontoura. **Moção de apoio ao tombamento municipal do edifício Normandie (Coqueiros – Florianópolis)**. Florianópolis, 14 dez. 2011. Disponível em: <<http://www.arq.ufsc.br/viewArtigo.php?artigoID=21.>>. Acesso em: 29/03/2012.

TEIXEIRA, Luiz Eduardo Fontoura. **Arquitetura e cidade**: a modernidade (possível) em Florianópolis, Santa Catarina - 1930 - 1960. 2009. 377 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado-programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo e Área de Concentração em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo, Departamento de Escola de Engenharia, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2009.

TEIXEIRA, Maria. **O balneário de Cabeçudas**. [set. 2013]. Entrevistadora: Thayse Fagundes. Itajaí, 2013.

TIE BREAK MAGAZIN. **Tabajara Tênis Clube**: 150 anos de tradição. Disponível em: <http://issuu.com/mundied/docs/tie46>. Acesso em: 27/01/2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Departamento de engenharia civil. **Professores aposentados**. Disponível em: <http://ecv.ufsc.br/professores-aposentados/>. Acesso em: 27/01/2014.

URRY, Jonh. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: Studio Nobel: Sesc, 1996. 230 p.

VETTER, David Michael; MASSENA, Rosa Maria R.. Quem se apropria dos benefícios líquidos dos investimentos do Estado em infraestrutura urbana?: uma teoria de causalção circular. In: SILVA, L. A. Machado da. **Solo urbano: tópicos sobre o uso da terra**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p. 49-77.

VIACREDI: COOPERATIVA DE CRÉDITO. **Histórico**. Disponível em: <http://www.viacredi.coop.br/sua-cooperativa/a-cooperativa/historico>. Acesso em: 26/01/2013.

WAISMAN, Marina. **O Interior da História: historiografia arquitetônica para uso de latino-americanos**. São Paulo: Perspectiva, 2013. 244 p. (Coleção Estudos).

WEISE. **Empresa**. Disponível em: <http://www.weise.com.br/principal.php?l=pt&url=aempresa.php>. Acesso em: 28/01/2014.

WIKIPÉDIA: A ENCICLOPÉDIA LIVRE. **Jogos abertos de Santa Catarina**. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Jogos_Abertos_de_Santa_Catarina. Acesso em: 28/01/2014.

YUNES, Gilberto Sarkis. **Cidades Reticuladas: A persistência do modelo na formação urbana do Rio Grande do Sul**. 1995. 158 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

JORNAIS

[A ESTRADA]. **Jornal O Pharol**. Itajaí, p. 1. 23 jan. 1929.

[ADERBAL Ramos da Silva]. **Jornal do Povo**. Itajaí. 20 set. 1941.

[CAVERNA em Cabeçudas]. **Jornal O Dia**. Florianópolis, p. 2. 31 jul. 1907. Disponível em: <
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=217549&PagFis=1282&Pesq;=>>. Acesso em: 16 fev. 2014.

[IMORALIDADE em Cabeçudas]. **Jornal O Pharol**. Itajaí, p. 1. 20 mar. 1926.

[POSTO de salvamento]. **Jornal do Povo**. Itajaí, p. 1. 23 dez. 1967.

A CONSTRUCTORA dota Itajahy com mais um estabelecimento modelar. **Jornal O Pharol**. Itajaí. 28 nov. 1928.

A IGREJINHA da promessa. **Jornal O Pharol**. Itajaí, p. 1. 17 jan. 1931.

ALMOÇO em Cabeçudas. **Jornal do Povo**. Itajaí. 26 abr. 1942.

AO THESOURO. **Jornal O Dia**. Florianópolis, p. 2. 14 dez. 1912. Disponível em: <
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=217549&PagFis=1282&Pesq;=>>. Acesso em: 16 fev. 2014.

AS DUAS sessões ordinárias do Conselho Municipal. A solução de dois grandes problemas urbanos: Agua e Telephones. **Jornal Itajahy**. Itajaí, p. 1. 22 abr. 1928.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENGENHEIROS EM INFRA-ESTRUTURA DE TRANSPORTES. **Regional**. [2008]. Disponível em: <http://www.abernacional.com.br/regionais.asp>. Acesso em: 29/01/2014.

BANHO de fantasia. **Jornal do Povo**. Itajaí. 19 fev. 1950.

BANQUETE em Cabeçudas. **Jornal Itajahy**. Itajaí, p. 2. 08 set. 1929.

CABEÇUDAS - sala de visita da cidade. **Jornal do Povo**. Itajaí, p.3. 30 out. 1940.

CABEÇUDAS EMEBELLEZA-SE. **Jornal do Povo**. Itajaí. 24 jul. 1940.

CABEÇUDAS Iate Clube. **Jornal do Povo**. Itajaí. 12 jan. 1958.

CABEÇUDAS Palace Hotel. **Jornal do Povo**. Itajaí. 18 mar. 1956.

CABEÇUDAS PALACE Hotel: Um empreendimento de alta visão de seus idealizadores e fator principal para a atração de turistas ao mais lindo balneário de Santa Catarina. **Jornal do Povo**. Itajaí. 30 out. 1956.

CABEÇUDAS também policiada. **Jornal do Povo**. Itajaí. 27 nov. 1965.

CABEÇUDAS também quer carinhos. **Jornal O Libertador**. Itajaí, p. 2. 14 jul. 1931.

CABEÇUDAS vae ser iluminada. **Jornal O Pharol**. Itajaí, p. 1. 13 dez. 1924.

CABEÇUDAS. **Jornal O Commercio**. Itajaí, p. 2. 4 dez. 1923.

CABEÇUDAS. **Jornal O Commercio**. Itajaí. 23 jan. 1921.

CABEÇUDAS. **Jornal O Commercio**. Itajaí. 16 nov. 1919.

CABEÇUDAS. **Jornal O Pharol**. Itajaí, p. 1. 05 nov. 1927.

CALÇAMENTO da principal rua de Cabeçudas. **Jornal do Povo**. Itajaí. 19 jan. 1941.

CAPELLA de Cabeçudas. **Jornal O Pharol**. Itajaí, p. 1. 18 maio 1935.

CLUBE de Cabeçudas. **Jornal do Povo**. Itajaí. 19 jul. 1953.

CONSTRUCTORA Catharinense: relatório da Directoria, apresentado na assemblea geral ordinária de 29 de setembro de 1925. **Jornal O Pharol**. Itajaí, p. 4. 04 out. 1925.

CORRESPONDENCIA. **Jornal O Dia**. Florianópolis, p. 3. 2 jul. 1902.
Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=217549&PagFis=1282&Pesq;=>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

E O CLUBE Cabeçudas? **Jornal do Povo**. Itajaí. 30 out. 1954.

EDITAIS. **Jornal do Povo**. Itajaí. 10 abr. 1940.

- ESCOLA de Cabeçudas. **Jornal do Povo**. Itajaí. 30 out. 1940.
- ESTATUTO do Cabeçudas Iate Clube. **Jornal do Povo**. Itajaí. 14 abr. 1957.
- ESTRADA para o velho farol. **Jornal do Povo**. Itajaí, p. 1. 01 mar. 1969.
- FÓES, Abdon. Revivendo o Passado. **Jornal do Povo**. Itajaí. 07 jan. 1967.
- GAL. LEITÃO de Carvalho. **Jornal do Povo**. Itajaí. 19 jan. 1941.
- HEUSI, Arnaldo; SIQUEIRA, José. Convite aos proprietários na Praia de Cabeçudas. **Jornal do Povo**. Itajaí. 04 jun. 1961.
- HOMENAGEADO um ilustre visitante. **Jornal do Povo**. Itajaí. 25 jan. 1942.
- HOSPEDES ilustres. **Jornal do Povo**. Itajaí. 24 jan. 1940.
- HOTEL Cabeçudas. **Jornal O Commercio**. Itajaí, p. 1. 01 fev. 1925.
- HOTEL Cabeçudas. **Jornal O Pharol**. Itajaí, p. 1. 03 mar. 1928.
- HOTEL CABEÇUDAS. **Jornal O Pharol**. Itajaí, p. 1. 10 mar. 1928.
- INAUGURAÇÃO de uma capella. **Jornal O Pharol**. Itajaí, p. 2. 16 fev. 1935.
- INAUGURAÇÃO do Hotel Balneário Cabeçudas. **Jornal do Povo**, Itajaí, 18 fev. 1962.
- INICIADA a retificação da estrada de Cabeçudas. **Jornal do Povo**. Itajaí. 04 abr. 1965.
- JANTAR de despedida. **Jornal do Povo**. Itajaí. 05 set. 1943.
- JARDIM "Marcos Gustavo Heusi". **Jornal do Povo**. Itajaí. 25 abr. 1953.

JORNAL O DIA. Florianópolis, 01 nov. 1911. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=217549&pesq=Cabeçudas>>. Acesso em: 11 fev. 2014.

KONDER, Marcos. Reflexões e memórias do coronel e conde de Cabeçudas. **Jornal do Povo.** Itajaí. 16 set. 1956.

LIBERATO, Celso. Uma linda praia. **Jornal Itajahy.** Itajaí, p. 3. 28 jan. 1923.

LUZ para Cabeçudas. **Jornal Itajahy.** Itajaí, p. 1. 21 dez. 1924.

MELHORAMENTOS em Cabeçudas. **Jornal do Povo.** Itaja. 05 maio 1940.

MIRA, Crispim. Cabeçudas. **Jornal O Commercio.** Itajaí, p. 1. 14 jan. 1923.

MIRA, Crispim. Praias Catharinenses. **Jornal O Commercio.** Itajaí, p. 2. 20 mar. 1921.

NOTAS diversas. **Jornal O Dia.** Florianópolis, p. 2. 14 out. 1911. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=217549&PagFi s=1282&Pesq;=>>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

NOTICIAS. **Jornal Novidades.** Itajaí, p. 2. 19 fev. 1905.

NOVO hotel em Cabeçudas. **Jornal O Pharol.** Itajaí, p. 2. 17 fev. 1923.

O ASFALTAMENTO da estrada Itajaí - Cabeçudas. **Jornal do Povo.** Itajaí. 14 mar. 1964.

O BAIRRO de Cabeçudas vai possuir água potável. **Jornal do Povo.** Itajaí. 06 mar. 1955.

O BALNEÁRIO de Cabeçudas: o centro de atração de turistas de todo o Brasil progride, dia a dia, constituindo um orgulho para os itajaienses. **Jornal do Povo.** Itajaí. 30 out. 1952.

O CONSELHO resolve. **Jornal O Pharol**. Itajaí, p. 1. 20 jun. 1925.

O DR. FONTIN chegou ante-hontem em Itajahy. **Jornal O Dia**. Florianópolis, p. 1. 24 jan. 1917. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=217549&PagFis=1282&Pesq;=>>. Acesso em: 16 fev. 2014.

O DR. NEREU Ramos visita as obras de saneamento de Cabeçudas. **Jornal do Povo**. Itajaí. 24 dez. 1938.

O EMBELEZAMENTO da praia de Cabeçudas se acentua dia a dia. **Jornal A Ordem**. Itajaí, p. 1. 20 ago. 1930.

O MERCANTIL. **O Mercantil: Jornal da Província de Santa Catharina**. p. 2. 10 jul. 1862. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=711667&pesq;=>>. Acesso em: 11 fev. 2014.

O PREFEITO Paulo Bauer, á frente do município de Itajaí, vem se impondo a admiração pública pelas obras de vulto que vem realizando. **Jornal do Povo**. Itajaí. 30 out. 1953.

O SANEAMENTO de Cabeçudas e a iniciativa particular. **Jornal Itajahy**. Itajaí, p. 1. 14 nov. 1926.

O SANEAMENTO de Cabeçudas. **Jornal do Povo**. Itajaí. 07 mar. 1943.

O SANEAMENTO de Cabeçudas. **Jornal do Povo**. Itajaí. 18 out. 1938.

PRAIA de Cabeçudas. **Jornal do Povo**. Itajaí. 04 jan. 1939.

PREFEITO desprestigia o turismo. **Jornal do Povo**. Itajaí. 15 abr. 1967.

PROJETO de Estatutos Sociais da Companhia Melhoramentos de Itajaí. **Jornal do Povo**, Itajaí, 14 jun. 1959.

RESOLUÇÃO nr. 231 de 1º de Novembro de 1934 (Conclusão). **Jornal O Pharol**. Itajaí, p. 3. 24 nov. 1934.

RESTAURANTE Miramar. **Jornal O Pharol**. Itajaí, p. 1. 23 out. 1926.

REVISTA Quinzenal de Itajahy. **Jornal O Dia**. Florianópolis, p. 2. 08 dez. 1911. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=217549&PagFis=1282&Pesq;=>>. Acesso em: 16 fev. 2014.

SANEAMENTO de Cabeçadas. **Jornal O Pharol**. Itajaí, p. 2. 22 ago. 1931.

SANEAMENTO de Cabeçadas. **Jornal O Pharol**. Itajaí, p. 4. 30 jan. 1932.

SILVA, A. C. Grave problema para o turismo. **Jornal do Povo**. Itajaí. 06 maio 1967.

SOCIEDADE: Cabeçadas. **Jornal O Commercio**. Itajaí, p. 1. 07 jan. 1923.

SOUZA, Josué Claudio de. Cabeçadas vestida de novo. **Jornal do Povo**. Itajaí. 30 out. 1940.

UM TRAMPOLIM para melhorar. **Jornal do Povo**. Itajaí. 12 fev. 1966.

UM VERDADEIRO atentado à beleza e ao conforto dos veranistas de Cabeçadas. **Jornal do Povo**. Itajaí. 02 dez. 1967.

UMA SUGESTÃO turística. **Jornal do Povo**. Itajaí, p. 1. 30 out. 1969.

URIARTE, Joaquim Falco. Hotel Cabeçadas: Constructora Catharinense. **Jornal O Pharol**. Itajaí, p. 1. 11 fev. 1928.

VAPOR Numidia. **Jornal O Dia: órgão do Partido Republicano Catharinense**. Florianópolis, p. 2. 1 dez. 1904. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=217549&pasta=a no 190&pesq;=>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

VIAGEM Governamental. **Jornal O Dia**. Florianópolis, p. 1. 09 dez. 1913. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=217549&PagFis=1282&Pesq;=>>. Acesso em: 16 fev. 2014.

ENTREVISTAS

EMIL. **Veronese** [Mensagem Pessoal]. Mensagem recebida por thay2404@gmail.com em 14 mai. 2012.

HEINZ. **O balneário de Cabeçadas**. [ago. 2013]. Entrevistadora: Thayse Fagundes. Itajaí, 2013. 1 arquivo mp3 (1h 49min 26seg).

HOMERO. **O balneário de Cabeçadas**. [set. 2013]. Entrevistadora: Thayse Fagundes. Itajaí, 2013. 1 arquivo mp3 (1h 01min 41seg).

JOÃO APOLINÁRIO; MARIA. **O balneário de Cabeçadas**. [set. 2013]. Entrevistadora: Thayse Fagundes. Itajaí, 2013.

JOSÉ ANTONIO. **Veronese** [Mensagem Pessoal]. Mensagem recebida por thay2404@gmail.com em 19 abr. 2012.

JÚLIA. **O balneário de Cabeçadas**. [ago. 2013]. Entrevistadora: Thayse Fagundes. Itajaí, 2013. 1 arquivo mp3 (17min 01seg).

LIANA. **O balneário de Cabeçadas**. [ago. 2013]. Entrevistadora: Thayse Fagundes. Itajaí, 2013. 1 arquivo mp3 (1h 35min 04seg).

LÍGIA. **O balneário de Cabeçadas**. [set. 2013]. Entrevistadora: Thayse Fagundes. Florianópolis, 2013. 1 arquivo mp3 (1h 23min 46seg).

MARIA HELENA; FÉLIX. **O balneário de Cabeçadas**. [ago. 2013]. Entrevistadora: Thayse Fagundes. Itajaí, 2013. 1 arquivo mp3 (2h 31min 16seg).

MARLENE. **O balneário de Cabeçadas**. [set. 2013]. Entrevistadora: Thayse Fagundes. Itajaí, 2013.

MORITZ, Méri Guiomar Bauer. **[Depoimento]**. Jornal em Foco, 31 de outubro de 2003. Entrevistador: Luiz Giancesini. Disponível em: http://www.brusque.sc.gov.br/enciclopedia/index.php/Entrevista_M%C3%A9ri_Guiomar_Bauer_Moritz_-_Luiz_Giancesini. Acesso em: 17/02/2014.

SÍLVIA. **O balneário de Cabeçadas**. [set. 2013]. Entrevistadora: Thayse Fagundes. Itajaí, 2013.

ZENITA. **O balneário de Cabeçadas.** [set. 2013]. Entrevistadora: Thayse Fagundes. Florianópolis, 2013. 1 arquivo mp3 (1h 41min 27seg).

CENTROS DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO CONSULTADOS

Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina.

Cartório 1º Ofício de Registros de Imóveis, Comarca de Itajaí.

Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

APÊNDICE A – Tabela de projetos arquitetônicos aprovados pela prefeitura para Cabeçadas da década de 1920 até a década de 1970.

Data de Aprovação do Projeto	Proprietário	Localização	Projetista	Construtor	Desenhista
15/10/1928	Paulo Herbst	-	-	-	-
06/10/1937	José Zwoelfer	Frente para a estrada de Florianópolis	Francisco Canziani	Francisco Canziani	-
27/01/1939	Luiz de F. Melro	Planta de terreno. Frente para a rua principal com descrição dos proprietários dos terrenos limítrofes.	Pedro H. Guerreiro Junior	-	-
30/05/1940	Nestor Schiefler	Frente para a rua principal	Francisco Canziani	Francisco Canziani	-
12/09/1940	José Menescal do Monte	-	Francisco Canziani	Francisco Canziani	-
25/09/1940	João F. Vieira	-	-	Francisco Canziani	-
12/10/1940	José Gallotti	-	Belmiro Gallotti	Francisco Canziani	-
27/05/1941	Assinatura ilegível	Esquina da rua Floriano Peixoto com a Quintino Bocaiuva.	Francisco Canziani	Francisco Canziani	-
15/10/1941	Eugenio Schowffert	-	Francisco Canziani	Francisco Canziani	-
07/10/1941	José Zwoelfer	Acréscimo no Hotel Cabeçadas	-	Francisco Canziani	-
26/01/1942	Luiz Haur	-	-	Francisco Canziani	-
02/06/1942	Rodolfo Bauer	Esquina da rua Floriano Peixoto com a rua projetada		Francisco Canziani	-
10/05/1944	Empresa Força e Luz S. Catharina	Cabine de transformador para a rua	-	Francisco Canziani	-

	S.A.	Cabeçudas			
08/10/1945	Max Schelling	Possui planta de situação. Foto desfocada.	Eurico Borges dos Reis	Francisco Canziani	Possui desenhista. Foto desfocada.
20/02/1946	José Zwoelfer	-	-	Benjamin Lobo de Farias	-
25/04/1946	Sady Magalhães	Frente para rua projetada. Nomeia os vizinhos da esquerda e da direita.	-	Assinatura ilegível	-
13/02/1946	José Zwoelfer	Anexo para o Hotel Cabeçudas	-	Benjamin Lobo de Farias	-
07/06/1947	Elói Cordeiro	De frente para a praça projetada	Primo Uller	Primo Uller	-
09/12/1947	Benjamin Lobo de Farias	Rua projetada. Nomeia os vizinhos da direita e da esquerda.	-	Benjamin Lobo de Farias	-
05/08/1948	Augusto Reichow	Rua Blumenau. Nomeia os vizinhos.	Francisco Treska Junior	-	-
15/10/1948	Heinz Schrader	-	Eurico Borges dos Reis	Félix Malburg	R. Kaulich
13/01/1949	Alfredo e Edmundo Schraeder; Walter Hering (ou Hening)	Rua Benjamin Constant. Nomeia vizinhos.	-	Félix Malburg	-
30/04/1949	Elói Cordeiro	Em frente à praça projetada	Félix Malburg	Félix Malburg	-
27/07/1949	Hildegard Kegel	Nomeia um vizinho. Casa de esquina	Félix Malburg	Félix Malburg	-
27/07/1949	Osvaldo Otte	Nomeia os vizinhos	Félix Malburg	Félix Malburg	-
31/08/1949	Herich Steinbach	Nomeia um vizinho	Félix Malburg	Félix Malburg	R. Kaulich

03/09/1949	Willy Siebert	Rua Floriano Peixoto. Nomeia vizinhos	Assinatura não legível	Félix Malburg	-
09/06/1950	Fábrica de Cadarços e Bordados “Haco” S/A.	Casa de esquina. Rua Floriano Peixoto. Nomeia vizinhos	-	Félix Malburg	-
19/07/1950	Arri Julius Evald Baumgartner	Rua Floriano Peixoto. Nomeia Vizinhos	Félix Malburg	Félix Malburg	R. Kaulich
05/09/1950	Oscar Rubens Krueger	Rua Floriano Peixoto esquina com a Otto Renaux (ainda não nomeada)	Félix Malburg	Félix Malburg	-
19/10/1950	José Zwoelfer	Rua Marechal Deodoro da Fonseca. Acréscimo no Hotel Cabeçudas	-	Firma Schwab & Piffer	-
24/10/1950	Jaci dos Santos Heineberg / José dos Santos Heineberg	Rua Projetada. Nomeia vizinhos.	-	Francisco Canziani & Cia Ltda	-
28/12/1950	Ourival Cesário Pereira	Rua Marechal Deodoro da Fonseca com a Benjamin Constant	Franz Von Knoblauch	Félix Malburg	-
26/01/1951	De Leopoldo Zarling para os filhos Friederich, Ernesto, Friedlinde, Elfriede	Rua Quintino Bocaiuva. Nomeia Vizinhos	Félix Malburg	Félix Malburg	-
04/05/1951	Arnoldo Benzif	Rua Projetada. Nomeia Vizinhos	-	Félix Malburg	-

04/05/1951	Hercílio Deeke	-	Félix Malburg	Félix Malburg	R. Kaulich
04/05/1951	Walther Puetter	Rua Floriano Peixoto com rua Projetada. Nomeia vizinhos	Francisco Treska Junior	Félix Malburg	-
27/02/1951	Fred Stirgelir	Nomeia vizinhos	Félix Malburg	Félix Malburg	R. Kaulich
03/10/1951	Aloizy Wloch, João H. ckes	Estrada para Florianopolis. Nomeia vizinhos	Félix Malburg	Félix Malburg	-
11/02/1952	Abdon Fóes	Estrada para o Farol. Nomeia os vizinhos	-	Félix Malburg	-
02/04/1952	José Zwoelfer	Rua em construção. Nomeia Vizinhos	Franz Von Knoblauch	Firma Schwab & Piffer	-
18/04/1952	Curt Probst	Rua projetada. Nomeia os vizinhos	Francisco Hrazck	Félix Malburg	-
28/04/1952	Leopoldo Weise	2º rua paralela à praia (Rua Floriano Peixoto). Nomeia os vizinhos	Francisco Treska Junior	Félix Malburg	-
07/05/1952	Carlos Cid Renaux	Rua do Farol	-	Félix Malburg	-
25/07/1952	Kurt Putziger	Rua Marechal Deodoro da Fonseca. Nomeia os vizinhos	Franz Von Knoblauch	Firma Schwab & Piffer	-
10/09/1952	Não identificado	Terras de Osvaldo Leal	Assinatura ilegível	Assinatura ilegível	-
11/09/1952	Aloizy Wloch	Estrada que vai para Florianópolis. Prolongamento da Rua Quintino Bocaiuva.	-	Francisco Canziani & Cia Ltda	-
27/10/1952	Assinatura ilegível	-	-	Francisco Canziani &	-

				Cia Ltda	
21/11/1952	Victor Kummurou)	Rua Cônsul Carlos Renaux. Nomeia os vizinhos	-	-	-
12/1952	Prefeitura Municipal de Itajaí. Prefeito Paulo Bauer	Praça no final da rua Marechal Deodoro da Fonseca	Engenheiro da Prefeitura. Nome ilegível	-	-
23/01/1953	Irineu Bornhausen	(sem localização) Sabe-se Rua Marechal Deodoro da Fonseca	-	Félix Malburg	-
23/02/1953	Victor Probst	Rua Cabeçadas, Rua nº2. Nomeia Vizinhos	Francisco Hrazck	Félix Malburg	-
16/04/1953	Osmar de Souza Nunes	(sem localização) Sabe-se Rua Samuel Heusi Junior	Assinatura ilegível	Francisco Canziani & Cia Ltda	-
07/05/1953	Juvêncio Amaral	Rua Floriano Peixoto. Nomeia os vizinhos	-	Firma Schwab & Piffer	-
16/05/1953	Murilo Mauricio Cunha Relo	Avenida Projetada. Loteamento Roenick. Numera lotes	-	Francisco Canziani & Cia Ltda	-
08/06/1953	Ademar Uliana	-	-	Francisco Canziani & Cia Ltda	-
15/06/1953	Astrid Renaux	Rua Cônsul Carlos Renaux	José H. (Bologmn)	Félix Malburg	-
14/08/1953	Margot Metzger	Rua Cônsul Carlos Renaux. Nomeia os vizinhos	Simão Gramlich	Félix Malburg	-

14/08/1953	Eldegard V. E. Ravache	Rua Quintino Bocaiuva com a Consul Carlos Renaux	-	Firma Schwab & Piffer	-
20/10/1953	Wilhelm Biedermann	Rua Consul Carlos Renaux com outra avenida. Nomeia vizinhos	Mario Cesar Stamm	Mario Cesar Stamm	-
03/11/1953	Augusto Voigt	Rua Marechal Deodoro da Fonseca com a Quintino Bocaiuva. Nomeia vizinhos	Francisco Canziani & Cia Ltda	Francisco Canziani & Cia Ltda	-
11/12/1953	Francisco Aurélio de Oliveira	Rua sem nome. Nomeia vizinhos	-	-	-
24/06/1954	Victor (Kummrero / Kummurou)	Rua Consul Carlos Renaux	-	-	-
01/07/1954	Maria Yvone d'Amaral Josué	Rua Projetada. Nomeia Vizinhos	-	Francisco Canziani & Cia Ltda	-
02/07/1954	Fred Wlimgelus	Rua Cônsul Carlos Renaux	-	Guilherme Albani	-
09/07/1954	Luiz Kiedeibierter	Rua Marechal Deodoro da Fonseca	Francisco Hrazck	Guilherme Albani	-
18/08/1954	Aloizy Wloch	Rua que vai para Florianopolis	-	-	-
21/08/1954	João Walther Heil	Loteamento Vila Santanna. Lote 3. Quadra 3. Avenida Projetada	-	-	-
12/11/1954	Benjamin Lobo de Farias	Rua Consul Carlos Renaux. Nomeia vizinhos	-	Benjamin Lobo de Farias	-

21/12/1954	Augusto Voigt	Rua Marechal Deodoro da Fonseca esquina com a Quintino Bocaiúva. Nomeia vizinhos	-	Guilherme Albani	-
24/03/1955	Walerico Reichert	Entrada Particular	-	-	-
17/02/1955	Adolfo Imbitina	Rua Projetada. Nomeia Vizinhos	-	-	-
11/10/1955	Luiz de Freitas Melro	-	-	-	-
1955	Gustavo Hans Adlersberg	Rua Consul Carlos Renaux	-	Félix Malburg	-
04/08/1955	Joseph Lindig	Rua em construção. Transversal da Marechal Deodoro da Fonseca. Nomeia um vizinho	-	-	-
09/11/1955	Gustavo Hans Adlersberg	-	-	-	-
24/04/1956	Victor Félix Deecke	Rua Cônsul Carlos Renaux esquina com a Paulo Herbst	-	Armando Ulysséa Nicolazzi	-
19/05/1956	Artur Schloesser	Casa de esquina. Nomeia um vizinho	Humberto Faria de Almeida	Egon Alberto Stein	-
14/07/1956	Waldemar Schloesser	Rua Consul Carlos Renaux	Jaime Wasserman	Jaime Wasserman	-
10/08/1956	Abdon Schmitt	Avenida Consul Carlos Renaux com a estrada circular	-	Armando Ulysséa Nicolazzi	-
10/08/1956	-	Rua Samuel Heusi Junior	-	-	-

08/10/1957	Iate Clube	Rua para o Farol. Nomeia um vizinho	Humberto Faria de Almeida	Félix Malburg	-
08/10/1957	Bruno Buhr, Horst Kegel, Esther Gross	Rua Marechal Deodoro da Fonseca	Humberto Faria de Almeida	-	-
15/10/1957	Francisco Xavier de Amorim	Casa de esquina	Edmundo Dzieciny	Firma Schwab & Piffer	-
12/11/1957	Max Scheling	-	-	Félix Malburg	-
09/07/1957	Olivio Faustino do Nascimento	Rua Benjamin Cosntant	-	Félix Malburg	-
27/02/1957	João d'Albuquerque e Belo	Rua Projetada Loteamento Roencik. Nomeia vizinhos	-	Félix Malburg	-
26/08/1958	Benjamin Margarida	Rua Benjamin Constant	Richard Kaulich	(Nestor / não é Eurico) Borges dos Reis	-
31/10/1958	Hermann Karl Behlander transferido para Heins Jurgen Rehlander em 1976	Rua Consul Carlos Renaux esquina com a Rua A	-	Guilherme Albani	-
29/11/1958	Luiz P. A. M. Souto	Rua Blumenau com Rua Projetada	Humberto Faria de Almeida	Humberto Faria de Almeida	-
11/12/1958	Nestor - Assinatura ilegível	Rua Marechal Deodoro da Fonseca	-	Haroldo ou Aldo F. S. de Faria - Assinatura ilegível	-
Tirar foto da data 1958	Walter Karsten	Rua Marechal Deodoro da Fonseca, fundos para a Rua Floriano Peixoto	-	Armando Ulysséa Nicolazzi	-
23/07/1959	Augusto	Rua Marechal	Jaime	Félix	-

	Reichow	Deodoro da Fonseca	Wasserman	Malburg	
12/01/1960	Nereu Schiefler	Rua Projetada. Nomeia os vizinhos	-	Félix Malburg	-
18/08/1960	José Pedro de Souza	Rua Consul Carlos Renaux. Nomeia um vizinho	-	Félix Malburg	-
09/03/1961	Carlos Gofferjé	-	-	Egon Alberto Stein	-
07/04/1961	Júlio Cesar	-	-	Nelson Riskalla	-
12/04/1961	João Borba	Rua Marechal Deodoro da Fonseca. Nomeia vizinhos	-	Félix Malburg	-
06/07/1961	Ingo Renaux	(Rua Samuel Heusi Junior)	Artur Lício (Marques) Pontual	Félix Malburg	-
03/08/1961	Guy Harry Reymond Fonseca	Rua Quintino Bocaiuva esquina com Rua Projetada	-	Nelson Riskalla	-
23/05/1961	Gerhard Kummrow	Rua Benjamin Constant esquina com a Avenida I	Assinatura ilegível	Félix Malburg	-
16/06/1962	Ourival Cesario Pereira	-	-	Félix Malburg	-
04/08/1962	Francisco Lins	Rua Marechal Floriano Peixoto	Carlos José Heusi Siqueira	-	-
26/09/1962	João Manoel da Silva	Rua Consul Carlos Renaux	-	Félix Malburg	-
01/03/1963	Eduardo S. Lins	Rua Marechal Deodoro da Fonseca	Carlos José Heusi Siqueira	-	-
10/04/1963	Pedro Higinio Guerreiro Junior	-	Carlos José Heusi Siqueira	-	-
27/06/1963	Cesar Ramos	Rua Marechal	-	Bruno (...)	-

		Deodoro da Fonseca. Nomeia vizinhos			
09/01/1964	Werner Osterroht	Estrada Circular. Loteamento Sant'Anna. Lote 1 e 2. Quadra 5	-	Lauro de Aquino	-
17/04/1964	Assinatura Ilegível	Avenida Projetada	Félix Malburg	-	-
31/07/1964	Clotário de Azambuja	Loteamento Vila Sant'Anna. Lote 6. Quadra 7. Nomeia um vizinho	-	Félix Malburg	-
20/11/1964	Tania Mara Teixeira	Rua Consul Carlos Renau	Carlos José H. Siqueira	-	-
25/06/1965	Irimar S/A (... Barreto Bornhausen)	Rua Marechal Deodoro da Fonseca	Carlos José H. Siqueira	-	-
19/04/1966	Administrador a Comercial S.A.	Rua Marechal Deodoro da Fonseca	Assinatura ilegível	-	-
16/11/1966	Luiz Fernando Flores	Rua A. Loteamento Roenick	-	Luiz Fernando Junior	-
01/06/1967	Wellington Lewis, Francisco Espindola	Praia de Cabeçadas. Posto de Salvamento	-	Celso Prates	-
16/05/1968	Willy Henning	Rua Projetada	-	Serge M. Fonseca	-
16/09/1968	Sem nome (possivelment e de Heinz Gustav Perau)	Rua Consul Carlos Renau	-	Celso Prates	-
21/07/1969	Roger Georges Gavrois	Rua Benjamin Constant. Nomeia Vizinhos	-	J. J. Magalhães Teles / Luiz Lafaiete de	Joelcio

				Queiroz em um acréscimo em 1973	
04/05/1970	Aymoré G. Bridon	Rua Floriano Peixoto esquina com a Rua Otto Renaux	Homero Bruno Malburg	Serge Mario Fonseca	-
14/05/1970	Sonia Tolentino Pereira	Rua Samuel Heusi Junior. Nomeia vizinhos	-	Serge Mario Fonseca	-
28/09/1970	Aldo Kirsten	Rua Benjamin Constant esquina com a Rua Consul Carlos Renaux	Homero Bruno Malburg	Serge Mario Fonseca	-
13/11/1970	Cabeçudas Iate Clube	Rua Samuel Heusi Junior	João da Rocha Mello	-	-
18/03/1971	Paulo Sokolski	Rua Juvencio Tavares do Amaral esquina com a Rua Geremias Caldeira	Luiz Procópio Gomes	Construções Pühler & Kienen LTDA	Erivelto Barcelos
01/07/1971	Íris Silveira	Rua A esquina com Avenida Projetada. Loteamento Vila Sant'Anna. Lote 4. Quadra 2	Celso Guimarães	-	-
02/07/1971	Ana Maria Siqueira da Silva	Rua Consul Carlos Renaux	João da Rocha Mello	João da Rocha Mello	-
07/07/1971	Paulo René G, Gondim	Ruas sem denominação oficial. Nomeia vizinhos	Serge M. Fonseca	-	-
17/08/1971	Ourival Cesário Pereira	Rua Juvêncio Tavares do Amaral	Othelo Lopes Filho, Omar Akel	-	-

		esquina com a Rua Benjamin Constant			
30/08/1971	-	Rua Maria Flora Caldeira	-	Luiz Anastari / Projeto anterior aprovado em 1952	-
03/09/1971	Braulio P. Espindola	Rua Benjamin Constant	-	Serge M. Fonseca	-
17/09/1971	José Zwoelfer	Rua Consul Carlos Renaux	João da Rocha Mello	Comercial Willerding S.A.	-
22/10/1971	Gerson Wanderley Leal	Rua Geremias Caldeira	Serge M. Fonseca	Serge M. Fonseca	S. R. Silveira
06/12/1971	Carlos Eduardo Santos Heineberg	Rua Benjamin Constant	João da Rocha Mello	-	-
26/01/1972	José Edu Pereira	Rua Marechal Deodoro da Fonseca esquina com a Rua do canal	-	Serge M. Fonseca. Há um anexo em 1976.	-
26/01/1972	Erik Kreuger	Rua Consul Carlos Renaux. Nomeia vizinhos	-	Assinatura ilegível	-
30/06/1972	Lauro Soares	Rua Projetada. Loteamento João Werner Sobrinho	-	João da Rocha Mello	-
08/08/1972	Wolfgang Kegel, Ursula Güse	Rua Floriano Peixoto esquina com outra rua	Luiz Procopio Gomes	Construções Pühler & Kienen LTDA	-
22/01/1973	Luis Arnaldo Tenius	Rua Projetada. Continuação da Benjamin Constant, depois do loteamento de João Werner Sobrinho	Moacir P. Bastos Junior	Construtora Deeke LTDA	-

03/02/1973	Valdir Couto Luchiari	Rua A. Loteamento Vila Sant' Anna. Lote 1. Nomeia vizinhos	João da Rocha Mello	-	-
07/06/1973	Irimar S/A. Maria Konder Bornhausen	Rua Juvêncio Tavares do Amaral. Nomeia vizinhos	Pedro José Nóbrega de Menezes	Pedro José Nóbrega de Menezes	
27/06/1973	Humberto Centurion de Oliveira	Rua Projetada. Nomeia vizinhos	Pedro J. N. de Menezes	-	-
13/07/1973	Geraldo Galindo	Rua Consul Carlos Renaux esquina com Rua Particular. Nomeia um vizinho	-	Serge M. Fonseca	-
17/09/1973	Celio Robert da Silva	Av. Marco Gustavo Heusi	Antonio Ayres dos Santos Junior	-	-
06/09/1973	Alfredo Theodoro Laux	Rua do Farol	João da Rocha Mello	-	-
26/09/1973	Guy Harry da Fonseca	Rua Quintino Bocaiuva	-	Canaveral Eng. E Com. LTDA	-
16/01/1974	Rolf Carl Heins Erbe	Rua Juvêncio Tavares do Amaral, fundos com a Rua Floriano Peixoto	-	-	-
21/02/1974	Ernani Biehl	Rua Benjamin Constant	-	-	H. S. M.
24/06/1974	Maria Adriana de Pagter Brouwer	Rua sem nome esquina com a Rua Benjamin Constant	-	Aldo Klintwort	-

20/08/1974	Serge Mário Fonseca	Rua Benjamin Constant	-	-	-
06/09/1974	Avelino Werner Filho	-	-	-	
05/11/1974	João Werner Sobrinho, Paulo Bastchauer	Numeração de loteamento. (complemento de um projeto de 14 de dezembro de 1974)	-	-	-
17/12/1974	Valdir Couto Luchiari	Rua João Bauer	Homero Bruno Malburg, Elia Jung Malburg	-	-
29/10/1977	-	Projeto substituindo o que fora aprovado em 29/10/1974	Nelson Riskalle	-	Jaly d. Simão